



Karine Cristina Manzo Berg
**Brasil e Portugal: concepções literárias
presentes em contexto escolar**

UMinho | 2008



Universidade do Minho
Instituto de Estudos da Criança

Karine Cristina Manzo Berg

**Brasil e Portugal: concepções literárias
presentes em contexto escolar**

Setembro de 2008



Universidade do Minho
Instituto de Estudos da Criança

Karine Cristina Manzo Berg

**Brasil e Portugal: concepções literárias
presentes em contexto escolar**

Tese de Mestrado em Estudos da Criança - Análise
Textual e Literatura Infantil

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Fernando Fraga de Azevedo
e da
Professora Renata Junqueira de Souza

Setembro de 2008

DECLARAÇÃO

Nome: Karine Cristina Manzo Berg

Endereço Eletrônico: kazinha45@hotmail.com

Telefone:351 960484384

N do Passaporte:CS 011375

Título da Tese de Mestrado: Brasil e Portugal: concepções literárias presentes em contexto escolar.

Orientadores:

Professor Fernando Fraga de Azevedo

Professora Renata Junqueira de Souza

Ano de Conclusão: 2008

Designação do Mestrado: Mestrado em Estudos da Criança - Análise Textual e Literatura Infantil.

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE A DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 30/09/2008.

Assinatura:

*À minha avó (vêinha), que não “esperou” a conclusão deste,
com todo amor e muita saudade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Professores e Orientadores Professor Fernando Fraga de Azevedo e Professora Renata Junqueira de Souza, por aceitarem o desafio deste trabalho, assim como pela colaboração e contribuição ao mesmo ao longo de toda a sua elaboração.

Aos meus pais Valter e Edméia, minhas queridas irmãs Cyntia e Gisele e a todos meus familiares, pelo apoio, incentivo e todo o amor de sempre, indispensáveis para aguentar as saudades e seguir em frente.

Um agradecimento especial às amigas: Caroline Cassiana e Rita Simões e ao Professor Juvenal Zanchetta pela leitura crítica deste trabalho e encorajamento constante.

A todos os meus amigos que sempre estão presentes de coração, obrigada pela força, torcida e carinho, em especial à Tereza, Cristiane Ottoni, Vivian, Pedro, Guilherme e Bento pela colaboração direta ao trabalho.

Ao meu querido Rui por estar sempre ao meu lado nos momentos mais decisivos, sempre me apoiando e dando forças.

Finalizo com o agradecimento muito especial a todos os professores, coordenadores, diretores e alunos das escolas que aceitaram fazer parte desta pesquisa e suas disponibilidades, pois sem eles esta pesquisa não teria sido possível.

RESUMO

O presente estudo teve como principal objectivo verificar as concepções e utilizações do texto literário em contexto escolar e suas consequências para a formação do leitor literário do ensino fundamental. A utilização do livro didáctico ou cartilhas, como único material de trabalho com literatura em sala de aula pode acarretar vários danos para a formação dos educandos, a começar pela própria noção equivocada que desenvolve de textos literários.

Foi feita uma pesquisa comparativa entre uma escola pública e uma privada das cidades de Presidente Prudente (Brasil) e Braga (Portugal) nos quatro primeiros anos de escolaridade do ensino fundamental.

A pesquisa foi dividida em 3 grandes partes sendo primeiramente realizada uma entrevista, semi-estruturada com os professores sujeitos da pesquisa, para tentar perceber suas concepções do ensino da língua materna assim como o papel que atribuem aos textos literários. Depois avançamos para as observações em contexto sala de aula. Neste momento realizamos 20 horas de observação com cada docente, a ser realizada apenas nas aulas de Língua Portuguesa, com o intuito de comparar as concepções dos mesmos com suas práticas e verificar o uso dado ao manual escolar pelos mesmos

Finalizamos com uma proposta de trabalho com o texto literário, que a nosso ver pode contribuir para uma efectiva formação de leitores críticos.

Palavra-chave: Literatura Infantil; práticas docentes; manual escolar; formação de leitores.

ABSTRACT

The main aim of this study is to verify the conceptions and the uses of the literary text in school context and its consequences to the formation of the literary reader in Elementary School. The uses of the school textbook, as the only way of contacting with literature in the classroom, can be disadvantageous to the readers' formation, starting with the construction of a wrong idea about literature.

A comparative research was made between a public and a private school in the cities of Presidente Prudente (Brazil) and Braga (Portugal) analysing the four first years of Elementary School.

The research was divided in 3 parts: first we interviewed the teachers we were going to observe, using semi-structured questionnaires, trying to understand their conceptions about mother tongue teaching as well as the role of the literary texts. Then, we observe these teachers in their own classrooms. During this part we observe each teacher 20 hours, and only when they are teaching Portuguese, trying to compare their conceptions and practices and verify their use of the school textbooks. Finally, we present some ideas about how to deal with the literary text, ideas that we believe that can contribute effectively to the formation of a critic reader.

Keywords: children's literature; teaching; school textbooks; readers' formation.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	vii
RESUMO	ix
ABSTRACT	xi
ÍNDICE GERAL	xiii
LISTA DE FIGURAS	xx
LISTA DE ANEXOS	xxii
INTRODUÇÃO	25
I REVISÃO DE LITERATURA	31
1. Literatura e o Manual escolar.	31
2. Ler, interpretar e escrever, a prática escolar através do uso do texto literário.	35
2.1. Ler: as concepções e práticas de leitura.	35
2.2. Práticas de trabalho: Cópia, interpretação, actividades de gramática e produção de texto.	42
3. A escolha do manual escolar.	47
II MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	53
1. Escolha dos sujeitos da pesquisa.	53
2. Colecta de dados.	54
2.1. Entrevistas.	55
2.2. Contacto em sala de aula.	56
2.3. Análise documental.	58

III PROGRAMAS CURRICULARES	61
1. Estrutura dos Programas Curriculares para o 1º. Ciclo do Ensino Básico.	61
1.1. PCN Parâmetros Curriculares Nacionais – Brasil.	61
1.1.a. Primeira Parte do PCN de Língua Portuguesa.	62
1.1.b. Segunda Parte do PCN de Língua Portuguesa.	66
1.2 Organização Curricular e Programas – Portugal.	71
1.2.a. Princípios Orientadores.	71
1.2.b. Objetivos Gerais.	72
1.2.c. Bloco 1- Comunicação Oral.	72
1.2.d. Bloco 2- Comunicação Escrita.	74
1.2.e. Bloco 3- Funcionamento da Língua - Análise e Reflexão.	77
2. Conversa.	78
IV CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA - ENTREVISTAS	83
1. Escola Particular Brasil (EPaB).	87
1.1. Concepções.	87
1.1.a. Língua Portuguesa.	87
1.1.b. Literatura Infantil.	89
1.1.c. Livro didático.	90
2. Escola Pública Brasil (EPuB).	92
2.1. Concepções.	93

2.1.a. Língua Portuguesa.	93
2.1.b. Literatura Infantil.	94
2.1.c. Livro didático.	96
3. Escola Particular Portugal (EPaP).	98
3.1. Concepções.	99
3.1.a. Língua Portuguesa.	99
3.1.b. Literatura Infantil.	100
3.1.c. Livro didático.	101
4. Escola Pública Portugal (EPuP).	102
4.1. Concepções.	102
4.1.a. Língua Portuguesa.	102
4.1.b. Literatura Infantil.	103
4.1.c. Livro didático.	105
5. Conversas.	106
V PRÁTICAS DOCENTES	121
1. Escola Particular Brasil (EPaB).	123
1.1. PPaB 1.	123
1.1.a. Metodologia das aulas.	123
1.1.b. Aula.	124
1.2. PPaB 2	125
1.2.a. Metodologia das aulas.	125
1.2.b. Aula.	126
1.3. PPaB 3/4.	128

1.3.a. Metodologia das aulas.	128
1.3.b. Aula 4 ^o ano 3 ^a série.	129
1.4. Lugar da Literatura na EPaB.	132
2. Escola Pública Brasil (EPuB).	135
2.1.PPuB 1.	135
2.1.a. Metodologia das aulas.	135
2.1.b. Aula.	136
2.2.PPuB 2.	137
2.2.a. Metodologia das aulas.	137
2.2.b. Aula.	137
2.3. PPaB 3.	139
2.3.a. Metodologia das aulas.	139
2.3.b. Aula.	140
2.4.PPuB 4.	142
2.4.a. Metodologia das aulas.	142
2.4.b. Aula.	143
2.5. Lugar da Literatura na EPuB.	144
3. Escola Particular Portugal (EPaP).	148
3.1. PPaP 1.	148
3.1.a. Metodologia das aulas.	148
3.1.b. Aula.	149
3.2. PPaP 2.	150
3.2.a. Metodologia das aulas.	150

3.2.b. Aula.	151
3.3. PPaP 3.	152
3.3.a. Metodologia das aulas.	152
3.3.b. Aula.	154
3.4. PPaP 4.	155
3.4.a. Metodologia das aulas.	155
3.4.b. Aula.	156
3.5. Lugar da Literatura na EPaP.	158
4. Escola Pública Portugal (EPuP).	158
4.1.PPuP 1.	158
4.1.a. Metodologia das aulas.	158
4.1.b. Aula.	159
4.2. PPuP 2a e PPuP 2b.	160
4.2.a. Metodologia das aulas.	160
4.2.b. Aula.	162
4.3. PPuP 3.	164
4.3.a. Metodologia das aulas.	164
4.3.b. Aula.	165
4.4. PPuP 4.	166
4.4.a. Metodologia das aulas.	166
4.4.b. Aula.	167
4.5. Lugar da Literatura na EPuP.	169
5. Conversas.	169

VI O MANUAL ESCOLAR E A LITERATURA INFANTIL	175
1. O manual escolar e sua estrutura.	175
2. Material de análise.	182
2.1 Apostilas da Escola Particular Brasileira (EPaB).	182
2.1.a. Estrutura /organização.	182
2.1.b. Análise/Exemplo	187
2.2 Livros didáticos colecção LER - Escola Pública Brasileira (EPuB).	190
2.2.a. Estrutura /organização.	190
2.2.b. Análise/exemplo.	194
2.3- Livros didáticos colecção Eu e o Bambi – Escola Particular Portugal EPaP e Escola Pública Portugal EpuP.	197
2.3.a. Estrutura /organização.	197
2.3.b. Análise/exemplo.	201
2.4 Livro didático colecção Pitágoras Escola Pública Portugal (EPuP).	203
2.4.a Estrutura /organização.	203
2.4.b Análise/exemplo.	206
2.5- Livro didático colecção Crescer Escola Pública Portugal (EPuP).	208
2.5.a. Estrutura /organização.	208
2.5.b Análise/exemplo.	211

2.6 Livro didáctico colecção Giroflé Escola Particular Portugal (EPaP).	213
2.6.a. Estrutura /organização.	213
2.6.b.Análise/exemplo.	217
2.7.Livro didáctico colecção Caminhos Escola Pública Portugal (EPuP).	219
2.7.a.Estrutura /organização.	219
2.7.b.Análise/exemplo.	222
3.Conversas	224
VII PROPOSTA DE ACTIVIDADES	229
1. Conversas e sugestões para o uso do texto literário	229
2. Pequena Análise da Obra “Chapeuzinho amarelo”.	231
3. Conversas.	237
VIII CONSIDERAÇÕES FINAIS	241
1- Considerações finais da pesquisa	241
2. Limitações do Estudo / Recomendações	245

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apostila COC 3, 2º ano 1ª série páginas 55 e 56.	124
Figura 2. Apostila COC 7-9 3º ano 2ª série página 101.	127
Figura 3. Apostila COC 10 4º ano 3ª série página 21.	130
Figura 4. Apostila COC 10 -12 5º ano 4ª série página 77-78.	131
Figura 5. Descobrindo a gramática 2º ano: páginas 77-78.	138
Figura 6. Descobrindo a gramática 2º ano: páginas 34-35.	140
Figura 7. Bambi 1º ano páginas 32-33.	149
Figura 8. Bambi 2º ano páginas 102-103.	151
Figura 9. Bambi 3º ano páginas 106-107.	154
Figura 10. Caminhos 4º ano páginas 114.	156
Figura 11. Livro: Caminhos 4º ano página 115.	157
Figura 12. Bambi 1º ano páginas 22-23.	159
Figura 13. Pitágoras e a Leitura 2 página 94.	162
Figura 14. Pitágoras e a Leitura 2 página 95.	163
Figura 15. Crescer 3º ano página 84.	165
Figura 16. Giroflé.4º ano páginas 116-117.	167
Figura 17: Apostila COC 7 -9 3º ano 2ª série páginas 25-26-27.	187
Figura 18: Apostila COC 7 -9 2º ano 1ª série página 55-56.	188

Figura 19: Apostila COC 2-3 2º ano 1ª série página 152-153.	189
Figura 20: Apostila COC 4 2º ano 1ª série página 42.	190
Figura 21: Livro Ler 2º ano 1ª série páginas 185-186-187.	194
Figura 22: Livro Ler 3º ano 2ª série páginas 18-19.	195
Figura 23: Livro Ler 3º ano 2ª série página 28.	196
Figura 24: Livro Ler 4º ano 3ª série páginas 20-21.	197
Figura 25: Livro Bambi 2 páginas 70-71.	201
Figura 26: Livro Bambi 2 páginas 84-85.	202
Figura 27: Livro de Fichas Bambi 2 páginas 80-81.	202
Figura 28: Livro Pitágoras 2 páginas 65-86.	206
Figura 29: Livro de Fichas Pitágoras 2 página 95.	207
Figura 30: Livro Crescer 3 página 75.	211
Figura 31: Livro Crescer 3 página 76.	212
Figura 32: Livro Giroflé 4 páginas 22-23.	217
Figura 33: Livro de Atividades Giroflé 4 páginas 56-57.	218
Figura 34: Livro de Atividades Giroflé 4 páginas 58-59	218
Figura 35: Livro Caminhos 4 páginas 58-59.	222
Figura 36: Livro Caminhos 4 páginas 21- 22.	223
Figura 37: Livro de Fichas Caminhos 4 páginas 18.	224

LISTA DE ANEXOS

Tabela 1 :COC 1ano 2serie.	249
Tabela 2: COC 2 ano 3 serie.	252
Tabela 3: COC 3 ano 4 serie.	255
Tabela 4:COC 4 ano 5 serie.	258
Tabela 5: Ler 1.	260
Tabela 6: Ler 2.	262
Tabela 7:Ler 3.	265
Tabela 8: Ler 4.	267
Tabela 9: Eu e o Bambi 1.	269
Tabela 10:Eu e o Bambi 2.	270
Tabela 11: Pitágoras e a Leitura 2.	273
Tabela 12: Bambi 3.	277
Tabela 13 : Crescer 3.	280
Tabela 14 : Caminhos 4.	283
Tabela 15: Caminhos 4 Fichas.	287
Tabela 16 : Giroflé 4 ano.	289
Tabela 17 : Giroflé 4 ano Caderno de Actividade.	292
Texto Chapeuzinho Amarelo	294
Entrevista semi-estruturada	297

INTRODUÇÃO

Tanto o Brasil como Portugal têm apresentado índices de literacia pouco favoráveis nas sucessivas avaliações de Programas, como o PISA – Programme for International Student Assessment, que verificam a formação de alunos enquanto leitores competentes, capazes de compreender e interpretar o texto escrito.

É denominado leitor aquele que se apropria do discurso, ou seja, "o sujeito que fala", afirmando-se diante do grupo e atraindo a atenção dos ouvintes para si.

A simples verbalização não significa a real compreensão do texto. A leitura oral é, por vezes, interpretada com sentido imediato de compreensão, o que se torna mecânico. Mas vemos que isso é um equívoco, pois, na maioria das vezes, para o professor, o bom leitor é aquele que lê o texto de forma adequada, ou seja, com boa pronúncia, entoação e ritmo.

Segundo SOUZA (1992:5), ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Citando ECO (1994:98), "é possível inferir dos textos coisas que eles não dizem explicitamente e a cooperação do leitor baseia-se neste princípio - mas não se pode fazê-los dizerem o contrário do que disseram." Ainda sobre a perspectiva deste autor, o texto é uma máquina preguiçosa que pede ao leitor que faça parte deste trabalho.

Para GERALDI (2003), uma das possibilidades de formar leitores na escola é aproximando texto de leitores. Para tanto, ele aponta a necessidade de investir em um tipo de leitura raríssima no ambiente escolar, que é a leitura de fruição. Como ela seria possível? Desescolarizando a leitura, desatrelando-a do compromisso de responder a questionários, de preencher roteiros de leituras ou de ser pretexto para desenvolvimento de determinados conteúdos. Sugere que o aluno tenha mais liberdade para transitar por diferentes leituras e que o conjunto de alunos possa criar um circuito de livros no qual ocorra tanto a circulação física de títulos, como a

de opiniões dos alunos sobre suas preferências e suas experiências com esses títulos.

Sobre a leitura de fruição, ROCCO (1999) diz ser o objectivo a ser perseguido pela escola. Na visão da autora, essa leitura prazerosa é possível mesmo com actividades mais sistematizadas. O diferencial entre práticas de leituras desinteressantes e o trabalho prazeroso com o texto está no professor. Ela entende que só é concebível propor uma leitura prazerosa se ela for conduzida por um professor-leitor. Sem professor-leitor não se formam alunos-leitores.

“Todas as investigações antigas ou recentes demonstram que uma criança ou adolescente leitor viu um dos seus pais ler ou então foi incitado à leitura por um professor ou colega de turma, mais ou menos tardiamente. O comportamento de leitura só pode instaurar-se se a leitura fizer parte do sistema de valores do grupo familiar ou do grupo de referência com o qual desejamos identificar-nos” (POSLENIEC 2005:19).

Na maioria das vezes, na sala de aula, a leitura ocorre a partir dos seguintes textos: contidos no livro didáctico; produção dos próprios alunos; jornais; obras literárias (como leitura complementar); trazidos pelo professor (mimeografados e fotocopiados) e outras fontes (trazidos por alunos e professores: exercícios, vocabulários, etc).

CHOPPIN (1992) distingue quatro grandes tipos de livros escolares, organizados de acordo com a sua função no processo de ensino-aprendizagem:

- a) os manuais ou livros didácticos, quer dizer “utilitários da sala de aula”, obras produzidas com o objectivo de auxiliar no ensino de uma determinada disciplina, por meio da apresentação de um conjunto extenso de conteúdos do currículo, de acordo com uma progressão, sob a forma de unidades ou lições, e por meio de uma organização, sob a forma de favorecer tanto o uso colectivo (em sala de aula) quanto o individual (em casa ou em sala de aula);

- b) Os livros paradidáticos ou paraescolares, obras complementares “que têm por função resumir, intensificar ou aprofundar” conteúdos específicos do currículo de uma disciplina;
- c) Os livros de referência, como dicionários, atlas e gramáticas, destinados a servir de apoio aos aprendizados, ao longo da escolarização;
- d) As edições escolares de clássicos, que reúnem, de modo integral ou sob a forma de excertos, “as edições de obras clássicas (gregas, latinas, estrangeiras ou em língua materna) abundantemente anotadas ou comentadas para o uso em sala de aula” (CHOPPIN 1992:16).

Esta pesquisa procurou analisar a forma como as escolas brasileiras e portuguesas estão trabalhando para a formação de um leitor competente, verificando o uso dado ao texto literário nas escolas, através das concepções dos Programas Governamentais dos dois países, assim como a concepção dos professores sujeitos da pesquisa e as suas práticas sobre o papel do texto literário.

No primeiro capítulo, “Revisão de Literatura”, procuramos apresentar e discutir alguns conceitos que definem o que vem a ser leitura, algumas práticas muito utilizadas nas escolas (cópia, leitura em voz alta, compreensão do texto, reescrita) e de que forma estas estão contribuindo ou não para a formação de um leitor competente.

Apresentamos no capítulo “Métodos e Procedimentos” a forma como definimos o corpus da pesquisa, assim como os procedimentos de colecta de dados para a análise do objecto de estudo.

Em seguida apresentamos os “Programas Curriculares” dos dois países, propostas estas que são os “guias” dos professores para o ensino da disciplina de Língua Portuguesa, procurando analisar o papel que os mesmos atribuem ao uso da Literatura Infantil para o Primeiro Ciclo.

No capítulo sobre as “Concepções Docentes sobre o Ensino da Língua Portuguesa - Entrevistas”, apresentamos a análise feita sobre as entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, em que através de um questionário semi-estruturado procuramos compreender o lugar que a Literatura Infantil possui para cada um dos docentes no ensino da Língua Portuguesa.

A seguir, no capítulo sobre as “Práticas docentes”, apresentamos as metodologias utilizadas pelos sujeitos da pesquisa. Primeiro de maneira geral, abordando a sequência das aulas, a forma como lida com o manual escolar, e depois no tratamento dado ao texto literário, retratando uma aula de cada docente.

Como material mais utilizado em sala de aula, “O Manual escolar e a Literatura Infantil” discute e apresenta não só o uso do texto literário pelo manual escolar, mas também as outras tipologias existentes no mesmo, assim como sua sequência de trabalho com o texto (texto, estudo do vocabulário, interpretação do texto, exercícios de gramática e ortografia e proposta de produção).

No capítulo “Proposta de Atividades” apresentamos uma sugestão de trabalho a ser desenvolvida com a Literatura Infantil. No nosso ponto de vista, esta proposta contempla um trabalho adequado para a formação de um leitor competente, de acordo com a nossa concepção do uso do texto literário em contexto escolar.

O último capítulo, “Considerações Finais”, aborda os pontos principais analisados ao longo da pesquisa, através das concepções dos programas curriculares e dos professores sujeitos da pesquisa, assim como suas práticas e uso do texto literário. Para finalizar apresentamos as limitações da nossa pesquisa e sugestões de futuras investigações.

“A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambiguidade e pluralidade” (OLIVEIRA,2005).

REVISÃO DE LITERATURA

1. Literatura e o Manual escolar.

O texto é um dos instrumentos que frequentemente se encontra presente nas salas de aula, divergindo, entretanto, a sua utilização.

Não existe um único tipo de texto, podendo ser classificado dentro de diferentes tipologias que podem ou não estar presentes em sala de aula. São eles: textos literários, textos jornalísticos, textos de informação científica, textos instrucionais, textos epistolares, textos humorísticos e textos publicitários.

Estes textos são classificados de acordo com sua intenção, levando em conta a função da linguagem que neles predomina, podendo ser informativa, expressiva, literária e apelativa.

É importante ressaltar que os textos geralmente não são originariamente escritos com fins pedagógicos, ou seja, eles sofrem uma didactização pelos manuais escolares e/ou pelos professores.

Sobre a forma como a Literatura é incorporada pelos livros e suas finalidades, SOARES (1999) assim se pronuncia:

“Numa primeira perspectiva, podem-se interpretar as relações entre escolarização, de um lado, e literatura infantil, de outro, como sendo a apropriação, pela escola, da literatura infantil: nesta perspectiva, analisa-se o processo pelo qual a escola toma para si a literatura infantil, escolariza-a, didatiza-a, pedagogiza-a, para atender a seus próprios fins faz dela uma literatura escolarizada.” (SOARES ,1999:17).

De acordo com ABRAMOVICH (2004), a Literatura Infanto-juvenil oferece uma abordagem diferente para a educação e para a construção do carácter e da pessoa social e moral da criança. Os textos literários constituem-se num mediador indispensável para o desenvolvimento do pensamento, da acção e da linguagem; oferecendo estímulos de imagem mental, criativa e imaginativa; fornecendo um contexto de inúmeros problemas atraentes para as crianças poderem se sentir desafiadas para solucioná-los.

O problema é que muitas vezes, pela forma como está incorporada nos manuais e práticas docentes, o texto literário presta um papel pedagogizante, pragmático, que tenta converter a narrativa artística em um artefacto de utilidade imediata. O manual escolar muitas vezes anula a experiência estética deste texto, trocando-a por outro tipo de interlocução escrita que afasta as crianças da literatura.

SOARES (1999) afirma que ao ser transportado do livro de literatura infantil para o livro didático o texto tem de sofrer, inevitavelmente, transformações, já que passa de um suporte para outro, sendo nítidas as diferenças entre eles.

“(...) ler diretamente no livro de literatura infantil é relacionar-se com um objeto-livro-de-literatura completamente diferente do objeto livro didático: são livros com finalidades diferentes, aspectos materiais diferentes, diagramação e ilustrações diferentes, protocolos de literatura diferentes”(SOARES, 1999:37).

Além de desprezar sua função comunicativa, KAUFMAN e RODRIGUES (1995) apontam que o livro didático, como todo texto que entra na sala de aula, está relacionado às políticas educacionais da série correspondente: o texto é escolhido levando-se em conta determinados conteúdos, normas curriculares que os traduzem e enfoques pedagógicos que sustentam essas normas.

ZILBERMAN (1998) lembra-nos que não é por acaso que a escola se utiliza do texto literário para fins “educativos”, uma vez que os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professoras, e ainda hoje esse vínculo acarreta-lhe prejuízos, já que a literatura:

“(...) não é aceite como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança” (ZILBERMAN 1998 :14).

Ainda sobre as relações entre escola e literatura, BATISTA (2004) relata que diferentes estudos vêm mostrando que a literatura infantil é um fenómeno

relativamente recente, que emerge dentre outros factores estreitamente associados à escola. Escrever para crianças parece ter consistido, em grande parte, escrever para o aluno.

A importância da obra de ficção na escola é problematizada por ZILBERMAN (1985), que vê na natureza formativa um aspecto em comum entre a literatura e a escola. O carácter formador da literatura é diferente de uma função pedagógica. Enquanto o pedagogismo se empenha em ensinar, num sentido positivista, transmitindo conceitos definidos, a ficção estimula o desenvolvimento da individualidade. A criança (ou o leitor em formação) terá mais estímulo imaginativo com a ficção do que na recepção de postulados que devem ser decorados. A criança tem, então, na escola, um espaço reservado à iniciação da leitura.

“(...) o modo e compreensão literária, baseia-se, como se sabe, na interação entre texto e leitor. Somos assim chegados a um ponto de convergência entre paradigmas didáticos e paradigmas teóricos do estudo da literatura. (...) de acordo com o paradigma comunicacional, temos um entendimento do aluno-leitor como centro fulcral do processo de ensino-aprendizagem da literatura” (MELLO, 1998:280).

Como sabemos, o texto literário faz-se presente nas escolas tendo como principal divulgador o manual escolar, que, segundo AZEVEDO (2005:77), para muitos alunos é sinónimo de escola, informações e lições, ou seja, o texto literário é visto como obrigatoriedade, já que a sua presença está quase sempre vinculada a actividades de ensino da Língua.

O mesmo autor explica que a falta de leitura dos estudantes, principalmente a de textos literários, deve-se, em alguns casos, a factores socioeconómicos, devido ao alto preço dos livros. É comum que muitos alunos só tenham acesso ao texto literário por meio do livro didáctico.

A nosso ver, a Literatura Infantil deve ser vista como uma forma do educador trazer uma alternativa ao ensino habitual, oferecendo às crianças tarefas que as façam pensar e que as deixem estimuladas a ponto de quererem trabalhar novos desafios. É necessário que a escola crie e procure apontar cada vez mais no

desenvolvimento de atitudes, capacidades e competências voltadas para uma lógica de educação para a literacia que se define como:

“a state of becoming, not a point to be reached.(...) What is important [about literacy] is how the skills are developed and what nourishes their development.” (SLOAN, 1991: 4)

Mas, o que encontramos são práticas “presas” ao uso do manual escolar, que trazem textos escolhidos por autores para ensinar conteúdos gramaticais, a ler ou escrever e actividades que mais afastam do que aproximam os alunos da verdadeira finalidade da Literatura Infantil.

O livro didáctico seria então aquele que, de forma mais clara e compreensível, procura orientar os professores no seu trabalho, para que consiga transmitir ao aluno o conhecimento de determinadas disciplinas. O problema é que o livro didáctico assume o carácter de “critério de verdade”, a última palavra sobre o assunto.

“(...) nenhum livro didático pode ser seguido página por página ou capítulo por capítulo Não é possível que um só livro forneça informações completas sobre todos os problemas que a classe precisa estudar” (OLIVEIRA, 1968:95).

A selecção dos textos presentes nestes livros, por seus autores, ou quando trazidos pelos professores em suas pesquisas (normalmente de outros livros didácticos) para trabalhar conteúdos considerados por estes mais adequados que os que o “seu” manual lhes oferece, deve, segundo ZILBERMAN (1998), guiar-se pela qualidade estética, porque assim a Literatura Infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia da sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores.

“(...) provindo de uma tomada de decisão da qual a criança não participa, mas cujos efeitos percebe, a literatura infantil pode ser considerada uma espécie de traição, uma vez que lida com as emoções e o prazer dos

leitores, para dirigi-los a uma realidade que, por melhor e mais adequada que seja, eles em princípio não escolheram. Nesta medida, a literatura infantil somente poderá alcançar sua verdadeira dimensão artística e estética pela superação dos fatores que intervieram sua geração” (ZILBERMAN 1998:40).

É importante saber com que objectivo o texto literário é utilizado em contexto escolar, como é trabalhada a sua leitura e interpretação, para percebermos que tipo de leitores estamos formando.

2. Ler, interpretar e escrever, a prática escolar através do uso do texto literário.

2.1. Ler: as concepções e práticas de leitura.

Segundo MASSINI (2001), ler não é só decifrar os sons das letras e das palavras, mas conseguir assimilar uma mensagem elaborada por outra pessoa e representada na escrita. Ser leitor supõe ser detentor de uma capacidade de interpretar criticamente a informação recebida, inter-relacionando-a com a informação de que se já é possuidor e utilizando-a para construir conhecimento em contextos inovadores (RAPHAEL, PARDO & HIGHFIELD, 2002; VOGT & MCLAUGHLIN, 2005).

Sabendo-se que a leitura não é uma actividade natural, inata, exige-se um ensino directo que não se pode ficar pela simples descodificação, necessária porém insuficiente. É preciso ir além. É preciso criar o hábito e, com ele, naturalmente adquiri-se o gosto de ler (SARDINHA, 2007 e SIM-SIM, DUARTE e FERRAZ, 1997).

“As capacidades associadas à leitura e à escrita ganham particular importância na escola. Se a capacidade de operar com textos escritos se apresenta como condição para uma intervenção significativa dos sujeitos num grande número de situações de vida, ela assume especial relevo

nos processos educacionais. De facto, as organizações educativas formais caracterizam-se por um elevado grau de exigência relativamente aos usos da linguagem dos sujeitos que nela actuam, designadamente alunos e professores; se as tarefas desenvolvidas no quadro dos fenómenos educativos são sobretudo de natureza linguística, elas estão com enorme frequência ancoradas em textos escritos, na sua produção e no seu reconhecimento” (CASTRO, 1998:42).

A leitura que é realizada no âmbito escolar exclui as diferentes formas de linguagem do quotidiano dos alunos e com isso o professor perde a oportunidade de favorecer um maior interesse dos mesmos e levá-los a aprimorarem a sua capacidade de compreensão e interpretação da realidade, visto que o aluno só aprende se for capaz de reflectir.

“A orientação para uma leitura mais percuciente e reflexiva é função do professor, e deve ser por ele assumida. A formação do leitor crítico, capaz de se assumir plenamente enquanto cidadão, requer um trabalho gradual, que envolva os vários níveis de compreensão que não são dados automaticamente, mas dependem de um trabalho que abrange desde a seleção de textos, a leitura que o professor faz deles, os objetivos ao abordá-los, até a sua inter-relação curricular e sociocultural. Além disso, as marcas formais, os elementos de coesão e coerência, entre outros, constroem significados, devendo ser explicitados e compor a base de conhecimento linguístico dos alunos”. (EVARISTO in CHIAPPINI 2002:132).

Leitura na escola destinar-se-á mais a fazer com que os alunos leiam por necessidade, por imposição, e não por prazer, não a encarando como mais um bem que se acrescenta à vida de cada um, perspectivando-a como um direito à fruição e ao lazer. E, neste sentido, a escola continua a reproduzir uma comunidade de leitores por obrigação. De facto, lê-se na escola. O que poderemos dizer é que mais alunos são obrigados a ler, mas os textos e as práticas de leitura não parecem destinar-se a fazer de cada criança um leitor, um cidadão enriquecido por experiências que atenuam a distância entre seu grupo social de origem e os outros.

A instituição escolar assume um papel importantíssimo na promoção do gosto pela leitura e no desenvolvimento de competências de leitura. A escola ensina a ler, indica os textos que hão-de-ser lidos e até a forma como se espera que sejam lidos, pela prática que nela ocorrem, pelos materiais que são utilizados.

“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido do texto, é, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista” (LAJOLO:1982).

Podemos analisar tanto nos livros didáticos quanto nas práticas pedagógicas a existência de uma leitura passiva, que pode ser separada em leitura pressuposta e leitura instrumental.

Na leitura pressuposta o professor pressupõe que o aluno, só de realizar a leitura, consegue compreender totalmente o texto. Nessa leitura o professor não assume o seu papel de mediador, não aprofundando a discussão sobre as ideologias do texto, deixando com que os alunos absorvam apenas o sentido superficial do texto.

Na leitura instrumental o que interessa não é o conteúdo dos textos mas a simples emissão de voz, que deve obedecer aos sinais de pontuação, entoação e ritmo adequados.

Ainda sobre as diferentes formas de leituras existentes na escola, SILVA e CARBONARI (2002), além das duas formas anteriormente ditas (leitura pressuposta e instrumental), apresentam a:

“Leitura seguida de trabalho de aprofundamento de texto, baseado numa concepção da aprendizagem como um sistema monológico: Nestes episódios, após a leitura oral, há sempre uma explicação do professor a respeito da matéria lida. Este tipo de trabalho é fechado, não permite a participação do aluno, nem provoca diálogos de experiência. O professor

se concebe como detentor do saber e o aluno recebe de modo passivo tudo o que lhe é apresentado.

Leitura seguida de trabalho de aprofundamento do texto numa concepção dialógica da aprendizagem: Após a leitura oral, há questionamento ou problematização do tema abordado. Os alunos contribuem com opiniões pessoais e constroem relações que enriquecem o texto lido” (SILVA e CARBONARI in CHIAPINI 2002:104).

AMOR (1993), decorrendo sobre o tipo de leitura que se realiza na escola, agrupou-as em 3 modalidades: leitura funcional, leitura analítica e crítica e leitura recreativa, sendo:

“- a leitura funcional ou leitura para pesquisa de dados e informações, na perspectiva pragmática da resolução de problemas;

- a leitura analítica e crítica, actividade reflexiva em que ler significa atingir uma compreensão crítica do texto, que se projectará em reelaborações e esquematizações de sua forma-conteúdo, ou seja, num metatexto:

-a leitura recreativa, comandada pela satisfação de interesses e ritmos individuais, cuja promoção conduzirá ao desenvolvimento da capacidade de fruição estética e pessoal dos textos” (AMOR 1993:92).

A leitura é muitas vezes trabalhada não no seu real sentido, mas com o objectivo de se trabalhar a dicção.

Não que o trabalho na busca de uma leitura fluente não seja importante, mas é preciso ficar atento para que o acto de ler vá além da simples verbalização, cabendo ao professor utilizar estratégias que possibilitem uma leitura crítica do texto.

“Ao conceber a simples oralização do texto como sinónimo imediato de compreensão, o professor se exime da sua responsabilidade de mediador no processo da aprendizagem, ficando este exclusivamente por conta da capacidade do aluno. A leitura surge como uma actividade através da qual os alunos são levados a reconhecer e reproduzir um sentido que se supõe ser o original” (SILVA, CARBONARI in CHIAPPINI 2002:107).

Assim, o professor deve procurar actividades que motivem para a leitura, buscando sua formação enquanto leitor crítico, guiando os alunos no domínio

progressivo de competências leitoras, não esquecendo que sendo a leitura uma actividade complexa, os progressos podem ser lentos, e dependem também de outros factores (físicos, psíquicos, afectivo) que devem ser levados em consideração.

Desta forma, para que um bom trabalho seja realizado em sala de aula, é necessário que o professor detenha o conhecimento, que seja leitor crítico para que assim possa estimular a mesma condição aos alunos.

“ Na verdade, para ter leitores, é necessário formá-los, não é suficiente desejá-los. Formar leitores talvez exija da escola, e dos vários intervenientes no processo educativo, atitudes que estimulem o pensamento, o sentido crítico, que constituam desafios, apostando em objectivos de leitura ricos e diversificados e numa postura de receptividade, diálogo e cooperação, desde o início da escolaridade” (SOUSA, 1999: 84).

SIM-SIM (1997) atribui à escola a função de fazer de cada aluno um leitor fluente e crítico, capaz de usar a leitura para obter informações, organizar o conhecimento e usufruir o prazer recreativo que a mesma pode proporcionar.

Sabemos que ler é um acto complexo, mas, segundo BARRETOS (1997), pode ser feito com prazer se encarado como um jogo entre o leitor e o texto, em que o primeiro procura desmascarar o segundo, mantendo uma relação íntima com este e mostre ser capaz de fazer-lhe frente.

“O processo da leitura não passa disso: em cada momento nos surpreendemos (e isso dá-nos prazer) mas também a cada passo somos capazes de detectar as causas da nossa surpresa (e isso redobra o prazer). É um acto criativo, dinâmico, inesgotável” (BARRETO 1997:11).

Se para ler é preciso ser capaz de estabelecer relações com o texto, o leitor deve adquirir na escola competências e estratégias que o ensinem a diferenciar os diferentes tipos de textos, adquirindo competências que o levem a compreender o texto e o motivem a uma troca significativa de experiência com o mesmo.

“Compreender e aprender são fundamentalmente o mesmo processo, visto que à medida que aprendemos a ler aprendemos também algo a partir da leitura e ampliamos aquilo que já sabemos” (SMITH, 1982: 53).

Se um texto é marcado por sua incompletude e só se completa no ato da leitura; se o leitor é aquele que vai fazer “funcionar” o texto, na medida em que o opera através da leitura, o ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva. Ao contrário, para essa concepção de leitura, o leitor é um elemento ativo no processo. (BRANDÃO e MICHELETTI in CHIAPPINI,2002:18).

Sobre as concepções de texto e o papel que o leitor possui em relação a ele, BRANDÃO e MICHELETTI (2002) traduzem as ideias de BAKHTIN e dividem-no em dois níveis:

“- no nível pragmático, o texto enquanto objecto veiculador de uma mensagem está atento em relação ao seu destinatário, mobilizando estratégias que tornem possível e facilitem a comunicação. Na perspectiva bakhtiniana, o outro, na figura do destinatário, se instala no próprio movimento de produção do texto na medida em que o autor orienta a sua fala tendo em vista o público-alvo seleccionado. Tem-se, ainda, o outro na figura do interdiscurso, do diálogo que todo texto trava com outros textos. Cabe ao leitor mobilizar seu universo de conhecimento para dar sentido, resgatar esta interdiscursividade, a fonte enunciativa desses outros discursos que atravessaram o texto;

- no nível linguístico semântico, o texto é uma 'potencialidade significativa' que se actualiza no acto da leitura, levado a efeito por um leitor instituído no próprio texto, capaz de reconstruir o universo representado a partir das indicações, pistas gramaticais, que lhe são fornecidas. É o movimento da leitura, o trabalho de elaboração de sentidos que dá concretude ao texto” (BRANDÃO e MICHELETTI, in CHIAPPINI,2002:19).

As histórias funcionam como uma ponte entre o real e o imaginário e, por meio da história, a criança observa diferentes pontos de vista, vários discursos e registos de língua, ampliando a sua percepção de tempo e de espaço, o seu vocabulário, desenvolvendo a reflexão e o espírito crítico, pois, a partir da leitura, ela pode pensar, duvidar, questionar-se, porém:

“o sentido que o leitor atribui não poderá ser um sentido qualquer, será o sentido que o texto permite em interacção com o tipo de leitor que o lê, que o actualize, nomeadamente, de acordo com os seus conhecimentos e as suas expectativas. A liberdade do leitor não poderá ignorar o “sentido literal dos termos lexicais” (ECO, 1992:12)

CORRÊA (2005) destaca que a leitura literária eticamente desejável tem um campo de liberdade e de subjectividade que merece atenção por parte de professores desejosos ou obrigados a seguir parâmetros, supervisores, coordenadores, programas, manuais didácticos e pais, concluindo que, para que a literatura possa emancipar as crianças e jovens de hoje, é preciso um esforço do adulto – professor ou familiar – que estimule a formação de um sujeito-leitor e não apenas o force a ler. (CORRÊA in VERSIANI (org) 2005:52- 53).

Mendonza Fillola (2004) justifica a importância da formação leitora e, muito especialmente, da formação do leitor literário, baseando-se em dois pressupostos fundamentais: em primeiro lugar associado à ideia de que só se aprende a ler se o lido significar algo, ou, mais exactamente, se significar algo para o leitor (Smith, 1984); e, por outro, pelo facto da função do leitor consistir em conjecturar acerca da intenção do texto. (ECO, 1993)

As práticas de leitura encontradas normalmente nas escolas estão vinculadas a práticas avaliativas, que invalidam as experiências dos alunos, mais inibindo do que incentivando o hábito de leitura.

Sintetizando o processo de leitura, PEREIRA (2000) diz que este resulta de capacidades estratégicas gerais como: identificar, reconhecer, seleccionar, inferir, aplicar, accionando-se sempre a capacidade de compreensão mais literal (que a descodificação gramatical proporcionará), e a capacidade de compreensão inferencial, pela descodificação da estrutura textual mais profunda, mais conflituosa quanto maior o grau de literacidade que o texto assume.

“Definir leitura é, como se pode constatar, uma tarefa difícil, pois a forma de encarar o acto de ler varia de acordo com o olhar de quem lê, ensina a ler ou tem a leitura como objecto de estudo” (ALVES 2007:10).

Fala-se muito sobre formar leitores críticos e reflexivos, e, para saber o conceito desse tipo de leitor, AGUIAR (1996), na revista *Tempos Brasileiros*, classifica entre outros comportamentos que um leitor competente deve ser capaz de:

“(...) buscar textos de acordo com seu horizonte de expectativas, selecionando obras segundo seus interesses e necessidades; localizar dados na obra (editora, local e data de publicação, prefácio, sumário, índices, capítulos, bibliografias, informações de conteúdos específicos); dialogar com novos textos, posicionando-se crítica e criativamente deles, por meio de um processo hermenêutico que envolve compreensão, interpretação e aplicação; trocar impressões e informações com outros leitores, posicionando-se com respeito aos textos lidos, fornecendo indicações de leitura e acatando os novos dados recebidos; ser receptivo a novos textos, que não confirmem seu horizonte de expectativas, sendo capaz de alargar seu gosto pela leitura e seu leque de preferências, a partir do conhecimento do movimento literário ao seu redor e da tradição; dá-se conta, por meio da conscientização do que acontece no processo de leitura, do seu crescimento enquanto leitor e ser humano.” (AGUIAR:1996:).

Como já discutimos anteriormente, o texto literário é utilizado frequentemente em contexto escolar para o ensino da língua. Discutiremos agora se as estratégias utilizadas contribuem para a formação de um leitor crítico, como referenciámos acima.

2.2. Práticas de trabalho: Cópia, interpretação, actividades de gramática e produção de texto.

Uma actividade comum nas escolas é a prática da cópia do texto, seja ele de um texto que o professor coloca no quadro, ou que o aluno copia do livro didáctico, considerando que ao exercer a cópia o aluno já realiza automaticamente a compreensão do texto.

Encontra-se nesta prática, com esses objectivos, uma distorção tanto no papel da leitura quanto no da cópia, pois verifica-se um uso indiscriminado e sem uma finalidade específica plausível.

“Considerando-se que o registro do material didático por meio da cópia não é significativo, pois o aluno já tem esse material à sua disposição, então essa documentação perde a razão de ser. Não se copia o que é relevante, o que não consta em lugar algum, mas sim o que já circula na sala de aula, ou seja, aquilo a que o aluno tem fácil acesso. Não se registram apenas informações ou conteúdos novos, mas ocupações. Pela função que o caderno geralmente desempenha, ao menos nas escolas públicas, ele poderia ter seu antigo nome resgatado: “caderno de ocupação”. A idéia difundida é a de que o bom professor é aquele que faz o aluno produzir muito a olhos vistos” (SILVA, CARBONARI in CHIAPPINI, 2002:101-102).

A cópia, no sentido didático-pedagógico, é utilizada como meio para se chegar a outros fins, sendo o principal deles a memorização correcta da grafia das palavras e também o treino da caligrafia.

Outra situação em que o professor utiliza esse recurso é para castigar o aluno indisciplinado, acarretando para o trabalho com o texto um sentido negativo e profundamente perturbador.

“A cópia envolve uma relação entre estímulos textuais e respostas motoras, de tal maneira que o produto destas respostas motoras é uma reprodução dos estímulos textuais. À semelhança da cópia, a leitura oral também se origina de um estímulo textual visual, porém engendra uma resposta que consiste na mera produção sonora de estímulos visuais. Em ambos os casos, as respostas provocadas apresentam o mesmo alcance pedagógico: reações mecânicas que não propiciam a reflexão” (SILVA, CARBONARI in CHIAPPINI 2002:96).

Concluimos que esses momentos de aula preenchidos pela cópia deveriam ser aproveitados com leituras e discussões que contribuíssem para uma melhor compreensão do texto, propiciando a interação entre o leitor e o texto.

Ainda segundo as autoras SILVA e CARBONARI (2002), a cópia apresenta as seguintes funções:

- a) recurso didático pedagógico: aparece no treino ortográfico, objectivando que o aluno memorize a grafia correcta; mas por ser um exercício mecânico, o objectivo não é atingido;

- b) recurso técnico instrumental: instrumento de transmissão e circulação dos textos; ela não é fim e sim, o meio para que o professor atinja outros fins;
- c) preenchimento de tempo: a fim de manter a classe ocupada, o professor ou um aluno escolhido por ele transcreve um texto na lousa para que todos o copiem no próprio caderno;
- d) recurso disciplinar: utilizado como meio de inibir conversas e desordem dos alunos;
- e) registro de conteúdo: carácter estéril, na qual os alunos devem copiar o próprio material que possuem, geralmente o livro didático. (SILVA, CARBONARI in CHIAPPINI, 2002:98-100)

Em síntese, a cópia não sendo realizada de forma mecânica e descontextualizada - ou até mesmo de forma punitiva - pode ser um recurso didático que contribui para a formação reflexiva do aluno, visto que, para isso, é muito importante que os objectivos que o professor pretenda alcançar estejam sempre bem definidos.

Após o trabalho de “leitura” e algumas vezes cópia do texto, segue-se o trabalho de interpretação do mesmo, muitas vezes com perguntas superficiais que nada acrescentam na “descoberta” do texto lido.

“(...) mesmo quando questões abertas são sugeridas pelo autor do manual, ao elaborá-las ele deixa transparecer sua interpretação; muitas vezes é difícil perceber se são ou não embasadas nas estruturas do texto, pois não aparecem ao lado de uma análise. Tem-se a impressão de que a opinião formulada no corpo das questões é gratuita” (GEBARA 1997: 150).

Quanto às perguntas presentes nos manuais escolares, SOLE (2000), classifica-as em três tipos:

“i) perguntas de respostas literais, ou seja a resposta está no texto, sendo quase uma transcrição do texto;

- ii) perguntas de respostas inferencial, em que o leitor terá que fazer inferências para conseguir responder; e
- iii) perguntas que exigem uma resposta crítica ou um juízo de valor por parte do leitor, implicando que o leitor mobilize os seus conhecimentos e opiniões para os confrontar com os veiculados pelo texto” (SOLE 2000:68).

Os professores resumem a compreensão textual apenas em perguntas de nível conteudista/gramatical e esquecem de levar essa compreensão aos níveis semântico e pragmático.

No primeiro nível a preocupação é apenas com a decifração de sinais e sentidos explícitos do próprio texto. O segundo nível, denominado semântico, leva o aluno a estabelecer relações, fazer inferência aos significados dos textos. O terceiro e último nível requer uma maior compreensão dos sentidos implícitos, ou seja, da ideologia emanada pelo texto, subsidiando o aluno a uma leitura crítica.

Para uma boa articulação da Língua Portuguesa, o aluno deve ter contacto com o dicionário, tido como um pré-requisito para a compreensão de informações. A partir desse trabalho, o aluno ampliará seu leque de palavras e significados e se tornará autónomo, enriquecendo seu vocabulário.

“São geralmente empobrecedores os exercícios apresentados nos manuais como “interpretação do texto”. O professor deve orientar os alunos na busca de uma leitura pessoal, permitindo interpretações variadas de acordo com a vivência de cada um e não se fechando naquela apresentada pelo “exemplar do mestre” (SILVIA e CARBONARI in CHIAPPINI, 2002:81).

Quanto ao ensino da gramática, PINTO (2005), considera a gramática dita tradicional como aquela em que predominavam as definições, as classificações e as análises, e concluiu que:

“(…) O ensino da gramática não deve, quanto a nós, consistir apenas na memorização de regras e classificações, pois assim o aprendente não adquirirá um conhecimento da estrutura da língua. A aula de Língua Portuguesa deve contemplar actividades que possibilitem o uso da língua

em diversas situações de comunicação e que promovam uma reflexão sobre esses mesmos usos” (PINTO, 2005:61-62).

Vale lembrar que muitas vezes o texto literário é utilizado como pretexto para o ensino da gramática, com actividades que utilizam frases ou palavras do texto lido para o trabalho com o ensino da língua.

O manual escolar, na maioria das vezes, pela sua própria estrutura, apresenta textos fragmentados, com poucas tipologias, sendo os textos como charges, poemas, cantigas e adivinhas, os únicos que são apresentados na íntegra, por serem textos curtos, mas que mesmo assim têm seu uso comprometido para o ensino de algum conteúdo.

“A fragmentação e a descontextualização presentes no livro didático trazem prejuízos para o trabalho com texto. Se não se apresenta ao educando, na maioria das vezes, textos com unidade (começo, meio e fim), e as devidas articulações de coesão e coerência, como ele poderá fazer uso desse aparato de modo competente? E, com esse sentimento de incompetência, o aluno se vê mais desmotivado a se aprimorar nos caminhos da leitura e da linguagem” (MARCUSCHI apud ROJO 2005: 72).

A consequência do mau uso da leitura, cópia, interpretação textual e vocabulário, em sala de aula, acarretará ao aluno dificuldades em desenvolver a capacidade de redigir textos coesos e coerentes.

Sobre a escrita, TOMPKINS (1993) afirma que os alunos escrevem informalmente para explorar o que aprenderam e usam o processo de escrita formal para compartilhar o que aprenderam. A escrita informal deve ser entendida como um exercício de exploração: frases, pensamentos ou parágrafos rápidos relacionados com o livro que podem ser escritos antes, durante ou depois da leitura. Já as actividades de escrita formal estão relacionadas com o processo de aprendizagem, compreensão e produção do texto: narrativa, carta, poema, ensaio, reportagem, etc.

Se entendermos a leitura como um dos caminhos de inserção no mundo e de satisfação de necessidades amplas do ser humano (estéticas, afectivas, culturais,

além das intelectuais), é de se esperar que propostas nesse sentido estejam direccionadas para a superação de uma visão utilitarista das linguagens, em que é privilegiado apenas seu domínio técnico, no sentido da compreensão de que estas constituem produções humanas e, como tal, são passíveis de manipulação, construção, desconstrução e reconstrução. E o mais grave é que estas formas de interrogar o texto se alicerçam independentemente do próprio desenvolvimento e propensões naturais da criança. De facto, não se parece ter em conta que, desde que começa a falar, a criança é intuitivamente uma exploradora da linguagem e que sente prazer em manusear e brincar com a materialidade linguística das palavras. Porém, o desejo de ler e de escrever adquire-se lendo e escrevendo. Para que tal acção possa ser realizada com sucesso, é fundamental que aquilo que a criança lê constitua para ela uma experiência de prazer e de fruição, condição para que possa ir descobrindo o poder de ficcionalização e de constituição de mundos possíveis inerentes ao exercício da palavra. Neste sentido, os textos que lhe são propostos deverão ser significativos, constituindo um apelo suficientemente forte às suas emoções e à sua imaginação lúdico-afectiva. As primeiras experiências com a palavra deverão, por isso, revelar-se fonte de jogo, de fruição e de prazer.

“Sob o ponto de vista do desenvolvimento linguístico, a grande diferença entre o domínio do código oral e a mestria do código escrito é que o primeiro é adquirido espontaneamente, via exposição, enquanto que o segundo é aprendido com base num trabalho e esforço conscientes” (SEQUEIRA & SIM-SIM, 1989:2)

3. A escolha do manual escolar.

Há normalmente duas posturas do professor em relação ao uso deste recurso didáctico nas suas aulas: o uso permanente e fiel, já que constitui, nas palavras de alguns professores, um apoio necessário, senão

exclusivo, e um lembrete, no sentido de não se esquecerem de nenhum ponto do programa.

“Quando não adopta um manual, cada professor prefere preparar os seus textos e actividades decorrentes, pensando que assim as suas aulas se tornarão mais diversificadas. Contudo, mesmo nestes casos, na maior parte das vezes, os professores adoptam as mesmas maneiras de proceder do manual – o mesmo tipo de perguntas que seguem a linearidade do texto, nas actividades de leitura; a mesma utilização do texto a ser lido ou a ser redigido: ensinar formas gramaticais, o manual já se encontra, de certa forma, interiorizado pelo professor” (CORACINI, 1999:).

A presença dos manuais escolares em contexto pedagógico assume uma relevância que não se pode ignorar, quer pela utilização de que os mesmos são alvo, quer pela sua expressão quantitativa no mercado editorial.

“(...) ocupando os manuais escolares uma posição central na prática pedagógica, a frequência da sua utilização e as formas que ela reveste estão sujeitas a variações relacionadas com as concepções do professor, com o nível de escolaridade, com a disciplina, enfim, num plano global, com o contexto ideológico” (CASTRO, 1995:64).

Como principal suporte para o trabalho do Ensino da Língua Portuguesa, o manual escolar, tanto no Brasil como em Portugal, possui políticas públicas que determinam ou não sua escolha.

No Brasil, desde 1929, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pela Secretaria de Educação Fundamental (SEF). Os dois órgãos são ligados ao Ministério da Educação (MEC). Hoje em dia, suas principais finalidades são a avaliação, aquisição e distribuição universal e gratuita de livros didáticos para o ensino fundamental público brasileiro em seus dois segmentos: o de 1 a 4 e o de 5 a 8 série. Seguindo como critério de avaliação:

“(...) critérios de natureza conceptual (as obras devem ser isentas de erros ou de indução a erros) e política (devem ser isentas de preconceitos, discriminação, estereótipos e de proselitismo político e religioso). Com a distribuição de livros para o ano de 1999, incluiu-se um terceiro critério, de natureza metodológica, de acordo com o qual as obras devem propiciar situações de desenvolvimento e o emprego de diferentes procedimentos cognitivos (como a observação, a análise, a elaboração de hipóteses, a memorização)” (MARCUSCHI,2005:50).

É um programa de proporções gigantescas, envolvendo em seu planeamento e implementação questões também elas gigantescas: a distribuição de cerca de 38 milhões de livros didáticos em 2006 coloca o Programa Nacional do Livro Didático, executado pelo Ministério da Educação brasileira, como um dos mais amplos em termos mundiais.

O Brasil não conta com um currículo nacional, mas apenas com currículos e programas regionais (de âmbito municipal ou estadual). Diante de tal obstáculo, os livros didáticos, elaborados para ter circulação nacional, tomam como referência curricular um conjunto de documentos, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), introduzidos na Educação Básica para servir de orientação ao trabalho docente. Com isso, os materiais escolares tiveram que se adaptar aos PCN. Por esse caminho, na ausência de um currículo nacional, o PNLD adoptou os PCN como referência privilegiada para a avaliação pedagógica das obras inscritas.

“Os livros didáticos de Língua Portuguesa estão buscando, de uma forma ou de outra, atender às propostas e diretrizes do MEC veiculadas nos documentos oficiais, principalmente as dos PCN (1998). Dentre outras coisas, parece haver a preocupação de se incorporar a linguagem oral no trabalho do ensino-aprendizagem da língua materna.” (MARCUSCHI, 2005 :123-124).

Segundo RANGEL (2001), o PNLD, principalmente a partir da Avaliação, estabeleceu perspectivas teórico-metodológicas bastante definidas para o livro didático de Língua Portuguesa, pois possibilitou uma movimentação no campo da reflexão sobre o ensino da língua materna que poderá ser considerada uma mudança de paradigma.

Os LDPs são peças-chaves dessa movimentação no campo da reflexão sobre o ensino da língua, pois ao sofrerem influências da virada pragmática, revelam propostas diversas para o ensino. Por essa razão, os LDPs assumiram papel relevante no contexto pedagógico brasileiro: uma espécie de mediador entre teoria e prática, encarregado de levar ao professor propostas aplicáveis em sala de aula, apontando alternativas para o ensino, coisa que os PCNs e o PNLD não fazem.

“A finalidade do ensino/aprendizagem da língua não pode ser, unicamente, fundada num saber teórico, mas sim, desenvolver uma competência que integre o conhecimento e todos os parâmetros reguladores dos usos (...) e as competências para usar esse conhecimento” (MORAES, 1993:16).

Em Portugal não há um programa específico para avaliar os manuais escolares, ficando a cargo dos professores a selecção, definida por critérios pessoais, assim como a melhor utilização dos mesmos.

Como temos discutido, o manual escolar em salas de aulas brasileiras e portuguesas é utilizado como o maior detentor de conhecimento e muitas vezes como o único material de ensino, o que torna fundamental a sua qualidade. Porém, muitas vezes a sua escolha não é feita de forma criteriosa e o seu uso muitas vezes é automático e pouco consciente.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Para o tipo de pesquisa realizada, a abordagem qualitativa foi a que melhor se encaixou para atingir os objectivos propostos. Portanto, escolhemos a abordagem de estudo de casos e análise documental.

Para a realização desta pesquisa o estudo de casos pareceu-nos mais conveniente, pois, segundo LUDKE (1986), “se destaca por constituir uma unidade dentro de um sistema mais amplo”. Nestes termos, estaremos considerando como unidade o ensino da literatura infantil e como sistema a concepção de professores e livros didácticos do Brasil e de Portugal, de séries iniciais, sobre a literatura presente em sala de aula.

O autor ainda complementa dizendo ser o estudos de casos um tipo de investigação que apresenta características próprias, pois enfatiza a interpretação em contexto, buscando retratar a realidade de forma completa e profunda através de variadas fontes de investigação.

Estas características são de extrema importância para um estudo que pretende comparar e verificar o ensino da literatura infantil em salas de aula, de séries iniciais, no Brasil e em Portugal.

Sobre os métodos utilizados para a realização do estudo de casos, DUHAMEL; FORTIN (1999) assim se pronuncia:

“Um estudo de casos sem experimentação serve para descrever, explorar ou explicar um fenómeno complexo ou para verificar proposições teóricas a partir de uma análise em profundidade dos diferentes elementos do fenómeno” (DUHAMEL; FORTIN in FORTIN 1999:165).

1. Escolha dos sujeitos da pesquisa.

Partimos como critério para a escolha das cidades de Presidente Prudente (Brasil) e Braga (Portugal), para o estudo de casos em questão, principalmente a possibilidade de estar em contacto com os orientadores durante a recolha de dados, aplicação das entrevistas e análise documental.

As duas cidades têm características populacionais um pouco diferentes, sendo a população de cada uma delas de aproximadamente 230 mil e 170 mil habitantes, respectivamente. São cidades consideradas medianas, considerando as características de seus países.

No princípio foram elencadas todas as escolas de ensino básico/fundamental (ensino particular e ensino público) de cada uma das cidades e posteriormente realizado um sorteio para a escolha das escolas onde realizaríamos a pesquisa. Porém, esse critério não foi muito válido, pois nas duas cidades, independentemente de serem escolas de ensino particular ou público, deparamo-nos com muitos entraves para a aceitação da pesquisa. As principais justificações por parte dos responsáveis das escolas estavam relacionadas com o número de horas de observação, que para eles parecia inviável, e um certo constrangimento por parte dos professores para este tipo de pesquisa.

Entrámos em contacto com diversas escolas e utilizámos como critério para a escolha das escolas, sujeitas da pesquisa, aquelas em que houve aceitação da pesquisa em questão.

Para preservar a identidade das escolas, utilizaremos as siglas **EPaB** (escola do ensino particular do Brasil); **EPuB** (escola do ensino público do Brasil); **EPaP** (escola do ensino particular de Portugal) e **EPuP** (escola do ensino público de Portugal).

2. Colecta de dados.

Para a colecta de dados utilizamos alguns dos instrumentos da pesquisa qualitativa. Os dados foram levantados através de entrevistas e análise de documentos, como especificamos a seguir.

Após a escolha das escolas, agendamos com cada professor, seleccionado pelos coordenadores para fazerem parte da pesquisa, um momento para apresentarmos os nossos objectivos e marcarmos os dias em que faríamos as

observações. Neste momento também realizámos uma entrevista em que recolhemos informações sobre suas concepções sobre o trabalho com a Literatura infantil em contexto escolar.

2.1. Entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com professores de 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries do ensino básico/fundamental das escolas seleccionadas, que são os sujeitos da nossa pesquisa.

Sobre o papel da entrevista na pesquisa, DUHAMEL; FORTIN (1999:168) dizem ser este um “modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objectivo de colher dados relativos às questões da investigação formuladas”, que exige uma certa disciplina por parte de quem a executa.

Neste sentido, realizámos uma “entrevista semi-estruturada” (em anexo) seguindo de perto um roteiro de perguntas feitas a todos os entrevistados. As entrevistas começaram com a leitura das perguntas, para que não ficassem dúvidas quanto às questões e com o objectivo de contextualizar os professores sobre a pesquisa.

Com estas questões, acreditamos ter captado algumas das concepções que esses sujeitos têm sobre a Literatura Infantil e sua importância em sala de aula.

Vale ressaltar que na **EPaP**, devido a motivos não muito claros, não foi possível a realização da entrevista gravada, tendo se então optado pela realização de um questionário. O questionário diferencia-se das entrevistas, segundo FORTIN; GRENIER; NADEAU (1999:245), por ser preenchido pelos próprios sujeitos, sem assistência, e não permite ir tão em profundidade nas questões como na entrevista.

Devido à dificuldade em realizar a pesquisa em outra escola e verificando que essa diferença não prejudicaria as análises, já que o contacto da pesquisadora em sala de aula ajudaria a compreender e aprofundar as

questões das entrevistas/questionários, aceitámos realizar o questionário, fotocopiando as perguntas das entrevistas e deixando um espaço para que os professores respondessem. O questionário foi entregue num dia, sendo lido e explicado, e os professores tiveram dois dias para o responder.

Para identificar os sujeitos da pesquisa utilizamos as seguintes siglas: **PPaB1** (Professor da escola particular do Brasil primeira série); **PPaB2** (Professor da escola particular do Brasil da segunda série); **PPaB 3/4** (Professor da escola particular do Brasil da terceira e quarta série); **PPuB1** (Professor da escola pública do Brasil primeira série); **PPaB2** (Professor da escola pública do Brasil da segunda série); **PPaB3** (Professor da escola pública do Brasil da terceira série); **PPaB4** (Professor da escola pública do Brasil da quarta série); **PPaP1** (Professor da escola particular de Portugal primeira série); **PPaP2** (Professor da escola particular de Portugal da segunda série); **PPaP3** (Professor da escola particular de Portugal da terceira série); **PPaP4** (Professor da escola particular de Portugal da quarta série); **PPuP1** (Professor da escola pública de Portugal primeira série); **PPuP2a** (Professor da escola pública de Portugal da segunda série); **PPuP2b** (Professor da escola pública de Portugal da segunda série); **PPuP3** (Professor da escola pública de Portugal da terceira série); **PPuP4** (Professor da escola pública de Portugal da quarta série).

2.2. Contacto em sala de aula.

Uma importante fase desta pesquisa concentra-se no contacto directo em contexto sala de aula, para observarmos a forma como a Literatura Infantil é trabalhada pelos professores sujeitos da pesquisa.

Sobre a observação na investigação, FORTIN; CÔTÉ; VISSANDJÉE (1999) acreditam ser esta a chave para a mesma, devendo os meios utilizados variarem em função daquilo que é observado. “A observação encontra-se em cada uma das etapas da investigação. Baseada sobre conhecimentos prévios,

ela é o reflexo da acuidade e da intuição do investigador” (FORTIN; CÔTÉ; VISSANDJÉE in FORTIN 1999:36).

As observações tiveram início logo após a realização das entrevistas.

Estabelecemos 20 horas/aula com cada um dos sujeitos da pesquisa, totalizando 320 horas de observações.

As observações foram realizadas apenas nas aulas de Língua Portuguesa e ao longo das aulas foram realizadas anotações sobre falas de alunos e professores, assim como sobre o material utilizado nas mesmas. A maioria dos professores foram atenciosos e prestativos durante a nossa permanência em sala de aula, porém, em alguns casos, a nossa presença foi nitidamente vista como um inconveniente e encontramos dificuldades em realizar as observações.

Abaixo segue um quadro com o período em que estivemos observando em cada uma das escolas e séries sujeitos da pesquisa.

Professor	1 ano/série	2 ano/série	3 ano/série	4 ano/série
PPaB	15/08 a 13/09 ano 2006	15/08 a 18/09 ano 2006	18/09 a 14/10 ano 2006	20/09 a 16/10 ano 2006
PPuB	17/08 a 04/10 ano 2006	23/08 a 04/10 ano 2006	14/08 a 27/09 ano 2006	16/08 a 16/10 ano 2006
PPaP	12/02 a 25/05 ano 2007	16/02 a 14/05 ano 2007	13/02 a 31/05 ano 2007	16/04 a 08/06 ano 2007
PPuP	08/02 a 18/05 ano 2007	06/02 a 10/05 ano 2007	12/02 a 07/06 ano 2007	16/02 a 05/05 ano 2007

2.3. Análise documental.

Através das entrevistas tivemos conhecimento sobre os materiais utilizados por esses professores para o ensino da Língua Portuguesa.

Assim, ao analisar os livros didáticos utilizados por eles, procurámos analisar as concepção tanto dos professores de séries iniciais entrevistados (pois, na maioria das vezes são eles que escolhem os livros didáticos, embora nem sempre sejam utilizados nas turmas que leccionam) como as estruturas e as concepções dos livros didáticos brasileiros e portugueses sobre a Literatura Infantil.

PROGRAMAS CURRICULARES

Abordam-se neste trabalho algumas questões relativas à forma como a Literatura Infantil é tratada pelos Programas Curriculares nacionais brasileiros e portugueses de Língua Portuguesa para o 1º Ciclo do Ensino Básico. O papel e importância atribuídos à mesma, pode retratar a concepção de literatura que nele está presente.

Por se tratarem de programas curriculares muito diferentes em sua estrutura, tornou-se fundamental uma apresentação e comparação entre eles.

Com o intuito de buscar compreender as concepções presentes nestes documentos oficiais e seus objectivos, nesta parte da dissertação propõe-se analisar e debater o papel da Literatura Infantil nas orientações dadas aos docentes que utilizam os parâmetros curriculares para a formação de um alunado crítico.

1. Estrutura dos Programas Curriculares para o 1º. Ciclo do Ensino Básico.

1.1. PCN Parâmetros Curriculares Nacionais – Brasil.

Os PCN's de Língua Portuguesa do 1º. Ciclo no Brasil estão divididos em duas grandes partes. Em linhas gerais, a primeira parte aborda questões relativas à área; define pressupostos teóricos da proposta; apresenta os objectivos gerais de Língua Portuguesa, sendo apontados os conteúdos relacionados à Língua oral, Língua escrita e análise e reflexão sobre a língua, e trás por fim critérios de avaliação para o ensino fundamental. A segunda parte, detalha a proposta, expandindo com conteúdos para as quatro primeiras séries do ensino fundamental, divididas em primeiro e segundo ciclo. A proposta brasileira entende por primeiro ciclo aquele que atende a 1ª. e 2ª. Série e 2º. Ciclo os dois anos finais das séries iniciais, 3ª. e 4ª. Este tópico apresenta conteúdos que podem se repetir nos dois ciclos: o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa para cada ciclo, objectivos, conteúdos gerais, blocos de conteúdos, divididos em Língua oral, Língua escrita e Análise e reflexão sobre a língua, por fim trás os critérios de avaliação.

1.1.a. Primeira Parte do PCN de Língua Portuguesa.

O PCN brasileiro inicia-se com um tópico sobre a caracterização da área de Língua Portuguesa, sendo subdividido em introdução; linguagem e participação social; Linguagem, atividade discursiva e textualidade.

Neste primeiro tópico são apresentadas algumas discussões sobre o que pode originar o fracasso escolar, apontando, por exemplo, a uma dificuldade da escola em ensinar a ler e a escrever, dificuldade esta que tem por consequência um grande número de repetências no fim da primeira série, por não conseguir se alfabetizar e na quinta série, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem.

“Essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita”(PCN:19).

O PCN é apresentado como uma espécie de síntese sobre as discussões feitas por uma equipe de professores, gestores educacionais, pesquisadores sobre o ensino de Língua Portuguesa nas séries iniciais brasileiras, trazendo de forma sistematizada os processos de transformação das idéias que têm sido nas últimas três décadas referências para a prática docente.

“Os esforços pioneiros de transformação da alfabetização escolar consolidaram-se, ao longo de uma década, em práticas de ensino que têm como ponto de partida quanto de chegada o uso da linguagem. Práticas que partem do uso possível aos alunos e pretendem promovê-los de oportunidades de conquistarem o uso desejável e eficaz. Em que a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a expressão e a comunicação por meio de textos e não da correção do produto. Em que as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente” (PCN:22).

Os sub-tópicos seguem discutindo a função da linguagem como agente de comunicação social, cabendo à escola dotar os alunos dos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

O segundo tópico intitula-se aprender e ensinar Língua Portuguesa na escola, que, por sua vez, está dividido nos sub-tópicos: diversidade de textos; que tipo de registro linguístico compete à escola ensinar; que escrita compete à escola ensinar

(alfabetização e ensino da língua; o texto como unidade de ensino; a especificidade do texto literário) e a prática de reflexão sobre a língua.

A diversidade textual aparece como elemento fundamental para um novo olhar sobre o tratamento do ensino da língua, valorizando a linguagem enquanto necessidade humana, relacionada não só às acções efectivas do quotidiano, como também a reflexão e crítica, em que compete à escola possibilitar ao aluno o contacto com esse universo de textos, ensinando-o a produzi-lo e a interpretá-lo, alargando o conhecimento letrado do aluno.

“(...) Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada” (PCN:30).

Há também uma preocupação em ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nos diferentes contextos de comunicação e a escrita, neste documento, não é vista mais apenas na sua função alfabética.

Há uma crítica sobre a utilização de textos como unidade de ensino descontextualizada, onde se procura ensinar a ler seguindo uma sequência de ensino aditiva, ou seja, ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos, ou seja, o programa assume uma metodologia de ensino da leitura baseada em métodos ascendentes.

O PCN se mostra contrário à concepção de que o texto adequado para crianças é o texto curto, com poucas frases ou simplificado.

“Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura” (PCN:36).

Há um sub-tópico que discute a especificidade do texto literário, em que é considerado importante que esse tipo de texto seja incorporado às práticas quotidianas da sala de aula, devido à sua forma específica de conhecimento.

A literatura não é vista como um conjunto de textos que buscam ensinar boas maneiras, deveres do cidadão ou tópicos gramaticais, etc.

“Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias” (PCN:..37-38).

O PCN faz uma crítica às práticas do ensino, em que a linguagem é vista apenas como conteúdo e não um meio para melhorar a qualidade da produção linguística, deixando clara a necessidade de mudar a forma como ela é ensinada.

O tópico sobre objectivos gerais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental acaba por sintetizar as discussões anteriores, deixando clara a necessidade de expandir o uso da linguagem em todos os seus contextos, sendo capaz de interpretá-la corretamente, realizar uma análise crítica, reconhecendo os seus valores.

O tópico seguinte é designado como os conteúdos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e possui várias subdivisões.

Faremos aqui um apanhado geral das idéias que se tornam relevantes para o estudo em questão.

Tendo como habilidades fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa as capacidades de falar, escutar, ler e escrever, a linguagem verbal aparece como mecanismo para a aquisição desse processo, sendo fundamental o desenvolvimento de seu uso e de sua reflexão.

“A linguagem verbal, atividade discursiva que é, tem como resultado textos orais ou escritos. Textos que são produzidos para serem compreendidos. Os processos de produção e compreensão, por sua vez, se desdobram respectivamente em atividades de fala e escrita, leitura e escuta” (PCN:43).

O PCN apresenta a organização dos conteúdos de Língua Portuguesa em função do eixo USO → REFLEXÃO → USO que propõe, de modo geral, compreender que a linguagem deve ter como finalidade não só o uso, mas também a sua compreensão, para formar alunos produtores de um discurso competente.

Segundo o PCN, a linguagem oral deve ser trabalhada na escola com o objectivo de desenvolver nos alunos a capacidade de utilizá-la nos diferentes contextos, sendo necessário trazer para a sala de aula actividades pedagógicas que possibilitem aos alunos familiarizar-se com a língua e exercitá-la: falar, escutar e reflectir sobre ela.

A leitura e a escrita aparecem como práticas complementares, modificando-se. A ideia de que um bom leitor é um bom escritor aparece não como uma ideia mecânica, mas como uma grande possibilidade de ocorrência.

“(...) considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, adequados e ortograficamente escritos - que a relação entre essas duas actividades deve ser compreendida” (PCN:52).

A formação de leitores competentes, tendo como futuro a formação de escritores, não enxerga a leitura apenas como descodificação. O processo de leitura é visto como um trabalho activo de construção de significado, sendo a diversidade textual fundamental para o sucesso da leitura de mundo do aluno.

“É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as actividades na sala de aula, apenas livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didáctica para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes” (PCN:55).

A escola deve ter como prática um trabalho constante com actividades de leitura, pois cada texto tem sua finalidade, e exige um tipo de envolvimento, tendo o professor o papel de facilitador e incentivador, buscando compreender a leitura de seus alunos, não no sentido de encontrar uma única interpretação, mas a busca de respostas pessoais de seus alunos.

“Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes” (PCN:56).

O PCN apresenta uma série de actividades que buscam, através de práticas pedagógicas de leitura e produção de textos, formar esse leitor competente, no que diz respeito ao uso contextualmente adequado da língua.

Só na página 64 do documento é que se fala pela primeira vez que uma das razões para a prática de leitura é possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação. Até então, estava sendo enfatizado apenas a leitura enquanto inserção no mundo letrado.

Nas práticas de produção de textos orientadas pelo documento percebe-se a indicação para a formação de escritores competentes, capazes de produzirem textos coerentes, coesos e eficazes, voltando-se para o seu próprio texto e sabendo analisá-lo.

“Um escritor competente é alguém que planeja o discurso e conseqüentemente o texto em função do seu objetivo e do leitor a que se destina, sem desconsiderar as características específicas do gênero. É alguém que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral; que sabe esquematizar suas anotações para estudar um assunto; que sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões”(PCN:65).

“Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. Evidentemente, isso só se torna possível se tiverem constituído um amplo repertório de modelos, que lhes permita recriar, criar, recriar as próprias criações. É importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leituras”(PCN:77).

O PCN afirma não ser possível trabalhar com todos os conteúdos, contextualizados na prática de escrita de textos, sendo às vezes necessário escrever para aprender, mas que essa escrita deve ser uma actividade que possua algum sentido.

1.1.b. Segunda Parte do PCN de Língua Portuguesa.

Na segunda parte do PCN brasileiro há uma divisão entre os dois ciclos, mas a sua apresentação é basicamente a mesma, sendo o Primeiro ciclo subdividido nos tópicos: Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no primeiro/ segundo ciclo;

Objetivos de Língua Portuguesa para o primeiro/ segundo ciclo; Conteúdos de Língua Portuguesa para o primeiro/ segundo ciclo:- Tratamento didáctico; - Conteúdos: Conteúdos gerais do ciclo • Valores, normas e atitudes • Gêneros discursivos; Blocos de conteúdos • Linguagem oral: usos e formas • Linguagem escrita: usos e formas • Análise e reflexão sobre a língua; Critérios de avaliação de Língua Portuguesa para o primeiro/ segundo ciclo. A única mudança ocorre no terceiro tópico, que recebe o nome de Desdobramentos dos conteúdos de Língua Portuguesa no segundo ciclo.

Não faremos nessa segunda parte uma divisão específica dos dois ciclos, pois a conclusão a que chegámos é que não há grandes mudanças entre os dois ciclos, a sua maior consideração recai sobre o facto de, no segundo ciclo, se buscar possibilitar maior autonomia na realização de actividades que envolvam conteúdos desenvolvidos no ciclo anterior e introduzir aspectos relacionados aos usos e formas da língua. As mudanças mais significativas serão tratadas ao longo dessa apresentação.

Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no primeiro/ segundo ciclo:

A linguagem aparece como mediadora para a descoberta e sentidos sobre a vida, sobre si mesmo e sobre a própria linguagem. O trabalho em grupo possibilita uma rica troca de experiências entre os discentes, não só no sentido da comunicação como também assumindo um papel socializador, possibilitando um convívio harmonioso, democrático e solidário em que as regras são construídas por todos. Cabe ao professor questionar e investigar a idéia que seus alunos possuem sobre linguagem para poder ampliá-la.

Objectivos de Língua Portuguesa para o primeiro / segundo ciclo:

Para o PCN, o aluno deve conseguir compreender o sentido de textos orais e escritos, sendo capaz de identificar os possíveis propósitos e intenções do autor; ler textos dos gêneros previstos para o ciclo, combinando estratégias de decifração com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação (PCN, 1997:103); saber utilizar a linguagem oral com eficácia, em todas as situações de

comunicação; participar na comunicação oral, sabendo respeitar as opiniões dos outros e adequando os seus registos lingüísticos ao contexto ou situação; produzir textos escritos coerentes e coesos, considerando o leitor e o objecto da mensagem; começar a identificar o gênero, escrevendo textos que respeitem a forma ortográfica. No segundo ciclo é exigido uma maior autonomia do aluno, devendo este ser capaz de criar o seu próprio texto e com a ajuda do professor criar novas versões se necessário.

Conteúdos de Língua Portuguesa para o primeiro/ segundo ciclo:

No que respeita ao tratamento didáctico são sugeridas actividades como as seguintes: Actividades com a linguagem oral concebidas como possibilidade de conhecimento sobre a linguagem escrita; Colocar os alunos a lerem e a escreverem, mesmo antes da alfabetização propriamente dita, ajuda no funcionamento da autonomia leitora, escritora e intelectual; A diversidade textual aparece como importante fonte de informação do processo de aprendizagem da linguagem escrita; O aluno deve assumir o papel de escritor e leitor de seu próprio texto; O primeiro ciclo deve proporcionar uma ampliação de conhecimentos sobre a língua, possibilitando aos alunos adquirirem autonomia no que se refere ao domínio da escrita alfabética.

No que diz respeito aos conteúdos gerais do ciclo, estes são subdivididos em: • valores, normas e atitudes • Gêneros discursivos. No primeiro subtópico são apresentadas algumas normas, valores e atitudes, que, mesmo não ocorrendo de forma directa, será importante que apareçam como forma de conteúdo que os alunos devam adquirir. Entre elas está o de ter interesse por ouvir e manifestar sentimentos, experiências, idéias e opiniões, valorizando a leitura como fonte de fruição estética e entretenimento. Afirma-se que o aluno deve manifestar o desejo de ler e de ouvir textos, principalmente os literários e os informativos, tendo cuidado com os livros e demais materiais escritos, tomando emprestado esses livros nos acervos escolares e bibliotecas. O aluno deve ser crítico perante os textos persuasivos e também com seus próprios textos quanto aos aspectos textuais e gráficos.

No segundo ciclo é manifestada a necessidade de uma leitura mais autónoma, sendo capaz de questionar e de partilhar mais sobre as leituras realizadas, tendo também uma maior preocupação com a linguagem escrita enquanto meio de informação e transmissão da cultura.

O segundo subtópico é sobre o género discursivo e nele são apresentados os géneros mais adequados para o trabalho com a linguagem oral e com a linguagem escrita. A Literatura Infantil é referenciada nos dois ciclos como género adequado para a realização do trabalho com a linguagem oral e escrita. Não é especificado que tipo de trabalho pode ser realizado com cada género e suas especificidades, mas pelo menos aparecem.

Os blocos de conteúdos aqui referidos são imprescindíveis para que o aluno conquiste os objectivos propostos para cada ciclo. No subtópico de Linguagem Oral: Usos e Formas para o primeiro ciclo, o professor desempenha um papel fundamental na ajuda das actividades de adequação do uso da linguagem para seu uso na escola como também ao nível de conhecimento sobre sua utilização. O aluno deve saber manifestar suas experiências, sentimentos, idéias e opiniões de forma clara e ordenada. Quanto à narração, deve haver uma preocupação com a descrição de personagens, cenários e objectos, buscando as características discursivas do texto, considerar a temporalidade e a causalidade. No segundo ciclo mantém-se a utilização da linguagem oral utilizada no ciclo anterior, buscando aperfeiçoá-la e ampliá-la, utilizando-a num registo mais formal. O aluno deve manifestar um ponto de vista em seu discurso e também ser capaz de utilizar recursos electrónicos para registrar e analisar situações de comunicação. No subtópico de Linguagem Escrita: Usos e Formas, a prática de leitura no primeiro ciclo fica mais a cargo do professor, cabendo ao aluno atribuir significado ao texto, fazer antecipações e inferências em relação ao conteúdo, utilizar recursos para resolver eventuais dúvidas e suposições, utilizando o acervo da biblioteca para consultar diferentes tipologias textuais e depois socializar essas experiências de leitura com os demais. No segundo ciclo é o aluno que deve resolver as suas dúvidas de leitura, lendo e relendo o texto na busca de informações esclarecedoras, procurando no dicionário e em outras fontes se for necessário. A leitura ganha novas modalidades, pode aparecer com o objectivo de revisar, obter informações rápidas, entre outras. O aluno deve criar seus próprios critérios de

selecção de texto, desenvolvendo seu padrão de gosto pessoal. A produção de texto aparece nos dois ciclos com o objectivo de considerar a finalidade do texto e as características do género, sendo necessário também ir introduzindo aspectos mais formais da língua, como a utilização dos recursos de pontuação, ortografia e aspectos discursivos, sendo específicos os conteúdos para cada ciclo. O último subtópico, análise e reflexão sobre a língua, trás a necessidade de saber se expressar oralmente, adequando a linguagem ao contexto das diferentes situações de comunicação. A análise de um texto deve ser considerada pelos diferentes leitores, buscando elementos no texto que a justifique. O aluno deve revisar o seu texto, no primeiro ciclo com a ajuda do professor e depois de forma autónoma e, de forma mais precisa no segundo ciclo, analisar as regularidades da escrita.

Critérios de avaliação de Língua Portuguesa para o primeiro/segundo ciclo

Esse último tópico do PCN apresenta de que forma se pode avaliar o conhecimento da linguagem oral e escrita exigidos para cada ciclo. É necessário que se saiba narrar histórias conhecidas e relato de acontecimentos mantendo a ordem e sequência cronológica, assim como demonstrar compreensão do sentido dos textos, num primeiro ciclo textos lidos em voz alta e no segundo ciclo de maneira geral. A utilização da escrita alfabética com a preocupação do seu uso formal. No segundo ciclo o aluno deve ser capaz também de coordenar estratégias de decodificação com as de antecipação, inferência e verificação, utilizando procedimentos simples para resolver dúvidas na compreensão. Deve produzir textos escritos, considerando características do género, revisando-o e aprimorando-o quando necessário.

A partir desta primeira descrição e considerações a respeito dos PCNs brasileiros foi possível traçar o perfil de aluno que se quer formar em séries iniciais do Ensino Fundamental. Parte-se agora para a descrição e verificação dos documentos Portugueses.

1.2 Organização Curricular e Programas – Portugal.

A organização curricular e programas de Língua Portuguesa em Portugal são apresentados em forma de tópicos, começando por Princípios Orientadores, os Objetivos Gerais, em seguida encontramos o tópico Bloco 1- Comunicação Oral, subdividido em 4 anos tendo como subtópicos: Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza; Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral; Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral. O tópico Bloco 2- Comunicação Escrita, também dividido em 4 anos, contém os subtópicos: Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura; Desenvolver as competências de escrita e de leitura; Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação. O último tópico apresentado é o Bloco 3 - Funcionamento da Língua- Análise e Reflexão, dividido em dois anos, 3º e 4º ano.

É importante ressaltar que há poucas diferenças entre os anos nos subtópicos apresentados.

Seguiremos a mesma forma para apresentar a Organização Curricular e Programas de Língua Portuguesa para o Ensino Básico.

1.2.a. Princípios Orientadores.

De acordo com o programa de Portugal, o conjunto de objectivos para o ensino de Português é definido tendo em conta os princípios estabelecidos na Lei de Bases do Sistema Educativo e no projecto curricular para essa disciplina.

A Língua Materna é reconhecida como elemento mediador, que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta do mundo à nossa volta. A não aquisição desse domínio acaba por isolar o indivíduo da participação social. É através do uso da Língua, suas vivências, conhecimentos, reflexão e interesses, que o aluno evolui para práticas mais normatizadas da comunicação oral e escrita.

O ensino deve possibilitar ao aluno, em sua aprendizagem da leitura e da escrita, práticas de diálogo, confronto de opiniões, situações que despertem a curiosidade em aprender e o gosto de falar, de ler e de escrever, construindo a sua

identidade e estabelecendo a sua relação com o mundo, afirmando-se enquanto ser afectuoso, interveniente, autónomo e solidário.

1.2.b. Objectivos Gerais.

O programa para o 1º ciclo tem como objectivos para o Ensino de Língua Portuguesa que os alunos saibam se exprimir oralmente, independentemente da situação, que caminhem para a descoberta do prazer da escrita e, através de sua prática, desenvolvam a compreensão na leitura, sabendo produzir e analisar os seus textos e que através da leitura, tendo essas várias finalidades em mente, consigam relacionar os textos lidos com suas vivencias.

“Exprimir-se oralmente, com progressiva autonomia e clareza, em função de objetivos diversificados; comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação; criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral; praticar a escrita como meio de desenvolver a compreensão na leitura; produzir textos escritos com intenções comunicativas diversificadas; usar a leitura com finalidades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e enriquecimento da Língua); utilizar diferentes recursos expressivos com uma determinada intenção comunicativa (dramatizações, banda desenhada, cartazes publicitários)” (Organização Curricular e programas: 137-138).

1.2.c. Bloco 1- Comunicação Oral.

É considerada a competência oral que as crianças de 5-6 anos possuem pela partilha linguística existente entre elas e entre os adultos, devendo esta ser alargada pela escola, criando condições para que as crianças possam manifestar-se, exprimir-se, trocando informações e saberes. As regras de comunicação oral e a descoberta de seu prazer dão-se quando o aluno narra, informa, esclarece, pergunta, convence, responde, situações essas que devem ser exploradas em sala de aula.

Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza.

São apresentadas situações em que a comunicação oral aparece e deve ser trabalhada, sendo estas através da própria comunicação com as outras pessoas, nos relatos, nas descrições, no contar e completar histórias, ao apresentar a sua opinião e ao intervir.

Aparecem algumas pequenas modificações ao longo dos anos. No segundo ano é acrescentado o trabalho de, a partir da ilustração, se construir uma história. No terceiro ano o aluno deve ser capaz também de formular recados, avisos e instruções, além de recriar histórias, transformando as personagens. No quarto ano as histórias e relatos devem ser individuais e não mais em grupo, as histórias devem ser imaginadas tendo como ponto de partida a ilustração da capa, do título da história, entre outros, e serem depois comparadas com o texto original.

“Exprime-se por iniciativa própria; relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos, sonhos; descrever desenhos e pinturas (realizadas pelo aluno), fotografias, locais visitados...; completar histórias (imaginar o desenlace ou desenlaces de histórias); construir histórias a partir de ilustrações (a partir do 2º ano); apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo” (Organização Curricular e programas: 139-144).

Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral

São apresentados alguns mecanismos que permitem verificar a retenção das informações a partir de um enunciado oral (no 1º e 2º ano), seja ele verbal ou não verbal, construindo perguntas e respostas, recados, dramatizando situações do quotidiano, transpondo enunciados orais para outras formas de expressão, exprimir as variações expressivas da linguagem oral. No terceiro ano é acrescentada a interpretação e recriação de linguagem não verbal em verbal.

“Identificar intervenientes (em contos orais); dramatizar cenas do quotidiano, situações vividas ou imaginadas; formular perguntas e respostas; transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonora, pictórica); experimentar variações expressivas da Linguagem oral (variar a entoação de frases, pronunciando-as com intencionalidades diferentes...)” (Organização Curricular e programas: 139-144).

- Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral

É sugerida uma recolha de produções do património literário oral, jogos de reprodução dessa literatura reconhecendo seus elementos sonoros e a construção de rimas, cantilenas, entre outras. No terceiro ano esse material não deve ser só recolhido como também seleccionado, devem ser comparadas as suas diferentes versões e, no quarto ano, é sugerido que o aluno produza contos, seja com companheiros ou com o professor.

“Recolher e seleccionar (a partir do 3 ano) produções do património literário oral (contos, lendas, cantares, quadras populares, lengalengas, trava-linguas); participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, adivinhas, contos....); comparar versões diferentes dos mesmos contos; Colaborar na produção de contos (com companheiros, com o professor...) (só no quarto ano)” (Organização Curricular e programas: 139-144).

1.2.d. Bloco 2- Comunicação Escrita.

Os programas portugueses sugerem um trabalho em que a criança tenha a possibilidade de escrever, que caminhe para a descoberta e redescoberta da Língua. Segundo os programas, para aprender a ler e a escrever, além de escrever e ler muito, é preciso que essa prática esteja associada a situações de prazer e de reforço da autoconfiança. O aluno deve ser incentivado a ler e escrever sem censuras, sabendo que terá o apoio necessário para o aperfeiçoamento dessas práticas.

A leitura e a escrita são vistas como formas de acelerar o processo de aprendizagem, organizar e desenvolver o pensamento.

- Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura.

São sugeridas situações em que se pode despertar o gosto pela Linguagem escrita, através da diversidade de textos oferecidos aos alunos. Com o ouvir e ler histórias, a partir da linguagem visual o aluno vai levantando hipóteses sobre o conteúdo do livro, depois compara-o com o conteúdo original, localizando notícias e informações através das imagens. Outra orientação é para que o aluno experimente múltiplas situações em que o faça sentir a necessidade de utilizar a

linguagem escrita. A partir do terceiro ano a criança deve ser capaz de seleccionar e ler na versão integral (por escolha própria) livros e textos que lhes são apresentados os textos narrativos e poéticos, devendo saber ler e interpretá-los. Os alunos devem ser motivados a escrever individualmente e em grupo, recriando textos em diversas linguagens, organizando de acordo com critérios diversificados, quando necessário buscar o sentido de palavras desconhecidas, compreendendo o sentido que estas apresentam naquele contexto. No quarto ano torna-se necessário que a criança faça inferências sobre suas próprias vivências, que seja capaz de recontar um livro lido, ou mesmo textos de sua autoria, e saber ouvir e confrontar as suas opiniões com as dos outros.

“Contar com diversos registros de escrita (produção dos alunos, documentação..); levantar as hipóteses do conteúdo original (que ouve ler); levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos a partir das suas ilustrações; experimentar múltiplas situações que façam surgir a necessidade de produção de escrita (recados, avisos, correspondência interescolar...); ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressivamente alargadas que correspondam aos interesses dos alunos; ler e interpretar textos narrativos e poéticos (só a partir do 3 ano); relacionar livros e outros textos com as suas vivências escolares e extra-escolares, com os seus gostos e preferências (4ºano) ” (Organização Curricular e programas: 147-155).

➤ Desenvolver as competências de escrita e de leitura

Para que as competências de leitura e escrita sejam alcançadas pelos alunos do Primeiro Ciclo, propõe-se que os alunos convivam com textos, devendo a escola proporcionar experiências com diferentes tipos de escrita, sugerindo que cada aluno tenha um caderno em que possa realizar tentativas de escrita. O aluno deve relacionar as produções orais com a sua forma escrita. São sugeridas muitas actividades para possibilitar ao aluno novas descobertas de produção de textos e de novos significados. Para o trabalho com os aspectos gráficos e sonoros, encontramos jogos de substituições de palavras. As palavras novas devem ser exploradas, assim como a comutação de letras. As produções devem ser aperfeiçoadas tanto em conjunto como com o professor, relacionando sempre os textos lidos com suas vivências. No segundo ano é necessário que o aluno produza textos por iniciativa própria, compreenda o sentido de um texto com

lacunas e que leia na versão integral histórias, livros, poemas, de extensão e complexidade progressivamente alargadas. No terceiro ano, deve ser incentivada a produção e criação de textos para a construção de um livro, os alunos devem aperfeiçoar os textos escritos, com uma maior preocupação com as regras ortográficas, acentuação e uso do discurso directo, através de fichas autocorrectivas ou outras.

“Participar em múltiplas situações que desenvolvam o convívio e o gosto pela escrita e pela leitura (participar no registo escrito de experiências vividas ou imaginadas, em atividade de biblioteca da aula, da escola...); produzir textos escritos por iniciativa própria; desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa fazer tentativas de escrita, escrever como souber, o que quiser, quando quiser); apreender o sentido de um texto com lacunas; ler, na versão integral, histórias, livros, poemas, de extensão e complexidade progressivamente alargadas, adequadas à sua idade e ao seu nível de competência de leitura” (Organização Curricular e programas: 147-156).

➤ Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

Consiste em recolher, organizar e classificar diferentes materiais de informação, segundo vários critérios. O aluno deve ser capaz de consultar e manusear esses diferentes materiais. É sugerida a construção de um dicionário ilustrado, organizando-o segundo critérios estabelecidos. No segundo ano é acrescida a consulta de listas de palavras, organizada com critérios diversos. A partir do terceiro ano, para além de descobrir os critérios de organização de dicionários, deve ser treinada a sua consulta, como também em enciclopédias infantis, prontuários e outros.

“Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, fotocópias de páginas de enciclopédias, textos); organizar um índice da documentação; construir materiais de informação, consulta e estudo, lista de palavras, dicionários ilustrados, prontuários ortográficos para recolha de regularidades e de exceções da língua descobertas no trabalho de aperfeiçoamento do texto; treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários... (a partir do 3º ano)” (Organização Curricular e programas: 147-156).

1.2.e. Bloco 3- Funcionamento da Língua- Análise e Reflexão.

O item Funcionamento, Análise e Reflexão da Língua deve ser compreendido, segundo os Programas, como instrumento de descoberta e desenvolvimento da aprendizagem do uso da linguagem oral e escrita, reflexão sobre seus usos.

Os alunos devem explorar de diferentes maneiras as formas e possibilidades de dizerem a mesma coisa e através de suas tentativas e erros deverão ir descobrindo as regularidades e irregularidades da Língua. Aqui não parece ser necessário que os alunos memorizem as nomenclaturas, mas que já tenham um conhecimento sobre as mesmas.

- Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da língua a partir de situações de uso

Exige-se, de certa forma, que o aluno conheça a estrutura mínima de funcionamento da Língua. O aluno deve ser capaz de distinguir diferentes tipos de textos, saber o que é uma frase afirmativa ou negativa, saber utilizar os sinais de pontuação, os adjectivos, os verbos, decompor palavras em sílabas, aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso, entre outros conhecimentos necessários para o uso adequado da língua. No quarto ano os verbos devem ser aplicados de forma correcta. A onomatopéia aparece como forma de representação de um som, devendo o aluno compará-la com o som que ela sugere e também ser capaz de criá-la.

“Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, teatro, texto oral); verificar a mobilidade de alguns elementos da frase; estabelecer relações de significados entre as palavras; organizar famílias de palavras; identificar adjectivos; identificar verbos; identificar diferentes sons da Língua (vogais e consoantes); decompor palavras em sílabas; exercitar o uso de sinais gráficos de acentuação; aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso” (Organização Curricular e programas: 147-156).

2. Conversa.

Inicialmente, a estrutura dos documentos brasileiros e portugueses é completamente diferente. O PCN traz uma discussão sobre a educação e seus avanços nas últimas três décadas, enquanto que, na Organização Curricular e Programas não há uma discussão e sim uma apresentação em forma de tópicos sobre os saberes a serem adquiridos.

Há nos dois programas, porém, uma clareza sobre os objetivos do ensino da Língua Portuguesa. Os alunos devem, ao terminarem o primeiro ciclo, serem capazes de falar, escutar, ler, escrever e saberem se expressar, tendo a linguagem verbal um importante papel para essa aquisição.

Embora apresentem muitos conceitos e discussões, os PCN acabam por não aprofundar muito suas idéias, o que pode levar os professores a muitos equívocos. A forma como o PCN apresenta o conceito de leitores competentes deixa claro que, para além da diversidade textual, o aluno deve saber dar significado ao texto, não sendo a leitura apenas um mecanismo de descodificação das palavras. Na Organização Curricular e Programas não há uma citação sobre o leitor competente, são apresentadas habilidades que o aluno deve possuir para se tornar leitor, porém não se orientam actividades para que esta formação ocorra.

Ultrapassando a noção de leitura baseada em práticas mecânicas de descodificação do código linguístico, muitas pesquisas têm criticado a forma como a leitura ainda tem sido adquirida via escola, que teria por base, segundo Maria Helena Martins, a “pedagogia do sacrifício”, ou do “[...] aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade” (MARTINS 1989,:23).

Sobre o texto literário, ele aparece citado nos dois programas, mas não é apresentado como obra literária. De certa forma ainda está vinculado com práticas pedagógicas, como meio do aluno alcançar determinadas habilidades. Usa-se o texto literário para que o aluno saiba ler, melhorar a escrita, adquirir conhecimento sobre a estrutura do texto, e pouco ou nada é falado sobre o papel da Literatura Infantil como obra de arte, como meio de resolver conflitos, suscitar emoções.

“[...] Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e autonomia de pensamento” (CADEMARTORI 1994: 23).

Tanto no trabalho com a Linguagem oral, como com a linguagem escrita, os textos literários aparecem presentes, mas seu trabalho limita-se à busca e exercitação de uma competência linguística.

Na Organização Curricular e Programas há um tópico específico sobre o resgate da literatura oral, mas o seu trabalho é voltado à recolha e reconto do mesmo, não sendo discutida, porém, a importância dessa literatura para o resgate da cultura e novos saberes.

A Literatura, nesses dois programas, não é, na verdade, tratada como Literatura. Não há uma concepção de texto literário e a sua importância para a formação de um leitor competente.

Não estando a Literatura presente de maneira eficaz em programas nacionais que servem para nortear o trabalho dos professores, não é de se estranhar que as práticas de leitura e a formação desses alunos como leitores competentes tenham alcançado um baixo nível, como têm provado pesquisas internacionais (PISA) em que esses países têm participado. Por exemplo, em 2003, o Brasil ficou colocado em 37º lugar e Portugal em 25º num conjunto de 40 países participantes, deixando evidente que, de facto, estes não estão formando leitores capazes de reflectirem sobre conhecimentos do mundo e interagir com ele.

**CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE O ENSINO
DA LÍNGUA-ENTREVISTAS**

Neste capítulo evidenciaremos as concepções que os professores apresentaram sobre o estudo de Língua Portuguesa, o que consideram essenciais para o mesmo, suas dificuldades, suas relações com o manual escolar, assim como com o seu trabalho e olhares sobre o uso do texto literário em sala de aula.

Segundo FORMOSINHO (1998), as entrevistas estão englobadas na pesquisa qualitativa como sendo uma estratégia fundamental para esta investigação. Através delas podemos obter informações que não seriam possíveis apenas com a observação das práticas nem tão pouco com a análise dos materiais presentes em sala de aula.

Utilizando uma entrevista estruturada, com questões que consideramos relevantes, verificámos as opiniões dos professores, sujeitos da pesquisa, sobre o ensino de Língua Materna e o lugar que atribuem à Literatura Infantil no ensino da mesma.

Sobre a formação dos professores, AZEVEDO (1999) alerta que muitos não sabem distinguir livros didáticos, veículos de ciência, de livros de literatura, veículos da arte de linguagem poética.

O acto de leitura de um texto de literatura deve ser um acto de enriquecimento, um acto de aprendizagem, uma experiência. Para que isso aconteça, parece-nos necessário que seja explorada a natureza pluri-significativa do texto literário, levando o aluno a questioná-lo e a relacionar-se efectiva e afectivamente com ele, desenvolvendo-se não apenas como leitor mas também enquanto pessoa.

O encontro do professor com a leitura literária e a sua prática leitora vão ser de importância fundamental para a disseminação e formação leitora de seus alunos. Ana Maria Machado (2001) destaca que a falta de preparação e de uma formação literária dos actuais professores não estimulam que os mesmos se lancem sobre o caminho da leitura. A autora alerta que Programas de fomento à leitura não vingarão com professores que “Não lêem, não vivem com os livros uma relação boa, útil, importante. Sem isso, não dão exemplo e não conseguem verdadeiramente passar uma paixão pelos livros e sem paixão ninguém lê de verdade” (MACHADO, 2001: 118).

O professor, segundo ROJO (2005:1), “não perde automaticamente a autonomia pela mera presença do livro didático em sala de aula, mas se a perde,

perde porque não se coloca em diálogo com o livro, subordinando-o a seus projectos de ensino”.

Mesmo com todas as críticas, o livro didáctico ainda é o material mais usado na escola, seguido por um outro utilizado com menor frequência, o livro paradidáctico. Estes geralmente são livros que combinam textos informativos com textos de ficção. Os aspectos ficcionais se limitam a inserir personagens num contexto, para então passar informações. Na realidade, este tipo de texto presta um papel pedagogizante, pragmático, que tenta converter a narrativa artística em um artefacto de utilidade imediata. O paradidáctico, muitas vezes, anula a experiência estética, trocando-a por outro tipo de interlocução escrita, que afasta as crianças da literatura.

O carácter estético, no entanto, será encontrado nos livros de Literatura Infantil que proporcionam ao pequeno leitor oportunidade de vivenciar a história e as emoções, colocando em acção a capacidade de imaginação das crianças e permitindo-lhes uma visão mais crítica do mundo. Neste sentido, ISER (1996) afirma que a narrativa ficcional é detentora de um jogo de significações que exercita o imaginário a participar de possibilidades da composição de outros mundos. É, portanto, a leitura da obra de ficção (Literatura Infantil) que desencadeará na criança/leitora uma postura reflexiva e crítica em relação à realidade. Nesta perspectiva, é importante que o professor reconheça a importância dos textos da Literatura Infantil enquanto meio de iniciação ao mundo da cultura literária e a outros tipos de valores culturais (FILLOLA, 1999: 12) e que suas práticas estejam voltadas para uma valorização do conhecimento da natureza dos seus destinatários primordiais. É fundamental uma visão diferenciada das que muitos professores do Ensino Básico manifestam em repetirem os exercícios de receituário publicados pelos manuais, buscando normalizar, como, todas as leituras possíveis do texto literário e impedindo os seus alunos de descobrirem uma escrita e uma leitura criativas. Mas, para que esse trabalho se torne possível, é preciso a transformação da prática docente e uma revisão teórica do conceito de língua empregado na escola, o qual valoriza apenas a assimilação de mecanismos codificados de reconhecimento e reprodução. Há uma valorização do estudo da gramática e da ortografia como conteúdos a serem aprendidos, porém a forma como é feita, muitas vezes utilizando-se do texto literário para este

efeito, em nada contribui para uma aprendizagem efectiva, pois o estudo da gramática é feito através de frases descontextualizadas do estudo do texto, como se fossem e pudessem ser vistas separadamente. Quando o texto é utilizado para o estudo da gramática, este fica restrito à busca de orações, predicados ou de substantivos, não sendo trabalhado o sentido e a função das palavras para a compreensão do texto.

“Não se propicia uma abordagem crítica do texto por meio da integração entre forma e conteúdo, em que a gramática seja vista como um instrumento para auxiliar numa compreensão mais profunda do texto, desvelando sentidos anteriormente ignorados e ratificando outros inicialmente intuídos” (SILVA et al, CHIAPPINI 2002: 55).

Sobre os livros que se encontram presentes nas escolas, Ricardo Azevedo (1999) divide-os em três tipos: os manuais didácticos (que costumam ser, muitas vezes, os únicos materiais disponíveis nas escolas brasileiras, transformando-se em principal referência para o professor), os livros paradidácticos (cuja pretensão é “distrair educando”, lançando mão da ficção de carácter utilitário), e os livros literários. Este último tipo de livro tem circulação restrita na escola e quando entra no espaço escolar recebe tratamento semelhante ao de um texto de manual didáctico. Tais equívocos podem ser provocados pelo desconhecimento de professores ao lidar com o texto literário e ainda o desconhecimento do que caracteriza um texto verdadeiramente estético.

Ainda sobre a forma como o texto literário é inserido no contexto escolar e a aprendizagem do ensino da Língua, LINS (1977) assim se pronuncia:

“Pode ser, não discuto, que esses livros ensinem Português com eficiência. Mas os que neles estudam, fatalmente, a não ser por um milagre, passarão a considerar a literatura, esse importante produto do espírito humano, como algo desprezível e secundário. E se tal condição não for modificada, seremos, até o fim dos tempos, um povo avesso à leitura, continuando a ignorar, como ignora, os seus próprios escritores. Um povo surdo à sua própria alma” (LINS, 1977: 143-144).

Segundo SCHNEUWLY e DOLZ (2004), um texto, qualquer que seja o gênero ao qual pertença, tem função comunicativa e destina-se a circular em esferas sociais específicas. Ao entrar na escola, esse texto sofre um desdobramento: à sua função comunicativa é acrescida a função didáctica, torna-se objecto de aprendizagem, desloca-se de esfera de circulação: os diferentes gêneros discursivos-literário, publicitários, jornalísticos, instrucionais, etc, tornam-se gêneros escolares, com esvaziamento de sua função comunicativa.

Assim, SOUZA (2000) relata que a literatura e a escola acabam não se identificando, pois embora a escola se utilize frequentemente de textos ficcionais, ainda o faz apenas com intuito pedagógico. Cabe ao professor mudar essa visão, sendo possível através da valorização da obra literária e também da formação crítica dos alunos/leitores.

ZILBERMAN (1985) também se pronuncia sobre a necessidade de um trabalho diferenciado sobre o uso do texto literário, em que este não deve ser igualmente um redutor, transformando o sentido do texto num número limitado de observações tidas como correctas (procedimento que encontra seu limiar nas fichas de leitura, cujas respostas devem ser uniformizadas para que possam passar pelo crivo do certo e do errado).

Muitas vezes o problema não está só no trabalho feito com o texto literário inserido no livro didáctico, mas também na forma como é apresentado.

“A fragmentação e a descontextualização presentes no livro didático trazem prejuízos para o trabalho com texto. Se não se apresenta ao educando, na maioria das vezes, textos com unidade (começo, meio e fim), e as devidas articulações de coesão e coerência, como ele poderá fazer uso desse aparato de modo competente? E, com esse sentimento de incompetência, o aluno se vê mais desmotivado a se aprimorar nos caminhos da leitura e da linguagem” (SILVA et al, CHIAPPINI 2002:72).

Todos esses equívocos metodológicos presentes nas salas de aula representam uma distorcida concepção de literatura por parte dos livros didácticos e dos professores, que muitas vezes por não serem leitores críticos e reflexivos têm medo de propor esse tipo de trabalho em sala de aula.

É preciso repensar o papel que assume a Literatura, como textos didactizados, em sala de aula, para as consequências futuras para os educandos, que, na maioria das vezes, encontram dificuldades em se expressar dentro e fora dos muros escolares.

Os autores acima retratam a forma como a Literatura Infantil está sendo trabalhada em salas de aula brasileiras e portuguesas quando os professores se utilizam dos textos literários presentes nos livros didáticos para formar os pequenos leitores.

1. Escola Particular Brasil (EPaB).

Três professoras foram entrevistadas na escola particular brasileira. Elas tinham, na época, 40, 41 e 55 anos de idade. O tempo de serviço de cada uma varia entre 12 e 25 anos. Frise-se que essas professoras trabalham na referida escola desde o início das actividades da instituição. Todas haviam concluído ao menos um curso de licenciatura, sendo que uma delas tinha feito os cursos de Letras, História e Pedagogia; outra havia cursado Letras, Ciências e Estudos Sociais; e, finalmente, a terceira, fez o curso de Pedagogia, além da habilitação em Magistério, no nível secundário. Duas das professoras haviam feito cursos de especialização. Tais informações mostram a experiência das professoras em questão, tanto no que diz respeito à idade como em relação à suposta preparação em termos académicos.

1.1. Concepções.

1.1.a. Língua Portuguesa.

Ao serem questionadas sobre os conteúdos de Língua Portuguesa que consideram mais importantes, duas das professoras responderam que todos são relevantes, embora uma (PPaB1) ressalte a leitura, justificando que esta é fundamental para que a criança entenda a escrita. A PPaB3/4 (docente ministra aulas tanto para a terceira quanto para as quartas séries), além da leitura,

considera a compreensão do texto e a gramática relevantes, pois ajudariam no exercício de compreensão. A mesma professora ressaltou ainda o papel da literatura, afirmando que esta ajuda a criança a gostar de estudar Português. A leitura, a produção de textos e sua organização, a gramática e a ortografia foram consideradas pela PPaB2 como conteúdos importantes. Sobre a questão da leitura, destaque-se uma citação da professora PPaB1:

“(...) eu acho que todos são relevantes e importantes. Mas o mais importante eu acho a leitura, porque através da leitura a criança consegue entender, escrever, a criança que lê compreende melhor e eu acho que um dos conteúdos seria a leitura, a leiturização em todos os sentidos”.

Quanto aos conteúdos mais fáceis para serem trabalhados, duas delas concordam que isso depende da clientela, pois cada criança tem suas dificuldades e formação própria. O acesso a materiais de leitura em casa, por exemplo, pode tornar tudo mais fácil, segundo elas. No primeiro ano de escolarização, o trabalho com as palavras, frases e textos pequenos, segundo a professora PPaB1, é o que apresenta melhores resultados. Na segunda série, a professora PPaB2 assume gostar de trabalhar a produção de texto e o imaginário, questionando as crianças e ajudando-as a “organizar suas ideias”. PPaB 3/4 considera a Literatura o conteúdo mais fácil, pois permitiria à criança “vivenciar e viajar” através do texto e utiliza-a para trabalhar outras disciplinas:

“Acho que a Literatura porque a criança lê e vivencia, ela viaja através do texto. Então a criança adora fazer um teatro, a criança adora representar, então eu acho mais gostoso, e eu posso aproveitar daí pra puxar as outras matérias, outros assuntos”(entrevista PPaB3/4).

Todas as professoras, de certa forma, concordam ser complicado trabalhar com a gramática, nomenclatura, ortografia, entre outros conteúdos que são exigidos nas séries iniciais.

Para as aulas de Língua Portuguesa, fora a apostila da escola, as professoras servem-se de outros textos, de livros didáticos e paradidáticos, jornais, revistas, textos da internet e livros de histórias, para enriquecer as aulas.

1.1.b. Literatura Infantil.

Todas as professoras afirmam trabalhar com a Literatura Infantil. A professora PPaB1 diz que a trabalha em todos os contextos, destacando seu uso para resolver problemas de comportamento dos alunos. Para essa professora, a Literatura integra as crianças, ajuda no desenvolvimento infantil e enquanto pessoa, e afirma que os alunos sentem prazer com este tipo de trabalho e confirma a sua ideia de que a Literatura pode ajudar na aprendizagem da criança já que faz com que ela aprenda a ler.

O trabalho realizado pela PPaB2 é guiado pela adoção de alguns livros em que, em determinados momentos, todas as crianças realizam a leitura do mesmo livro, em outros a criança tem a possibilidade de escolher o livro que mais lhe agrada e levar para casa, em alguns momentos só é mesmo trabalhado com o intuito de leitura. Outra forma de trabalhar com a Literatura é através dos textos que aparecem na apostila. A professora aposta no uso do texto literário para a aprendizagem da criança, afirmando que se for utilizado para entrar em todos os conteúdos, consegue despertar interesse.

A PPaB3/4 diz trabalhar com a leitura da seguinte forma: os alunos trabalham com a leitura diferenciada, onde escolhem o modo de ler (realizado em grupos), e depois apresenta aos demais o texto lido. Para esta professora, o trabalho com a Literatura está no ápice da aprendizagem, sendo que com ela a criança pode viajar, ter prazer e despertar para o ler. Assim, compreende melhor o texto e a gramática, sendo importante que leia e que essa leitura seja realizada com prazer.

“(...) Então a gente trabalha em todos os contextos, por exemplo a “Maria vai com as outras” quando uma criança começa muito a fazer o que a outra pede, então a gente procura trazer essa literatura resolver as coisas que acontecem dentro da sala de aula, trabalhamos também ambientes diversificados como na quadra, biblioteca, pátio, mesmo na sala de aula, formando grupos, em vários ambientes e em vários contextos” (entrevista PPaB1).

“(...) Porque eles amam as histórias, então tudo que você, todo conteúdo que você dá se você entrar pra eles com uma Literatura com uma parte de leitura mesmo, de Literatura Infantil, pra eles a

coisa muda, muda a situação..... ai você percebe que a criança interessa, ela quer ler, ela acha interessante o que ela lê, mesmo as vezes que seja num nível um pouquinho elevado pra ela chama atenção. Então quando você insere a Literatura Infantil em qualquer conteúdo toma um gosto diferente pra criança” (entrevista PPaB2).

“(...) Acontece em sala de aula, a leitura é feita em sala de aula, com leitura diferenciada, elas escolhem o modo de ler, cada grupo, divido em grupo, cada grupo, por exemplo, divido em capítulos, eles escolhem o jeito de apresentar aquele capítulo, então é trabalhado tudo em sala de aula” (entrevista PPaB3/4).

“(...) eu acho que a Literatura está no ápice da aprendizagem, depois vem os outros, então temos que despertar a criança pra ler, porque aquela criança que lê ela vai entender uma compreensão de texto, ela vai aplicar depois na gramática, então o importante é ela ler, entender e gostar de ler e ter o prazer” (entrevista PPaB3/4).

1.1.c. Livro didático.

Esta escola possui um sistema de apostilas como material didático, que é dividido por módulos, que contemplam os conteúdos programáticos para cada ano de escolaridade.

Cada aluno recebe a apostila, que contem todas as disciplinas, assim como um cd-rom onde pode rever os conteúdos trabalhados em sala de aula e fazer suas pesquisas.

Os professores recebem também as apostilas com algumas considerações sobre como abordar determinados assuntos e as respostas das actividades.

Embora tenham que seguir de forma rígida o material da escola, todas as professoras dizem utilizar outros livros em regime de pesquisa, como a colecção “Dia a dia do professor” (PPaB2), ou textos para trabalhar a compreensão, (retirados de livros de que nem sempre são lembrados os nomes) e que sejam da vivência dos alunos.

Fica, de maneira implícita, um descontentamento com a forma como os manuais trabalham com o texto literário.

A PPaB1 diz que, a maior parte das vezes, o texto já vem fragmentado e que pela falta de tempo não consegue sempre trazer o texto integral, o que impede que a criança se interrogue e busque as informações nas entrelinhas. Procura amenizar esta falha com um trabalho amplo com o dicionário e o enriquecimento do texto através das questões orais.

“(...) o texto já vem fragmentado no livro, ele não vem integral e se você for pegar o texto integral muitas vezes você tem um tempo que tem que estar disponível a mais e você não tem esse tempo na escola particular... então você acaba mesmo trabalhando essa fragmentação do texto e tem umas perguntas óbvias então não tem como a criança pensar será o que este texto a mais está me falando? Ele não consegue ver nas entrelinhas, não consegue saber o significado daquilo. Então assim muito redondinho, então se a gente não fizer um trabalho amplo de dicionário, de enriquecimento deste texto, assim oralmente mesmo, fica uma coisa fechadinha”(entrevista PPaB1).

Para a PPaB2, a apostila, algumas vezes, consegue explorar de forma eficaz um trabalho com os personagens do texto (o que faz, suas características), assim como leva os alunos à compreensão da leitura (o que está dentro do texto, seu objectivo, onde o autor quer chegar), mas nem sempre.

“(...) na segunda série nós temos que trabalhar a parte da criança começar a entender quem é o personagem de um texto, o que aquele personagem faz, características daquele personagem, você vai ensinar, quer dizer, desenvolver na criança, não seria ensinar, desenvolver na criança o processo de compreensão da leitura, de interpretação da leitura, então, você trabalha muito com o que está ali dentro do texto, mas você tem que trabalhar também as entrelinhas do texto né, e qual o objectivo daquele texto, aonde o autor quer chegar, o que ele quer mostrar com aquilo. Às vezes no meu material da segunda série falta um pouco isso daí, as vezes vem, as vezes falta” (entrevista PPaB1).

Por não concordar com a forma de trabalho da apostila, a PPaB3/4 faz um trabalho diferenciado em que os alunos é que elaboram perguntas sobre o texto (enriquecidas pelo professor) e depois recorrem a histórias em quadrinhos (banda

desenhada), ilustração da parte que mais gostou, entre outras actividades, para demonstrarem sua compreensão.

“Nós nunca seguimos, o manual, no caso a apostila, nós fazemos um trabalho, montamos um trabalho fora disso, não é aquele trabalho de perguntas e respostas que o manual fala , tem sim as perguntas que as crianças querem fazer, então a gente faz um levantamento das perguntas feitas pelas crianças, o professor enriquece também com outras perguntas, então nós fazemos por exemplo histórias em quadrinhos, nós fazemos a parte de ilustração da parte que ele mais gostou, montamos livrinhos com histórias diferentes seguindo a orientação ou o texto e várias outras actividades, a ser montado pelo professor e pela criança” (entrevista PPaB3/4).

2. Escola Pública Brasil (EPuB).

A idade média das quatro professoras desta escola que foram sujeitos da pesquisa é de 42 anos, sendo que a mais nova tem 34 anos e a mais velha 53.

Quanto à formação, é relevante apontar o facto de todas as professoras terem o curso de magistério (3) e /ou Pedagogia (2), assim como terem concluído pelo menos duas faculdades (3) e/ou cursos de Pós Graduação (2) na sua maioria ligados à Educação, fugindo à regra o facto de duas delas terem cursado Direito.

O tempo de serviço dessas professoras, assim como suas trajetórias na carreira docente são um pouco diversificados. A PpuB1 tem apenas 4 anos de serviço e as outras completaram ou estão perto de completar 20 anos de serviço na área. No entanto, a PpuB3 afastou-se por algum tempo e tenha só voltado a dar aulas há 5 anos (esperou os filhos crescerem um pouco para voltar a trabalhar) e a PpuB4 diz ter dado aulas por muitos anos no ensino Privado (já deu entrada ao pedido de aposentadoria).

Estas professoras estão constantemente envolvidas em ações de formação promovidas pelo “governo”, sendo os cursos mais citados a “Teia do saber” (3) e o curso “Letra e Vida” (3).

2.1. Concepções.

2.1.a. Língua Portuguesa.

A Literatura Infantil, interpretação, produção e correção de textos, a gramática e a ortografia, foram considerados os conteúdos de Língua Portuguesa mais importantes por estas docentes.

Para a PPUb1, a leitura e a escrita não são difíceis de trabalhar quando há uma continuação do trabalho feito pelo professor em casa.

A produção de textos (PPuB2), a Literatura (PPuB3), por chamar a atenção das crianças, e a leitura (PPuB4), são considerados conteúdos fáceis de serem trabalhados.

Como conteúdos mais difíceis, as professoras apontam a concordância (PPuB1/PPuB4), pois, segundo estas professoras, por mais que se faça um trabalho em sala de aula, em casa os alunos deparam-se com um linguajar pobre, o que acarreta consequências tanto na oralidade quanto na escrita.

“(...) então eles falam muito: “os menino, as menina, nós vai nós foi, nós vortemo” e por mais que todo dia seja falado, eu acredito que em casa não seja reforçado, na sala eles ate falam direito, mas no outro dia estão falando de novo sem essa concordância e consequentemente escrevem sem essa concordância, os que escrevem” (entrevista PPUb1).

A gramática é apontada (PPuB3) como difícil já que, nas palavras da docente, nossa língua é muito complicada, principalmente na hora de explicar regras, e a interpretação (PPuB2) pode se tornar difícil se as ideias não forem apresentadas de forma explícita.

“(...) eu acho interpretação, dependendo do texto é mais difícil pra eles né, principalmente se for um texto que contem idéias, como eu digo... que estão nas entrelinhas, eu acho complicado pra eles. Se for um texto simples tudo bem, mas conforme o texto eles tem dificuldades” (entrevista PPUb2).

“ é difícil de entender e também explicar, porque a nossa língua também é um pouquinho complicada, na hora de explicar regras,

então eles tem um pouquinho de dificuldade na gramática” (entrevista PPUb3).

2.1.b. Literatura Infantil.

O trabalho com Literatura é realizado por todos os docentes entrevistados.

A PPUb1 diz que a Literatura é trabalhada com leitura e outras actividades. Exemplificou com o trabalho que está sendo realizado no momento, em que após a leitura de vários clássicos infantis as crianças escolheram a história dos “Três Porquinhos” para montar o seu livro de histórias onde já se encontram outras histórias presentes. Este livro será depois doado para a biblioteca da escola. Outra forma de trabalho é através da encenação e contagem de histórias (o contar e recontar) e a sala de leitura é onde o trabalho é completado. Para esta professora, a Literatura pode ajudar a criança a aprender melhor, por fazer parte do mundo delas, por chamar a atenção personagens como a vovozinha, lobo mau, três porquinhos, a barriga aberta, a morte dos maus e final feliz.

“São trabalhadas com leitura, com actividades, depois nós montamos recentemente um livro com a história “Os três porquinhos” e depois de lermos muitos clássicos infantis e discutido, foi essa história que eles mais gostaram. Então nós fizemos na sala uma história colectiva, digamos assim, apareceu a “Cinderela”, apareceram “Os três porquinhos”, apareceram “João e Maria”, apareceu o “Pinóquio”, e eles fizeram a história. O livro não está pronto ainda, mas depois da sua ilustração vamos doá-lo para a escola. Esta é uma das formas de trabalho. A outra é efectuar a encenação. Eu acho que é mais fácil a contagem de histórias, o contar e recontar, mas escrita, pra montar eles recontam e colam a sequência do desenho que eles gostam muito, acho que é isso. E complementamos o trabalho na sala de leitura” (entrevista PPUb1).

Como tinha que desenvolver um projecto de Literatura para o curso que estava fazendo, a PPUb2 trabalhou com livros de Literatura Infantil e diz ter o hábito de ler para as crianças. A docente trabalha com a interpretação de algumas histórias e permite também que as crianças levem livros para casa e depois dá abertura para contarem o que acharam. Diz que as crianças demonstram muito gosto pela Literatura, que pode ser uma aliada na aprendizagem, que é algo que lhes chama

a atenção e salienta que quando lê um livro depois as crianças só querem ler aquele título na biblioteca.

“(...) tenho só o hábito de ler mesmo e trabalho também a interpretação de algumas; eles levam para casa para leitura, comentam em sala de aula o livro que leram, se gostaram, porque gostaram; eu dou essa abertura para eles, eu acho que é isso” (entrevista PPUb2).

“(...) a gente percebe que eles demonstram muito gosto pela Literatura Infantil, eles se interessam, é uma coisa que chama a atenção deles, principalmente estes dias que trabalhei com poesia, depois eles só queriam pegar livros de poesia. Você lê um livro de Literatura Infantil para eles em sala de aula, aí eles querem pegar só aquele livro, eles se interessam mesmo, eu já percebi que eles gostam” (entrevista PPUb2).

A PPUb3 diz que trabalha com a Literatura em tudo. Ela lê, depois os alunos fazem a reescrita e ela corrige. Diz incentivá-los à leitura, tenta despertar o gosto pela leitura não só com textos literários mas também com outros textos e dentro da Literatura acaba fazendo também teatrinho e passando vídeos. Ainda, diz acreditar que através da Literatura até a alfabetização se torna mais fácil, pois eles se interessam e vão se esforçar para aprender a ler, não só a leitura da imagem, mas também a leitura do texto verbal.

“(...) olha, até na alfabetização é mais fácil, porque se você der alguma coisa que a criança se interessa, ela vai continuar a manter o interesse dela. Então, ela vai se esforçar pra aprender a ler, para não ficar só olhando figuras. Para alfabetizar a criança isso é ótimo, para melhorar a ortografia, a leitura. Porque a Literatura é um sonho e a gente de vez em quando precisa de um sonho na vida” (entrevista PPUb3).

O trabalho com a Literatura é realizado na sala de aula e na biblioteca pela PPUb4, sendo as actividades diversificadas, onde algumas vezes a professora lê, outras é trabalhado um texto de um aluno para a correcção, trabalham com o texto invertido para colocarem em ordem, entre outras actividades. Para ela, a Literatura ajuda muito na aprendizagem, pois a criança tem contacto com a língua, com a concordância, pontuação, com diferentes tipos de textos e sua

estrutura, entre outras coisas que fazem com que a Literatura seja considerada completa.

“Porque tem contacto com a língua, tem contacto com a concordância, contacto com a pontuação, tem contacto com o tipo de texto, a maneira como é escrito, ele vai tirar os erros ortográficos, ele vai ter conteúdo, vai ter idéias, vai ter tudo. O livro de Literatura Infantil é completo” (entrevista PPUb4).

2.1.c. Livro didáctico.

Por se tratar de uma escola Pública brasileira, os materiais habitualmente encontrados são os livros didácticos, embora duas professoras dizem não ter recebido este material de Língua Portuguesa (PPuB1 e PPUb4) e as outras duas dizerem que o utilizam pouco.

O processo de escolha do livro didáctico é feito normalmente em reuniões de HTPC onde os professores têm acesso aos livros das diversas editoras e em votação escolhem o que agrada à maioria. Segundo a PPUb2, os professores avaliam os textos, as actividades, figuras, letras e levam em consideração o PNLD.

Essa escolha muitas vezes não é pacífica e nem sempre o livro que foi escolhido é o que vem. Por outro lado, as professoras podem escolher o livro para a série em que estão actualmente e no próximo ano correrem o risco de leccionar em outra. Todas professoras entrevistadas participaram na escolha do livro didáctico, porém não do que têm actualmente em sala de aula mas o do próximo ano.

“(…) Nós analisamos os tipos de texto, o que dá mais certo para os nossos alunos pelo nível que eles se encontram e escolhemos por série. Cada série escolheu o seu livro didáctico que deve ser utilizado o ano que vem. Não vamos seguindo aquilo que vem escrito, não, nós vamos pela nossa prática” (entrevista PPUb2).

“(...) E normalmente entra naquela guerra: tem um livro que você acha melhor, que você vai poder aproveitar mais coisas, e os outros acham que não; então cada um pensa de um jeito mas no fim acaba prevalecendo a maioria. E às vezes você percebe que aqueles livros que serão adoptados não vão ser utilizados, e aí fica parado, que nem esse está parado aí. São quatro anos, quatro anos sem livro para trabalhar” (entrevista PPUb4).

Fora o livro didáctico, os professores utilizam em suas aulas de Língua Portuguesa uma infinidade de outros materiais, como cópias mimeografadas ou fotocopiadas de textos e actividades de outros livros, recortes, revistas, jornais, panfletos, livros de literatura e até mesmo outros livros didácticos, buscando textos que tenham interesse para a criança, não se preocupando com a seriação dos livros, mas sim com o conteúdo. O único material de que foi lembrado o nome é a colecção “Viver e aprender” utilizada pela PPUb2.

As Professoras nem sempre concordam com o trabalho realizado pelo livro didáctico em relação à Literatura. Dizem que os livros contêm muitas perguntas evasivas, nada inteligentes, que são muito óbvias e que é necessário o professor complementar, mesmo que oralmente. (PPUb1).

“(...) Em alguns casos que são perguntas muito idiotas. Por exemplo, “Os três porquinhos” aí descreve e depois pergunta: Qual o nome da história? Eu acho que tinha que ter umas perguntas não muito complexas, mas um pouco mais inteligentes. Tem alguns livros que trazem algumas perguntas inteligentes e outros coisas muito óbvias, mas para não passar em branco eu vou perguntando para eles em forma de oralidade mesmo, para estar explorando, nada mais” (entrevista PPUb1).

“(...) a gente tem que interagir com o texto, fazer perguntas a mais, porque normalmente o texto só faz perguntas relacionadas à escrita, umas perguntas que o aluno não tem que pensar muito. Aliás há textos didácticos que não querem dizer nada, é um texto ali nulo, parado, que não acrescenta, que não vai, não embute idéias, então é por isso que eu pego e escolho o livro didáctico, porque eu acho que às vezes um livro didáctico tem só um texto que é bom” (entrevista PPUb4).

A pesquisa é a solução que a PPUb2 e a PPUb3 encontraram para realizar um trabalho melhor com o texto literário, pois alguns não levam a criança a ter uma visão do que é a pluralidade de leituras que o texto apresenta.

“(...) por isso que eu dou uma pesquisada; não é qualquer livro; eu dou uma escolhida nos textos, porque acho que alguns não levam a criança a ter essa visão” (entrevista PPUb2).

“(...) por isso que eu procuro vários livros, sabe, porque sempre tem; se eu pegar só um livro, você de vez em quando vai olhando e tem aquelas perguntas que não levam o aluno a pensar, procurar, pesquisar, então por isso que eu procuro vários tipos de textos de livros. As questões às vezes eu faço, às vezes eu até mudo do livro, quando eu acho que alguma não é interessante” (entrevista PPUb3).

3. Escola Particular Portugal (EPaP).

Foram sujeitos da pesquisa quatro professoras desta escola, tendo as mesmas 29, 39, 45 e 60 anos de idade. Todas concluíram a Licenciatura como Professores do Ensino Básico e uma possui a variante em Matemática e Ciências Naturais. As professoras PPaP1 e a PPaP3 frequentaram as mesmas acções de formação, sendo essas realizadas em Matemática, Língua Portuguesa e Lançamento dos Programas EMRO. Já a professora PPaP2 realizou a formação mais recente em Novembro de 2006, sobre a Pedagogia de Jesus, destacando a sua participação nas III Jornada Psicológicas de Liderança em sala de aula e também uma formação no âmbito da informática. A professora PPaP4 diz não ter realizado formações que mereçam destaque e que no momento não se encontra matriculada em nenhuma. A docente que possui menos tempo de serviço é a PPaP4, com 7 anos, depois, com 18 anos, está a PPaP3, em seguida, com 25 anos de serviço, encontra-se a professora PPaP1, e, para concluir, a PPaP2 com 40 anos de serviço, estando há 15 anos a lecionar.

3.1. Concepções.

3.1.a. Língua Portuguesa.

A preocupação com a aprendizagem das regras ortográficas (PPaP1/PPaP3) e gramaticais em geral (PPaP3/PPaP4), das competências orais (PPaP2/PPaP3), assim como a leitura, produção e interpretação de textos (PPaP2/PPaP3/PPaP4) e a leitura expressiva, foram apontadas por essas docentes como os conteúdos mais importantes a serem trabalhados na disciplina de Língua Portuguesa, sendo que para a PPaP1, PPaP 3 e PPaP4, as regras ortográficas e a gramática aparecem como os conteúdos mais fáceis de serem trabalhados. Já a PPaP2 considera ser mais fácil trabalhar questões ligadas à leitura e à escrita. O que parece trazer maiores dificuldades e preocupações às docentes PPaP1, PPaP3 e PPaP4, é o trabalho com a compreensão e interpretação do texto e a oralidade (PPaP2), já que, segundo essa professora, os meios de comunicação transmitem um vocabulário muito pobre.

“Na compreensão de textos, porque as crianças dificilmente se concentram, o que torna mais complicado a sua exploração”(entrevista PPaP1).

“Na prática da oralidade, porque a sociedade (meios de comunicação) transmite um vocabulário muito pobre para que em Língua Portuguesa a criança adquira uma linguagem rica” (entrevista PPaP2).

“Interpretação, porque exige da criança maior concentração e também trabalho dela e nosso” (entrevista PPaP3).

“Na interpretação de textos mais elaborados e mais longos, pois as crianças têm dificuldade em se concentrar e elaborar respostas completas” (entrevista PPaP4).

3.1.b. Literatura Infantil.

A Literatura Infantil, segundo essas professoras, está presente nas salas de aulas e o seu trabalho é realizado das seguintes maneiras: Na sala de primeira série, a professora PPaP1 conta aos alunos histórias e eles a reproduzem através de desenho ou dramatizações. Para esta docente, a Literatura pode ajudar na aprendizagem, por se tratar de um texto que lhes chama a atenção e está de acordo com o seu universo infantil. A professora PPaP2 diz realizar um trabalho em todos os contextos, pois para ela não pode haver limites. Tudo é importante quando se trata de Literatura Infantil. A mesma afirma que a aprendizagem se torna mais fácil, já que o texto pode ser lido e relido até o aluno conseguir reter as informações. A professora PPaP3 diz contar histórias para os seus alunos, que através da escrita, oralidade, desenhos ou dramatizações fazem o seu relato. Para ela, a Literatura vai de encontro aos interesses das crianças, ao seu “mundo imaginário” e “fantástico”, cativa os alunos e faz com que entendam melhor o conto ou histórias. O trabalho realizado pela professora PPaP4 fica limitado ao manual didático, pois, segundo ela, o tempo é muito limitado. Todavia, afirma que eles gostam muito de ler histórias, que captam a atenção das crianças e ajuda-os a adquirir o gosto pela leitura.

“Porque são histórias que captam a sua atenção e interesse, e vão de encontro ao seu mundo infantil” (entrevista PPaP1).

“Porque o texto pode ler-se e reler-se, o que permite que o aluno consiga reter com abundância as informações dos textos” (entrevista PPaP2).

“(…) porque vai de encontro aos interesses da criança e ao seu mundo do imaginário e do fantástico, cativando assim a sua atenção. Vai compreendendo melhor o conto ou história, porque este lhe diz algo e a cativa de modo especial” (entrevista PPaP3).

“Os alunos gostam de ler as histórias e vivem-nas intensamente. Este aspecto capta a sua atenção ajudando-os a adquirir o gosto pela leitura” (entrevista PPaP4).

3.1.c. Livro didáctico.

O material utilizado como suporte para o trabalho com a Língua Portuguesa nesta escola é o manual didáctico. Este manual é escolhido por todas as docentes da escola, em um denominado Conselho Escolar, uma reunião em que a votação é realizada de forma secreta. Os livros escolhidos nesta reunião são utilizados nos próximos quatro anos de escolaridade. As professoras escolhem, entre os projectos apresentados pelas editoras, uma colecção que se possa trabalhar durante os quatro anos do primeiro ciclo. O manual que foi escolhido, “Colecção Bambi”, trabalha com os três anos de escolaridade do Primeiro ciclo e é utilizado no quarto ano o manual “Caminhos”. Os materiais utilizados nas aulas de Língua Portuguesa, fora o manual escolar que é seguido de forma rígida pelas docentes, são livros de Literatura Infantil (PPaP1/PPaP2 e PPaP3), cartazes (PPaP1), fotocópias de textos trazidos pela professora ou através de pesquisas que os alunos fazem (PPaP3 e PPaP4) e um livro que foi adoptado para treinar os alunos para a prova de aferição.

No que se refere ao manual didáctico, a professora PPaP1 diz que o manual adoptado não possui textos literários e que os textos presentes têm a finalidade de ensinar uma letra. Já a professora PPaP2 diz que os manuais estão muito bem elaborados, o que permite aos alunos uma boa percepção sobre o trabalho com o texto literário. O manual do terceiro ano de escolaridade, segundo a PPaP3, nem sempre apresenta questões elaboradas, pois muitas vezes o trabalho é feito de forma “incompleta” e “pobremente”. Concluindo, a visão que as professoras possuem sobre o manual didáctico que escolheram e trabalham: a PPaP4 afirma que, de forma geral, o trabalho realizado é bem simples, não exigindo dos alunos quase que nenhum tipo de raciocínio, o que, segundo ela, tem por consequência uma preguiça mental dos alunos.

“De um modo geral, a interpretação dos textos que se encontram no manual adoptado é bastante simples, não exige demasiado do aluno, o que leva a uma certa “preguiça mental”” (entrevista PPaP4).

4. Escola Pública Portugal (EPuP).

Nesta escola tivemos cinco professoras como sujeitos da pesquisa, uma vez que na segunda série do ensino básico além da professora titular da turma, encontra-se a professora que lhes deu aulas o ano passado e que este ano está destacada e desenvolve alguns projectos nesta turma. A idade das professoras quando feita a entrevista era de 52 anos, 36 anos, 51 anos, 48 anos e 28 anos. Todas as professoras desta escola possuem curso superior, realizando suas formações em: Licenciatura em Área da Expressão (PPuP1), Bacharelado como Professor do Primeiro Ciclo (PPuP2a , PPuP2b, PPuP4) e Magistério Primário e Teologia (PPuP3). No que concerne às ações de formação, com excepção da professora PPuP2a, que está cursando uma sobre o MUDELI (informática), as outras ou não estão cursando ou não costumam frequentar, por preferirem investir em outros cursos na Universidade. Estas professoras são bastante heterogéneas com relação ao tempo de serviço, tendo as professoras PPuP2b e PPuP3 32 anos de serviço, em seguida a PPuP1 com 31 anos, depois a PPuP2a com 12 e a PPuP4 com apenas 3 anos.

4.1. Concepções.

4.1.a. Língua Portuguesa.

Embora afirmem que todos os conteúdos de Língua Portuguesa são importantes, as professoras acabaram por especificar os conteúdos que consideram ter maior relevância ou que preferem trabalhar, sendo, para elas, a leitura (PPuP1, PPuP2a e PPuP3) e a escrita uma forma de conseguir fazer com que os alunos compreendam e entendam os textos, além de adquirirem novos vocabulários. A Literatura Infantil (PPuP1) e as figuras de estilo (PPuP4) foram as outras respostas encontradas sobre os conteúdos importantes. Quando questionadas sobre os conteúdos de Língua Portuguesa em que têm maior facilidade em trabalhar, as professoras PPuP1 e PPuP3 afirmaram que nesta fase tudo está sendo difícil, já a PPuP2a diz que a leitura é muito mais fácil de ser

trabalhada e as professoras PPU2a e PPU4 atribuem ao trabalho com “paixão”, “amor” e “motivação” o sucesso para um bom trabalho com a Língua Portuguesa. Segundo elas, os alunos encontram muitas dificuldades na leitura e compreensão de textos (PPU1), assim como na sua produção, tanto por não conseguirem sequenciá-lo como por cometerem muitos erros ortográficos (PPU2a e PPU3). Há também dificuldades em trabalhar com a criatividade e a imaginação (PPU4) das crianças, talvez, segundo esta professora, por não terem acesso a livros. A professora PPU2b diz ter uma metodologia de trabalho própria, que por “vivenciarem as coisas” as crianças não encontram dificuldades em abordar nenhum conteúdo e conseguem bons desempenhos tanto na leitura como na escrita.

“Acho que são todos importantes. Eu não consigo diferenciar que um é mais importante que o outro, até porque são trabalhados de uma forma interdisciplinar. Enfim, acho que são trabalhados, no fundo, como uma mistura, e para mim uns fazem parte dos outros e eu acho que é isso que é importante, porque estar a compartimentar como se fosse matemática, não me parece” (Entrevista PPU2b).

“Olha, eu acho que tudo é importante, tanto o trabalho do texto como a gramática propriamente, mas neste momento, com essa turma, por exemplo, o que é mais importante mesmo é trabalhar o texto. É que eles consigam introduzir os textos, a leitura para entenderem os textos e para adquirirem vocabulário e depois a produção do texto que está um bocado fraca” (Entrevista PPU3).

4.1.b. Literatura Infantil.

Relativamente ao trabalho com Literatura Infantil, todas as professoras entrevistadas dizem utilizá-la nas suas aulas (PPU4). Umas (PPU1, PPU2b) com maior frequência que outras, que afirmam trabalhar de vez em quando (PPU3) ou apenas com contos tradicionais (PPU2a).

A professora PPU1 diz ter na “hora do conto” um dos momentos em que os alunos escutam histórias e depois fazem a reescrita, e que numa primeira fase diz gostar de trabalhar com determinados autores, como Sofia de Mello Brayner e também banda desenhada e só posteriormente trabalha produção de textos. Esta

professora acredita que o trabalho com a Literatura pode ajudar muito na aprendizagem da criança, pois associa um bom leitor a um bom escritor, afirmando que quem lê escreve melhor, tem mais ideias e um enriquecimento muito grande.

O trabalho realizado pelas professoras PPU2a e PPU2b é feito de forma democrática e interdisciplinar. Segundo elas, são dadas opções de leitura e feita uma votação, depois é contada a história, realiza-se a interpretação, seguida de uma dramatização e finaliza-se o trabalho com o reconto através da escrita, oralmente ou por imagem. Este trabalho acontece em todas as disciplinas, sendo raro o dia em que não se trabalha com Literatura. Segundo elas, o trabalho realizado desta forma, com o auxílio da Literatura, motiva os alunos, pois eles ficam felizes por conseguirem interpretar aquilo que lêem e julgam que através destes textos pode-se trabalhar vários conteúdos e ajudar os alunos a resolverem questões do seu dia-a-dia.

O texto literário é utilizado pela PPU3 em ocasiões especiais, como datas comemorativas, e como meio de incentivar o hábito de leitura. Segundo ela, falando a linguagem das crianças, torna-se mais fácil eles atingirem a mensagem, contribuindo para a sua aprendizagem.

Na programação das actividades escolares da PPU4, a Literatura aparece no terceiro período, momento em que a mesma traz de casa livros de autoras que gosta e empresta ao alunos. Estes levam os livros para casa e preparam uma apresentação com o resumo da história e ilustração para o resto da turma. A seu ver, a Literatura é um grande auxílio na aprendizagem por trabalhar com a imaginação, por transmitir valores, fazer com que a criança se identifique com determinado personagem e aprenda a ler e escrever melhor.

“(...) uma criança que lê muito, uma criança que se dedica muito à leitura, é uma criança que tem um desenvolvimento na escola superior aos outros, tanto ao nível de escrita como ao nível da pontuação. Eles têm ideias, têm um enriquecimento muito grande. Repare que uma criança que lê, quando lhe é pedido para elaborar um texto, vai buscar um pouco do que leu. Se leu aventura introduz aventura. A imaginação deles vai buscar aquilo que acha que fica bem ali”(Entrevista PPU1).

“(…) a Literatura Infantil fala mais a linguagem deles. Eles entendem mais facilmente. Não é como a linguagem Matemática, não é tão abstracta, é mais terra a terra, mais fácil de atingir a mensagem”(Entrevista PPU3).

“(…) Através da leitura eles conseguem ter outra imaginação. Conseguem adquirir certos valores sociais pois muitas vezes os próprios livros dão uma lição de moral. No fim há uma lição de moral, um conselho. Eles podem se identificar com alguma personagem que participe no texto. Podem dar uma continuidade ao texto, abrir asas para a imaginação. Podem, sem dúvida, aprender a escrever e a ler melhor”(Entrevista PPU4).

4.1.c. Livro didáctico.

O manual escolar encontra-se presente nesta escola, sendo um dos materiais utilizados nas aulas de Língua Portuguesa. A escolha é realizada em reunião docente, sendo votada primeiramente nas escolas e depois um representante de cada escola reúne-se com os demais e é votado o manual escolar daquele agrupamento. É importante ressaltar que apenas a professora PPU4 diz ter participado da escolha do manual escolar com o qual trabalha, mas que quando ocorreu este processo estava em outra escola. Em relação ao manual escolar, algumas professoras dizem não o utilizar muito ou utilizá-lo apenas de forma complementar (PPu2a, PPU2b, PPU3), encontrando em materiais como cartazes, carimbos, figuras ilustradas (PPu1), livros de gramática, fotocópias, outros livros e textos (PPu3 e PPU4), assim como histórias, contos tradicionais e infantis (PPu1, PPU2a, PPU2b) meios de enriquecer suas aulas. Uma prática comum a todas as professoras entrevistadas é a utilização de outros manuais escolares como forma de pesquisa para complementar aquilo que o manual adoptado não traz. Estas professoras acreditam que nem sempre os manuais escolares conseguem questionar o texto literário de forma que levem os alunos a perceber sua pluralidade de leituras, justificando sua preferência por determinados manuais (PPu3) ou mesmo por realizar este trabalho com a própria história e não com pedaços de Literatura que aparecem nos manuais (PPu2b)

“Eu não utilizo muito os manuais. Eu não gosto muito dos manuais. Acho que limitam muito. Utilizo livros, muitos livros. Utilizo muitos contos infantis e depois a partir dos contos infantis podemos fazer tudo. Utilizo histórias que eles próprios vão criando com as novidades que trazem e depois vão construindo os textos. Os manuais eu não gosto muito.” (Entrevista PPU2b).

“(…) e eu não gosto do livro. Acho que os textos são muito pobres. Eles gostam muito mais dos que eu trago. Estão sempre a perguntar: - trouxe alguma das suas fichas? Gostam muito mais dos meus textos do que os textos que o manual trás porque estes são muito pobres. Os textos que trago são tirados de livros e de manuais. Mas muitos dos textos que aparecem nos manuais também são retirados de livros, não é? Eu escolho e já tenho feito até um arquivo de ficheiros no computador” (Entrevista PPU2a).

5. Conversas.

Já especificámos anteriormente a metodologia utilizada para realizar as entrevistas, porém aqui fazemos uma pequena ressalva: na EPaP, por motivos “pessoais” (desconhecidos), os professores recusaram-se a fazer a entrevista oralmente. Assim, os professores responderam às questões através de um questionário impresso que continha as mesmas perguntas feitas aos outros sujeitos da pesquisa.

Para focarmos a análise nos pontos principais desta pesquisa (uso do texto literário, sua presença no livro didático e a prática docente sobre o ensino de Língua Portuguesa), apresentamos abaixo quadros comparativos com as questões que ajudaram a esclarecer as concepções dos docentes entrevistados (brasileiros e portugueses) sobre esses assuntos.

Dos conteúdos de Língua Portuguesa, quais considera mais importantes ?

Professores Brasil Particular	Professores Brasil Pública	Professores Portugal Particular	Professores Portugal Pública
<p>Todos são relevantes e importantes, mas o mais importante eu acho que é a leitura. Porque através da leitura a criança consegue entender e escrever melhor. A criança que lê compreende melhor. Acho que um dos conteúdos seria a leitura, a leiturização em todos os sentidos. (PPaB1)</p> <p>(...) além de estimular a criança na leitura e na produção de texto, você tem a parte da língua portuguesa, da gramática e ortografia. Mas o mais importante que eu vejo, é estimular a criança à leitura, a escrever, a produzir o texto, a deixar a imaginação dela fluir, colocar este texto no papel. (PPaB2)</p> <p>(...) compreensão do texto, depois a gramática, também é importante para entender um texto. É a Literatura que ajuda a criança a gostar de estudar o português...(PPaB3/4).</p>	<p>A leitura e a escrita. (PPuB1)</p> <p>Eu acho interpretação de texto e produção de texto. (PPuB2)</p> <p>A literatura, a gramática e a ortografia. (PPuB3)</p> <p>A Literatura, a Literatura Infantil, produção de texto e correção da produção de texto (PPuB4)</p>	<p>(...) a aprendizagem de regras ortográficas, dicção de certos fonemas e leitura e compreensão de pequenos textos. (PPaP1)</p> <p>A prática e o desenvolvimento da oralidade, retenção da informação oral e competências para saber comunicar. Gosto pela leitura e desenvolvimento escrita. (PPaP2)</p> <p>Leitura expressiva; Produção de textos (prosa, poesia...); interpretação de textos; ortografia; expressão oral e aplicação gramatical. (PPaP3)</p> <p>Conteúdos que abordam as regras gramaticais (toda a gramática em geral), assim como a leitura e interpretação de textos (PPaP4).</p>	<p>Tudo é importante na Língua Portuguesa, desde a Literatura Infantil ... Não vejo nada que não seja importante, principalmente a leitura. (PPuP1)</p> <p>A leitura e a escrita, (PPuP2a)</p> <p>Acho que são todos importantes. Eu não consigo diferenciar um como sendo mais importante que o outro. Até porque são trabalhados de uma forma interdisciplinar. (PPuP2b)</p> <p>Eu acho que tudo é importante, tanto o trabalho do texto como a gramática propriamente, mas neste momento, com esta turma, por exemplo, o que é mais importante é trabalhar o texto. É que eles consigam realizar a leitura para entenderem os textos e para adquirirem vocabulário e depois a produção do texto que está um bocadinho fraco. (PPuP3)</p> <p>Todos são importantes, mas há uns que eu normalmente trabalho mais. Gosto muito de trabalhar com as figuras de estilo. Além da pontuação, eu penso que os recursos estilísticos também são muito importantes. (PPuP4).</p>

Em suas respostas, pudemos perceber que algumas professoras consideram todos os conteúdos importantes, outras dão mais ênfase ao estudo da leitura, escrita, gramática e interpretação do texto, ou o trabalho de todos de forma interdisciplinar.

Chamamos a atenção para o facto de em algumas respostas a Literatura ser considerada um conteúdo, acreditando assim que através dela possa ser trabalhado algo, que ela ensine alguma coisa (normalmente essa ideia está vinculada ao texto como pretexto, ou ao ensino da Língua, ou para um trabalho mais “agradável” do estudo da gramática e ortografia).

Desses conteúdos quais considera mais fáceis para trabalhar?

Professores Brasil Particular	Professores Brasil Pública	Professores Portugal Particular	Professores Portugal Pública
<p>(...)Na turma que estou, o que acho mais fácil são a escrita de palavras, frases, criação de pequenos textos. (PPaB1)</p> <p>(...) acho que facilidade é muito relativo. O que eu gosto mais de trabalhar é a produção de textos. Eu acho mais gostoso você trabalhar com a questão de questionar a criança, levar a criança a ter idéias. A colocar essas idéias de uma forma organizada no papel. A trabalhar essa imaginação da criança, que ela não tem limites. Então, eu acho isso mais gostoso de trabalhar. (PPaB2)</p> <p>Literatura porque a criança lê e vivencia, ... (PPaB3/4)</p>	<p>Eu acho que a leitura e a escrita de um modo geral não são muito difíceis quando há o interesse do aluno... (PPuB1)</p> <p>Eu acho a produção de texto... Apesar da produção de texto ser também um pouco complicada quanto à estruturação. Eles têm algumas dificuldades nessa área. (PPuB2)</p> <p>Acho que a literatura. Porque chama mais a atenção deles. Está mais no nível etário deles, no seu interesse. (PPuB3)</p> <p>Acho que a produção de texto, correção coletiva de textos e a leitura. (PPuB4)</p>	<p>A aprendizagem de regras ortográficas (PPaP1)</p> <p>Desenvolvimento da leitura e da escrita. (PPaP2)</p> <p>Leitura expressiva e Ortografia. (PPaP3)</p> <p>A aprendizagem da gramática (PPaP4)</p>	<p>Nesta fase todo, todo o programa para criança é um pouco difícil, porque eles vêm sem saber ler nem escrever. Tentam escrever, mas têm muitos problemas com a escrita. Não conseguem recordar uma série de coisas e, portanto, é muito difícil especificar um fácil de ensinar. (PPuP1)</p> <p>A leitura é muito mais fácil do que a escrita, porque a escrita depende muito também do ambiente de casa, do que se diz em casa, da maneira como o menino fala. Depende muito disso também. (PPuP2a)</p> <p>Eu gosto de trabalhar todos. Eu acho que isso do mais fácil ou mais difícil ... A mim parece-me que, se houver empatia e amor</p>

Concepções Docentes sobre o Ensino da Língua Portuguesa- Entrevistas

			<p>pelo que se está a fazer, não é difícil. Não ao nível do primeiro Ciclo (PPuP2b)</p> <p>Nada é fácil neste momento em Língua Portuguesa... Nada é fácil ... A Língua Portuguesa está um bocado mais difícil para a maior parte. Eu acho que nenhum conteúdo é fácil. Eles falam e lêem com muita dificuldade. (PPuP3)</p> <p>Desde que seja bem explorado e que o professor recorra a um trabalho de motivação, acho que os miúdos conseguem aprender com facilidade. Não acho que a Língua Portuguesa seja uma disciplina que seja um obstáculo para eles...(PPuP4)</p>
--	--	--	---

As respostas são variadas, mas muitos professores concordam que o conceito de fácil é relativo, dependendo da turma, do seu interesse, ou mesmo da disposição do professor de estar motivado e motivar os alunos ao aprendizado.

Entre leitura, escrita, gramática e ortografia, mais uma vez encontramos a Literatura, como o conteúdo mais fácil de ser trabalhado, pois através dela o aluno vivencia tornando o aprendizado mais significativo. O texto literário, mais uma vez não é visto aqui com a sua verdadeira função e sim com uma função pedagógica.

Em quais encontra maior dificuldade? Por quê?

Professores Brasil Particular	Professores Brasil Pública	Professores Portugal Particular	Professores Portugal Pública
(...).trabalho adjectivo, artigos, encontros vocálicos, encontros consonantais, separação silábica. Eu preciso falar da nomenclatura e verbos. Eles têm um pouco de	Nesta serie é a concordância. Eles ainda não têm uma formação, falam muito: os menino, as menina (...) consequentemente escrevem sem essa	Na compreensão de textos, porque as crianças dificilmente se concentram, o que torna mais complicado a sua exploração (PPaP1) Na prática da oralidade, porque a sociedade (meios	(...) tem muitas dificuldades na leitura e na construção de frases, ...(PPuP1) (...) é realmente na ortografia. Ao nível da ortografia e da escrita e

Concepções Docentes sobre o Ensino da Língua Portuguesa- Entrevistas

<p>dificuldade de ligar a actividade com a nomenclatura. Eu acho isso difícil. (PPaB1)</p> <p>(...) minha maior dificuldade seria na gramática. Eu acho que muita coisa que é cobrada numa série é ainda muito cedo para a criança...(PPaB2)</p> <p>A gramática, porque para as crianças é muito complexo entender um dígrafo, um encontro consonantal...(PPaB3/4)</p>	<p>concordância, os que escrevem. (PPuB1)</p> <p>(...) na interpretação, dependendo do texto é mais difícil para eles, principalmente se for um texto que contem idéias, como eu digo... que estão nas entrelinhas, eu acho complicado para eles...(PPuB2)</p> <p>A gramática... é difícil de entender e também explicar, ...na hora de explicar regras, então eles tem um pouquinho de dificuldade na gramática (PPuB3)</p> <p>A concordância, porque eles não utilizam concordância, tanto na produção de textos quanto na maneira de falar, no linguajar (PPuB4)</p>	<p>de comunicação) transmitem um vocabulário muito pobre para que em Língua Portuguesa a criança adquira uma linguagem rica. (PPaP2)</p> <p>Interpretação, porque exige da criança maior concentração e também trabalho dela e nosso (PPaP3)</p> <p>Na interpretação de textos mais elaborados e mais longos, pois as crianças têm dificuldade em se concentrar e elaborar respostas completas (PPaP4)</p>	<p>também em escreverem por iniciativa própria. Escreverem um texto com principio, meio e fim, que conte uma história. Em resumir, sintetizar, em recontar. (PPuP2a)</p> <p>Eu, pessoalmente, não tenho grande dificuldade. Porque eu tenho uma metodologia que não tem nada a ver com aqueles métodos que são cientificamente aconselháveis. Com a minha metodologia, que é a melhor que eu tenho, eu consigo que eles aprendam as coisas, que vivenciem as coisas como se tudo acontecesse naturalmente. E isso para mim é o que é fundamental. E eles conseguem tanto a nível de Língua portuguesa, na leitura, na escrita, nas interpretações, eles conseguem. (PPuP2b)</p> <p>Na produção de textos, porque eles escrevem como falam e sobretudo escrevem sem pensar e, portanto, cometem muitos erros ortográficos. A maior dificuldade são assim os erros ortográficos (PPuP3)</p> <p>(...) acho que o mais difícil é trabalhar a parte criativa e imaginativa das crianças. Eles não têm, talvez por não terem tanta facilidade em adquirir livros que os motivem. Falta um bocadinho essa parte de imaginação e criatividade, ...(PPuP4).</p>
--	---	--	--

Alguns professores consideram a gramática, regras ortográficas e nomenclaturas como algumas das dificuldades dos alunos nesse primeiro Ciclo, já

Concepções Docentes sobre o Ensino da Língua Portuguesa- Entrevistas

que ainda não têm os conceitos formados. Porém, queixam-se ainda da falta de imaginação, das dificuldades de interpretação e produção de textos pelos alunos, pois, segundo alguns, quando chegam à escola trazem uma bagagem não muito positiva para a sua aprendizagem (problemas de concordância, pouco incentivo à leitura, entre outros factores).

Quais os materiais utilizados nas suas aulas de Língua Portuguesa?

Professores Brasil Particular	Professores Brasil Pública	Professores Portugal Particular	Professores Portugal Pública
<p>(...) trabalho com outros tipos de materiais que venham enriquecer as minhas aulas: livros, revistas, jornais, alguma reportagem que seja interessante, a Internet. (PPaB1)</p> <p>(...) Nós utilizamos os livros didáctico, os livros paradidácticos e eu gosto de trabalhar também com jogos, jogos lúdicos... (PPaB2)</p> <p>(...) além da apostila, o cd-rom que a criança pode pesquisar em casa. E tem vários textos e livros que a criança traz que nós podemos aproveitar numa aula de gramática ... (PPaB3/4)</p>	<p>Cópias mimeografadas ou fotocópias, livros, recortes, revistas. Livros de uma forma geral. Livros infantis a gente utiliza bastante. (PPuB1)</p> <p>Eu utilizo o livro didáctico, mas não muito. Também trabalho com o livro de Literatura Infantil que este ano utilizei para trabalhar a poesia. Utilizo ainda panfletos, jornais, dependendo do texto que é trabalhado (PPuB2)</p> <p>Eu utilizo livro didáctico e literários que pego na sala de leitura e que leio bastante para os alunos (PPuB3)</p> <p>Os materiais são os livros didácticos, literatura infantil e algumas coleções. (PPuB4)</p>	<p>O manual e alguns textos fotocopiados (PPaP1)</p> <p>O manual adoptado e Livros de Literatura Infantil. (PPaP2)</p> <p>Livros de literatura, texto que os alunos trazem e alguns que trago (PPaP3)</p> <p>O livro que adoptamos e o Livro de Provas de Aferição que estamos usando agora, além de trabalhos retirados de pesquisas (PPaP4)</p>	<p>(...) uso cartazes, carimbos, muitas figuras ilustradas para eles depois falarem delas (PPuP1)</p> <p>Utilizo o manual algumas vezes e utilizo textos que trago de contos infantis, contos tradicionais e textos que eu já tenho de recolhas que faço (PPuP2a)</p> <p>Eu não utilizo muito os manuais. Eu não gosto muito dos manuais pois limitam muito. Utilizo livros, muitos contos infantis, e depois a partir destes podemos fazer tudo. Utilizo histórias que eles próprios vão criando ... (PPuP2b)</p> <p>Devia ser o manual, mas é sobretudo o livro de gramática, porque o livro de gramática adoptado tem textos de apoio. Portanto, eles têm aqueles textos e o manual. Mas o manual não utilizo tanto. São mais fotocópias de trabalhos e de outros livros e manuais. (PPuP3)</p> <p>O manual escolar, o livro de actividades, o dicionário, a gramática, outros textos,</p>

Concepções Docentes sobre o Ensino da Língua Portuguesa- Entrevistas

			pesquisas da internet, outros livros, fichas informativas, e fichas formativas ... (PPuP4)
--	--	--	--

A grande maioria dos entrevistados tem um vínculo grande com o livro didático e embora alguns professores tragam alguns materiais de pesquisa, textos fotocopiados entre outras actividades, o livro didático acaba por ser utilizado como fonte da mesma. Neste sentido, todos os professores utilizam o livro didático como fonte principal de suas aulas.

Trabalha Literatura Infantil? Se sim, explicita os contextos em que a trabalha.

Professores Brasil Particular	Professores Brasil Pública	Professores Portugal Particular	Professores Portugal Pública
<p>(...) a gente trabalha em todos os contextos, ... procuramos trazer essa literatura para resolver as coisas que acontecem dentro da sala de aula, trabalhamos em vários ambientes e contextos. (PPaB1)</p> <p>(...) nós adoptamos alguns livros para serem trabalhados especificamente com eles. Fora isso, aparece na apostila. Nós temos muitos textos que vêm na apostila como material de leitura também. (PPaB2)</p> <p>(...) a gente escolhe os livros e trabalha um bimestre com aquele livro... Eles montam um teatrinho, fazem a discussão do texto e sempre tentando fazer a criança participar o máximo possível. (PPaB3/4)</p>	<p>São trabalhadas com leitura, com actividades, ... A gente já trabalhou com encenação... Eu acho que é mais fácil mesmo a contagem de histórias. O contar e recontar, mas escrita. Para montar eles recontam e colam a seqüência do desenho que eles gostam muito. E complementamos o trabalho na sala de Leitura. (PPuB1)</p> <p>(...) eu tenho o habito de ler para eles. Não conto histórias. Tenho só o habito de ler e trabalho também ia interpretação de algumas. Eles levam para casa, para leitura, comentam na sala de aula o livro que leram, se gostaram, porque gostaram. Eu dou-lhes essa abertura. (PPuB2)</p> <p>Olha, eu trabalho praticamente com a Literatura em tudo.</p>	<p>As histórias são contadas pela professora e as crianças reproduzem-na através do desenho e por vezes da dramatização (PPaP1)</p> <p>Em todos os contextos. Não pode haver limite de trabalho. Na literatura infantil tudo é importante (PPaP2)</p> <p>Contamos histórias para que as crianças depois, as recontem oralmente, por escrito, em desenho ou em dramatizações. (PPaP3)</p> <p>Apenas trabalho literatura infantil quando as histórias aparecem no manual escolar, visto o tempo não ser suficiente para aprofundar mais esse aspecto (PPaP4)</p>	<p>(...) nesta primeira fase, eu trabalho muito com livros. Trago para os meus alunos livros de que gosto muito, como os da Sofia de Mello Breyner. Como são pequeninos, do primeiro ano, recorro utilizo muito à oralidade e à banda desenhada, Quando estão numa fase mais adiantada, elaboram textos. Portanto, quanto à Literatura, tem a hora do conto. Nesta eles me escutam um pouco e depois vão ter que recontar a história através da escrita. É isso que eu faço. (PPuP1)</p> <p>Trabalho com contos tradicionais. No segundo ano são contos tradicionais basicamente ... trabalha-se a história entre ler, interpretar e dramatizar. Depois reconta-se, nalguns casos. (PPuP2a)</p> <p>Interdisciplinarmente, eu trabalho a Literatura Infantil, até, por exemplo, no Meio físico</p>

	<p>Eu leio para eles, depois peço para fazerem a reescrita e faço a correção. Às vezes, eu faço teatrinho com eles dentro da Literatura. Gosto também de lhes passar um vídeo. (PPuB3)</p> <p>Nós lemos para eles todas as quartas-feiras na aula de leitura. Às vezes pegamos um pedaço para fazer a correção do autor. Utilizo o texto invertido pra eles colocarem na ordem. Eu trabalho na sala de aula e na biblioteca também (PPuB4)</p>		<p>e na Matemática. Eu trabalho a Literatura Infantil nas oficinas de teatro, de expressão das artes. Aliás, o ano passado eu tive um projecto que foi magnífico sobre isso. Portanto, a Literatura Infantil aparece no dia a dia.(PPuP2b)</p> <p>Vou lendo contos, alguns para incentivar a leitura, para criar o gosto pela leitura ... (PPuP3)</p> <p>(...) alguns livros que tinha em casa trouxe e emprestei aos alunos. E eles, a partir daí, estão a fazer um resumo da história para no terceiro período cada um apresentar, com imagens, a sua história à turma. (PPuP4)</p>
--	--	--	---

Nenhum professor diz não trabalhar com a Literatura Infantil, mesmo que seja apenas nos textos presentes no manual escolar. Chamamos a atenção para estes casos, pois geralmente os textos literários do livro didáctico são fragmentados e o leitor acaba não tendo acesso a literatura, mas a uma “pseudo” literatura.

A utilização do mesmo dá-se nos mais variados contextos e para alguns objectivos específicos (reconto, trabalho com leitura ou incentivo da mesma). Podemos verificar nas respostas que a maioria dos docentes considera importante o trabalho com o texto literário. Alguns dizem até utilizá-lo em todos os contextos, deixando claro que o texto não é quase nunca usado para a sua função literária e sim como “desculpa” para se trabalhar tudo, descaracterizando-o.

Acha que a forma como os manuais interrogam os textos literários permite ao aluno perceber aquilo que é a pluralidade de leituras que o texto literário fomenta ?

Professores Brasil Particular	Professores Brasil Pública	Professores Portugal Particular	Professores Portugal Pública
<p>Bem, na realidade eu acho que não, porque é uma coisa muito óbvia. Eles dão um texto que já vem fragmentado no livro. Eles não conseguem ler nas entrelinhas, não conseguem saber o significado daquilo...(PPaB1)</p> <p>Às vezes sim, às vezes não. Na segunda série temos que trabalhar a compreensão dos personagens de um texto (o que aquele personagem faz, características do personagem). Temos que desenvolver na criança o processo de compreensão da leitura, de interpretação da leitura. Temos que trabalhar com o que está dentro do texto, o que está nas entrelinhas, qual o objectivo daquele texto, onde o autor quer chegar e o que ele quer mostrar com aquilo. Às vezes no meu material da segunda série falta um pouco disso. (PPaB2)</p> <p>Nós nunca seguimos a apostila. Montamos um trabalho fora disso, não sendo aquele trabalho de perguntas e respostas que o manual fala. As perguntas são elaboradas pelas crianças. Fazemos um levantamento das perguntas que elas querem fazer sobre o</p>	<p>Eu acho que tinha que ter umas perguntas não muito complexas, mas um pouco mais inteligentes. Mas apesar de alguns livros trazerem algumas perguntas inteligentes, outros têm coisas muito óbvias...(PPuB1)</p> <p>Eu acho que alguns sim, outros não. É por isso que eu dou uma pesquisada. Não é qualquer livro. Eu dou uma escolhida nos textos, porque acho que alguns não levam a criança a ter essa visão. (PPuB2)</p> <p>(...) você vai olhando e tem aquelas perguntas que não levam o aluno a pensar, procurar, pesquisar. É por isso que eu procuro vários tipos de textos, de livros...(PPuB3)</p> <p>Acho difícil. A gente tem que interagir com o texto e fazer perguntas a mais porque normalmente o texto só faz perguntas relacionadas à escrita. Um as perguntas que o aluno não tem que pensar muito... (PPuB4)</p>	<p>O manual que utilizo este ano não tem textos de literatura infantil. São textos dirigidos a uma letra ou valor (PPaP1)</p> <p>Sim. Os manuais estão muito bem elaborados e o aluno consegue perceber muito bem. (PPaP2)</p> <p>Há alturas em que sim, mas há outras em que os manuais interrogam os textos literários de uma forma pouco completa ou pobremente (PPaP3)</p> <p>De um modo geral, a interpretação dos textos que se encontram no manual adoptado é bastante simples, não exige demasiado do aluno, o que leva a uma certa "preguiça mental". (PPaP4)</p>	<p>Eu acho que a generalidade dos manuais conseguem a pluralidade de leituras, embora alguns sejam mais pobres, mas conseguem.(PPuP1)</p> <p>Depende do manual. Neste caso, eu acho que não. São perguntas que não tiram, não lhes dão, não lhes motivam, não lhes dão aquela necessidade de ir pesquisar mais, de saber mais. Este texto fala-nos disto, vamos então... Acho que é muito pouco.(PPuP2a)</p> <p>Eu acho que não. É por isso que eu não uso os manuais. Eu prefiro tirar um texto de um livro, de uma história, e trabalhar este texto, do que trabalhar os textos que vêm no manual. (PPuP2b)</p> <p>Depende. Eu acho que há manuais que sim. O manual adoptado este ano, nesta turma, não. Mas eu acho que o manual que eu uso de apoio sim. (PPuP3)</p> <p>Depende dos textos. Há textos em que acho que tem e outros que acho que não. De uma forma geral, penso que sim (PPuP4)</p>

texto e depois o professor complementa se achar necessário. (PPaB3/4)			
---	--	--	--

Aqui temos algumas opiniões bem diferentes. Temos professores que acham que as perguntas do manual não contribuem em nada, até que as perguntas são pouco inteligentes e não exigem esforço nenhum, e cabe ao professor complementar o trabalho com questões feitas por eles; outros consideram que depende do manual, que alguns textos sim, levam o aluno a leituras mais aprofundadas e outros não vão além de trabalhos de “interpretações” superficiais e ainda temos aqueles que consideram que os textos literários são trabalhados no livro didático de modo a que os alunos percebam a possibilidade de múltiplas leituras dos mesmos.

Acredita que a criança pode aprender melhor com o auxílio da literatura Infantil? Porquê?

Professores Brasil Particular	Professores Brasil Pública	Professores Portugal Particular	Professores Portugal Pública
<p>Sem duvida nenhuma que a criança aprende melhor. Isso é nítido. Eu tenho até uma criança com síndrome de Ásper que tem uma grande dificuldade em ler, escrever, em se relacionar... E o trabalho com a Literatura infantil é onde ela se integra totalmente com a classe... (PPaB1)</p> <p>Acredito que sim. Porque eles amam as histórias. Então, tudo que você trabalha, se envolver a Literatura, mesmo que para a leitura, eles vão gostar,(PPaB2)</p> <p>Claro, porque a Literatura Infantil é uma história que talvez a criança viaje nela e lhe dê prazer e isso é</p>	<p>Com certeza, faz parte do mundo deles. É uma coisa que chama muito a atenção. A vovozinha, o lobo mau, os três porquinhos, a barriga aberta, as mortes que só acontecem com os malvados, o final feliz, a princesa e o príncipe que vivem felizes para sempre... Eu acredito que isso é muito rico...(PPuB1)</p> <p>Sim, com certeza. Porque a gente percebe que eles demonstram muito gosto pela Literatura infantil. É uma coisa que chama a atenção deles. Principalmente estes dias que trabalhei com poesia, depois eles só</p>	<p>Sim. Porque são histórias que captam a sua atenção e interesse e vão de encontro ao seu “mundo infantil” (PPaP1)</p> <p>Porque o texto pode ler-se e reler-se. Daí que o aluno consiga reter com abundância as informações dos textos (PPaP2)</p> <p>Sim, porque vai de encontro aos interesses da criança e ao seu mundo do imaginário e do fantástico, cativando assim a sua atenção. Vai compreendendo melhor o conto ou história, porque este lhe diz algo e a cativa de modo especial (PPaP3)</p> <p>Sim. Os alunos gostam de ler as histórias e vivem-nas intensamente. Este aspecto capta a sua atenção ajudando-os a adquirir o gosto pela leitura (PPaP4)</p>	<p>Sem dúvida que sim. Uma criança que lê muito, que se dedica muito à leitura, é uma criança que tem um desenvolvimento na escola superior aos outros. Tanto ao nível da escrita como da pontuação. E, além disso, têm idéias, têm um enriquecimento muito grande. (PPuP1)</p> <p>Eu acho que sim. Para já motiva-os muito e neste caso dos contos tradicionais nós demos vários conteúdos e para eles foi muito mais interessante. Conteúdos que muitas vezes vêm nos programas já no final do ano. Eles ficam muito mais motivados ao trabalharem com uma história que é do mundo deles. Acho que</p>

Concepções Docentes sobre o Ensino da Língua Portuguesa- Entrevistas

<p>muito importante. Eu acho que a Literatura está no ápice da aprendizagem...(PPaB 3/4)</p>	<p>queriam pegar livros de poesia... (PPuB2)</p> <p>Acredito. Olha, até na alfabetização é mais fácil. Porque se você der alguma coisa que a criança se interessa, ela vai continuar e manter o interesse dela ... Então, para alfabetizar a criança, isso é ótimo, para melhorar a ortografia dela, a leitura. Porque a Literatura é um sonho. A gente de vez em quando precisa de um sonho na vida. (PPuB3)</p> <p>Muito. Porque tem contacto com a língua, com a concordância, com a pontuação, com o tipo de texto, a maneira como é escrito. Ele vai tirar os erros ortográficos, vai ter conteúdo, vai ter idéias, vai ter tudo. O livro de Literatura Infantil é completo. (PPuB4)</p>		<p>tem muito mais interesse. (PPuP2a)</p> <p>A minha experiência diz-me que sim, porque os miúdos e até nós gostamos, de histórias. Gostam de contos. É o imaginários deles. É bonito. Portanto, se eles partirem de um conto, do imaginário, eles acabam por entender bem aquele enredo, por dramatizar bem aquela história, por sentirem-se felizes por fazerem a interpretação daquele texto. Porque entenderam-no, porque viveram-no, porque tiveram-no ali a fazer na sala e resolveram questões do dia a dia através daquele texto. Entra-lhes naturalmente. A minha experiência diz-me que, de facto, isso funciona. (PPuP2b)</p> <p>Eu acho que sim, porque a Literatura Infantil fala mais a linguagem deles, eles entendem mais fácil ...(PPuP3)</p> <p>Sem dúvida, claro que sim. Através da leitura, eles conseguem ter outra imaginação. Conseguem adquirir certos valores sociais, que muitas vezes os próprios livros dão uma lição de moral. No fim há uma lição de moral, há um conselho. Eles podem se identificar com alguma personagem que participe no texto, podem dar uma continuidade ao texto, abrir asas para a imaginação, podem, sem dúvida, aprender a escrever e a ler melhor (PPuP4)</p>
--	---	--	---

A resposta de todos os entrevistados, de certa forma, considera que o texto literário possibilita uma aprendizagem mais agradável por falar a “linguagem” das crianças, por lhes interessar, por possibilitar usar a imaginação, ou mesmo pelo simples contacto com a Língua permitir que o aluno escreva melhor, cometendo menos erros de concordância e ortografia.

Verificámos que as concepções dos professores em relação ao uso do texto literário, seja ele para suas práticas ou a análise que fazem de seu uso nos manuais escolares, pouco se modifica no contexto público ou privado de ensino, assim como nos dois países sujeitos da pesquisa. Ou seja, o texto literário está na maioria das vezes presente, através dos manuais escolares, bibliotecas de turma, ou trazidos pelo professor, mas quase nunca é utilizado na sua funcionalidade e sim como forma de se trabalhar a leitura e estudo da Língua (gramática e ortografia).

PRÁTICAS DOCENTES

Neste capítulo, apresentamos, de forma geral, como aconteceram as práticas de ensino das professoras na disciplina de Língua Portuguesa de modo a exemplificar seus métodos de trabalho que explicitariam uma metodologia contemplando alguns conceitos necessários para esta pesquisa.

Grande parte das escolas brasileiras e portuguesas não dispõe de materiais variados para serem utilizados em sala de aula, em um trabalho que remeta à escrita e à leitura de diferentes tipos de textos. Em muitos casos, os únicos materiais disponíveis são os livros didáticos adotados que, como algumas pesquisas apontam (LAJOLO, 1988; SILVA, 1991), são transformados em instrumentos que referenciam a prática de ensino.

“[...] o manual didático está muito presente na sala de aula, ou mesmo fora dela, como material dos alunos e dos professores, que os seguem passo a passo ou se utilizam dele como fonte de pesquisa. O livro didático passou dessa maneira, a ser um dos principais instrumentos de ensino e aprendizagem nas nossas escolas”(SILVA et. al. apud CHIAPINNI, 2002: 35).

No caso do livro didático de Língua Portuguesa, o trabalho se volta basicamente a uma sequência consagrada por sua recorrência em muitos manuais: texto, leitura, interpretação, gramática, ortografia e produção textual.

A cópia é uma das técnicas utilizadas nas aulas com textos. Essa prática inibe o diálogo e a troca de experiência entre aluno – texto – professor. O aluno não tem a possibilidade de interagir com o texto; sua função é apenas compreender seu sentido literal e concreto. Por outro lado, a cópia permite que os conteúdos cheguem à sala de aula, mesmo que seja de maneira mecânica. Na visão behaviourista, ela revela um jogo de estímulos e respostas adquirido pelo condicionamento da aprendizagem e reforçado por factores externos.

SILVA e CARBONARI (apud CHIAPINNI, 2002:97) apontam que a cópia “também evidencia, por vezes, uma postura de trabalho do professor frente aos textos que utiliza, conduzindo à inibição de uma outra forma de circulação: a dialógica, que propiciaria a troca de experiências, de pontos de vista, de opiniões entre professor e alunos e entre os próprios alunos”.

Geralmente, após a leitura do texto, a próxima etapa apresentada ao aluno é a interpretação, que se baseia, geralmente, em perguntas que não conduzem à reflexão dos conteúdos implícitos (as entrelinhas do texto).

É importante analisar como essa leitura ocorre em sala de aula, observando a prática e a concepção dos docentes a seu respeito.

O que se observa é a leitura como ritual ou actividade mecânica de descodificação simbólica, contrariando o conceito de leitura proposto por ECO (1979), que considera a leitura como produção de sentido e o texto como uma cadeia de artifícios expressivos que o destinatário deve actualizar no momento da leitura.

Podemos analisar tanto nos livros didácticos quanto nas práticas pedagógicas a existência de uma leitura passiva, que pode ser separada em leitura pressuposta e leitura instrumental. Sobre as maneiras de se ler mais praticadas na escola, SILVA (1997) descreve “a leitura pressuposta” que ocorre quando o professor pressupõe a compreensão do texto pelo aluno, como se a matéria lida fosse imediatamente entendida; a “leitura instrumental”, uma estratégia mecânica em que interessa não o conteúdo dos textos, mas a pontuação, entoação e ritmo adequados; e a “leitura seguida de trabalho de aprofundamento de texto baseado numa concepção da aprendizagem como um sistema monológico” em que, após a leitura oral, há sempre a explicação do professor a respeito da matéria, não permitindo a participação do aluno. Estes modos de ler, comumente praticados na escola, se constituem em exercícios passivos e esvaziados de significado.

No que diz respeito à interpretação do texto, os manuais didácticos costumam promover a inibição da capacidade, da criatividade e da reflexão do aluno. As questões são, em sua maioria, escritas e todos os exercícios são propostos em forma de questionário, demandando respostas que se encontram no texto cabendo ao aluno efetuar a cópia literal. Os autores do livro incitam o aluno a interpretar o texto da mesma maneira, do mesmo modo, ou seja, do mesmo jeito que ele mesmo descreveu e interpretou.

Torna-se fundamental, a nosso ver, que os autores de manuais de Língua Materna, assim como os professores, percebam que na escola não se ensina apenas a ler, escrever e contar. Partindo da concepção de que a criança é um ser individual, intelectual e social, é necessário que lhe seja dada a possibilidade de se desenvolver em todas as dimensões (dimensão pessoal, dimensão de aquisições básicas e intelectuais fundamentais e uma dimensão para a cidadania).

Todos esses equívocos metodológicos presentes nas salas de aula representam uma precária formação do professor atuante nas escolas que, muitas vezes, por não ser ele mesmo um leitor crítico e reflexivo tem receio de propor esse tipo de trabalho em sala de aula.

1. Escola Particular Brasil (EPaB).

1.1. PPaB 1.

1.1.a. Metodologia das aulas.

As aulas sempre começavam com a leitura de um texto religioso ou textos com mensagens otimistas de uma história “real” ou inventada por PPaB1, relacionando essas histórias com as que eles leram, que tratam do mesmo assunto. (Exemplo: Quem quer agradar sempre, acaba não agradando nunca, fez relação com a história “O menino, o velho e o burro”).

Durante o período de observações, acompanhámos uma parte do Projecto sobre Folclore, em paralelo com o trabalho da apostila, já que a data comemorativa estava próxima. Além da leitura de lendas, trava-línguas, ditos populares, os alunos receberam actividades fotocopiadas, com personagens para pintarem, preencher cruzadinhas entre outras actividades envolvendo o tema.

O trabalho com a apostila foi feito de maneira sequencial, com o acréscimo de algumas perguntas na interpretação do texto: quem é o autor do texto; o nome do livro e editora que o texto foi retirado; qual é o tipo de texto).

As actividades de “interpretação do texto” eram feitas em casa ou em sala de aula, mas sem a ajuda da professora. Ela dizia que eles tinham que pensar e depois fazia a correcção colectiva das actividades, em que escutava várias respostas e algumas vezes era passada na lousa a resposta preferida da maioria.

A mudança de trabalho só é modificada na estratégia de leitura dos textos, normalmente é pedida a leitura silenciosa, depois ou a professora realiza a leitura e vai explicando o texto, ou faz jogos de leituras (Exemplo: algumas vezes as crianças só lêem as partes com rimas; cada uma lê uma frase, parágrafo ou

estrofe do texto; as meninas lêem uma parte e os meninos outra; a professora vai falando o nome dos alunos e eles têm que seguir a leitura; entre outras).

A professora sempre lembrava que para se ler bem tem que se ler com prazer e alegria e exigia uma leitura em voz alta, respeitando as pontuações.

Quando aparece o trabalho com produção de textos, algumas vezes são propostas inventadas pela professora sobre o texto lido, mas, na maioria, seguem-se as actividades da apostila e a PPaB1 sempre lembra aos alunos que quer um texto limpo, que eles devem pensar que não escrevem para eles e sim para os outros, que a letra deve ser bonita.

Dos assuntos trabalhados, em gramática e ortografia, destacamos: a ortografia dos casos de leitura (h,/ch,/nh,/ lh:), verbo, uso do masculino e feminino; aumentativo e diminutivo, e palavras no singular e plural.

1.1.b. Aula.

A professora pediu para que os alunos realizassem a leitura do texto “Crianças, Crocodilos, Crateras e outros tesouros escondidos”

Capítulo 19
Crianças, Crocodilos, Crateras e Outros Tesouros Escondidos Grupo VII – Aprendendo e Relacionando

Crianças, crocodilos, crateras e outros tesouros escondidos...
(Mónica Ribeiro e Leny Pimenta)

Fazia muito calor naquela manhã. A família de Kiko estava passando uns dias na praia.

– Bom-dial disse a vizinha da casa onde estavam hospedados.
– Bom-dial respondeu Kiko todo agitado colocando os chinelos e passando creme protetor solar ao mesmo tempo. Pegou a sua sacola com "ferramentas" e, junto com o pessoal, saiu pulando em direção ao mar.

Lá chegando, acomodaram-se embaixo de um guarda-sol. A areia branquinha era um convite para muitas brincadeiras. Kiko chamou Cristina, a nova amiga, que estava brincando com esculturas de areia.

– E! O que você está fazendo?
– Não percesteu? Estou terminando de esculpir a cratera de um enorme vulcão.
– Vulcão? Mas eu só estou vendo um buraco... disse Kiko, sem entender nada.
– Ah! Kiko! O vulcão é subterrâneo ainda... já, já ele surgirá, quando eu tirar toda esta porção de areia que está aqui em volta. Depressa! Ajude-me, amigo! Começaram a cavar: cavar e cavar. De repente, Cristina deu um grito.
– O que foi agora?
– Kiko, achei um camarão! Disse Cristina, assustada.
– Que bacanal! Eu aprendi, na aula de Ciências, que o camarão é um crustáceo.

Atividades 172/173 Português

– Crus... O quê?
Kiko não respondeu. Estava agora muito entretido "construindo" crustáceos de areia, crocodilos de areia, coisas que somente crianças são capazes de imaginar, histórias cheias de aventuras...

Na beira do mar, ou à luz do luar, sempre é gostoso imaginar...
Vamos lá! Escreva aos seus amigos sobre as suas aventuras, os seus tesouros escondidos!

CONVERSANDO SOBRE O TEXTO

1. Você já foi à praia?
2. Quais as brincadeiras que divertem as crianças na praia?
3. Que cuidados devemos ter quando vamos à praia?

Linguagem Oral
O que será que as crianças pensam enquanto brincam com a areia?

Figura 1: Apostila COC 3, 2º ano 1ª série páginas 55 e 56.

Após o tempo para a leitura silenciosa, aproximadamente 15 minutos, a professora fez a leitura do texto.

A PPaB 1 teve uma rápida conversa sobre o texto e fez perguntas, algumas consideradas óbvias por ela, outras de ordem pessoal, respondidas oralmente pelos alunos, tais como: Quem já experimentou a água do mar ?; Vocês sabem que o sal que a mamãe usa na cozinha vem do mar ? (explicou como acontece esse processo); Fez algumas perguntas e as crianças contaram sobre suas aventuras com o mar, as brincadeiras que gostam na praia e o que mais gostam. As perguntas relativas ao texto foram: O que as crianças estão pensando enquanto estão cavando na praia ? Elas parecem tristes ou felizes?

Depois foi sugerido pela professora que as crianças procurassem no dicionário as palavras crateras e crustáceos.

Na aula seguinte, a professora trouxe uma concha e um caranguejo e fez as actividades das páginas 60 a 66. Os alunos foram respondendo às questões realizadas como trabalho de casa e ela transcreveu as respostas correctas na lousa.

O texto está fragmentado e as perguntas realizadas sobre o mesmo são muito superficiais e não estimulam uma interpretação, mesmo porque o texto não tem um final e as ideias estão jogadas.

As actividades do livro acabam utilizando o texto para o estudo da língua.

A professora buscou, com a concha e o caranguejo, tornar o trabalho com esse texto um pouco mais interessante, já que tem que trabalhar com a apostila e realizar as actividades propostas por ela.

1.2. PPaB 2

1.2.a. Metodologia das aulas.

Durante o período em que realizámos as observações, fora a apostila, a professora PPaB2 trouxe actividades relacionadas ao folclore, trabalhou com o livro “Anjo da água” e no final com o livro “Caio, o colecionador”.

A apostila é complementada com outros livros, no que se refere ao trabalho com a gramática e ortografia.

Normalmente, a professora, quando trabalha com textos da apostila, acrescenta algumas perguntas sobre o mesmo, após sua leitura, depois segue a sequência das actividades que a apostila apresenta.

As actividades de interpretação são feitas, na maioria das vezes, individualmente e depois corrigidas de forma oral pela professora e algumas vezes o aluno que respondeu à questão a coloca na lousa. As questões não exigem muitas respostas pessoais e os alunos não encontram dificuldades em respondê-las.

A leitura é “cobrada” na maioria dos textos lidos, sendo lembrado que deve ser feita pausadamente, com calma, em voz alta e seguindo a pontuação. Quando um aluno não lê bem, a PPaB 2 diz que ele tem que ler o texto em casa muitas vezes e pedir para que alguém o escute a ler e o corrija

Em sala de aula é sempre dado um tempo para que os alunos realizem a leitura silenciosa, depois a professora pede que alguns alunos realizem a leitura de diferentes formas (leitura por ordem de fila; os meninos lêem uma parte e as meninas outro; chama alguns alunos para ler, entre outras formas). Os alunos apreciam muito quando têm a oportunidade de ler em voz alta e quando recebem elogios pela leitura realizada.

Quanto às actividades de produção de textos, na maioria das vezes são sugeridas pelas apostilas e a professora faz questão de chamar os alunos para “perceber” aquilo que eles queriam dizer e dar dicas para melhorarem a sua escrita. Muitas vezes ouvia-se as seguintes palavras: *Não quero imaginação “carochinha”, quero coisa séria, usem a imaginação.*

Dos conteúdos de Língua Portuguesa trabalhados, muitos deles para revisão de prova, destacamos a ortografia do /ao/, /ado/, /ol/, /eiro/ (para trabalhar com rima), acentuação, ortografia do /q/ e /j/, transformação de frases de um tipo para o outro (transformar frases interrogativas em frases afirmativas).

1.2.b. Aula.

A aula começa com a leitura silenciosa e depois leitura colectiva (cada aluno leu uma pequena parte do texto) do texto “O Espantalho” de Alexandre Azevedo.

Em uma bonita fazenda, com pomar e muito milho, vivia um fazendeiro agoniado por causa de um menino encantado. Seu cabelo era vermelho e montava um javali que voava. Sua diabrura preferida era chegar à noite na fazenda, comer muito milho, chupar laranja e limão e estragar o pomar.

O fazendeiro chamou seu empregado e o deixou de tocaia para espantar o menino. Mas o curupira veio, chupou limão, estragou laranjas e foi embora. Vendo o desespero do patrão, o empregado lhe disse:

– Não fique tão nervoso. Vou construir um espantalho que fala, e espantar de vez o curupira.

Com retalhos de pano e palha de milho construíram o espantalho e o esticaram de braços abertos, no meio do milharal. O curupira chegou, com um vôo rasante do javali, e o espantalho foi logo perguntando:

– "Por que você vem aqui, arriscando a própria vida?"

– "Aqui o limão é mais azedo, a laranja mais doce e eu não tenho medo de você", respondeu-lhe o menino.

No outro dia, o fazendeiro, vendo o estrago no pomar, perguntou ao espantalho:

– "Por que você não fez nada?"

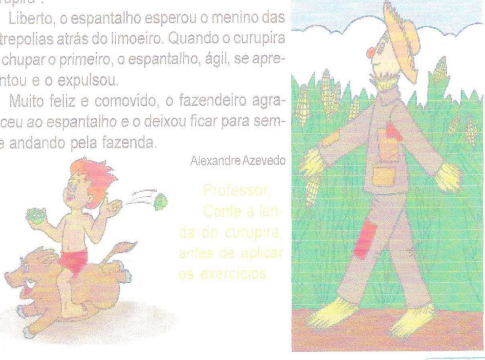
– "Estou espetado neste pau, não ando e não posso correr atrás do curupira".

Liberto, o espantalho esperou o menino das estrepolias atrás do limoeiro. Quando o curupira foi chupar o primeiro, o espantalho, ágil, se apresentou e o expulsou.

Muito feliz e comovido, o fazendeiro agradeceu ao espantalho e o deixou ficar para sempre andando pela fazenda.

Alexandre Azevedo

Professor,
Conte a lenda do curupira antes de aplicar os exercícios.



101

Figura 2. Apostila COC 7-9 3º ano 2ª série página 101.

Depois a PPaB 2 disse que iriam realizar uma conversa sobre o texto. Fez algumas perguntas oralmente e pediu para alguns alunos responderem.

- 1- Em que lugar essa história aconteceu?
- 2- O que significa frágil?
- 3- Porque ele estava preocupado (agoniado) com o curupira?
- 4- O curupira não tinha direito de se alimentar?
- 5- O fazendeiro estava certo?
- 6- O fazendeiro conseguiu resolver o problema?
- 7- Deu certo o espantalho? Porquê?
- 8- Qual foi a solução?
- 9- Dando liberdade para o espantalho ele conseguiu resolver o problema?"

Após essa conversa sobre o texto, a professora pediu para os alunos responderem às actividades das páginas 106 e 107 da apostila. Antes dos alunos começarem ela foi lendo as perguntas de interpretação e respondendo oralmente com eles. A apostila trazia perguntas superficiais tais como: Como era o curupira? Como ele vinha? O que ele gostava de comer? Como o dono da fazenda

conseguiu espantar o curupira ?; entre outras, trazendo apenas uma pergunta de ordem pessoal (Você acredita que existe curupira ? Porquê ?).

As perguntas inventadas pela PPaB 2 procuraram factos e acontecimentos de momentos “problemáticos” do texto e exigiram que os alunos julgassem a atitude do personagem, fazendo com que eles relembassem e recontassem a história.

Como vemos, as perguntas da apostila são muito menos profundas que as da professora e nada exploram do texto lido. Neste sentido, o trabalho de intervenção e acréscimo da professora foi essencial.

1.3.PPaB 3/4.

1.3.a. Metodologia das aulas.

O trabalho realizado em Língua Portuguesa nas duas séries é realizado pela mesma professora, e sua metodologia de trabalho não difere de uma série para outra.

O trabalho com a apostila é realizado em praticamente todas as aulas, já que o conteúdo da mesma é um pouco maior que nas séries anteriores. E actividades com gramática e ortografia ocupam espaço maior no material didáctico. A professora também traz algumas fotocópias de actividades e teorias sobre o assunto que está sendo trabalhado.

Nos dias em que estivemos acompanhando as aulas nessas séries, a maioria das aulas foi de revisão, pois estavam próximos de fazer provas.

A apostila é trabalhada na sequência que é apresentada. Os textos são lidos na maioria das vezes pelos alunos, (cada fila lê uma parte; cada aluno lê uma frase ou parágrafo; algumas vezes dramatizam a leitura), sempre antes realizando a leitura silenciosa do mesmo.

As actividades de interpretação são lidas e discutidas oralmente, depois os alunos preenchem a apostila, ou é dado um tempo para que respondam. Na sequência, a PPaB 3/4 pede para alguns alunos reponderem às questões e colocarem a resposta na lousa.

As propostas de redacção realizadas são na maioria das vezes as propostas trazidas na apostila. O trabalho com textos e escrita se diferencia quando se trata

do livro de Literatura Infantil adoptado pela escola para todas as séries iniciais bimestralmente.

Nas aulas do 4º ano 3ª série, os conteúdos trabalhados foram os Verbos (Pretérito Perfeito e Presente), indicando acção, estado ou fenómeno da natureza e os porque, por quê, por que e porquê. E o livro lido do bimestre foi “Luas e Luas”.

Nas aulas do 5º ano 4ª série foram trabalhados os Verbos (Pretérito Perfeito, Presente, Pretérito Imperfeito, Pretérito Mais que Perfeito, Futuro do Presente e Futuro do Pretérito), adjectivos (grau comparativo e superlativo), pronomes (classificação), classe gramatical das palavras e acentuação (oxítonas). O livro lido do bimestre foi “Sofá estampado” de Lygia Bojunga Nunes, autora brasileira premiada com o Hans Christian Andersen Award .

1.3.b. Aula 4º ano 3ª série.

Foi dado um tempo, mais ou menos 10 minutos, para a leitura do texto “Pedro Urdemales”, depois a PPaB 3/4 leu o texto e a leitura do mesmo foi realizada pelos alunos, seguindo a sequência da fila e cada aluno leu um parágrafo.

A professora contou que Pedro Malasartes na verdade se chama Pedro Urdemales, que é um nome italiano, e também uma outra história de suas aventuras em que ele fez cócó e vendeu como se fosse passarinho e quando o comprador foi pegar o passarinho ficou com a mão cheia de cócó e fedida. Os alunos acharam muita graça à história da professora e também ao texto lido.

Atividades 186/187 13
Grupo X – A Ótica da Vida

CONTOS POPULARES Professor(a), explique aos alunos o significado de pícaro, astuto, velho, esperto.

Agora você vai conhecer um personagem astuto, pícaro, que se desenvolveu na Espanha há muitos e muitos anos. O nome dele é Pedro Urdemales. Suas façanhas foram trazidas para a América pelos conquistadores.

De origem humilde, Pedro zomba daqueles que querem prejudicá-lo.

No Brasil, ganhou o nome de Pedro Malasarte.

Seus desafios são sempre ligados à necessidade de escapar de um apuro ou da fome.

PEDRO URDEMALES

Pedro Urdemales cuidava de uns porcos do patrão, que estavam pastando perto de um lamaçal, quando passaram por ali uns viajantes e gritaram:

– Quer vender os porcos, Pedro?

Pedro respondeu:

– Quero sim, mas sem os rabos.

Assim sendo, depois de acertarem o negócio, cortaram o rabo de todos os porcos. Pedro recebeu o dinheiro e os viajantes seguiram viagem.


Então Pedro Urdemales enterrou os rabos na lama, deixando de fora só a pontinha. Em seguida foi correndo até o patrão e lhe disse:

– Patrão, patrão, os porcos afundaram na lama!

O patrão, assustado, correu até o pântano e, ao ver todos os rabinhos enterados, mandou que Pedro fosse buscar um laço. Pedro foi e voltou bem depressa. Os dois amarraram um dos rabos numa das extremidades do laço e começaram a puxar. Já sabendo o que ia acontecer, Pedro não fez força, deixando isso por conta do patrão. Este sim, puxou com todo o seu fôlego. O rabo saiu e ele se esborrachou na lama, de pernas para o ar, e não quis mais continuar.

Pedro Urdemales ainda deve estar gastando o dinheiro que ganhou e zombando da cara do patrão, que jamais se deu conta do acontecido.

Essa história foi retirada do livro *Contos populares para crianças da América Latina*, da Editora Ática.



21

Figura 3. Apostila COC 10 4º ano 3ª série página 21.

Os alunos fizeram a dramatização da história de Pedro Malasartes.

Depois realizaram as atividades da apostila relacionadas ao texto.

As atividades de interpretação do texto que se seguem abaixo (páginas 22 e 23 da Apostila do COC 10 4º ano 3ª série) trabalharam com perguntas de opinião pessoal dos alunos, que acharam muita graça às “malandricas” de Pedro Urdemales

- 1- O que você tem a dizer sobre as atitudes de Pedro Urdemales?
- 2- Que sensação esse texto lhe provocou?
- 3- O que você pensa a respeito das pessoas que enganam os outros para obter vantagem?
- 4- Pedro vendeu os porcos que não lhe pertenciam. Dê sua opinião sobre isso.
- 5- Imagine que o patrão descobriu a façanha de Pedro e escreve um parágrafo relatando o que aconteceu

Depois foram realizadas perguntas comparando outro texto lido (“A velha contrabandista”), em que o aluno deveria relacionar as atitudes das duas personagens.

Como atividade de trabalho para casa, os alunos deveriam transformar a história, que lhes foi apresentada em prosa, em história em quadrinhos (banda desenhada).

Aula 5º ano 4ª série

Os alunos abriram a Apostila (Apostila 10-12 páginas 77-78) e leram o texto “ O reformador do Mundo” de Monteiro Lobato.

Depois da leitura silenciosa, a professora escolheu dois alunos (foram realizadas 4 leituras do texto), em que um fazia a leitura como narrador e o outro como Américo Pisca-Pisca.

Após a leitura, a PPaB 3/4 fez as seguintes perguntas:

- 1- Concorda com o Américo de que a Natureza precisa ser modificada?
- 2- Se você pudesse mudar alguma coisa, o que mudaria?
- 3- Gostou do final da história?

Seguiram depois as actividades da apostila sobre Estudo do vocabulário e interpretação do texto.

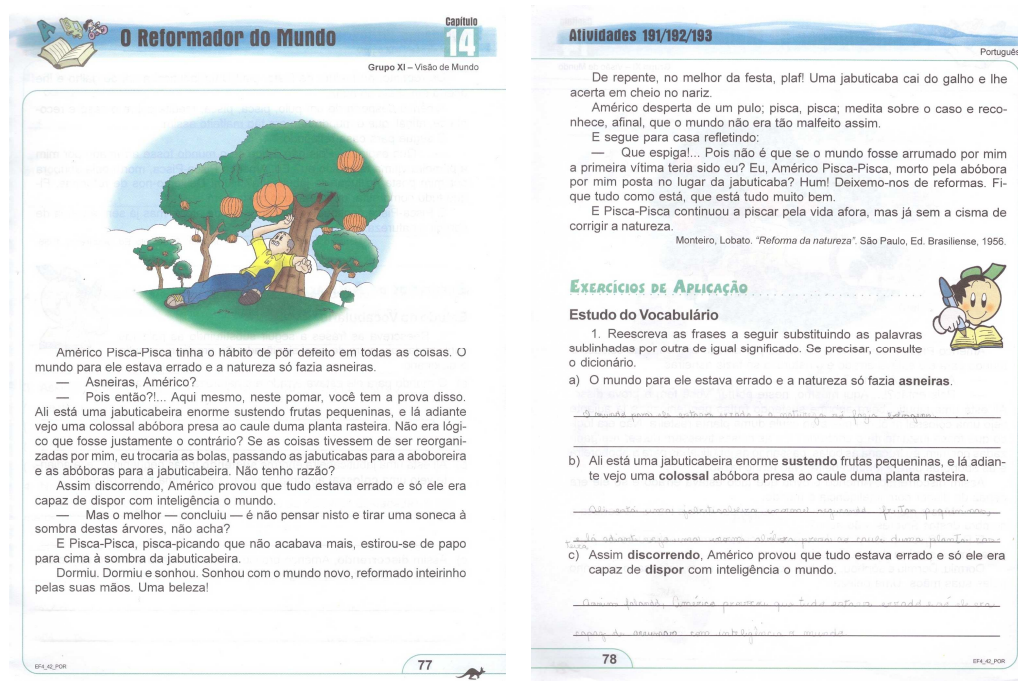


Figura 4. Apostila COC 10 -12 5º ano 4ª série página 77-78.

As questões de interpretação, diferentes da maioria das actividades desse género das apostilas (1ª ao 4ª ano), apresentam perguntas de opinião sobre

acontecimentos do texto e nenhuma pergunta em que o aluno tenha que retirar informações do mesmo. Seguem abaixo as questões das páginas 81 e 82 da Apostila COC 10 -12 5º ano 4ª série relativas à interpretação do texto.

- 1- Escreva o que você pensa a respeito da decisão de Américo Pisca-Pisca de reformar o mundo.
- 2- Você gostaria de mudar alguma coisa no mundo? Por quê?
- 3- A natureza “mostrou” ao Américo que ele estava errado. Em sua opinião, a natureza pode fazer isso? Justifique sua resposta.
- 4- Você, como cidadão do mundo, o que gostaria de fazer por ele?
- 5- Você sente orgulho do mundo em que vive? Por quê?
- 6- De acordo com os acontecimentos do texto, podemos dizer que o tiro saiu pela culatra. Explique essa afirmação.
- 7- Desenhe a parte da história que mais lhe agradou. (livro didático)

Notamos que as crianças encontraram uma certa dificuldade em responder a algumas questões e respondem todas de maneira simplificada, com frases curtas e nem sempre com sentido. (Exemplo: resposta da pergunta 3: Sim, porque não é no modo de conversar é agindo; resposta da pergunta 5: Sim, porque é o planeta água).

As actividades terminaram com a proposta de redacção: Se você pudesse organizar o mundo, o que faria? Como seria o mundo organizado à sua maneira ? Título: Meu mundo ideal. Esta proposta, (COC 10 -12 5º ano 4ª série, página 83) foi feita como tarefa de casa.

1.4. Lugar da Literatura na EPaB.

Além do trabalho com os textos literários que estão presentes na apostila, é desenvolvido um projecto de orientação, planeamento e acompanhamento de actividades em parceria da Universidade.

Essa parceria tem por intuito um trabalho com o texto literário e formação docente para o mesmo.

São realizadas reuniões em que são planeados os trabalhos com cada livro e os professores são orientados para as actividades.

Abaixo apresentamos alguns planeamentos de actividades para os livros que foram trabalhados, enquanto desenvolvemos a pesquisa nessa escola.

Marcelo, Marmelo, Martelo – Ruth Rocha – Salamandra (2º ano 1ª série)

Produção de um glossário para a primeira história.

Este glossário deve virar um livro da sala.

Terezinha e Gabriela

Produção de um quadro de contrastes

Os alunos devem escolher em pares ou grupos um personagem para virar boneco de massinha de modelar e cada grupo deve descrever seu boneco.

O dono da bola.

Discussão dos valores

Redacção: Alguma vez você agiu como o Caloca? Conte quando e como.

Caio, o colecionador – Anna Flora – Salamandra (3º ano 2ª série)

Cada criança escreverá em um papel um sonho e colocará na latinha de pó royal (fermento).

Depois da leitura do livro, utilizando vários modos de ler, direccionar a discussão:

- Você faz colecções ? – De quê ? – Você é podado como o Caio ? Quem te poda ? Como você lida com isto ? Por que os pais de Caio viram inseto no final do livro ?

Como é uma taturana e como é um tatu bolinha ? O que isto tem a ver com os pais de Caio ?

Hora de abrir os sonhos e perguntar a cada criança, o por que daquele sonho, se acha possível, se terá complicadores, “podadores” para conseguir realizá-lo.

Redacção: Meu sonho: real ou imaginário?

Luas e Luas – James Thurber – Ática (4º ano 3ª série)

Depois da leitura do livro, utilizando vários modos de ler, pedir para os alunos traçarem o perfil da menina. Como era a menina que queria a lua ?

Listar as tentativas para que ela conseguisse a lua, discutir porque na narrativa é bem uma pessoa do povo que consegue resolver a situação ?

Comparar a estrutura desta história com as estruturas dos contos de fadas.

Verificar que este é um conto de fada contemporâneo onde um personagem do povo consegue mostrar seu valor.

Pedir às crianças que escrevam uma narrativa nesta estrutura – se a menina da história vivesse nos dias atuais qual seria seu desejo? (situação inicial- problema- resolução ou não do problema- desfecho)

O sofá estampado – Lygia Bojunga Nunes - Ed. Casa Lygia Bojunga (5º ano 4ª série)

Ler o livro com diversos modos de ler.

Discutir a passagem que descreve o sofá.

Pedir para as crianças trazerem tecidos.

Em grupo – fazer a descrição do tecido.

Discutir as ideologias – esconder (Victor) e alienada (Dalva).

Discutir ainda o capitalismo – carcaça de plástico, etc..

Traçar em grupos distintos os perfis de Victor e Dalva

Você acha que Victor agiu certo? Por que ele quer seguir os passos da avó?

Como poderíamos mudar a história para que Victor e Dalva ficassem juntos?

Listar as opiniões dos alunos. Verificar se eles transformam Dalva de alienada para engajada.

Fazer o convite de casamento dos dois.

Redação: (2 opções)

Quando Victor resolveu seguir os passos da avó e lutar por algo que ele acreditava eu me lembrei de....

Victor e Dalva se casaram e...

2. Escola Pública Brasil (EPuB).

2.1.PPuB 1.

2.1.a. Metodologia das aulas.

Nas aulas dessa professora encontramos muito material fotocopiado, principalmente de estudo da Língua e propostas de produção de textos.

Durante o período que estivemos em contacto com essa turma, eles realizaram muitas actividades relacionadas ao Folclore, actividades de leitura de contos, lendas, cópia da história do “Bumba meu boi”, dramatização e ilustrações, entre outras.

As metodologias de trabalho são diversificadas, já que duas vezes por semana as turmas do 2º ano 1ª série da escola se dividem, em alunos de “nível avançado” e “alfabetização”. A PPuB1 fica responsável pela turma de “alfabetização” e as propostas de actividades são trazidas por ela e apresentam, normalmente, figuras de objectos em que as crianças devem relacionar com a palavra correspondente ao nome, ou “desembaralhar” as sílabas com o nome dos objectos, entre outras actividades desse género.

Quando a turma está completa, a professora trabalha com alguns textos do manual ou leitura de algumas histórias e faz um trabalho com a leitura do mesmo, seguido de cópia e interpretação do texto, “acha” que as propostas do manual são pouco inteligentes.

Muito dos alunos ainda não conseguem realizar uma “leitura” considerada pela professora como correcta pois têm muita dificuldade em reconhecer as letras. A PPuB1 lembra aos alunos que eles devem treinar a leitura em casa, observando as letras, lendo em voz alta e obedecendo aos sinais de pontuação (se tem uma vírgula, o texto está dizendo que temos que respirar...)

As propostas de produção de textos são normalmente trazidas pela professora, sendo de outros manuais ou pesquisas realizadas pela mesma, que compõem seus “materiais” de trabalho. As actividades não variam muito ou trazem figuras em que a criança deve descrever as cenas e assim contar a história ou continuar uma história que já possui um começo, um meio e precisa de um final.

No final das observações a PPUb1 estava começando a trabalhar com a noção do que é um bilhete, quando e como deve ser usado.

2.1.b. Aula.

A professora transcreveu no quadro a música “O cravo e a Rosa”

O cravo brigou com a rosa,
Debaixo de uma sacada,
O cravo saiu ferido,
E a rosa despedaçada.
O cravo ficou doente,
A rosa foi visitar,
O cravo teve um desmaio,
E a rosa pô-se a chorar.

Enquanto foi transcrevendo, pediu para que os alunos copiassem.

Deixou mais ou menos 20 minutos para a realização da cópia.

A PPUb1 perguntou se alguém conhecia a música e a maioria das crianças disseram que sim. Outra pergunta foi se era possível as rosas chorarem. Aqui apareceram respostas interessantes (aluno 1: “sim, às vezes quando eu acordo, olho a planta e parece que ela tá chorando, tá molhada mas não teve chuva”; aluno 2: “professora às vezes quando nós maltrata as plantas elas chora num é verdade?”)

Após a maioria das crianças ter terminado a cópia, a professora cantou a música e depois convidou-os a cantarem com ela.

Para concluir o trabalho, os alunos dramatizaram a música e ilustraram a cópia no caderno.

2.2.PPuB 2.

2.2.a. Metodologia das aulas.

Nas aulas dessa professora são trazidos muitos textos de outros manuais escolares em que são trabalhadas algumas das actividades que o livro possui, principalmente as de interpretação do texto e gramática.

As aulas seguem normalmente a mesma sequência de actividades. O texto é apresentado fotocopiado ou a professora transcreve na lousa e os alunos copiam. Em seguida é feita a leitura do mesmo, seguido de actividades de interpretação. Depois algumas partes do texto são usadas no estudo da língua e o trabalho é concluído com uma proposta de escrita.

A PPuB2 trabalha com a leitura do texto, fazendo diferentes jogos (umas vezes divide a turma e cada uma lê uma parte do texto outras pede para que um determinado aluno comece a leitura e outro continua até terminar o texto, entre outras formas).

As propostas de interpretação dos textos são utilizadas pela professora, que algumas vezes acrescenta algumas perguntas que considera relevantes.

As propostas de escrita são tiradas também do livro didáctico, e raramente a professora modifica a proposta.

Os textos, na maioria das vezes, acabam sendo utilizados para o estudo gramatical.

Dos conteúdos trabalhados ao longo do tempo em que estivemos presentes nessa sala de aula, destacamos: o singular e o plural, o aumentativo e diminutivo das palavras, a classificação das sílabas (monossílaba, dissílaba; trissílaba ou polissílaba) e o uso dos substantivos colectivos.

2.2.b. Aula.

A professora começa a aula dizendo que hoje vão trabalhar um texto legal.

Abre um livro didáctico e copia na lousa o texto “Os gémeos corintianos” e pede aos alunos que: “copiem no caderno o texto que estou escrevendo, com letra bonita e não esquecem de respeitar as pontuações e espaço”. Quando o

personagem fala ele usa um traço que indica que está falando e esse traço tem que estar no mesmo lugar onde começa um parágrafo. Esse traço, que é um sinal de pontuação, recebe o nome de travessão. Depois de copiar o texto, ela escreveu as perguntas sobre ele trazidas pelo livro, seguindo até os subtítulos encontrados para dividir as perguntas.

Depois da cópia, que demorou mais ou menos vinte minutos, a professora pediu para que alguns alunos lessem o texto, três alunos por vez, já que dividiu o texto (um era o narrador, outro a professora e outro lia a parte do Nico), a leitura foi realizada 3 vezes.

VAMOS LER 4

Agora, leia o trecho de uma história que fala de dois meninos. Serão iguais? Serão diferentes?

Os gêmeos corintianos

Nico e Beto eram dois gêmeos idênticos. Eles gostavam de confundir as pessoas: às vezes, o Nico vestia a camisa do Beto e o Beto a do Nico, e um se passava pelo outro. Faziam acordos secretos. Nem a mãe adivinhava:

— Nico! Não vá jogar bola lá fora! Seu resfriado ainda não passou!

O Nico de verdade ia para o campinho, enquanto o Beto tomava xarope.

Outras vezes, o Beto, que era ruim em Matemática, chamava o Nico para fazer prova. A dona Guiomar, nem *chum*.

— Beto! — ela dizia com a lista na mão.

— Presente! — respondia o Nico.

Por dentro, eles eram bem diferentes: o Beto gostava de festa e de nadar. O Nico preferia colecionar vaga-lumes e só entrava na água até onde dava pé.

Numa coisa os dois se pareciam: eles eram corintianos. Não perdiam nenhum jogo.

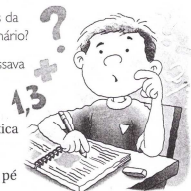
O sonho do Nico era ter a camisa do Casapequena. O Beto queria o autógrafo do Reco-Reco.

Naquela semana ia haver decisão no Pacambu: Santos x Corinthians. Imagina se eles não iriam...

Anna Flora. Os gêmeos corintianos. São Paulo: Ática, 1999.

Seguindo as pistas do texto

- Os meninos são gêmeos. Que sentidos da palavra **gêmeo** você encontra no dicionário?
- No início, a história diz que "um se passava pelo outro". O que isso significa?
- Explique os seguintes trechos:
 - o Beto, que era ruim em Matemática
 - a dona Guiomar, nem *chum*.
 - só entrava na água até onde dava pé





Discutindo as idéias do texto

- Que truque era usado pelos gêmeos?
- Quando eles usavam esse truque?
- Você acha certo enganar as pessoas para resolver problemas na escola? Por quê?
- Se você tivesse um irmão gêmeo, agiria como os meninos da história?

NA PONTA DA LÍNGUA

Gêmeos é o nome de uma constelação.



 "Constelação" é um substantivo que indica um conjunto de estrelas. O substantivo que indica um conjunto é chamado de **substantivo coletivo**.

Pesquise, em uma gramática, outros substantivos coletivos e, em seu caderno, forme frases com eles.

Figura 5. Descobrimo a gramática 2º ano: páginas 77-78.

A seguir resolveu as actividades de interpretação com eles oralmente, fora a primeira pergunta que remetia ao uso do dicionário, e como nem todos os alunos possuem dicionário a PPUB2 escreveu o significado na lousa.

Seguindo as pistas do texto

1- Os meninos são gêmeos. Que sentidos da palavra gêmeo você encontra no dicionário ?

2.- No início, a história diz que “um se passava pelo outro”. O que isso significa?

3- Explique os seguintes trechos:

a) O Beto, que era ruim em Matemática.

b) A dona Guiomar, nem tchum.

c) Só entrava na água até onde dava pé.

Discutindo as idéias do texto

Que truque era usado pelos gêmeos ?

Quando eles usavam esse truque?

Você acha certo enganar as pessoas para resolverem problemas na escola? Por quê?

Se você tivesse um irmão gêmeo, agiria como os meninos da história? (livro didático)

As duas últimas respostas dos alunos foram todas “politicamente” correctas, condenando os gêmeos e dizendo que não fariam as coisas que eles fizeram por ser feio enganar os outros.

Como actividades para casa, a professora passou a sugestão do livro, que consistia em pesquisar numa gramática, substantivos colectivos e formar frases com eles.

Esta actividade surgiu da observação de que a palavra Gêmeos é o nome de uma constelação e partiu disso para o estudo dos colectivos, ou seja, fica evidente a utilização do texto como pretexto.

2.3. PPUB 3.

2.3.a. Metodologia das aulas.

Durante a maior parte do tempo em que estivemos acompanhando as aulas, a PPUB3 desenvolveu com a turma um Projecto sobre Jornal.

Utilizando-se de jornais da biblioteca (o jornal mais novo datava de 6 meses atrás), apresentou, ao longo das aulas, a estrutura do jornal, os diferentes tipos de textos que ele contém, as características de um texto informativo e de um anúncio, assim como desenvolveu actividades em que os alunos tiveram que escrever esses tipos de textos (em uma actividade apresentou a manchete e pediu para que, em grupos, elaborassem uma notícia; outra vez apresentou uma notícia e eles tinham que escrever uma manchete).

Fora o trabalho com o projecto, algumas vezes a professora trouxe textos fotocopiados e entregou aos alunos ou transcreveu na lousa para que eles copiassem.

A leitura dos textos não é muito trabalhada por essa professora, muitas vezes é ela mesma quem lê o texto, ou pede para um aluno que lê bem (“fulano” leia o texto porque você lê bem).

Tanto o trabalho de interpretação dos textos como as propostas de produção, são seguidas na íntegra do livro didático pela PPU3.

O conteúdo de gramática trabalhado foi substantivos (masculino; feminino; singular; plural; primitivo; derivado).

2.3.b. Aula.

A professora escreveu na lousa o texto “Grilo grilado” e pediu para que os alunos copiassem no caderno.

VAMOS LER 2

Durante o dia e durante a noite, podemos ouvir os sons produzidos por diferentes bichinhos.

Você sabe o nome do bichinho que faz cricri... cricri...?
Leia o poema e descubra.

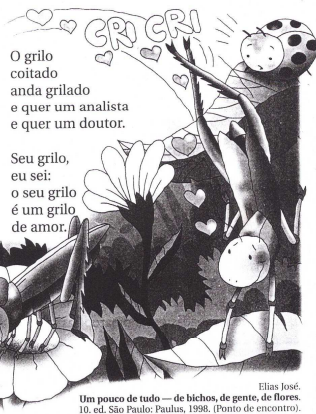
Grilo grilado

O grilo
coitado
anda grilado
e eu sei
o que há.

Salta pra aqui,
salta pra ali.
Cricri pra cá,
cricri pra lá.

O grilo
coitado
anda grilado
e não quer contar.

No fundo
não ilude,
é só reparar
em sua atitude
pra se desconfiar.



Um pouco de tudo — de bichos, de gente, de flores.
10. ed. São Paulo: Paulus, 1998. (Ponto de encontro).

Seguindo as pistas do texto

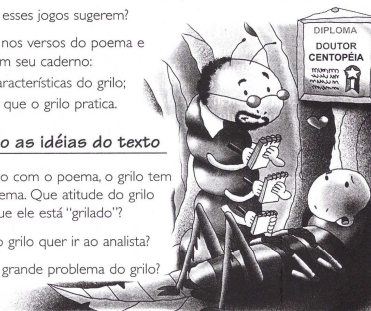
- De acordo com o poema, o que quer dizer a palavra “grilado”? E a palavra “analista”? Procure o significado dessas palavras no dicionário.

34

- Releia a última estrofe do poema.
 - Nela, aparece três vezes a palavra “grilo”. Escreva em seu caderno, com base no poema, o sentido da palavra cada vez que ela aparece.
 - Veja que a palavra “seu” foi escrita duas vezes nessa estrofe. Onde ela pode ser substituída pela palavra “senhor”?
- O poema brinca com as palavras, faz um jogo com os sons que as letras representam.
 - Escreva, no caderno, alguns dos jogos de sons que há no poema.
 - O que esses jogos sugerem?
- Encontre nos versos do poema e escreva em seu caderno:
 - duas características do grilo;
 - a ação que o grilo pratica.

Discutindo as idéias do texto

- De acordo com o poema, o grilo tem um problema. Que atitude do grilo mostra que ele está “grilado”?
- Por que o grilo quer ir ao analista?
- Qual é o grande problema do grilo?



TRABALHANDO A ORALIDADE

Imagine que você trabalha em uma emissora de televisão. Forme um grupo com outros três colegas e leiam a matéria sobre a vida dos grilos. Não se esqueçam de usar muitas imagens. Afinal, seu trabalho vai aparecer na televisão de sua classe!

35

Figura 6. Descobrendo a gramática 2º ano: páginas 34-35.

A professora seleccionou algumas actividades presentes no livro didáctico e só colocou aquelas que considerou importantes.

Antes colocou o significado de grilado e de analista, caso algum aluno tivesse dúvidas.

A PPUB3 leu o poema e depois fez a leitura colectiva do mesmo. A leitura foi realizada quatro vezes.

Os alunos copiaram também as actividades de interpretação escolhidas pela docente.

- 1- Encontre nos versos do poema e escreva:
 - a) duas características do grilo;
 - b) a ação que o grilo pratica.
- 2- De acordo com o poema, o grilo tem um problema. Que atitudes do grilo mostra que ele está grilado?
- 3- Por que o grilo quer ir ao analista?
- 4- Qual é o grande problema do grilo?

Ficaram de fora da selecção da PPUB 3 as questões :

- 1- Releia a última estrofe do poema.
 - a) Nela, aparece três vezes a palavra “grilo”. Escreva em seu caderno, com base no poema, o sentido da palavra cada vez que aparece.
 - b) Veja que a palavra “seu” foi escrita duas vezes nessa estrofe. Onde ela pode ser substituída pela palavra “senhor”?
- 2- O poema brinca com as palavras faz um jogo com os sons que as letras representam.
 - a) Escreva, no caderno, alguns dos jogos de sons que há no poema.
 - b) O que esses jogos sugerem?

A professora ajudou os alunos a responderem às questões (para responderem à quarta questão ela pediu que olhassem para o desenho).

Não foi acrescentada nenhuma pergunta sobre este poema.

Depois foi pedido que os alunos escrevessem os substantivos do texto e passassem o quinto verso para o plural.

2.4.PPuB 4.

2.4.a. Metodologia das aulas.

Durante as aulas em que estivemos presentes, verificámos que a professora faz questão de começar a aula com uma oração ou leitura de algum texto (pensamentos).

A metodologia de aula desta docente segue um padrão, como os alunos não possuem livro didáctico de Língua Portuguesa, e a professora não traz o material fotocopiado, ou ela dita o texto e as perguntas sobre ele, ou pede para que um aluno copie na lousa.

Todos os textos trazidos são utilizados para algum trabalho com o estudo da Língua, além de trabalhar as perguntas de interpretação do mesmo.

Assim como a professora selecciona os textos, escolhe também as perguntas de interpretação que vai trabalhar e na maioria das vezes elabora outras perguntas, consideradas por ela importantes para a compreensão do texto lido, mas que não diferem muito das normalmente encontradas no livro didáctico, já que trabalham o texto na sua superficialidade.

A leitura é pouco exercitada e quando feita, normalmente, é silenciosa. Quando pede para que algum aluno leia, a docente sempre critica muito e diz *que desse jeito vocês não vão longe, nem conseguem ler o texto quanto mais interpretá-lo.*

As questões relativas ao texto normalmente são primeiro feitas oralmente, discutidas entre a professora e os alunos, e só depois ela dá tempo para que eles respondam.

Após o tempo deixado para a leitura silenciosa, a professora, na maioria das vezes, pergunta se há alguma dúvida e, como os alunos não se manifestam, ela diz: *“nossa como vocês são inteligentes, nem precisam vir pra escola, nunca têm dúvida de nada, se leram e não têm dúvidas deve ser porque ou não leram ou não entenderam nada”.* Algumas vezes faz eles lerem o texto novamente para ver se surgem dúvidas.

A PpuB4 não trabalha muito com a produção de textos mas quando trabalha costuma seguir a sugestão do livro didáctico. No entanto, geralmente é ela quem elabora a proposta.

2.4.b. Aula.

Em uma das aulas a professora ditou o texto “Festa de Aniversário”.

Festa de aniversário

Leonora chegou-se para mim, a carinha mais limpa deste mundo:
– Engoli uma tampa de Coca-Cola.

Levantei as mãos para o céu: mais esta agora! Era uma festa de aniversário, o aniversário dela própria, que completava seis anos de idade. Convoquei imediatamente a família:

– Disse que engoliu uma tampa de Coca-Cola.

A mãe, os tios, os avós, todos a cercavam, nervosos e inquietos. Abre a boca, minha filha. Agora não adianta: já engoliu. Deve ter arranhado. Mas engoliu como? Quem é que engole uma tampa de cerveja? De cerveja, não: de Coca-Cola. Pode ter ficado na garganta – urgia que tomássemos uma providência, não ficássemos ali, feito idiotas. Peguei-a no colo: vem cá, minha filhinha, conta só para mim: você engoliu coisa nenhuma, não é isso mesmo? – Engoli sim, papai – ela afirmava com decisão. Consultei o tio, baixinho: o que é que você acha? Ele foi buscar uma tampa de garrafa, separou a cortiça do metal:

– O que é que você engoliu: isto... ou isto?

– Cuidado que ela engole outra – adverti.

– Isto – e ela apontou com firmeza a parte de metal.

Não tinha dúvida: pronto-socorro. Dispus a carregá-la, mas alguém sugeriu que era melhor que ela fosse andando: auxiliava a digestão.

No hospital, o médico limitou-se a apalpar-lhe a barriguinha, cético:

– Dói aqui, minha filha?

Quando falamos em radiografia, revelou-nos que o aparelho estava com defeito; só no pronto-socorro da cidade.

Batemos para o pronto-socorro da cidade. Outro médico nos atendeu com solicitude:

– Vamos já ver isto.

Tirada a chapa, ficamos aguardando ansiosos a revelação. Em pouco o médico regressava:

– Engoliu foi a garrafa.

– A garrafa? Exclamei. Mas era uma gracinha dele, cujo espírito passava muito ao largo da minha aflição: eu não estava para graças. Uma tampa de garrafa! Certamente precisaria operar

– não haveria de sair por si mesma.

O médico pôs-se a rir de mim.

– Não engoliu coisa alguma. O senhor pode ir descansando.

– Engoli – afirmou a menininha.

Voltei-me para ela:

– Como é que você ainda insiste, minha filha?

– Que eu engoli, engoli.

– Pensa que engoliu – emendei.

– Isso acontece – sorriu o médico. – Até com gente grande. Aqui já teve um guarda que pensou ter engolido o apito.

– Pois eu engoli mesmo – comentou ela, intransigente.

– Você não pode ter engolido – arrematei, já impaciente: – Quer saber mais do que o médico?

– Quero. Eu engoli, e depois desengoli – esclareceu ela.

Nada mais havendo a fazer, engoli em seco, despedi-me do médico e bati em retirada com toda a comitiva.

No dia seguinte, a professora pediu para que um aluno transcrevesse na lousa as perguntas que ela foi ditando. Percebeu-se neste momento que a professora elaborou as questões na hora.

- 1- Por que Leonora deixou todos aflitos em sua festa de aniversário?
- 2- A idade da menina diz respeito ao facto acontecido?
- 3- Por que não foi resolvido o problema no primeiro pronto-socorro?
- 4- Por que um dos médicos disse que Leonora havia engolido uma garrafa?
- 5- Quais as personagens principais da história?
- 6- A mãe de Leonor aparece na história?
- 7- Que tipo de texto é? O que significa?
- 8- Dê o desfecho imprevisto desta crónica.
- 9- Como você conclui que Leonor seja, por sua última frase?

A professora leu o texto e depois foi respondendo oralmente às questões com os alunos.

A pergunta sobre os personagens principais gerou um pouco de dúvidas pois alguns alunos colocaram os dois médicos como personagens principais do texto. A professora resolveu a questão dizendo que os personagens principais são aqueles que aparecem mais vezes e que sem eles o texto não tem sentido de existir.

A sétima pergunta foi respondida pela professora porque nenhum aluno sabia o que era uma crónica. Para eles, o texto escrito era uma narrativa. A resposta da professora foi: É uma crónica. Uma história pequena com um final determinado (inesperado).

Como sugestão de escrita pediu que os alunos se juntassem em grupos de dois e escrevessem uma carta para uma amiga, como se fosse a Leonora, contando o que se passou na sua festa de aniversário. (proposta sugerida pelo livro didáctico).

2.5. Lugar da Literatura na EPuB.

Nesta escola, o texto literário está presente nas aulas através dos textos trazidos no livro didáctico adoptado pelo professor, ou por textos de outros livros pesquisados. Algumas vezes são contadas histórias de textos literários de livros da biblioteca da escola.

A escola possui um Projecto de Leitura, em que todas as turmas da escola, uma vez por semana, vão à Biblioteca para a “Aula de Leitura”.

As “Aula de Leitura” não diferem muito em sua metodologia. As aulas são de 45 minutos e são dadas pela professora da turma, sempre na presença da bibliotecária que possui, além da formação em Pedagogia, um curso de especialização em Ensino do Texto. Todavia, suas actividades principais resumem-se ao empréstimo de livros e a manter o silêncio da biblioteca.

A maioria das vezes, essas aulas são trabalhadas levando em conta as datas festivas (enquanto estivemos na escola ocorreu o Folclore, o Aniversário da cidade de Presidente Prudente e o dia dos Pais), ou seja, a bibliotecária separa os livros que tratam sobre esses assuntos e deixa numa estante da biblioteca e o professor trabalha os mesmos com os alunos.

Algumas vezes é o professor que lê o livro, outras distribui os livros numa mesa e os alunos, dentro daquelas opções, escolhem quais livros vão ler.

Quando não estão relacionadas a datas comemorativas, o professor deixa que os alunos sigam até às estantes direccionadas à sua série/ano (a Biblioteca está dividida em 10 estantes: duas para cada série/ano, uma para dicionários, jornais, revistas e Gibis (Banda Desenhada) e uma outra para colocar os textos relacionados às datas festivas do mês).

Uma outra vez na semana, os alunos voltam até a Biblioteca para devolverem o livro que pegaram emprestado na semana passada e requisitar um novo.

A seguir descrevo como são estas aulas na biblioteca escolar de cada série observada.

Aula PPub1

Como os alunos encontram muita dificuldade em ler sozinhos, normalmente é a professora que realiza as leituras.

Aproveitando o tema do Folclore, a professora pegou o livro de Ricardo Azevedo “Armazém do Folclore” e leu a charada: Tem dente mas não tem boca, não morde, come ou mastiga, é careca e tem cabelo Quem adivinha seu nome? Resposta: o alho. A professora leu também o ditado popular “roupa suja se lava em casa” assim como algumas receitas.

As crianças gostaram muito das histórias, principalmente porque a professora fez uma leitura dramatizada.

Após as leituras, a PPUB1 questionou se as crianças tinham gostado das histórias e pediu para dizer qual das duas tinham gostado mais e por que.

Aula PPUB2

A professora tinha trabalhado há alguns dias atrás com o texto “Maria vai com as Outras”, de Sylvia Orthof, no livro didático, mas a história estava fragmentada. Então resolveu ler a história completa numa das “Aulas de Leitura” na Biblioteca.

Alguns alunos reconheceram através da capa que já tinham lido a história. Então a professora explicou: é a mesma história, mas aquela que nós lemos estava só uma parte, agora vamos saber tudinho o que aconteceu.

Tentou fazer um certo suspense na hora em que a Maria está para pular: vocês acham que ela vai pular? Mas como os alunos já conheciam o final, “adivinharam” o que a Maria ia fazer.

Depois de ler, a professora pediu para que os alunos dissessem as diferenças do texto que eles tinham e aquele que ela tinha acabado de ler... (as respostas foram no sentido de que a história que a professora leu, a Maria tinha feito mais coisas, seguido mais as outras, até decidir não pular).

Aula PPUB3

A professora aproveitou que estava trabalhando com o Projecto de Jornal, e leu alguns textos informativos de uma revista para que os alunos fizessem a comparação entre eles (o texto jornalístico presente no jornal Oeste Notícias e aquele presente na revista Veja)

Primeiro leu uma notícia e depois pediu para que dissessem o que, logo de cara, notavam de diferente (surgiram respostas relacionadas à cor do texto, tipo de papel, tamanho da letra.)

Depois deixou que os alunos folhassem a revista e fizessem uma tabela das principais diferenças. Foi lembrando o tipo de informações que o jornal contém, como está dividido e foi orientando os alunos para que fizessem o mesmo em relação a revista.

Perguntou qual dos dois (jornal ou revista) os alunos achavam melhor de ler e a maioria respondeu que a revista (por ser mais bonita, colorida). Alguns alunos disseram que preferiam o Jornal porque na revista não tinha notícias de esporte.

Essa foi uma aula em que os alunos participaram muito e estavam muito motivados com as discussões. Para algumas crianças este foi o primeiro contacto com revistas dessa natureza (Revista Veja).

Aula PPub 4

A maioria das “Aulas de Leitura” são “livres”, ou seja, os alunos podem escolher qualquer um dos livros da Biblioteca (mas a professora orienta que não quer saber deles lendo: historinhas de criança, de “Era uma vez”, que eles têm que fazer leituras mais consistentes) e realizar sua leitura.

No final da aula, a professora normalmente escolhe um aluno que deve apresentar um resumo da história, dizer o nome do autor, o nome da história lida e aquilo que mais gostou (muitas vezes os alunos não conseguem terminar de ler a história que começaram, por isso a professora escolhe outro aluno).

Ao apresentarem o resumo da história, percebemos que muitas crianças não têm bem definido o conceito de resumo, pois começam por apresentar a história e contam a trama de maneira muito superficial. Na maioria das vezes não conseguimos perceber nada da história e depois terminam a história sem dizer o que aconteceu.

Ao dizer o porque gostou ou não da história, o aluno normalmente diz que sim e fala que é porque a história é divertida ou porque o personagem é legal, não aprofundando detalhes do texto e fazendo com que infirmos na qualidade da leitura feita por estes alunos.

3. Escola Particular Portugal (EPaP).

3.1. PPaP 1.

3.1.a. Metodologia das aulas.

Enquanto estive a acompanhar esta turma, a professora PPaP1 trabalhou ou a apresentação de uma nova letra ou com os casos de leitura. (os encontros consonânticos e as convenções são vulgarmente conhecidos como casos de leitura). Normalmente a aula começava com a fixação de um cartaz na lousa contendo a letra ou caso de leitura que iria ser trabalhado no dia.

Primeiro a professora dizia oralmente a letra ou caso de leitura e depois pedia aos alunos que a repetissem várias vezes. Ela escrevia na lousa, em letras maiúsculas e cursiva (letra de máquina e letra de mão), quando o cartaz não apresentava a letra do dia. Normalmente o cartaz continha palavras e também pequenos textos ou frases escritas com aquela letra.

Pela ordem que as crianças estavam na fila, eram chamadas à frente para lerem as palavras ou frases do cartaz. A seguir os alunos passavam no caderno a nova letra que aprenderam, assim como tudo aquilo que o cartaz trazia (palavras, frases ou textos) e finalizavam com uma ilustração.

Em outros momentos, ao invés do cartaz era utilizado um texto do manual escolar e o trabalho pedido pela professora PPaP1 era o da leitura do texto respeitando os sinais de pontuação. Depois era solicitada a cópia do texto no caderno e quando aparecia o questionário relativo ao texto, era pedido que o respondessem no caderno.

A caligrafia bem feita era sempre exigida por essa docente.

Não foi acompanhado nenhum trabalho com produção de texto enquanto estivemos presentes.

No final das observações, a professora começou a trabalhar com a separação das sílabas.

3.1.b. Aula.

A professora colocou na lousa, um quadro com os casos de leitura pr, fr, tr, vr, dr, br, cr e gr. Depois os alunos disseram cada caso de leitura com as vogais (exemplo:pra, pre, pri, pro, pru; tra; tre: tri: tro: tru).

Foi pedido que alguns alunos fossem na lousa ler palavras do quadro.

“O dragão vive na gruta”

braço – brasa - brincadeira – brisa – cravo – dragão – frade – frango – fruta – graça – grande – gravata – gruta – lavrador – livro – magro – praça –prato – praia – prado – prego – presente – prisma - quatro

Depois a professora pediu para que os alunos fizessem a leitura do texto “A festa da Primavera” do manual.

32

7 Ler o texto.

A festa da Primavera

Há festa na Natureza. Já chegou a Primavera! Agora há menos **frio**. A terra parece que se vestiu de verde. O ar é **fresco** e perfumado.

A mata fica mais **alegre** e divertida. O melro **preto** de bico amarelo começa a assobiar de **madrugada**. De tarde, o sol aquece, apetece passear na mata, rebolar na erva verde... Tudo é **agradável** na Primavera!

Conversar sobre o texto

- Assinalar de acorção com o texto.
- Copiar, numa folha, as frases em que assinalou V.

	V	F	Não sei
Já começou a Primavera.			
A Primavera é uma estação do ano.			
A mata fica triste e aborrecida.			
Na Primavera, o ar é fresco e perfumado.			
O melro começa a assobiar de madrugada.			
De tarde, o sol é mais frio.			
Na mata há rolas e cucos.			

33

Páscoa, tempo de alegria

Saber ler, saber escrever

Conversar sobre a Primavera:

- o que é a Primavera;
- como fica a Natureza;
- como é o ar na Primavera;
- há mais frio ou mais calor;
- qual a cor que mais se vê;
- como fica a mata;
- como se chama a ave que aparece na mata;
- qual é a cor das suas penas e a cor do seu bico;
- o que se ouve de madrugada;
- o que apetece fazer na Primavera.

Copiar com letra cuidada.

Como é agradável passear ao ar livre!

Ler as palavras. Ligar cada palavra à figura respectiva. Escrever o nome no lugar correcto.

gri ta
fru me
tre lo
cre vro
li vo
cra vo

Figura 7. Bambi 1º ano páginas 32-33.

Após a leitura, os alunos fizeram a cópia do texto e ilustraram.

Como actividade para casa, os alunos responderam às actividades do livro Bambi 1º ano das páginas 32 e 33, sobre o texto, que foram primeiro feitas oralmente pela professora e corrigidas depois na aula seguinte.

O texto parece ter como objectivo principal apresentar de forma agradável alguns encontros consonantais (pri; fri, fre, gre,), pois apresenta um texto muito simplista em que as ideias estão “jogadas” e em que as questões relativas ao mesmo consistem em ordenar ou verificar a veracidade das informações.

3.2. PPaP 2.

3.2.a. Metodologia das aulas.

As aulas sempre começam com canções e leitura da bíblia.

O trabalho realizado pela professora PPaP2 segue normalmente a mesma sequência. É trabalhado com um texto do livro didáctico, em que primeiro é pedida a sua leitura (respeitando os sinais de pontuação, a professora pede uma leitura alta e expressiva). Algumas vezes, são as próprias crianças que se avaliam e/ou avaliam a leitura das outras crianças.

Após a leitura do texto, com a ajuda da professora PPaP2, os alunos respondem aos exercícios do livro e do Livro de Fichas.

Poucas foram as vezes que foram feitas algumas perguntas sobre o texto, fora as trazidas pelo livro, e quando feitas eram perguntas como o nome do autor do texto ou o nome dos personagens.

Numa das aulas, foi feita a escrita de um texto colectivo sobre a Primavera. No entanto, geralmente as propostas de escrita eram aquelas trazidas pelo livro didáctico.

Acompanhamos também um trabalho de dramatização sobre a História da Chapeuzinho Vermelho. A versão trazida pelo livro estava muito resumida, só apresentando as partes principais da história. Os alunos seguiram as instruções da professora, que justificou o pouco sucesso da actividade por ser a primeira vez que realizaram um trabalho desse género.

As actividades de gramática muitas vezes foram trazidas através do livro didáctico. Após o trabalho de interpretação do texto, a professora apresenta a teoria sobre o conteúdo trabalhado, uma vez que esse manual escolar não apresenta explicações teóricas.

3.2.b. Aula.

Os alunos abriram o livro e fizeram a leitura silenciosa da história “A gata Borralheira”.

avaliação formativa
A GATA BORRALHEIRA

■ Leio a história «A Gata Borralheira».
■ Retiro os autocolantes da página final e colo-os nos respectivos lugares.

Cinderela era uma menina muito bondosa e muito bonita.

Vivia com a madrastra e as suas duas filhas. Elas tinham inveja de Cinderela. Obrigavam-na a fazer todos os serviços de casa.

Cinderela gostava de ir para o canto da chaminé. Por isso, as irmãs chamavam-lhe Gata Borralheira.

O rei deu um baile para o príncipe escolher uma noiva. Todas as meninas do reino foram convidadas.

A madrastra disse a Cinderela que ela poderia ir ao baile, se arranjasse um vestido.

As irmãs partiram para o baile. Iam muito bem vestidas e muito bem penteadas. Cinderela, com tanto trabalho, não teve tempo de acabar o vestido. Ficou muito triste.

Ao entrar, que surpresa! Os seus amiguinhos tinham terminado o vestido. Mas faltava a carruagem...

A fada, sua madrinha, com a varinha mágica, transformou uma abóbora em carruagem e os ratinhos em cavalos.

A madrinha recomendou-lhe que voltasse antes da meia-noite. Que linda estava a Cinderela!

Todos ficaram encantados com a beleza de Cinderela. O príncipe dançou sempre com ela. As irmãs nem a reconheceram.

O relógio começou a bater as badaladas da meia-noite. Cinderela, aflita, fugiu do salão. O príncipe ficou desolado.

Ao fugir, Cinderela deixou cair um dos seus sapatos de cristal. O príncipe viu o sapatinho e apanhou-o.

avaliação formativa 6

O príncipe só casaria com a menina a quem servisse o sapatinho de ouro. As irmãs também o experimentaram.

Mas o sapatinho só serviu a Cinderela. Todos ficaram contentes. O príncipe casou com ela e foram muito felizes.

■ Completo as frases.

fazia todos os serviços de casa.
não gostava de Cinderela.
eram feias e vaidosas.
eram amigos de Cinderela.
transformou uma abóbora em carruagem.
encontrou o sapatinho na escada.
casou com o príncipe.

■ Escrevo frases onde entrem as palavras que têm o mesmo número.

chaminé 1	abóbora 3	Cinderela 4	carruagem 3	baile 2
vestido 2	Cinderela 2	Gata Borralheira 1	voltasse 4	fada 4

auto-avaliação

■ Assinalo de acordo com a minha avaliação (trabalho e participação).

😊😊😊😊 trabalhei **MUITO BEM**

😊😊😊😊 trabalhei **BEM**

😊😊😊😊 trabalhei **POUCO**

Figura 8. Bambi 2º ano páginas 102-103.

Depois, cada aluno leu um quadrinho da história e a professora foi cobrando a leitura.

Os alunos colaram os autocolantes do final do livro na sequência em que aparece na história.

Após a leitura, a professora fez algumas perguntas, que foram respondidas oralmente pelos alunos.

- 1- Como começou a história?
- 2- E começa como normalmente começam as histórias?
- 3- O que quer dizer bondosa? (não procuraram no dicionário, falaram o que sabiam)
- 4- Como se chamam essas palavras? (falou um pouco sobre sinónimos)
- 5- Agora diz uma palavra ao contrário. (falou sobre antónimo)
- 6- O que é um canto? (eles apontaram para os cantos da sala. A professora disse a frase: Eu canto muito bem e perguntou se era o mesmo “canto” do texto) Explicou a diferença entre uma ser uma ação e a outra um lugar. (pediu para alguns alunos irem à frente fazer uma ação para os outros descobrirem qual era).
- 7- O que é uma madrasta?
- 8- Que final teve essa história?
- 9- E pelo meio da história, teve muitas felicidades?
- 10- Quais foram os dramas?
- 11- O que a madrasta já sabia, quando deixou a gata Borracheira ir ao baile?
- 12- Quem a madrasta queria que fosse ao baile?
- 13- As filhas foram mesmo ao baile? Diz a passagem do texto que diz isso.
- 14- Quem é que ajudou Cinderela?
- 15- Qual foi o outro drama?
- 16- Onde diz que ela foi ao baile?
- 17- Quando ela voltou o que aconteceu?
- 18- E ela ficou a volta do sapato a chorar?
- 19- E porque ela fugiu?
- 20- O que ela ganhou ao cumprir o que a madrinha lhe tinha dito?
- 21- Quem encontrou o sapato?

Após responderem às perguntas feitas pela PPaP2, os alunos realizaram as actividades da página 69 oralmente. As actividades, de forma geral, trabalham com questões do texto pedindo que o aluno preencha as frases com informações do mesmo. (nome dos personagens que realizam cada acção)

A professora pediu que os alunos fossem contar a história que tinham acabado de ler. (uma aluna começou a contar a história, mas estava acrescentando informações da história que conhecia e a professora mandou ela só usar a história que tinham acabado de ler). O reconto foi muito simplista, já que a história trazida pelo livro didáctico está muito resumida, apresentando informações que contribuem apenas para sequenciar a história conhecida por todos os alunos da sala.

3.3. PPaP 3.

3.3.a. Metodologia das aulas.

O trabalho realizado está sempre focado no livro adoptado pela escola. A PPaP3 segue quase sempre a mesma sequência de trabalho, mudando algumas

vezes a ordem de leitura dos textos. O trabalho é realizado normalmente da seguinte maneira: é pedida a leitura silenciosa do texto, que depois de algum tempo é realizada pela docente, que à medida que lê vai fazendo algumas perguntas para “ajudar” na compreensão do texto. Após essa “conversa”, é realizada novamente a leitura do texto de diferentes maneiras (cada aluno lê uma parte do texto; as meninas lêem uma parte e os meninos outra; divide a classe em partes e cada uma lê um pedaço do texto; leitura conjunta; etc). Muitas das leituras são feitas de forma dramatizada e em alguns textos depois os alunos dramatizam a história, poema ou canções.

Após a leitura de alguns textos, é feito o resumo do mesmo de forma colectiva, ou seja, cada aluno, com uma caneta colorida, vai sublinhando as frases do texto que em conjunto consideraram importantes para a compreensão do mesmo. No final devem escrever no caderno as informações que consideraram importantes para elaborarem o resumo do texto.

A actividade seguinte consiste em responder às perguntas que vêm no final do texto e depois as actividades do Livro de fichas.

Algumas vezes é realizada a cópia do texto trabalhado, ou é dado um tempo para que os alunos releiam o texto que depois será trabalhado em forma de ditado.

A PPaP3, em todos os textos lidos, chama a atenção para o tipo de texto utilizado e para as referências do mesmo (como o livro não traz, muitas vezes, as referencias completas, ela ressalta ainda mais a importância de o fazer).

As propostas de produção de texto, quando feitas, seguem as orientações trazidas pelo livro didáctico.

A professora trabalhou a gramática através das actividades presentes no livro e apresentou teoricamente os conceitos de sinónimos, antónimos e sílabas tónicas.

3.3.b. Aula.

A aula começou com a leitura silenciosa da história “Páscoa, Tempo de alegria...”

PÁSCOA, TEMPO DE ALEGRIA...

Aleluia, aleluia são palavras que lembram a Páscoa e as amêndoas coloridas e docinhas.



... Quando os sinos calavam o repenicar, era a vez dos foguetes acordarem as nuvens. Quando acabavam os foguetes, os galos da aldeia começavam as cantorias, bastante zangados.
Logo a seguir começava a Visita Pascal.
... Entrávamos em todas as casas, que nos esperavam com um tapete de camélias e alecrim à porta.
– Aleluia, aleluia! Boas festas, aleluia, aleluia! – dizíamos em coro.
À volta da sala estava a família. E o Tio Paulino dava-lhes a Cruz a beijar, engalanada com fitas coloridas.
Em cima da mesa, sobre a toalha de linho branco, havia amêndoas, camélias vermelhas e bolos.
Em cada casa eu só pegava em duas amêndoas. E rilhava-as num instantinho. Depois ficava farto de tanta doçura.
Mas continuava a pegar em duas amêndoas!...



Quando terminava a Visita Pascal eu, cansado e com os pés doridos, entrava em casa. E guardava as amêndoas num cestinho.
Por isso, um mês depois, os meus colegas da escola ainda disputavam a vez para me levarem e trazerem a mala dos livros e o saco da merenda.
É que eu era o único que ainda tinha amêndoas!

António Mota, Abada de História, Desabrochar

Conversar sobre o texto

* Digo os nomes:

- * do autor.
- * do livro.
- * do editor.

* Assinalo o que é certo.

- * O autor é só narrador.
- * O autor entra na história.

O menino guardava as amêndoas para:

- * as comer mais tarde.
- * as dar aos companheiros.

Ele dava as amêndoas:

- * por amizade.
- * por interesse.

* Trabalho no Livro de Fichas, pp. 96-97.

Figura 9. Bambi 3º ano páginas 106-107.

Depois leram o texto colectivamente (todos ao mesmo tempo).

Após a leitura, a professora fez algumas perguntas, que foram respondidas oralmente.

- 1- De que fala este texto?
- 2- Quem é o autor do texto?
- 3- Está escrito em prosa ou poesia?
- 4- Quem gostou do texto? Por quê? (um aluno disse que gostou por ser do António Mota)

Depois pediu para lerem a parte que mais gostaram (a maioria dos alunos leu o penúltimo parágrafo).

Voltaram a ler o texto, mas neste momento a professora lia um parágrafo e os alunos repetiam (em coro).

Quando aparecia alguma palavra difícil (repenicar, engalanada, rilhava-as), a professora perguntava se alguém sabia o significado e caso não soubessem explicava.

Fizeram as actividades do livro e do Livro de Fichas que estavam voltadas na maioria dos casos para perguntas superficiais, que nem poderiam ser consideradas uma interpretação de texto devido à sua singularidade. A única questão que suscitou dúvidas foi o destino dado às amêndoas pelo autor do texto - “O menino guardava as amêndoas para ?” - pois consideraram que as duas respostas estavam erradas (as comer mais tarde / as dar aos companheiros), já que o menino, na visão deles, não tinha por objectivo dar as amêndoas aos amigos e sim trocar por favores.

Após a correcção das actividades conversaram um pouco sobre a Páscoa. (significado religioso, doces da época, as tradições).

3.4. PPaP 4.

3.4.a. Metodologia das aulas.

O acompanhamento das aulas da PPaP4 foi realizado de forma mais concentrada (fizemos as 20 horas de observação em um pouco mais de um mês), já que a mesma ficou de licença maternidade e só retornou ao trabalho no mês de Abril.

O livro didáctico foi utilizado nas primeiras aulas e o trabalho realizado quase sempre seguia a mesma sequência: realização da leitura silenciosa, depois a leitura realizada pela docente, que fazia perguntas em quase todos os parágrafos, como forma dos alunos recontarem o texto e depois passavam para as actividades sugeridas pelo livro adoptado.

Algumas vezes a professora pedia que os alunos lessem, como forma de verificação de leitura, levando em consideração as falas da PPaP4 aos alunos: “*é preciso saber ler, respeitando a pontuação e ler em voz alta, mas não só essa leitura “certinha”, também temos que entender o que se lê*”.

As actividades de interpretação do texto eram realizadas pelos alunos e corrigidas em conjunto por ordem de fila. As crianças respondiam às questões e a

professora confirmava se estava certo. Muitas vezes, após as actividades, os alunos faziam a cópia do texto, justificada pela docente, pela falta de atenção com a forma ortográfica das palavras. Algumas vezes realizou também o ditado do texto.

Devido à aproximação das provas de aferição, a PPaP4 deixou um pouco de lado o manual escolar adoptado e começou um trabalho de revisão dos conteúdos do Primeiro Ciclo. Com a ajuda de um livro adoptado pela docente que contém as provas de aferição dos últimos 4 anos foi realizado um “treino” com os alunos para que estes não fossem apanhados de surpresa pela prova de aferição, uma vez que o trabalho que o manual traz é diferente daquele que lhes vai ser exigido.

3.4.b. Aula.

Os alunos tiveram tempo para realizar a leitura silenciosa dos dois textos sobre o 25 de Abril, trazidos pelo manual escolar.

Depois a professora escolheu dois alunos que fizeram a leitura dos textos.



Figura 10. Caminhos 4º ano página 114.

A professora foi fazendo algumas perguntas sobre o texto

- 1- Que tipo de texto lemos?
- 2- Do que fala o texto?
- 3- O que foi o 25 de Abril? (neste momento deu algumas explicações sobre a data)
- 4- Porquê os soldados levavam cravos nas espingardas?
- 5- Quem são os autores do texto?

Após essa conversa sobre o texto, os alunos tiveram tempo (20 minutos) para realizarem as actividades da página 115 do Livro Caminhos 4º ano, que depois foram corrigidas pela docente. Essas actividades possuem exercícios de comparações entre os dois textos, em que os alunos têm que preencher com informações que se repetem nos mesmos (exemplo: exercício 2: Complete com palavras dos dois textos. No dia 25 de Abril houve uma _____ que acabou com _____ e fez nascer a _____) assim como exercícios que utilizam palavras dos textos para realizarem o trabalho com verbo e acentuação. (exemplos: Completa. Observa os exemplos: No dia 25 de Abril nós saímos à rua. No dia 25 de Abril eu _____; Completa o quadro com palavras do texto. Palavras esdrúxulas; palavras graves e palavras agudas).

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Copia o verso que é semelhante nos dois textos.
2. Completa com palavras dos dois textos.
No dia 25 de Abril houve uma _____ que acabou com a _____ e fez nascer a _____.
3. Copia no teu caderno a quadra de que mais gostas. Ilustra-a.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Completa. Observa o exemplo.
No dia 25 de Abril nós saímos à rua.
No dia 25 de Abril eu _____
vós _____
eles _____
2. Escreve versos sobre o 25 de Abril. Podes, junto com os dos teus colegas, publicá-los no jornal da tua escola ou num jornal da tua região.

AS PALAVRAS

1. Escreve palavras que se relacionam com o 25 de Abril comuns aos dois textos.
2. Escreve palavras da mesma família da seguinte:
cidade _____
3. Risca as palavras intrusas (que não pertencem às séries).

noite	ver
madrugada	florir
tarde	festejar
flor	libertar
manhã	rádio

4. Completa o quadro com palavras do texto.

Palavra esdrúxula	
Palavra grave	
Palavra aguda	

EXERCÍCIO
Procure com os teus colegas, em livros, revistas, jornais, internet, etc., textos e imagens sobre o 25 de Abril. Organizem um dossiê com os materiais recolhidos. Podem também apresentar o vosso trabalho aos outros alunos da escola ou incluí-los numa exposição no fim do ano.

Figura 11. Livro: Caminhos 4º ano página 115.

Ao corrigir as actividades, a docente foi relembrando conceitos sobre verbos, acentuação, substantivos, e pedindo que retirassem do texto exemplos do que estava falando.

3.5. Lugar da Literatura na EPaP.

O texto literário está presente nas aulas através do livro didático. O trabalho feito com o mesmo segue as sugestões do manual.

A escola não tem uma biblioteca para o Primeiro Ciclo, mas todas as salas possuem Biblioteca de Turma, com livros trazidos pelas professoras e também pelos alunos. Em alguns momentos, quando terminam as actividades, alguns alunos pegam livros para ler.

Quando surgem oportunidades, a escola programa idas ao teatro e outras actividades extra-escolares.

Enquanto estivemos desenvolvendo a pesquisa nesta escola, não acompanhamos a leitura de nenhuma história com livros de Literatura Infantil

4. Escola Pública Portugal (EPuP).

4.1.PPuP 1.

4.1.a. Metodologia das aulas.

Durante o período em que estivemos assistindo às aulas, a professora trabalhou com o livro didático adoptado e também levou muitas histórias inventadas por ela para apresentar alguns casos de leituras (ar, er, ir, or, ur, as, es, is, os us) ou letras novas.

Quanto ao uso do livro, a PPuP1 normalmente seguia suas sugestões de actividade e também de produção de texto. O trabalho começava com a leitura silenciosa do texto e em seguida a professora cobrava a leitura dos alunos (todos os alunos liam todos os textos, algumas vezes uma parte, outras o texto todo, já que as histórias eram pequenas). Antes da leitura, a professora sempre perguntava quem já tinha lido o texto em casa (no caso do trabalho com o livro

didático) e dizia: “quero uma leitura bonita, direitinha, olhem bem as palavras e leiam primeiro na cabeça pra não engasgar”.

Depois da leitura, a docente, algumas vezes, fazia perguntas que, segundo ela, ajudavam a: “puxar pela cabecinha o que o texto quer dizer pra gente”.

A cópia foi usada constantemente como estratégia, assim como o ditado. Algumas vezes o ditado não se refere ao texto trabalhado, mas trazia palavras do mesmo caso de leitura do texto trabalhado.

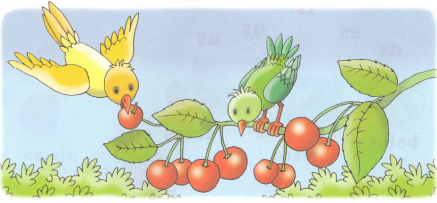
4.1.b. Aula.

O trabalho começou com a leitura silenciosa do texto “A cerejeira do pomar”.

7

C Ler o texto.

A cerejeira do pomar



É o ramo da cerejeira do pomar. Que carregado!
Cada cereja é bonita e doce.
Muito cedo o passarito pica a cereja para matar a fome.
Fica deliciado!
O seu amigo pica, pica uma a uma e não pára de picar.
Que comilão é o passarito amarelo.

Conversar sobre o texto


Assinalar as frases que estão de acordo com o texto.

- O passarinho pousa no ramo da cerejeira:
 - para dormir.
 - para comer.
- Cada cereja da cerejeira é:
 - bonita.
 - feia.
 - doce.
 - amarga.
- O passarito pica a cereja:
 - muito cedo.
 - tarde.


Páscoa, tempo de alegria

Saber ler, saber escrever


- Inventar uma conversa entre os dois passarinhos e a cerejeira.
- Ler e copiar com letra cuidada.
O passarito pousou no ramo da cerejeira.
- Ler e assinalar a palavra que legenda a figura.
- Escrever a palavra que assinalou.




cebola
cenoura



cenoura
cerejeira



cebola
cereja



cenoura
cebola

É da horta ou do pomar?

- A _____ é do pomar.
- A _____ é da horta.
- A _____ é do pomar.
- O _____ é da horta.

- macieira
- cerejeira
- cebola
- tomate

Figura 12. Bambi 1º ano páginas 22-23.

Depois pediu para que lessem em voz alta (individualmente) e todos os alunos leram.

A professora leu o texto e fez algumas perguntas que os alunos responderam oralmente.

- 1- De que cor é o passarito?
- 2- O que ele fazia de manhã logo cedinho?
- 3- O que ele faz de noite?
- 4- De que cor são as cerejas?
- 5- Como estava o ramo da cerejeira?
- 6- Como eram as cerejas?
- 7- O passarito acordava quando?
- 8- Como ele ficava depois de comer as cerejas?
- 9- O que fazia o amigo do passarito?
- 10- Porque ele picava muito?
- 11- Voltou ao primeiro parágrafo e perguntou qual a pontuação usada em “Que carregado!”
- 12- Pediu para que colocassem na negativa a frase: “Cada cereja é bonita e doce”
- 13- A palavra “ramo” tem quantas sílabas? (depois perguntou a quantidade de sílabas de algumas palavras do texto: carregado, cada, bonita, passarito, pica, deliciado, amarelo, comilão)
- 14- Depois perguntou: eu digo pão quando é um e se tenho muitos como falo? (fez isso com a palavra melão também)
- 15- Quando falo uma pergunta, qual o sinal de pontuação que uso?

A professora escreveu na lousa as letras Ce e Ci e depois fez um ditado:

- A casota do cão da Rita é bonita e é pintada de cor-de-rosa.
- A Rosália tem uma cadela que o tio José levou para casa.
- À noite a Rosália vai à cidade e vê o polícia na mota.
- O passarito pousou no ramo da cerejeira
- A Cecília comeu doce de cereja e o seu amigo cão comeu um osso.
- A Dália vai à missa e leva uma panela com massa.

Após o ditado, fizeram as actividades do livro. A professora disse que a ficha não vale nada e os alunos nem quiseram ajuda.

Terminou as actividades pedindo para que fizessem no caderno frases com as palavras: cereja, cerejeira, circo, cidade, polícia, cinema, Cecília e Célia.

4.2. PPU2 2a e PPU2 2b.

4.2.a. Metodologia das aulas.

As aulas de língua portuguesa são dadas praticamente com as duas docentes em sala, pois desenvolvem projectos juntas. Só nas aulas em que é trabalhado o livro adoptado, ou um conteúdo de gramática mais específico é que a PPU2 está sozinha.

As docentes fazem muitos jogos, elogiam muito os alunos quando fazem bons trabalhos e trabalham com muitos projectos para incentivar a leitura.

O trabalho com o livro adoptado segue a sequência das actividades e sugestões do mesmo. Normalmente a professora deixa um tempo para a leitura silenciosa e depois ou lê o texto e vai fazendo algumas perguntas ou pede aos alunos que leiam por ordem de fila.

Quando traz textos, estes normalmente estão ligados a algum conteúdo (trouxe um texto sobre viagens e trabalhou com os meios de transporte, que estavam sendo discutidos em ciências) e também exercícios de gramática utilizando o tema ou palavras do texto.

As docentes têm um trabalho em conjunto, permanente, com a colaboração de uma mãe de aluno, que é o jornal da turma, com textos e actividades feitas pelas crianças. (Jornal Juvenil)

O Jornal traz as actividades desenvolvidas pelos alunos (passeios, actividades na escola), os aniversariantes do mês, jogos, adivinhas, passatempos, e muitos dos textos feitos por eles (carta ao jornal, actividades de escrita relacionadas a projectos com textos literários) entre outras actividades.

As professoras trabalham muito com histórias que dizem ser de tradição oral (mas que são clássicos universais). Trabalharam com a história do Pinóquio e da Galinha Ruiva, enquanto estivemos na escola.

O trabalho algumas vezes tem a participação dos pais (cada aluno fez com os pais um novo Pinóquio, de materiais diferentes), assim como envolve a escola (os alunos foram encenar a história da Galinha Ruiva para a turma do 1 ano).

A maioria das propostas de escrita está relacionada ao contexto desses dois projectos (o jornal e as histórias contadas).

4.2.b. Aula.

A aula começou com a leitura silenciosa do texto Mestre Castor.

Mestre Castor

Mestre Castor quer construir a sua toca.

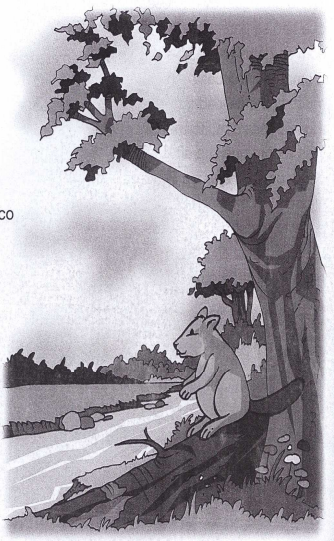
Pé ante pé aproxima-se da beira-rio.

Sentou-se um pouco pôs-se a pensar.

Pensou, pensou e decidiu:

— Vou construir a minha toca junto do rio. É bom lugar: tem água fresca, folhas de choupo e ricos peixes para pescar!

Soledade Martinho Costa,
Um-Dé-Li-Tá



Ficha **43** Pag. 94 **Mestre Castor**

Nome: _____ Data: ____/____/____

■ O castor é... (S ou N)

um pássaro com lindas penas.

um peixe com escamas muito brilhantes.

um mamífero roedor com pêlo luzidio.

■ O que queria fazer o mestre Castor?

■ Ele queria construir a sua toca... (V ou F)

na floresta. à beira-rio. numa árvore.

■ Porém, ele pôs-se a pensar... (X)

para decidir bem. para passar o tempo.

■ Então, antes de fazer qualquer trabalho, as pessoas... (Risca o **errado**.)

— precisam de dormir uma boa soneca.

— precisam de planear e pensar.

Figura 13. Pitágoras e a Leitura 2 página 93-94.

Após a leitura, a professora perguntou que tipo de texto era (“que só de olhar, sem lermos, já dava para saber). Depois fez cinco questões para serem respondidas oralmente, como uma conversa sobre o texto:

- 1- Quantos versos tem esse texto? (os alunos tiveram dificuldades em responder)
- 2- Quem escreveu essa poesia?
- 3- De que livro foi tirado?
- 4- Depois pediu que localizassem o verso em que um personagem falava
- 5- Pediu para que os alunos dissessem as diferenças entre um castor e um peixe.

Os alunos realizaram a leitura do texto (o texto foi dividido em 4 partes), fizeram a cópia e ilustraram-no no caderno. Depois fizeram as actividades do livro e a professora acrescentou 3 actividades.

- 1- Coloca as seguintes frases no plural
 - a) O castor quer construir a sua toca à beira-rio
 - b) O castor sentou-se e pôs-se a pensar

2- Expande a frase: O castor construiu a sua toca.

3- Completa:

Eu vi o castor

Tu o castor

Ele o castor

Nós..... o castor

Vós..... o castor

Eles..... o castor

Nota-se que o texto, conforme a estrutura que se encontra no livro didático, sugere que se trate de um poema, equívoco este confirmado pela docente ao elaborar suas perguntas.

Como actividade para casa, os alunos ficaram de pesquisar a comida preferida do castor, pois surgiram dúvidas ao realizar as actividades da página 95. (ao tentar ligar os animais aos seus alimentos preferidos)

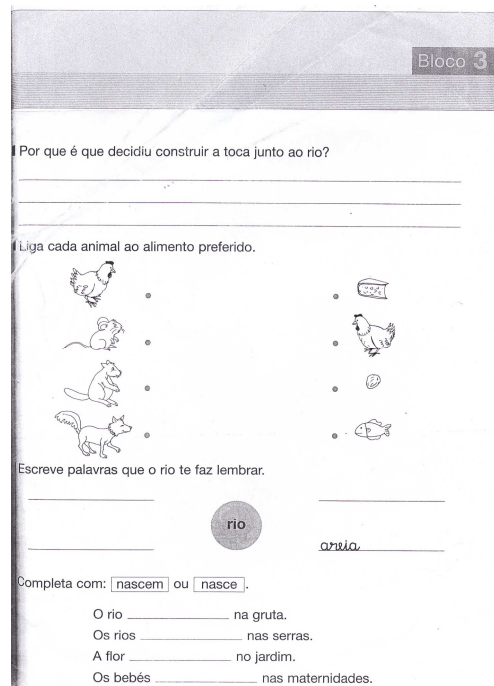


Figura 14. Pitágoras e a Leitura 2 página 95.

4.3. PPU 3.

4.3.a. Metodologia das aulas.

O trabalho com o texto literário está, mais uma vez, presente através do livro adoptado.

A professora faz o trabalho seguindo o modelo do livro. Primeiro deixa um tempo para que os alunos realizem a leitura do texto que vai ser trabalhado e em seguida pede para que alguns alunos leiam.

A professora utiliza uma grande parte da aula para a leitura do texto. Diz que precisa pedir a leitura deles porque apesar de alguns pais, mais presentes em casa, efectuarem um acompanhamento de perto, a maioria não sabe como o filho está na escola. Muitas crianças chegam sem saber ler nada, por isso ela tem que puxar por ele e “perder” muitas vezes bastante tempo da aula com a leitura, pois acredita que se eles não lerem na escola, com a sua ajuda, não desenvolverão essa competência.

Depois da leitura do texto, a professora vai fazendo algumas perguntas e os alunos respondem oralmente. Em conjunto fazem as actividades do Livro de Fichas.

Muitas vezes, a professora utiliza algumas gramáticas para trabalhar com outros textos. E a parte de gramática e ortografia está sempre presente no trabalho dessa docente.

As propostas de produção de textos são normalmente as trazidas pelo manual.

Enquanto estivemos presentes, não foram feitas muitas propostas de escrita.

4.3.b. Aula.

A aula começou com a leitura silenciosa do texto “Carnaval”

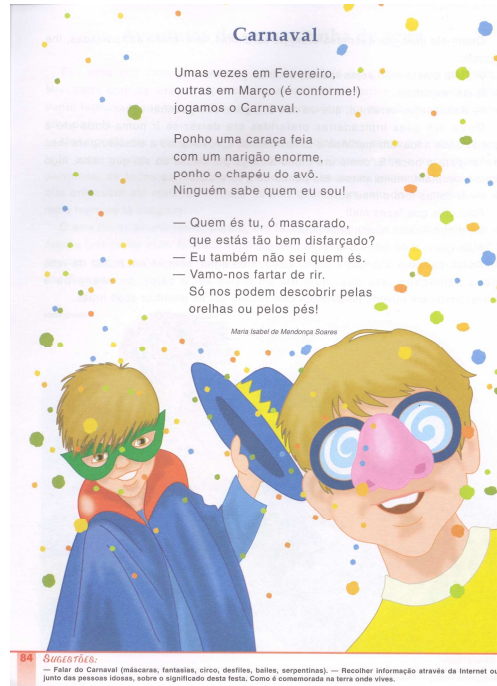


Figura 15. Crescer 3º ano página 84.

Depois a professora pediu para os alunos lerem o texto. Todos leram o texto completo, já que se trata de um texto muito curto. Alguns alunos encontraram muitas dificuldades para realizar a leitura.

Após a leitura, a professora fez algumas perguntas:

- 1-O Carnaval este ano é em Fevereiro ou em Março?
- 2-O que é caraça? (como não sabiam, a professora sugeriu que procurassem no dicionário).

Um aluno passou o significado de máscara na lousa, já que não havia significado no dicionário para caraça. A professora trabalhou o significado das palavras e os conceitos de sinónimo e antónimo. Explicou como utilizar o dicionário, já que muitos alunos não estavam conseguindo encontrar a palavra que tinha pedido. (uns acharam o significado e passavam a página para os outros).

A professora pediu para escreverem frases sobre o Carnaval e que usassem os sinónimos encontrados sobre máscara no dicionário.

Como proposta de escrita, sugeriu que contassem uma história de Carnaval, algo que eles tivessem vivido ou que gostassem que acontecesse no Carnaval desse ano.

Neste texto não havia fichas de trabalho e as questões levantadas pela professora também não acrescentaram muito ao texto.

A única sugestão do livro é que o professor fale sobre máscaras, fantasias, circo, desfiles, bailes, serpentinas e que realize uma pesquisa para saber o significado dessa festa na cidade em que se vive.

4.4. PPuP 4.

4.4.a. Metodologia das aulas.

A professora trabalhou muito com o livro didático e no final das observações trouxe algumas actividades fotocopiadas de provas de aferição de anos anteriores.

O trabalho seguia as propostas de actividade do manual, mas muitas vezes as propostas de escrita eram elaboradas pela docente.

Os alunos tinham um tempo para realizar a leitura do texto e depois a professora lia-o fazendo algumas considerações e perguntas. Poucas foram as vezes em que os alunos leram o texto em voz alta. As perguntas são feitas enquanto o texto é lido, como forma de chamar a atenção dos pontos principais de cada parágrafo. Depois respondiam às perguntas do Livro de Fichas, que eram corrigidas pela professora.

As propostas de escrita, assim como todas as aulas, enfatizavam muito o estudo da língua com actividades de gramática e ortografia.

A professora, após as provas de aferição, fez muitos trabalhos de escrita de texto (uma vez levou alguns objectos e os alunos construíram histórias a partir deles; fez também um trabalho em que cada criança começou a escrever um texto, com tema livre, e, dado o sinal, a folha era passada para trás e o outro continuava a história)

Os alunos pegaram emprestado livros da docente, que deveriam ler, resumir, e apresentar aos alunos a história no dia combinado. Antes da apresentação da história, os alunos apresentavam a bibliografia do autor do livro. Durante a apresentação (efectuada através de imagens das histórias desenhadas pelas crianças) os alunos não poderiam contar a história toda, mas deveriam contá-la de forma a que os outros tivessem vontade de a ler.

Quando terminavam de apresentar as histórias, a professora perguntava se tinham gostado do livro e do que gostaram.

4.4.b. Aula.

A professora determinou um tempo (15 minutos) para que fosse realizada a leitura silenciosa do texto “Uma família de sapatos”

Antes de ler...
Descobre o que são as palavras «meu», «teu», «nós», «eu».

Uma família de sapatos
Era uma família tão especial que causava espanto a quem a conhecia. Se é bem verdade que já todos nos habituámos a que em cada família haja sempre um ou outro elemento um pouco mais excêntrico, certo é que ninguém deixava de se espantar com as peripécias, as tropelias, as aventuras e também com algumas das desventuras daquela família de sapatos. Lá Unidos eles eram. Viviam todos muito aconchegados na sapateira daquele grande armário e talvez fosse por isso que não havia passeata destinada a um deles que todos os outros não insistissem em comentar, discordar, ou, mais raramente, apoiar.

Compreensão do Texto

- Onde e como vivia esta família tão especial?
- Quando é que as galochas saíam da sapateira?
- O que sentiam os outros «elementos da família» quando algum era procurado pelos seus donos?
- Porque é que os sapatos de homem se consideravam os «grandes chefes da família»?
- Que razões invocavam os chinélos de quarto para serem usados?
- Escreve a pergunta certa para cada uma das respostas que se seguem.
P: _____
R: O dom especial desta família era serem grandes dançarinos.
P: _____
R: Todos saíam do armário em noites silenciosas, escuras e sem luar.

Ortografia ança ou ansa

1. Completa as seguintes palavras com [anç] ou [ans]:

* d _____ * l _____ * c _____ * bon _____ * vitig _____
* cri _____ * esper _____ * Fr _____ * desc _____ * tr _____

Gramática APRENDE E APLICA Ficha 11 – págs. 100 e 101

1. Sublinha os pronomes e classifica-os com um X, de acordo com o exemplo.

Frases	Pronomes		
	Pessoais	Possessivos	Demonstrativos
O meu não tem laço.		X	
O teu é de vermiz.			
A minha está rotta.			
Nós temos um baile logo à noite.			
Eu vou esperar pela tua prima chinela.			

Oficina de Escrita

1. Imagina, num texto, como seriam as noites de bailarico da família de sapatos e como poderia terminar esta história.

Figura 16. Giroflé.4º ano páginas 106-107.

Depois o texto foi lido pelos alunos (cada um leu uma parte e o texto foi lido três vezes) e em seguida pela PPU4 que foi fazendo alguns comentários. Ao ler o primeiro parágrafo foi perguntando sobre algumas palavras (o que é: excêntrico;

peripécias; tropelias). Como os alunos não conheciam seus significados, a professora parou a leitura e colocou no quadro algumas palavras para que procurassem no dicionário (excêntrico; peripécias; tropelias, negrume, empertigar, polimento, pachorrentos, balbúrdio, aconchego, feição)

Após esse trabalho, a professora pediu que sublinhassem no texto estas palavras e quando leu o texto parou nessas palavras e pediu que os alunos dissessem o significado que melhor encaixava no texto. Quando terminava de ler cada parágrafo fazia algumas perguntas:

1º parágrafo: Parecem uma família unida?

2º parágrafo: Então sempre estavam chateados uns com os outros? Moravam no mesmo sapateiro? Todos apertadinhos ou à vontade?

3º parágrafo: O que acontecia aqui? Quando está um dia feio de chuva o que as pessoas calçam?

4º parágrafo: Quem é que não estava contente com nada disso?

5º parágrafo: No meio disso tudo quem eram os galões?

6º parágrafo: Quem são essas personagens que fala agora o texto? E como eles eram? O que diziam para convencer os outros?

7º parágrafo: Já está tudo contado? (falou da curiosidade que fica para o final do filme, do livro...)

Depois fez mais algumas perguntas sobre o texto de forma geral:

1- Quem é o autor do texto? É um autor participante ou não participante? Encontre uma frase no texto que justifique sua resposta.

2- Nessa história aplica-se uma figura de estilo, que é personagem e figuras inanimadas possuindo características humanas. Se tivesse que caracterizar psicologicamente essas sandálias o que diria? E os chinelos de quarto?

3- “Querem ver como era?” – Que tipo de frase temos aqui? (reviu o conceito dos tipos de frases)

4- Procure e classifique os adjetivos do texto.

Resolveram juntos (primeiro oralmente e depois um aluno passava a resposta na lousa) os exercícios do livro.

Seguiu a sugestão de escrita do livro (Imagina, num texto, como seriam as noites de bailarico da família de sapatos e como poderia terminar a história), mas acrescentou algumas exigências (têm que aparecer seis substantivos acompanhados de adjetivos; características físicas e psicológicas; narrador participante; verbos no Imperfeito e no Infinitivo; frases do tipo interrogativas, exclamativas e declarativas).

4.5. Lugar da Literatura na EPuP.

Embora a escola não conte com uma Biblioteca (possui um pequeno espaço mas só os professores têm acesso e só tem livros didáticos), alguns professores levam seus próprios livros para desenvolver um trabalho com o texto literário em sala de aula.

A escola também promove algumas actividades (concursos de poesia), está sempre envolvida em actividades extra-curriculares (passeios, idas ao teatro), assim como convida contadores de histórias e promove eventos (feira do livro; apresentação de recital e peças de teatro elaboradas pelos alunos).

Nenhuma das salas possui Biblioteca de turma.

O trabalho com o texto literário aparece na maioria das vezes através do manual escolar ou então de acordo com as metodologias de trabalho de cada professor, como já especificamos anteriormente.

5. Conversas.

Buscando pontos em comum entre as práticas docentes nas escolas dos dois países, podemos verificar, como mostramos acima, que a metodologia das aulas e os objectivos com o uso do texto literário não diferem muito.

De forma geral, independentemente de ser apostila, manual escolar, ou textos trazidos pelos professores, as aulas seguem o “modelo” do livro didático, sendo poucas as aulas em que o mesmo não se encontra no centro das actividades.

O professor, por diferentes motivos (pressionados pelos pais, que compram os livros, ou ter que trabalhar com material imposto pela escola, entre outros factores), pouco consegue fazer para modificar essa dependência e modificar as suas práticas, que são, de certa forma, “impostas” pelo manual.

Não apresentamos as aulas de gramática propriamente ditas por ser o texto literário o nosso foco principal. Sobre o mesmo percebemos que a maioria dos professores possui uma concepção distorcida sobre o que vem a ser sua leitura e interpretação.

A leitura silenciosa, seguida de uma leitura em voz alta, por um ou mais alunos, ou mesmo pela docente, pressupõe um entendimento do mesmo que não é real.

Como dissemos anteriormente, descodificar não significa saber ler, muito menos tratando-se de textos literários.

As actividades que têm por objectivo a interpretação do texto, ou perguntas elaboradas pelas professoras, para o mesmo fim, com algumas excepções, muitas vezes não contribuem em nada para que isso aconteça. Às vezes o texto não traz as ideias completas, por estar fragmentado, deixando um “vazio” de informações que impossibilitam o seu entendimento.

Encontrámos alguns conceitos errados sobre os tipos de texto, principalmente em relação ao poema. De forma geral, a ideia que fica aos alunos é a de que dependendo da “forma” (estrutura) como o texto é apresentado denuncia a sua tipologia. Muitas vezes encontramos equívocos de classificação das tipologias textuais, não só dos alunos, como também dos docentes.

As principais diferenças entre as escolas em relação ao uso do texto literário está nos projectos (das escolas, ou dos professores) e no envolvimento dos docentes.

O tempo das aulas, os conteúdos a serem trabalhados, assim como a sua forma de trabalho, pouco difere entre os sujeitos da pesquisa. A principal diferença está em como cada um deles resolve as suas limitações, a vontade de procurar soluções e as mudanças que realizam com os seus trabalhos.

Como um dado para análise, achamos importante comentar que nossa presença nem sempre foi “bem vinda” nas salas de aulas. De facto, em alguns momentos, mesmo após terem sido previamente acordados os dias e horários em que estaríamos presentes, fomos “convidados” a voltar noutra altura, com o argumento de que não seria trabalhada Língua Portuguesa naquele momento, ou que os alunos estavam terminando actividades do dia anterior, entre outros contratempos. Em contrapartida, encontramos alguns professores sempre disponíveis, não só para a nossa presença em sala de aula, mas também para conversas sobre o seu trabalho, para trocas de experiências e até mesmo, professores que pediram nossa contribuição para suprir as suas “falhas” com o trabalho com o texto literário, já que diziam não ter tido uma formação suficiente para realizar um trabalho diferente.

Não encontramos uma situação ideal no trabalho com o texto literário, que, na maioria das vezes, é usado como pretexto para o estudo da gramática ou

ortografia, ou ainda para o estudo de determinados conteúdos. Contudo, acompanhamos com esperança algumas iniciativas que procuram modificar isto. Entendemos também que o maior recurso ao livro didático impede esta alteração.

**O MANUAL ESCOLAR E A LITERATURA
INFANTIL**

1. O manual escolar e sua estrutura.

Neste capítulo, apresentamos e analisamos a estrutura dos manuais escolares que fazem parte do nosso corpus de pesquisa, enfocando a proposta de uso dos textos literários seleccionados, especialmente em relação à interpretação e produção de textos. Para tanto, cabe compreender e explicitar a concepção de literatura presente nas escolas e livros didáticos brasileiros e portugueses, bem como as práticas metodológicas utilizadas e/ou necessárias com vistas a produzir um modo diferente de utilizar a obra literária em sala de aula.

Segundo KAUFMAN (1995:14), os textos com predomínio da função literária têm uma intencionalidade estética e seu autor emprega todos os recursos oferecidos pela língua, com liberdade e originalidade, para produzir uma mensagem artística, uma obra de arte. Um dos artifícios utilizados por esta autora para definir o texto literário é o da oposição a outros textos. O exemplo utilizado é o do texto informativo: se nestes o referente é transparente, os textos literários, por seu turno, são

“[...] opacos, não explícitos, com muitos vazios ou espaços em branco, indeterminados. [...] Sendo que os textos literários exigem que o leitor compartilhe do jogo da imaginação para captar o sentido de coisas não ditas, de ações inexplicáveis, de sentimentos expressos.” (KAUFMAN, 1995,:21).

A apropriação da literatura, feita pela escola, pode ser assim definida, segundo SOARES (1999):

“Numa primeira perspectiva, podem-se interpretar as relações entre escolarização, de um lado, e literatura infantil, de outro, como sendo a apropriação, pela escola, da literatura infantil: nesta perspectiva, analisa-se o processo pelo qual a escola toma para si a literatura infantil, escolariza-a, didatiza-a, pedagogiza-a, para atender a seus próprios fins – faz dela uma literatura escolarizada.” (SOARES, 1999:17).

Em sua pesquisa, CHIAPPINI (2002) divide os textos que circulam nas escolas em dois grupos: os didáticos e os didactizados. Os primeiros são aqueles presentes nos livros adoptados pelo professor, e os didactizados são textos seleccionados pelo professor para serem trabalhados em sala de aula. Os textos didactizados, ainda, poderiam ser divididos em dois níveis, segundo a autora.

O primeiro nível de didactização é encontrado no livro didático: o autor selecciona textos que, no geral, não são escritos com a finalidade do ensino e elabora um trabalho sobre eles, cabendo ao professor apenas transmiti-lo.

O segundo nível de didactização é aquele em que o professor pesquisa textos de diversas tipologias, trazendo para a sala de aula a sua proposta de trabalho. Podemos considerar, para este nível, propostas de trabalho trazidas pelo professor que apenas selecciona os textos de vários manuais, não tendo participação alguma em sua elaboração, ou mesmo propostas de trabalho em que o professor selecciona um texto, dos livros didáticos, mas elabora seu próprio trabalho, não seguindo as sugestões do manual.

Com este trabalho verificamos que, embora muitos professores, principalmente os das escolas públicas dos dois países, apresentem algum tipo de descontentamento em relação ao manual escolar, continuam utilizando-o como principal material de ensino de Língua Portuguesa, sendo praticamente o único meio pelo qual os alunos têm acesso ao texto literário. Verificamos que muitas vezes o manual de Língua Portuguesa parece incorporar uma prática e lógica de facilitismo, em que muitas vezes apresenta-se como um objecto totalitário em relação a outros livros e ao professor, sendo para este, um recurso central para organizar os saberes, o modo como explicar e definir as suas próprias formas de avaliação. Cabe lembrar que, diferente das escolas de ensino privado, em que a autonomia do docente na escolha do material é menor, no caso da EPaB a escola tem o seu próprio material de trabalho. Na EPaP as professoras podem escolher o manual, estas escolhas, entretanto, se reduzem ao manual escolar. Nas escolas EPuB e EPuP, em tese, os professores têm autonomia para utilizarem outros materiais para o ensino de

Língua Portuguesa, podendo mesmo não adoptar o manual escolar, mas, ainda se vêem presos ao manual escolar como livro adoptado ou como forma de pesquisa.

Essa escolha pode ser justificada pelo carácter prático do manual escolar, além da aceitação das concepções e formas de trabalho dos manuais pelos professores, pois quando o criticam, normalmente, se referem ao facto deles não apresentarem textos de interesse para as crianças, mas, entendemos que o que querem dizer, de facto, é que não trazem textos que exemplifiquem dado conteúdo que pretendem trabalhar.

A solução passa, segundo DIONÍSIO (2000) por eliminar as linhas de auxílio à leitura, apresentando os textos literários em estado puro, sem propostas de actividades redutoras, ora por as reformular adequadamente, tendo por base um conhecimento profundo e reflectido acerca daquilo que é a língua e acerca daquilo que são os modelos hermenêuticos da literatura para a infância, não sendo esta uma tarefa fácil, porém dada a importância que os manuais escolares desempenham na formação das comunidades leitoras, parece ser esta a chave para o sucesso escolar e social futuro das nossas gerações.

Para compreendermos essa didactização dos textos literários e o trabalho que é feito com eles, precisamos analisar a estrutura do livro didáctico, suas propostas e a ideologia subjacente.

Os livros didácticos, de forma geral, se estruturam de acordo com os seguintes procedimentos de trabalho, seguem uma mesma sequência e intenção, com poucas modificações: a apresentação de um texto, seguido do estudo do vocabulário, a interpretação do texto, o estudo da gramática e ortografia, finalizando com uma proposta de redacção. Normalmente não há articulação entre uma unidade e outra, bem como entre as propostas de trabalho.

A maior parte das críticas dirigidas ao livro didáctico refere-se à utilização do texto como “pretexto” para actividades metalinguísticas. O texto principal é, algumas vezes, recuperado na gramática e, muitas vezes, não tem nenhuma relação com a proposta de produção de texto.

Outro problema apontado sobre os textos introduzidos no livro didático refere-se à fragmentação e descontextualização. Os recortes de textos utilizados podem prejudicar a compreensão do aluno, especialmente devido à falta de coesão e coerência, o que geraria um sentimento de incompetência que desmotiva o aluno a lançar-se sobre os caminhos da leitura.

MASSINI (1997) aponta que, ao entrar em contacto com um único modelo de texto escrito, contido nas cartilhas, as crianças construirão uma concepção de “texto escrito” que futuramente culminará em sérios problemas de coesão e coerência, uma vez que se trata de um texto “solto”, descontextualizado e, por isso, sem funcionalidade real.

Uma possibilidade para superar esse problema é a adoção de livros com textos curtos, integrais e originais, como colectâneas de crônicas, contos, poemas, etc., ou a contextualização do texto por parte do professor trazendo as referências bibliográficas. YUNES e PONDÉ (1988) consideram que a inserção de um trecho de obra literária num livro didático é um acidente de percurso, pois o texto no livro didático, sendo fragmentado e desarticulado, distancia o leitor da realidade, diferentemente da obra literária, que oferece elementos para a compreensão do real, dando oportunidade do leitor fazer relações com sua própria experiência.

“[...] Comumente, na leitura transformada em disciplina escolar ocorre que o texto seja comunicação antes de expressão de um outro (autor do livro) quando ele mesmo ainda não tem maturidade para se expressar. E as expressões não cabem nas regras da estrita comunicação (ah, as licenças poéticas!). A autoridade do autor do livro didático condiciona a leitura, conduz as respostas. Perde-se o leitor e perde a leitura”. (YUNES, PONDÉ, 1988:72).

Outra questão que merece destaque é o estudo do vocabulário proposto pelo livro didático. Normalmente, acima ou ao final do texto principal, encontram-se os denominados vocabulários que contêm algumas palavras com seus significados. Essas palavras são escolhidas por um autor que, não conhecendo a realidade dos alunos que fazem uso desse material, procura “adivinhar” as palavras que poderão suscitar dúvidas.

Essa organização do material pode criar duas situações: na primeira, o aluno pode não ser incitado ou incentivado a usar o dicionário como material de pesquisa do vocabulário; na segunda, limita a compreensão do texto e do vocábulo ao apresentar, no livro didático, apenas um significado, ou seja aquele que apresenta o sentido exacto daquele contexto. De todo modo, uma discussão produtiva feita pelo professor em sala de aula deveria considerar, junto aos alunos, as razões que levaram o autor a escolher determinada palavra ou expressão e não outra (traduzida nos vocabulários do manual). A escolha por determinadas palavras vai ao encontro do conceito de literariedade, do texto que pode ganhar em termos de esteticidade se for usada uma certa palavra ao invés de outra com o mesmo sentido, entretanto, com menos carga literária ou poética.

Quando se trabalha com poesia nos manuais didáticos, ficam ainda mais evidentes os prejuízos trazidos pelo estudo do vocabulário. Segundo SOUZA (2005:10), “ler poesia não é apenas traduzir uma palavra por outra e/ou outras, mas ler poesia é fazer relações profundas entre o conteúdo do texto e a linguagem especial (portanto poética) que foi construída para passar aos leitores o conteúdo humano selecionado.”

Outro ponto a considerar na análise dos materiais didáticos é que os exercícios propostos, muitas vezes, não levam o aluno a descobrir outra significação do vocábulo em outro contexto, limitando-se àquele já conhecido.

Partindo desse trabalho de vocabulário, a interpretação fica comprometida apenas na busca de informações no texto, deixando de atingir o nível semântico e pragmático. Entende-se por nível semântico, aquele em que há uma interpretação não somente do todo mas também das partes, em que o aluno consegue atribuir significado a palavras e expressões, isto é, consegue perceber o sentido do texto. O nível pragmático é o mais difícil de se alcançar pois exige que o aluno consiga entender as “entrelinhas do texto”; que faça uma leitura de sua ideologia ultrapassando o sentido apenas literal e realizando uma leitura crítica do mesmo.

As propostas de interpretação de texto de grande parte dos manuais limitam o aluno a responder a questões redundantes que exigem, em muitos casos, apenas a cópia de algumas partes do texto, não existindo uma proposta de releitura em busca de aprofundamento temático que possibilite ao aluno pensar e tentar fazer a sua própria reflexão e interpretação do texto.

A articulação das unidades é feita, muitas vezes, por intermédio da gramática, porém a própria sequência gramatical é fragmentada e descontínua. A gramática é tida pelo livro didático como o mais importante trabalho linguístico embora possamos encontrar nesses manuais conceitos equivocadamente expressos. O principal equívoco do ensino de gramática nas séries iniciais não se limita à má articulação dos exercícios, mas também e principalmente a uma concepção errada da sua função, tanto dos livros didáticos quanto dos professores.

O estudo da gramática é feito através de frases descontextualizadas do estudo do texto, como se fossem e pudessem ser vistas separadamente. Quando o texto é utilizado para o estudo da gramática, este fica restrito, por exemplo, à busca de orações subordinadas ou de substantivos, não sendo trabalhado o sentido e a função das palavras para a compreensão do texto. Assim, eles não permitem ao aluno experimentar uma relação afectiva com o texto literário, na acepção que lhe é atribuída por MANZANO (1987: 102).

Não se propicia uma abordagem crítica do texto por meio da integração entre forma e conteúdo, em que a gramática seja vista como um instrumento para auxiliar numa compreensão mais profunda do texto, desvelando sentidos anteriormente ignorados e ratificando outros inicialmente intuídos. (SILVA et al. apud CHIAPPINI, 2002:55).

Segundo CHIAPPINI (2002), sintaxe e morfologia são dois processos complementares que deveriam ser abordados concomitantemente na escola, cada um privilegiando um aspecto diferente da linguagem.

Quanto à proposta de redacção que aparece ao final das unidades didáticas, na maioria das vezes são ténues as relações estabelecidas com o texto principal ou, quando ocorre alusão, ela não é feita de maneira significativa.

Além da descontextualização da proposta, ela não aparece de forma a incentivar o aluno para sua realização, pois ele sabe que a única pessoa que vai ler é o professor e esse tem apenas o intuito de corrigir os erros (os ortográficos, principalmente) cometidos pelos alunos.

Para um bom trabalho de produção de texto é necessário que, além dos temas e textos serem escolhidos com critérios claros e objectivos, a leitura e a interpretação destes textos deve ser trabalhada com o objectivo de levar o aluno a ultrapassar a descodificação e ler as entrelinhas, ou seja, a mensagem integral do texto.

SLOAN (1991) interroga-se acerca do modo como tais convites para esses passeios nos bosques da ficção poderão, alguma vez, motivar os alunos para uma adesão voluntária e emocional ao texto literário. Frustrando o crescimento imaginativo, recusando ensinar a ler com inteligência e finura, os questionários de interpretação de modo algum despertam no leitor a fome da leitura, condição para uma promoção genuína da literacia. Assim, é possível que o aluno produza textos que representem sua reflexão sobre aquilo que foi lido, motivado pelo prazer que conquistou com a leitura.

Antes de iniciarmos a análise dos manuais escolares que compõem o foco de nossa pesquisa, apresentamos alguns pontos considerados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que através do Ministério da Educação e Cultura brasileiro é responsável pela selecção dos livros didáticos adoptados no Brasil. A citação abaixo mostra os critérios para a selecção de textos, o Edital do PNLD 2007 (MEC/FNDE/SEB, 2005:58-59) relaciona:

I A escolha de um texto justifica-se pela qualidade da experiência de leitura que possa proporcionar, e não, pela possibilidade de exploração de algum conteúdo curricular. Portanto, a presença de pseudotextos, criados única e exclusivamente com objetivos didáticos, não se justifica.

II Os gêneros discursivos seleccionados pelo LDP (livro didático de Português) devem ser o mais diversos e variados possíveis, manifestando também diferentes registros, estilos e variedades (sociais e regionais) do Português.

III Em virtude das experiências singulares que pode oferecer ao leitor, inclusive no que diz respeito aos procedimentos estéticos, os textos da tradição literária de língua portuguesa são imprescindíveis.

IV Os autores selecionados devem ser representativos da produção literária e não precisam restringir-se aos de língua portuguesa [...]

V É importante também a presença de textos pertencentes a outras esferas de uso da linguagem (jornalística, científica etc.), que exijam capacidades tais como a de argumentar e de compreender criticamente procedimentos argumentativos dos textos lidos ou ouvidos; de expor coerentemente os conhecimentos sistematizados e de compreender eficazmente uma exposição; de compreender e elaborar adequadamente instruções e prescrições, etc.

VI Entre os textos selecionados, os integrais são preferíveis aos fragmentados: no caso desses últimos, é de fundamental importância, para um trabalho adequado de leitura, e mesmo de redação que a unidade do texto esteja preservada e que as fontes completas do texto ou trecho estejam claramente indicadas.

VII Textos originais e autênticos são preferíveis a paráfrases e adaptações [...].

VIII O LDP deve incentivar professores e alunos a buscarem textos e informações fora dos limites do próprio livro didático” (MEC/FNDE/SEB, 2005: 58-59).

2. Material de análise.

Apresentamos até agora, de forma geral, a estrutura dos livros didáticos brasileiros e portugueses, porém, na análise que fizemos do corpus, encontramos algumas particularidades tanto na estrutura como no trabalho realizado com a interpretação e produção dos textos.

A seguir apresentaremos cada um dos manuais escolares/apostilas encontrados nas escolas objecto da pesquisa, a fim de analisarmos sobre a estrutura e objectivos dos manuais escolares com o texto literário.

2.1 Apostilas da Escola Particular Brasileira (EPaB).

2.1.a. Estrutura /organização.

Esta escola possui um sistema de apostilas próprio como material didático, que é distribuído para todas as escolas desse “sistema” de ensino. Além das

apostilas de actividades, os alunos recebem apostilas de teoria e os livros eletrónicos (CD ROM). Todo o material está dividido em Eixos Temáticos (Energia e Ação; Navegando no Espaço; Espaço Orgânico e Natural; Sabor e tradição regional; Alimentação e Cultura; Atuação Social; etc) que é recuperado nas diferentes disciplinas (Português, Matemática; Ciências; Ciências Sociais; História; Geografia e Artes). Desta forma, segundo os autores do manual, conseguem respeitar o conteúdo programático e as disciplinas, promovendo uma interação entre as áreas.

Os alunos recebem ao longo do ano lectivo as apostilas (teóricas e as de actividade), que são divididas em grupos e estes estão organizados em disciplinas e as mesmas em capítulos.

Passamos agora a apresentar a estrutura e trabalhos da disciplina de Língua Portuguesa dessas apostilas.

Todas as unidades são iniciadas por um texto, sendo muitas vezes um texto em prosa, quase sempre fragmentado, e muitas vezes com problemas na referência. Esse texto, ou textos, é seguido de Exercícios de Aplicação que aparecem de diferentes maneiras: como Estudo do vocabulário, como o nome diz, são exercícios que propõem trocas de palavras grifadas por outras com o mesmo significado, normalmente utilizando frases do texto trabalhado, ou marcar o sentido de como determinada palavra foi utilizada no texto, assim como explorar a sua classe gramatical (exemplo: procure no dicionário o significado das palavras do texto ou reescrever frases substituindo as palavras ou expressões destacadas por outras, sem modificar o sentido).

Conversa Informal ou Interpretação do Texto, é neste momento que aparecem os exercícios ditos de interpretação do texto (exemplo: “o que o autor quis dizer com”; “quais os personagens do texto”; “o que o personagem do texto fez” ...) que, na maioria das vezes, não passam de perguntas pouco expressivas que pouco ou nada dizem para a compreensão do texto trabalhado, ficando no nível literal. São também apresentadas perguntas de ordem pessoal, relacionadas ao assunto mencionado no texto que está sendo trabalhado.

No Exercício Proposto, normalmente são colocados exercícios com o objectivo do estudo da gramática. Porém, na maioria das vezes, esses exercícios apresentam frases e contextos que nada têm a ver com o texto trabalhado no começo da unidade. Muitas vezes surge algum tema gramatical (verbos, adjectivo, pronome, ...) e textos que são usados para estudo ortográfico e gramatical.

Redação, aqui é apresentada uma proposta de redacção que nem sempre é apresentada no final da unidade e muitas vezes parece manter pouca relação com o que está sendo trabalhado na unidade.

Quanto aos tipos de textos encontrados, podemos verificar, como mostra a tabela abaixo (a tabela completa sobre a análise das apostilas está em anexo que as apostilas apresentam uma grande variedade de género.

Ano/Série	Tipo de texto
2º ano 1ª série	Cantiga/música (4) História em quadrinho (6) Prosa (24) Poema (27) Texto instrucional (1) Fábula/Lenda (4) Texto Informativo/jornalístico (11) Adivinha/Piada (1) Canção Folclórica (1)
3º ano 2ª série	Cantiga/música (4) História em quadrinho (2) Prosa (26) Poema (12) Texto instrucional (1) Fábula/Lenda (3) Texto Informativo/jornalístico (28) Receita (2) Literatura de Cordel (1) Páginas amarelas (3)
4º ano 3ª série	Cantiga/música (3) História em quadrinho (11) Prosa (34) Poema (26) Fábula/Lenda (7) Texto Informativo/jornalístico (14) Receita (1) Literatura de Cordel (1) Crónica (2) Anúncios/Textos publicitários (7)
5º ano 4ª série	Cantiga/música (6)

	História em quadrinho (2) Prosa (5) Poema (4) Texto Publicitário (1) Texto Informativo/jornalístico (7) Texto teatral (1) Narrativa (4) Texto jurídico (1) Biografia (1) Crónica (3)
--	---

Quanto ao género, é importante ressaltar o predomínio no 2º ano/ 1ª série de textos em prosa e em poesia: 51 dos 82 textos apresentados, nas 6 apostilas. O 3º ano/ 2ª série contém 84 textos, 54 destes sendo textos informativos/jornalísticos, divididos em 4 apostilas. Mais uma vez, a prosa aparece como género predominante: 34 dos 96 textos presentes nas 4 apostilas do 4º ano/ 3ª série. As 4 apostilas do 5º ano/ 4ª série contêm 36 textos, sendo que 7 deles são textos jornalísticos /informativos.

Chamamos a atenção para o facto de apesar de haver uma considerável variedade de tipologias e números de textos, sua utilização está normalmente vinculada a exercícios gramaticais e ortográficos (exemplos: grife nos textos “ A Lua” fragmento do livro “O frio pode ser quente” de Jandira Masur, todas as palavras com dígrafos; leia o slogan do anúncio abaixo e grife o(os) verbo(os); descubra as palavras oxítonas que existem na figura abaixo). Nem sempre estes fazem menção às diferenças de tipologias e suas especificidades, podendo gerar até idéias erradas sobre algum género, como por exemplo, no poema em que muitas vezes só é explorado a questão das rimas, versos e estrofes (exemplo: rimar é repetir sons na terminação de dois ou mais versos. Retire da poesia A Lua as palavras que rimam).

Quanto às histórias em Quadrinhos, que aparecem ao longo das apostilas de todos os anos, há um número considerável e quase único de histórias de Maurício de Souza, algumas vezes, mesmo incompletas, prejudicando a compreensão dessa tipologia.

Relativamente aos autores e textos presentes, verificamos nomes conhecidos da Literatura Infantil brasileira, assim como lendas, fábulas e contos clássicos universais. Merece destaque a grande quantidade de textos das

autoras Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (13) nas apostilas do 2º ano/ 1ª série. Encontramos também textos de autores como Sylvia Orthof, Mary França e Eliardo França, Cecília Meireles, Ricardo Azevedo, Elias José, José Paulo Paes, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Sônia Junqueira, Monteiro Lobato, Cristina Porto, Carlos Drummond de Andrade, Maurício de Souza, entre outros.

Embora contenham textos de autores consagrados, os mesmos aparecem de forma fragmentada ou adaptados. Grande parte das prosas e fábulas estão fragmentadas. Em contrapartida, os poemas, adivinhas, canções e textos informativos/jornalísticos encontram-se apresentados na íntegra.

Quanto às referências dos textos, nota-se uma ausência de regras e conhecimento das normas. Encontramos no 2º ano/ 1ª série 13 dos textos com problemas de referências, assim como 24 textos do 3º ano/ 2ª série, 25 textos do 4º ano/ 3ª série e 13. textos do 5º ano/ 4ª série . Os problemas de referências são de várias ordens: algumas vezes apenas está presente o nome do autor, sem dizer de que texto foi retirado, outras surge o nome da revista ou jornal de onde o texto foi retirado, mas sem indicação da edição ou data, e, em outros casos, a referência é mesmo inexistente.

As propostas de produção de textos nem sempre são adequadas. Às vezes parecem ser uma forma de deixar claro a “moral” do texto (exemplo: “Use sua imaginação, crie um personagem que tenha péssimos hábitos alimentares, mas, um dia, ele assiste um filme que mostra a história de uma pessoa que teve um problema sério e precisou mudar seus hábitos alimentares; conte como foi que aconteceu”. Essa unidade fala sobre o poder dos alimentos) ou apresentam mesmo propostas que pouco têm a ver com o tema da unidade (exemplo: “Crie uma história de um bicho, criança, adulto ou objeto que vive insatisfeito(a). Qual o motivo da insatisfação? É uma insatisfação positiva ou negativa? O que poderia ser feito para ajudar ?” Proposta presente numa unidade que possui textos relacionados ao espaço e em que o primeiro texto, “A revolta da Lua”, de Rose Sordi, é usado para trabalhar a “problemática” da insatisfação).

2.1.b. Análise/exemplo

Do Poema à Prosa

Capítulo **15**
Grupo VII – Culturas Nativas

A Seca e o Inverno

Na seca **inclemente** no nosso Nordeste
O sol é mais quente e o céu, mais azul
E o povo se achando sem chão e sem veste
Viaja à procura das terras do Sul

Porém quando chove tudo é riso e festa
O campo e a floresta prometem **fartura**
Escutam-se as notas alegres e graves
Dos cantos das aves **louvando a natureza**

Alegre **esvoaça** e **gargalha** o jacu
Apita a **nambu** e geme a **juriti**
E a brisa **farfalha** por entre os verdores
Beijando os **primores** do meu Cariri

De noite notamos as **graças eternas**
Nas lindas lanternas de mil vaga-lumes
Na **copa da mata** os ramos embalam
E as flores **exalam** suaves perfumes

25

Atividades 167/168/169

Português

Se o dia **desponta** vem nova alegria
A gente aprecia o mais lindo **compasso**
Além do **balido** das lindas ovelhas
Enxames de abelhas zumbindo no espaço

E o forte caboco da sua **palhoça**
No rumo da roça de marcha apressada
Vai cheio de vida sorrindo e contente
Lançar a semente na terra molhada

Das mãos deste bravo caboco roceiro
Fiel **prazenteiro** modesto e feliz
É que o **ouro branco** sai para o processo
Fazer o progresso do nosso país

Cordel de Patativa do Assaré
Revista Nova Escola, abril/2001.

ESTUDO DO VOCABULÁRIO

Observe as palavras e expressões e os seus respectivos significados.

Inclemente – Impiedosa, que não tem dó.

Fartura – Abundância.

Louvando a natureza – Bendizendo a natureza.

Esvoaça – Flutua ao vento.

Gargalha – Solta sons ruidosos.

Jacu – Ave da família da galinha.

Nambu – **Inhambu** – Ave que raramente voa.

Juriti – Pomba parda dos campos.

Farfalha – Rumoreja como a folhagem agitada pelo vento.

Primores – Graça, beleza, delicadeza.

Cariri – Região do interior do Nordeste.

Graças eternas – Belezas naturais.

26

Atividades 167/168/169

Capítulo **15**
Grupo VII – Culturas Nativas

Copa da mata – Ramagem superficial das árvores.

Exalam – Emanam cheiro.

Desponta – Surge.

Compasso – Cadência, ritmo.

Balido – Voz de ovelha.

Palhoça – Casa coberta de palha.

Prazenteiro – Alegre.

Ouro branco – Algodão.

USO DO VOCABULÁRIO

Reescreva as frases a seguir, substituindo as palavras ou expressões destacadas por outras, mas sem modificar o sentido.

a) Na **seca inclemente** no nosso Nordeste
O sol é mais quente e o céu, mais azul
Resposta pessoal

b) Na **copa da mata** os ramos embalam
E as flores **exalam** suaves perfumes
Resposta pessoal

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

Trabalhando o Texto

1. Copie os versos em que o autor apresenta a vida do nordestino durante a seca.

O sol é mais quente e o céu, mais azul. E o povo se achando sem chão e sem veste, viaja à procura das terras do Sul.

27

Figura 17: Apostila COC 7 -9 3º ano 2ª série páginas 25-26-27.

O texto “A seca e o Inverno” da literatura de cordel, escrito por Patativa do Assaré, apresenta palavras grifadas que os autores consideraram que os alunos pudessem encontrar alguma dificuldade e após o texto encontramos no Estudo do Vocabulário o significado que consideram adequado a estas. Depois, há um exercício de “Uso do dicionário” em que propõem a reescrita das frases, substituindo as expressões por outras que contenham o mesmo sentido. Por se tratar de um poema, o uso do dicionário poderia comprometer o significado do texto.

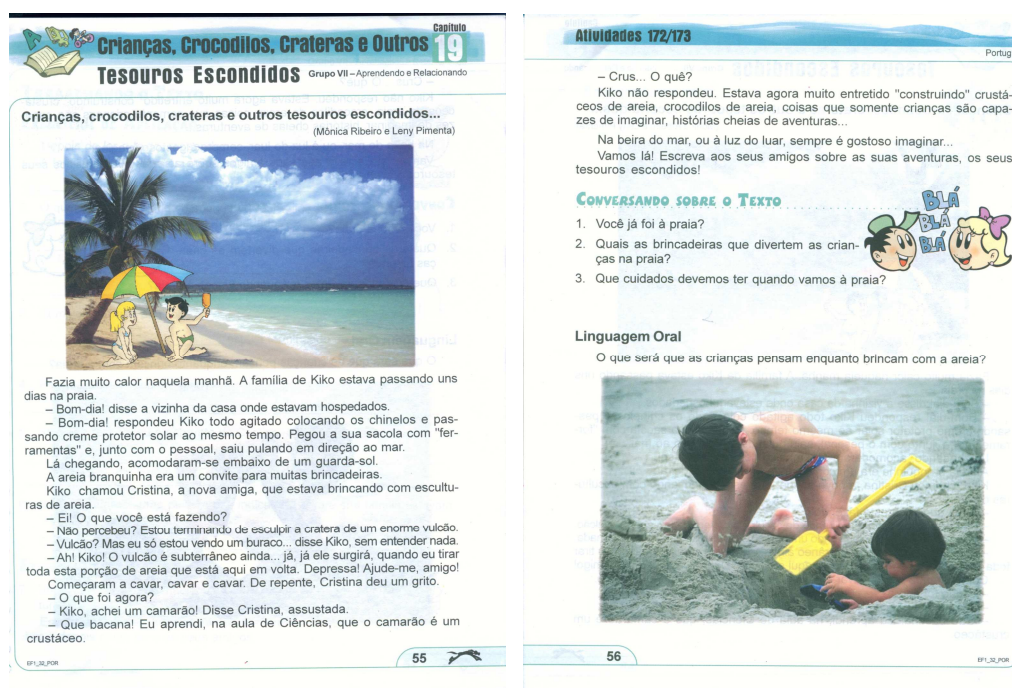


Figura 18: Apostila COC 7 -9 2º ano 1ª série página 55-56.

No texto “Crianças, crocodilos, crateras e outros tesouros escondidos...” apresentamos a simplicidade das interpretações de texto dessas apostilas. Em muitas narrativas pede-se que procure informações do texto, que, como já comentámos, nada tem de interpretação. Aqui, na tentativa de um trabalho diferente, é feito o contrário: fazem-se perguntas relativas ao tema do texto (praia), mas nada que remeta a uma interpretação do mesmo.

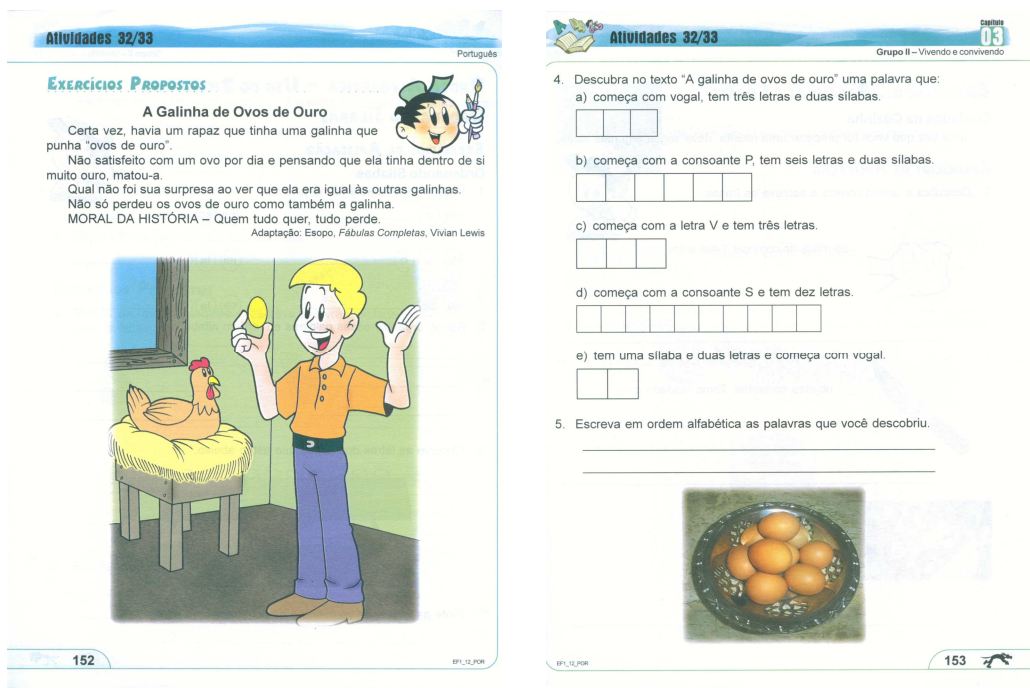


Figura 19: Apostila COC 2-3 2º ano 1ª série página 152-153.

O texto “A galinha dos ovos de ouro” além de apresentar uma adaptação muito resumida, que compromete todo o desenvolvimento da história, aparece na apostila como pretexto para o estudo da gramática. Não é feita nenhuma pergunta sobre o texto, algo que pudesse trabalhar a sua interpretação. Talvez porque o texto em questão, da forma como é apresentado, está tão resumido e ao mesmo tempo tão explícito que pouco mais há a dizer.

A proposta de escrita de uma carta, como é apresentada numa das unidades dessas apostilas, a nosso ver é realizada de forma contextualizada e significativa pois convida os alunos a ajudar o ratinho a escrever uma carta convidando o primo para ir a sua casa. Sem essa carta os alunos podem pensar que não seria possível a existência da história pois o primo não teria ido visitá-lo e não teríamos as aventuras que o texto nos conta. O aluno pode sentir a necessidade da escrita quando esta lhe representa alguma coisa.

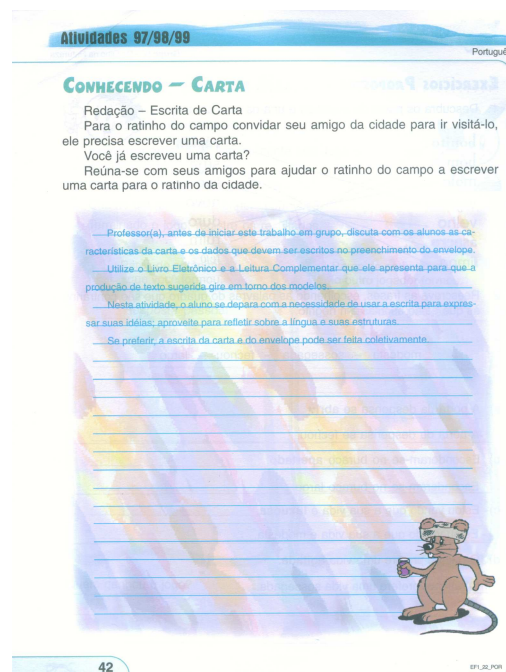


Figura 20: Apostila COC 4 2º ano 1ª série página 42.

2.2 Livros didáticos coleção LER - Escola Pública Brasileira (EPuB).

2.2.a. Estrutura /organização.

Este material foi o mais adoptado pelas escolas Municipais da cidade de Presidente Prudente. Devido à falta de livros didáticos em algumas das séries observadas da EPuB optou-se pela análise deste material.

Todos os livros dessa coleção (1ª à 4ª série) são compostos por um livro para cada ano, dividido em 10 unidades cada, seguindo praticamente a mesma sequência, sendo ela: actividades Antes de ler, Texto 1, Produção de Textos, Outras Linguagens, Texto 2, Produção de Texto, Produção de Textos Oral, Estudo da Língua, Ortografia.

Antes de ler são actividades, ou informações que apresentam o assunto que será trabalhado na unidade, como um convite à leitura do texto, contextualizando os leitores. Essa apresentação é feita através de vários tipos

de textos (informativos, pesquisa histórica, bibliografia, texto de imagens, fotografia, etc).

Texto 1/Texto 2, todas as unidades têm pelo menos dois textos que trabalham sobre o tema da unidade, havendo uma variável tipologia textual presente.

Em Outras Linguagens, após o texto (não todos) são apresentadas outras formas (linguagens/ tipologias textuais) de trabalhar o mesmo assunto. Por exemplo, no livro do 4º ano/3ª série, unidade 1, o texto 1 é uma prosa, e nesse momento, as autoras apresentam uma história em Quadrinhos da História do Chapeuzinho Vermelho, para mostrar a diferença entre os textos.

Na Produção de Textos /Produção de Textos Orais todas as unidades apresentam pelo menos uma proposta de produção de texto que segue o tema da unidade. Por exemplo: se a unidade fala de anúncios, a proposta é a criação de uma manchete (também são sugeridas actividades de reconto, produzir uma lista, inventar final, mudar o narrador, etc). Nas propostas de produção oral aparecem os debates, recontos orais, mesa-redonda, entre outros. O interessante dessas propostas é que, além de estarem contextualizadas, são explicadas as especificidades de cada tipologia textual a ser trabalhada.

No Estudo da Língua /Ortografia antes do trabalho propriamente com a gramática são feitas algumas perguntas referentes ao texto, mas pouco exploradas. O texto depois é recuperado para o trabalho da gramática e ortografia. O conteúdo é trazido no sumário de cada unidade.

Ano/Série	Tipo de texto
2º ano 1ª série	Cantiga/musica (2) Histórias em quadrinho (3) Prosa (15) Poema (11) Texto Informativo/jornalístico (7) Adivinha (1) Canção Folclórica (1) Lista (1) Texto de imagem (4) Rotulo (1) Receita (2) Cardápio (2)

	Trava- línguas (1) Parlenda (1) Convite (1) Pintura/Quadro (11) Anúncios/Textos publicitários (1) Sumário (1) Cartaz (1)
3º ano 2ª série	Histórias em quadrinho (9) Prosa (29) Poema (11) Texto Teatral (1) Texto Informativo/jornalístico (5) Carta/telegrama/cartão postal (9) Cartaz (1) Adivinha/Piada (5) Bilhete (1) Anúncios/Textos publicitários (3) Texto de imagem (3)
4º ano 3ª série	Histórias em quadrinho (3) Prosa (23) Poema (9) Texto de imagem (1) Texto Informativo/jornalístico (14) Classificado (5) Entrevista (1) Carta/telegrama/cartão postal (6) Provérbio (7) Adivinha/Piada (1)
5º ano 4ª série	Histórias em quadrinho (4) Prosa (21) Poema (14) Pintura/Quadro (4) Dicionário (2) Texto Informativo/jornalístico (5) Adivinha/Piada (5) Canção Folclórica () Classificado (1) Diário (2)

Nota-se, além de uma grande variedade textual, um considerável número de textos: 66 textos no 2º ano/1ª série, 77 textos 3º ano/2ª série, 70 textos 4º ano/3ª série e 60 textos no 5º ano/4ª série.

A prosa (88), o poema (45) e o texto informativo/jornalístico (45) são os textos mais presentes em todos os anos de escolaridade.

Há também a presença de textos de autores conceituados como Ricardo Azevedo, Ruth Rocha, José Paulo Paes, Mary França e Eliardo França, Eva Furnari, Ziraldo, Ângela Lago, Maria Clara Machado, Ana Maria Machado,

Pedro Bandeira, Sónia Junqueira, Sylvia Orthof, Maurício de Souza, Vinicius de Moraes, Elias José, Carlos Drummond de Andrade, Cristina Porto, Fernando Sabino, entre outros.

Sendo a prosa o texto mais presente, encontra-se uma grande quantidade de adaptações e fragmentos nos textos dessa colecção.

Muitas vezes as referências não aparecem de forma correcta/completa ou sequer se encontram presentes. Aparece o nome do autor, porém não se refere o nome do texto ou mesmo livro do qual o extracto foi retirado (31 dos textos apresentam algum tipo de problema).

Destacamos como ponto positivo dessa colecção as suas propostas de produção de textos que, na maioria das vezes, estão bem relacionadas com os textos trabalhados na unidade. Há uma interação entre todos os textos presentes, que embora muitas vezes se apresentem sob diferentes tipologias trabalham o mesmo tema. Havendo também uma intenção positiva de apresentação de diferentes tipologias em todas as unidades, chamando a atenção dos alunos para a diferença de cada tipo de texto.

O aspecto mais falho dessa colecção é a falta de actividades que levem mesmo a uma interpretação dos textos trabalhados. As perguntas que aparecem nada mais são que buscas de informações do texto.

2.2.b.Análise/exemplo.

TEXTO
2

Este conto de animal é muito divulgado no Brasil inteiro. Você o conhece?

O macaco perdeu a banana



O macaco estava comendo uma banana quando ela escapou da sua mão e caiu no oco de uma árvore. O macaco desceu da árvore e pediu ao pedaço de pau:

— Ô pedaço de pau, me dá a minha banana!

O pedaço de pau nem ligou. O macaco ficou furioso, foi até o ferreiro e lhe disse:

— Ô ferreiro, traga o machado para cortar o pedaço de pau onde está minha banana.

O ferreiro nem ligou.

O macaco foi ao soldado e lhe disse:

— Ô soldado, prenda o ferreiro que não quer ir comigo até a floresta para mandar o pedaço de pau dar a minha banana.

O QUE SIGNIFICA?

Oco: buraco vazio de uma árvore


Ferreiro: aquele que trabalha com ferro

Furioso: muito bravo, nervoso

O soldado não quis ir. Então o Macaco foi até o rei pedir para ele mandar o soldado prender o ferreiro para ele ir com o machado cortar o pedaço de pau que tinha a banana. O rei também nem ligou. O macaco foi atrás da rainha. A rainha não lhe deu ouvidos. O macaco foi até o rato e pediu para ele roer a roupa da rainha. O rato recusou. O macaco foi até o gato e pediu para ele comer o rato. O gato nem ligou. O macaco foi até o cachorro e pediu para ele morder o gato. O cachorro recusou. O macaco foi até a onça e pediu para ela comer o cachorro. A onça ignorou.

O macaco, furioso, foi até o caçador e pediu para ele matar a onça. O caçador se negou. O macaco foi até a Morte. A Morte ficou com pena do macaco e ameaçou o caçador, que procurou a onça, que perseguiu o cachorro, que seguiu o gato, que correu com o rato, que quis roer a roupa da rainha, que gritou com o rei, que mandou o soldado prender o ferreiro que cortou com o machado o pedaço de pau de onde o macaco tirou a banana e a comeu.

Recontado a partir de Benvenuta de Araújo. *Contos tradicionais do Brasil*. Luís da Câmara Cascudo. São Paulo, Global, 2004.



1. Com quem o macaco falou para conseguir sua banana de volta? Siga a ordem e preencha os quadrinhos.

PEDAÇO DE PAU	ferreiro	soldado
rato	rainha	rei
gato	cachorro	onça
MORTE	caçador	

2. O macaco conseguiu facilmente o que queria? Por quê?

Não, ele precisou falar com muitas pessoas e animais até alcançar o que queria.

3. Circule as características que, na sua opinião, combinam com o macaco da história.

esperto	insistente	chato	inteligente
nervoso	covarde	bom	engraçado

Explique a sua escolha.


Resposta pessoal do aluno. A característica mais marcante sugerida pelo texto é **insistente**, porque o macaco não desiste de obter a banana.

Figura 21: Livro Ler 2º ano 1ª série páginas 185-186-187.

As actividades relacionadas à interpretação do texto “O macaco perdeu a banana”, recontado a partir de Benventura de Araújo, (Contos tradicionais do Brasil. Luís da Câmara Cascudo. São Paulo, Global, 2000) possuem exercícios que ajudam o leitor a recontar a história através da organização da sequência da mesma. As perguntas avaliam a compreensão do aluno de aspectos não explícitos no texto, convidando-o a reflectir sobre o mesmo.

TEXTO
2

A personagem desta história só conseguiu se livrar de seu problema graças à sua esperteza!



Sapo com medo d'água
conto de esperteza

Dois homens, fugidos da prisão, pararam na beira da lagoa para matar a sede e descansar um pouco.

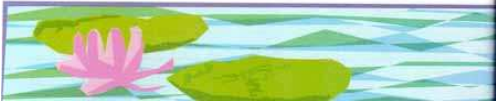
Um sapo dormia debaixo da samambaia. Os bandidos agarraram o sapo. [...]

E os dois resolveram fazer uma maldade.

— Vamos jogar no formigueiro?

Ouvindo isso, o sapo estremeceu. Por dentro. Por fora, abriu um sorriso indiferente.

— Que nada — respondeu o outro, percebendo que o sapo não estava nem ligando. — Pega a faca. Vamos picar ele todinho.



O sapo, de olhos fechados, começou a assobiar uma linda melodia.

Os dois bandidos queriam dar um jeito de fazer o sapo sofrer.

— Sobe na árvore e atira ele lá do alto.

— Pega um fósforo e acende uma fogueira. Vamos fazer um churrasco de sapo!

O sapo espreguiçava-se tranqüilo entre os dedos do homem.

Um dos bandidos teve outra idéia.

— Já sei! Vamos afogar o desgraçado na lagoa! Foi quando o sapo deu um pulo desesperado e começou a gritar:

— Tudo menos isso!

Os malfeitores, agora, sim, tinham chegado onde queriam.

— Vai pra água, sim senhor!

— Não sei nadar! — berrava o sapo.


— Então, vai morrer engasgado! [...]

O homem atirou o sapo no fundo da lagoa. O sol estava redondo.

O sapo — ploft — desapareceu no azul bonito das águas.

Depois voltou, risonho, mostrou a língua e foi embora nadando e cantando e requebrando n'água, feliz da vida!

Ricardo Azevedo. *Meu livro de folclore*. São Paulo, Ática, 1997.



O QUE SIGNIFICA?

Samambaia: nome comum a várias plantas de folhagem ornamental.

Estremeceu: tremeu de medo.

Indiferente: que não se importa, que não está nem ligando.

Malfeitores: pessoas que fazem mal aos outros.


Figura 22: Livro Ler 3º ano 2ª série páginas 18-19.

Em alguns textos o estudo do vocabulário é trabalhado como mostramos no exemplo a seguir: normalmente no canto da página encontra-se um quadro escrito “O que significa” e dentro contém palavras do texto com o seu significado à frente. Não é sugerido ao aluno que faça a sua própria pesquisa do significado das palavras que não conhece, já que as autoras acreditam conhecer as dificuldades dos mesmos e lhes “pouparam” o trabalho de pesquisar.

ORTOGRAFIA

USO DOS SONS NASAIS

.. Você conhece este animal?



Leia este texto sobre o lóris.

Esse bichinho simpático não tem rabo, como o gorila, o orangotango, o chimpanzé. Comparado a eles, o lóris é quase uma miniatura.

Os olhos são grandes, lembram dois faróis, porque ele sempre caça à noite e precisa enxergar bem ou fica impossível conseguir seu jantar.

O filhote de lóris precisa viver um ano inteiro na companhia da mãe até alcançar tamanho suficiente para caçar seus próprios besouros e lagartixas.

Texto adaptado de O Estado de S. Paulo — Estadimbo, 23/9/1995.

Figura 23: Livro Ler 3º ano 2ª série página 28.

O texto sobre o lóris, adaptado do Estado de São Paulo, aparece mesmo como forma de trabalhar com a ortografia do “m” e “n”. Depois, em outra actividade, é apresentada uma parlenda mais uma vez com o intuito de trabalhar a ortografia (m/n). Esse tipo de prática é bastante comum nos livros dessa colecção, em que o texto é algumas vezes utilizado como pretexto.

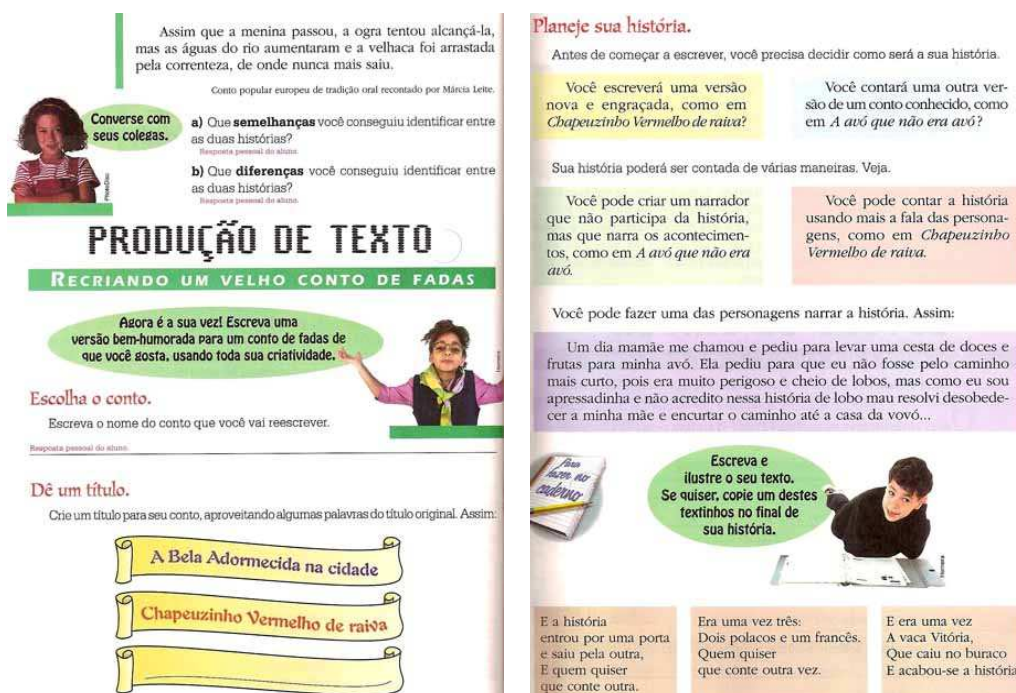


Figura 24: Livro Ler 4º ano 3ª série páginas 20-21.

Encontra-se aqui um bom exemplo de proposta de redacção. Durante toda a unidade foram apresentadas diferentes versões para o clássico do Chapeuzinho Vermelho em diferentes tipologias (prosa, poema, história em quadrinhos). A proposta de escrita sugere que o aluno crie uma versão para um outro conto e vai dando dicas de como ele pode construir seu próprio texto.

2.3- Livros didácticos colecção Eu e o Bambi – Escola Particular Portugal EPaP e Escola Pública Portugal EpuP.

2.3.a. Estrutura /organização.

Tomamos apenas os livros do 2º ano/1ª série ao 4º ano/3ª séries dessa colecção para análise, já que o livro do 5º ano/4ª série não foi utilizado em nenhuma das escolas da pesquisa.

Cada ano de escolaridade possui dois livros: **O livro de Textos** e o **Livro de Fichas**. O livro do 2º ano/1ª série está dividido em 4 unidades, tendo como

temas É Primavera, Páscoa - tempo de alegrias, A natureza em festa e É verão. Os livros do 3º ano/2ª série e do 4º ano/3ª série estão divididos em 9 unidades cada e os temas são voltados a datas comemorativas e são praticamente os mesmos nos dois livros Regresso à escola..., É Outono..., Natal - tempo de amor..., É inverno..., Carnaval - tempo de fantasia.../Carnaval tempo de Distracção, É Primavera..., Páscoa - tempo de alegria..., A Natureza em festa..., É verão...

Embora as unidades estejam divididas de forma temática (em todos os livros), nem sempre os textos apresentados são relativos ao assunto da unidade.

A apresentação do livro do 2º ano/1ª série é um pouco diferente dos outros dois (excepto a unidade 9). Na apresentação das unidades, que ocorre em duas páginas, encontram-se figuras de objectos ou acções preocupando-se com a ortografia (carro, serra, muro, hera para o trabalho com rr ou r) de palavras que serão trabalhadas na unidade e a actividade consiste em circular o que se pede sobre essa ortografia e depois colar os adesivos do final do livro no lugar de cada palavra. Já nos outros dois livros, as unidades são apresentadas em folha dupla, representadas por uma flor, que contem as ilustrações dos textos dessa unidade, o título e uma pequena frase de cada, que, segundo as autoras, despertam a curiosidade e motivam para a leitura completa dos textos.

A estrutura e trabalho da colecção seguem praticamente a mesma estratégia em todos os livros: Texto, Conversar sobre o texto, Saber ler, saber escrever (2º ano/1ª série)/ Saber ler, saber interpretar (3º ano/2ª série e 4º ano/3ª série), Outras Leituras (3º ano/2ª série e 4º ano/3ª série) e no final das unidades é encerrada por uma Avaliação Formativa e Sumativa na última unidade.

Os Textos não apresentam muitas tipologias, como podemos verificar na tabela abaixo, (e na tabela 3 dos anexos), tal como não parecem ter qualquer relação uns com os outros.

Conversar sobre o texto é uma actividade que aparece a seguir ao texto, sendo um trabalho simples (muitas vezes de verdadeiro ou falso), ou perguntas para serem respondidas oralmente (nome da autora, lugar que foi retirado o

texto, etc). Segundo as autoras, são exercícios apropriados à oralidade, à motivação, ao diálogo, ao sentido estético e à compreensão e expressão orais. Nesse espaço também é sugerido muitas vezes que o aluno invente histórias e diálogo e que copie frases do texto para uma folha e que faça as actividades do livro de fichas.

Saber ler, saber escrever (2º ano/1ª série)/ Saber ler, saber interpretar (3º ano/2ª série e 4º ano/3ª série), apresenta tanto actividades de interpretação do texto (“de quem era a rolha que o rato roeu?”; “quem era o Espanta-Pardais?”), como trabalha com ortografia (“retire do texto cinco palavras com nh”) e cópia (“copiar com letra cuidada: o lobo assustou a menina do capuz e a sua avózinha”).

Entre uma unidade e outra (3º ano/2ª série e 4º ano/3ª série) são apresentadas Outras Leituras em que são sugeridos outros tipos de texto, tais como cantigas, trava-línguas, notícias, recados e avisos, adivinhas, listas, receitas, ementas, cartazes...

Avaliação Formativa e Sumativa apresentam exercícios parecidos com os que trazem dentro da unidade.

No outro livro, denominado *Livro de fichas*, encontramos uma proposta de trabalho sobre alguns dos textos lidos. Esses trabalhos são apresentados de forma variada, podendo trazer algumas perguntas sobre o texto, trabalho com gramática, caça-palavras, produção de texto através de figuras, Este livro conta também com autocolantes que completam determinados exercícios.

Ano/Série	Tipo de texto
2º ano 1ª série	Prosa (34) Poema (10)
3º ano 2ª série	Prosa (55) Poema (31) Diálogo (1) Adivinha/Piada (1) Lengalenga (2) Música/cantiga (5) Provérbio (3) Trava-línguas (1)
4º ano 3ª série	Histórias em quadrinho (1) Música/cantiga (15)

	Prosa (41) Poema (19) Texto Teatral (2) Lengalenga (2) Provérbio (1) Adivinha/Piada (5) Trava-línguas (4)
--	---

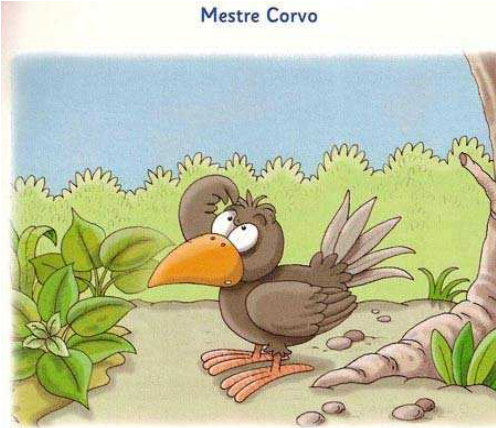
É notória a pouca variedade de tipologias textuais nessa colecção. A maioria dos textos é apresentada em prosa (130) e poema (60). Embora possua uma grande quantidade de textos (233) divididos nos três livros, apenas se encontram pouquíssimos textos que não sofreram fragmentação ou adaptação. Praticamente só as poesias, adivinhas/piadas, trava-línguas, provérbios e lengalengas se encontram integrais. Ressaltamos que no livro do 2º ano /1ª série até metade da unidade 8 é difícil classificar os textos apresentados pois são escritos com o objectivo de trabalhar os assuntos ortográficos propostos na unidade (unidade 8 trabalha com a ortografia, entre outras, do az, ez, iz, oz, uz, e apresenta um texto intitulado “O ninho do perdiz”).

A falta de referências bibliográficas dos textos é constante em toda a colecção (na tabela 3 dos anexos mantivemos as referências tais como aparecem no livro). Muitas vezes não é apresentada qualquer referência, noutros casos encontra-se o nome do autor porém não se refere o livro ou o texto do qual foi retirado, entre outros problemas.

Encontramos textos da autoria de Luísa Ducla Soares, José Jorge Letria, Sophia de Mello Breyner Andersen, Miguel Torga, António Mota, António Torrado, Matilde Rosa Araújo, Maria Isabel Mendonça Soares, Sidónio Muralha, Maria Alberta Menéres, Maria Rosa Colaço, Álvaro Magalhães, António Manuel Couto Viana; Lilia da Fonseca, Alice Vieira, Paula Oliveira, Fernanda Lopes de Almeida, Cecília Meireles, entre outros.

As propostas de produção de texto são feitas, em sua maioria, para a produção oral e muitas vezes pouco tem a ver com o texto, embora não sendo um trabalho de proposta sistemática com a oralidade (invente uma conversa entre a girafa e o elefante do carrossel; porém no texto referente “Uma viagem no carrossel”, não há relação entre os personagens)

2.3.b.Análise/exemplo.



Mestre Corvo

Fatinho preto, toque-toque, Mestre Corvo não perde o hábito de instalar uma despensa em cada canto. E com muito mais afincos antes da chegada do Inverno... Mestre Corvo é previdente, lá isso é. Mas depressa esquece os lugares onde armazena o alimento: frutos, sementes, pequenos répteis, ratos, insectos...


– Se não fosse tão esquecido havia de me lembrar onde guardei a comida para hoje almoçar! – grasnava ele, a escavar com o bico a terra coberta de folhas apodrecidas, à procura dos petiscos que arrecadou.

– Teria sido aqui? Teria sido além? Ou quem sabe se foi acolá?

– crocava, de novo, enquanto continua a busca.

Desta vez, porém, teve sorte. Toque-toque, fatinho preto, Mestre Corvo acaba de descobrir uma das suas despensas. E pronto. Não perde mais tempo e começa o almoço.

Soledade Martinho Costa, Histórias que o Inverno me Contou, Europa-América



Conversar sobre o texto

• Leio e respondo. Escrevo as respostas no caderno.

Mestre Corvo é previdente...

- O que faz antes que chegue o Inverno?
- De que se alimenta?

Mestre Corvo é distraído...

- Onde guarda os alimentos?
- O que acontece quando quer almoçar?

Exemplo. para cada frase, a palavra do conjunto que tem um significado semelhante ao da palavra colorida. Escrevo, no caderno, as frases duas a duas (Mestre Corvo é previdente. Mestre Corvo é...).

- Mestre Corvo é **previdente**.
- Esquece depressa os lugares onde **armazena** os alimentos.
- Ele instala as despensas com mais **afincos** antes da chegada do Inverno.
- Mestre Corvo **escava** a terra com o bico.
- Ele procura os petiscos que **arrecadou**.

guarda
acautelado
persistência
recolheu
cava

Figura 25: Livro Bambi 2 páginas 70-71.

Não há uma prática nessa colecção de trabalho com o dicionário ou de enriquecimento vocabular. Quando aparecem actividades nesse sentido não remetem à realização de pesquisa. Normalmente aparecem frases com palavras grifadas e um quadro com palavras que substituem as grifadas, sendo que o aluno deve reescrever as frases substituindo a palavra grifada por outra de mesmo sentido. Se o aluno não conhece o significado das palavras ele acaba por resolver o exercício por dedução ou tenta adivinhar, mas não lhe é sugerida a busca de informações no dicionário.

A interpretação dos textos é trabalhada de maneira superficial, trazendo perguntas que não exigem uma leitura “profunda” do texto lido. Em alguns casos, as perguntas presentes no **Livro de Textos** acabam por se repetir no trabalho do **Livro de Fichas**, como verificamos no texto “Que avestruz gulosa”, em que as três primeiras propostas de exercícios são idênticas, só mudando sua forma de apresentação (A avestruz era muito gulosa. O que lhe aconteceu?; O mocho dos Cem Anos veio ajudá-la. O que ele fez? O que encontrou no estômago da avestruz?) assim como a proposta de redação também é a mesma (pede-se que o aluno continue a escrita do texto: Era uma vez uma avestruz gulosa. Um dia comeu tanto que...)

A proposta de produção de textos, quando possui alguma relação com o texto lido, na maioria das vezes sugere uma reescrita do mesmo como resumo da história, ou que o aluno conte a história com suas palavras. São poucas as vezes que o aluno é convidado a produzir textos significativos e motivantes.

2.4 Livro didáctico colecção Pitágoras Escola Pública Portugal (EPuP).

2.4.a Estrutura /organização.

Esta colecção possui dois livros, o **Livro de textos** e o **Livro de Fichas de Trabalho**.

O **Livro de textos** está dividido em 6 blocos (Bloco 0 a Bloco 5) e apresenta em cada um, Textos, Sugestões de actividades, Vocabulário, Responda no seu caderno e Intervalo.

Cada bloco tem um nome (Exercício de leitura; À descoberta de si mesmo; À descoberta dos outros e das Instituições; À descoberta do ambiente natural; À descoberta das inter-relações entre espaços e À descoberta dos materiais e objectos) e abrem a unidade com textos, de diferentes tipologias, que fazem referência ao nome do Bloco (em Exercício de leitura possui um trava-línguas; À descoberta do ambiente natural, traz um texto sobre flor e outro sobre um passeio no campo).

Na parte denominada Os Textos, cada bloco procura trazer textos que vão de encontro ao seu tema.

Abaixo dos textos (menos os textos da apresentação da unidade e os que possuem os exercícios de Responda no seu caderno) encontramos as Sugestões de actividades, que apresentam propostas de ortografia, leituras, pesquisas, diálogos, dramatização, elaboração de cartazes, imaginar um final para histórias, desenhar, etc. As propostas estão relacionadas ao tema, porém nem sempre parecem surgir do texto e sim ao contrário. Às vezes parecem utilizar-se dele para trabalhar algum conteúdo (exemplos: “A Plantinha” de Adriana da Cruz, tem como sugestão: dramatizar o texto, mimar flores a fecharem as corolas e a adormecer; organizar cartazes com recados-avisos para tratamento correcto das plantas, quer em vaso, quer em hortas ou jardins; no “O mar está sujo” de Sidónio Muralha a proposta é: Reconhecer na zona águas poluídas (rios, ribeiros, fontes...); discutir soluções para sua limpeza e escrever recados-avisos para colocação nesses locais; dramatizar formas de limpeza de tais zonas).

O Vocabulário aparece em praticamente todos os textos, trazendo vocábulos considerados pelos autores do livro como “difíceis”, aqueles que eles acreditam que o leitor não saiba o significado e apresenta apenas o significado que se enquadra no texto.

Responda no seu caderno podemos considerar como actividades de procura de informações do texto pois não chegam a ser de interpretação já que as perguntas não passam do nível literal (exemplos: escreva as peças de vestuário que vêm no texto, p.21; quem é a personagem do texto,p.126;...) e algumas actividades que envolvem gramática e ortografia (formar frases, ordenar palavras).

Cada bloco possui uma parte intitulada Intervalo que apresenta textos de diferentes tipologias (canções, piadas, adivinhas, provérbios, caça-palavras, lengalengas, entre outros) sem nenhuma proposta de trabalho.

O Livro de Fichas de Trabalho apresenta actividades para a maioria dos textos do Livro de textos, possuindo 65 fichas.

As fichas apresentam actividades variadas, algumas para completar informações, assinalar certo ou errado, copiar palavras, tudo relacionado ao texto. Apresentam também algumas actividades envolvendo ortografia. Em algumas fichas encontra-se um exercício de Expressão escrita, na maioria das vezes as propostas não tem a ver com o texto lido pois são mais voltadas à descrição de algumas figuras ou a formar frases depois de observar as figuras. Quando relacionado ao texto traz propostas como: Construir palavras em que use as expressões: fim da escola, palhaço pobre, circo da aldeia, botas grandes, palhaço rico, nariz vermelho; referindo-se ao texto “O palhaço pobre” de Matilde Rosa Araújo.

Ano/Série	Tipo de texto
3º ano 2ª série	Prosa (70) Poema (30) Adivinha/Piada (4) Lengalenga (2) Música/cantiga (7) Provérbio (3) Anúncio (1) Texto Informativo (4) História em Quadrinho (5)

Os textos são na maioria prosas (70) ou poemas (30), como podemos verificar na tabela acima (tabela 4 dos anexos) e as prosas aparecem na maioria das vezes de forma fragmentada e nem sempre referenciam essa fragmentação ou adaptação.

A questão das referências é algo que deve ser melhorado nesses livros pois quase a totalidade dos textos apresenta problemas nesse aspecto. Em muitos dos textos nem sequer aparece alguma referência, como nome do autor ou livro do qual foi retirado.

Dos textos presentes, encontramos obras de autores como Maria Alberta Menéres, José Barata Moura, Isabel Barbosa, Maria Isabel César Anjo, Alice Gomes, Ilse Losa, Luísa Ducla Soares, Matilde Rosa Araújo, Carlos Correia, Virgínia Motta, M.Carolina Pereira Rosa, António Torrado, Sidónio Muralha,

António Mota, Esther de Lemos, Fernando Cardoso, Sophia de Mello Breyner, Ricardo Alberty.

Quanto às sugestões, embora as actividades estejam de certa forma relacionadas ao texto lido, parece que o texto surge como desculpa para as actividades pois os textos não aparecem de forma completa e as actividades não trabalham sobre o texto mas utilizam um elemento do mesmo para fazer um trabalho que não condiz com o texto lido.

Um factor relevante é a praticamente ausência de propostas de produção de texto e em nenhum momento há um trabalho sobre as diferentes tipologias textuais.

Vale ressaltar a ideia de leitura das autoras do texto, apresentada no Bloco 0: Para ler bem é preciso ler muito; Ler é um acto muito complexo; Ler é comunicar com os outros; Uma boa leitura agrada a quem ouve, ou seja uma boa leitura é aquela que respeita as regras de pontuação e que o leitor tenha um bom domínio de decodificação.

2.4.b Análise/exemplo.

A raposa peixeira

Vendo carapaus, sardinhas,
fanecas e peixe-espada.
Vendo garoupa, tainhas,
lulas, chocos e pescada.

Sou manhosa no falar.
Vendo enguias e safio,
tenho jeito a apregoar
peixes do mar e do rio.

Vendo cavalas e raias,
solhas, trutas, tamboril.
Só uso rodadas saias
e levo as mãos ao quadril.

Fernando Cardoso, Coleção Eu Sou

Responde no teu caderno.

O texto é uma poesia ou uma banda desenhada?
Escreve o nome dos peixes que a raposa vende.
Que tipo de saias usa a raposa?
Esta não é uma raposa como as outras. Porquê?
Onde é que ela leva as mãos?

Vocabulário

apregoar – dizer muito alto o que se tem para vender
rodadas saias – saias com muita roda
quadril – cinta, anca

A Natureza é bela

A natureza é uma maravilha.
Tudo suave, simples, perfeito.
Águas frescas e leves, com peixes dourados.
Pássaros cantando nas ramadas altas e flores
sorrindo pelos caminhos e prados.
Frutos maduros dependurados nos galhos e a brisa
enrolada nas copas redondas.
Ovelhas gordas nos prados verdes pastando.
Praias douradas de sol e de iodo.
Ar puro e saudável!

Maria Natália Miranda (adaptado)

Sugestões de actividades

Sensibilizar as crianças para a defesa da vida e do ambiente; recolher gravuras de florestas queimadas e de florestas verdes, de rios limpos e rios sujos, de fumos poluidores e paisagens alegres; visitar locais poluídos e locais limpos.

Vocabulário

brisa – ar
copas – ramagem das árvores
iodo – sal das praias
saudável – bom para a saúde

Figura 28: Livro Pitágoras 2 páginas 65-86.

O trabalho com o vocabulário resume-se à apresentação, após alguns textos, de palavras que os autores do manual consideram que os leitores possam desconhecer o significado.

Nas actividades que são consideradas de interpretação do texto, muitas vezes trazem perguntas referentes a tipologia textual mas não apresentam suas especificidades. Nesse exemplo as perguntas mostram uma superficialidade que não leva os alunos a qualquer interpretação, só precisando estes de copiar as informações pedidas.

Neste trabalho podemos perceber que o texto aparece como pretexto, desta vez não para o estudo da Língua mas sim para o trabalho com alguns conteúdos. O texto é adaptado e percebemos que a ideia fica um pouco solta. Depois a sugestão de actividades é de sensibilizar para a defesa do ambiente, ou seja, aproveitou-se o tema para trabalhar com o conteúdo Meio Ambiente.

■ Numera de 1 a 5 as frases pela ordem dos acontecimentos na história.

- Agarre-se bem e não largue, senão cai.
- Os patos lembraram-se de transportar a tartaruga num pau.
- A tartaruga foi ter com o casal de patos.
- A tartaruga teve um desejo forte de viajar.
- Os patos agarraram o pau com o bico.

■ Completa as frases com: fez ou fiz .

A tartaruga _____ uma boa viagem.
Eu _____ uma boa viagem.

Expressão escrita

Observa a gravura e escreve algumas frases.





Figura 29: Livro de Fichas Pitágoras 2 página 95.

As propostas de escrita não são muito significativas. Acabam por usar o texto para “forçar” uma escrita. Essa escrita nem sempre dá a noção do que é “texto” pois sugere observar figuras e formar frases. Como os textos presentes na coleção também estão muitas vezes fragmentados e adaptados o aluno pode construir uma ideia errada de textos.

2.5- Livro didáctico coleção Crescer Escola Pública Portugal (EPuP).

2.5.a. Estrutura /organização.

Este livro é apresentado por um **Livro de Leituras** e um **Livro de Fichas**.

O **Livro de Leituras** é dividido por seis unidades intituladas “o cantinho das... informações, avisos e conselhos”, “o cantinho das... adivinhas e anedotas”, “o cantinho das... curiosidades”, “o cantinho das... lengalengas e trava-línguas”, “o cantinho das... quadras populares e canções” e “o cantinho da... União Europeia”.

As autoras consideram as canções, poesias, teatro, lengalengas, piadas, adivinhas, que aparecem no livro como actividades recreativas.

As Unidades estão organizadas da seguinte maneira: é apresentado o Texto (cada unidade conta com mais de 10 textos) abaixo como nota de rodapé, aparece uma Sugestão e as unidades (excepto a última unidade) apresentam uma parte de Informações.

O Texto apresentado em cada unidade é relativo à sua temática (na unidade o cantinho das...informações, avisos e conselhos; contém informações sobre Ecoponto, entre outros textos dessa tipologia), porém, ao longo da unidade, os textos não seguem essa organização, assim como não há qualquer relação entre eles.

As Sugestões, que são direccionadas aos professores, aparecem como forma de apresentar temas que podem ser trabalhados através do texto lido. Essas sugestões vão desde formar uma biblioteca de turma, em que cada aluno traz um livro e discute a importância dos livros, até à construção de um painel

sobre os alimentos após a leitura do texto sobre saber comer e fazer pesquisas em revistas, entre muitos outros tipos de sugestões. Essas sugestões também propõem o trabalho com as diferentes tipologias textuais, incentivam a discussão, a dramatização e o reconto. Segundo as autoras, as actividades conduzem as crianças à investigação, despertam a curiosidade, o gosto pela produção de textos, desenvolvem o espírito de equipa e permitem a envolvimento da família e de toda a comunidade.

As unidades possuem uma parte intitulada Informação em que é apresentada os conteúdos gramaticais, ortográficos e outras informações, que se pretende trabalhar na unidade (linguagem verbal e não verbal, sinais de pontuação, verbos, frases/não frase, parágrafo/período, entre outros).

No final do livro encontra-se um Dicionário das palavras consideradas pelas autoras como vocábulos mais difíceis, porém não é assinalado no texto as palavras que fazem parte desse dicionário.

O **Livro de Fichas** apresenta actividades para os textos apresentados no manual.

Essas actividades não se encontram divididas, trabalhando a interpretação do texto (exemplos: transcrever do texto a pergunta que o vendedor fez aos meninos, quem era esse bebé?...), a gramática e a ortografia de forma simultânea. As actividades na maioria das vezes levam em consideração palavras do texto lido para o trabalho ortográfico e estudo da gramática (exemplo: coloque em ordem alfabética as seguintes palavras: patos, casa, floresta, asas, fada, brancos, referentes ao texto Patos e patas, “A casa da Floresta”, Violeta Figueiredo)

As propostas de produção do texto também fazem referência ao texto lido, ou a algum personagem, pedindo que o leitor se imagine enquanto determinado personagem e relate a sua reacção frente às atitudes que o personagem teve que ter, ou que explique em um pequeno texto alguma estação do ano, ou que descreva uma viagem, entre outras.

Ano/Série	Tipo de texto
4º ano 3ª série	Música/cantiga (13) Histórias em quadrinho (1) Prosa (57) Poema (29) Texto Informativo/jornalístico (9) Texto Teatral (1) Receita (5) Adivinha/Piada (18) Lengalenga (5) Trava-línguas (4) Provérbio (1)

Mais uma vez a prosa aparece como texto predominante (57), seguido do poema (29), encontrando mais nove tipologias textuais, porém pouco representativas como verificamos na tabela acima (tabela 5 dos anexos)

A adaptação é a opção mais utilizada para apresentar os textos em prosa, encontrando textos de José Jorge Letria, Rosa Lobato Faria, Luísa Ducla Soares, Maria Alberta Menéres, Maria do Rosário Pereira, Matilde Rosa Araújo, Maria Isabel de Mendonça Soares, Vera Peninche, António Mota, Rosa Lobato Faria, Sidónio Muralha, António Torrado, "Sophia de Mello Breyner Andersen, entre outros autores reconhecidos da Literatura portuguesa.

No fundo, os textos e sugestões parecem servir para trabalhar determinado conteúdo. Por exemplo, o texto "O peixe" do livro "A Fada Oriana" de Sophia de Mello Breyner Andersen, tem por sugestão falar do tratamento da água e poluição, porém o assunto do texto não é esse, por se tratar de um peixe e um rio, utilizou-se isso como pretexto para o estudo desses conteúdos.

Praticamente há uma ausência de interpretação, resumindo os exercícios a cópias de frases que justifiquem determinadas afirmações, ou contar o número de parágrafos do texto, ou versos do poema, como se através dessas actividades os alunos pudessem compreender a diferença das tipologias textuais.

As propostas de produção também não são muito criativas e, por mais que estejam relacionadas ao texto, poderiam ser melhor exploradas.

Um último factor a ressaltar é a inadequação das referências bibliográficas. Praticamente todos os textos possuem uma referência incompleta ou inexistente.

2.5.b Análise/exemplo.

O velho moinho

No alto daquele monte, o moinho era tão velhinho, tão velhinho que de dia para dia as suas grandes velas brancas rodavam com mais dificuldade e lentidão.


— Por que paraste, meu moinho? — perguntava o moleiro, aflito por ter ainda muitos sacos de grão para moer.

— Porque não há vento — respondia o moinho.

Realmente, o moleiro acabava sempre por concordar que o vento não era lá muito e que o moinho velho era bem capaz de ter razão!



Ora um dia, num lindo dia do começo da Primavera, o moinho sentiu que as suas velas parecia pesarem mais do que nunca! A pouco e pouco, por mais que se esforçasse, já quase as velas não lhe rodavam no ar e principiavam a lembrar grandes asas paradas e abertas no alto do monte.




Então o moinho pediu:

— Andorinhas da terra e do ar, poísem aqui junto de nós, para o moinho girar!

Cinco andorinhas esprevidadas, acabadinhas de chegar à Primavera, acudiram logo e vieram poisar em cima das velas, a fazer força para elas rodarem. Mas as velas nem se moveram.

Então as andorinhas puseram-se a gritar:

— Ventos do norte e do sul, vinde ajudar! Vinde depressa, para o moinho não parar!



Maria Alberta Mendonça
(Adaptado)

REGISTAR.
— Recortar esta história. — Recolher informação sobre as diversas formas de energia (energia solar, elétrica, eólica...) — Enumerar os diversos sinais que anunciam a Primavera.

Figura 30: Livro Crescer 3 página 75.

O texto “O velho moinho” é apresentado no livro como uma adaptação. Essa adaptação porém elimina o final da história, parando no seu desenvolvimento. Se o texto não está completo, fica difícil realizar uma interpretação do mesmo, encontrando perguntas que remetem ao texto mas que nada tem para interpretar. Fica a falsa ideia de que há um entendimento do texto, apenas por conseguir responder as oito perguntas referentes a ele, mas o aluno depois de ler e “interpretar” o texto nem consegue responder se o moinho voltou a funcionar.

Sofia e o caracol

Era um caminho estreito de terra castanha e húmida.
Ao fundo do caminho havia uma casa: a casa de Sofia! Tinha paredes brancas, quatro janelas e uma porta muito grande de madeira castanha com aldabra de ferro amarelo.

Naquela manhã, depois de muito correr, caminho abaixo, caminho acima, sentou-se numa pedra e, com as costas da mãozinha, limpou a testa: Uff! Que calor!... Foi então que viu o caracol. Sofia alegrou-se. Sempre tinha com quem falar.

- Bom dia, Senhor caracol!
- Olá, menina. E! Cuidado com os pés! Vê lá, não me pises...
- Não se assuste que o vejo muito bem.
- Como te chamas?
- Eu chamo-me Sofia. O senhor caracol onde vai passear? Assim tão devagarinho, nunca consegue chegar...
- Isso é que tu pensas. Devagar se vai ao longe, ó Sofia curiosa. Onde é que tu moras?
- Ali, naquela casa grande ao fundo do caminho. O senhor caracol é que tem sorte: como leva a sua casinha sempre às costas, não precisa de ter pressa, agora percebo!
- O que é que percebes?



SUGESTÕES:
— Descrever a gravura. — Comparar e estabelecer as diferenças entre a nossa casa e a casa de outros animais. — Enumerar materiais utilizados na construção. — Consultar documentos de modo a conseguir informação sobre os diferentes tipos de casa existentes em cada região.

Figura 31: Livro Crescer 3 página 76.

Mais uma vez notamos que o texto aparece como pretexto para o estudo de algum conteúdo, nesse caso parece que sobre os diferentes tipos de casas, construções e materiais utilizados. Após a leitura do texto é sugerido que descrevam a figura, depois comparem e estabeleçam diferenças entre as nossas casas e a casas dos animais, que enumerem os materiais utilizados para a sua construção e realizar uma pesquisa sobre as diferentes moradias da região. Algumas perguntas do **Livro de Fichas** procuram levar o aluno a “interpretar” a ideia do texto, mas como o texto não possui as ideias completas o aluno não consegue ir muito além e depois acaba por utilizar o texto para o estudo da língua.

As propostas de escrita procuram relacionar-se ao texto lido e muitas vezes se utilizam de diferentes tipologias, mas não estimulam muito a criatividade e não são muito significativas.(exemplos:- Imagine um diálogo entre o ponto (.) e a vírgula (,). Se preferires escolhe outros sinais (Texto “Ponto Final” –António Torrado)- Escreve um pequeno texto sobre o Natal em tua casa. (Texto “Figos,

passas e pinhões” – António Mota), - Imagina que és uma corneta. Faz um pequeno texto (Texto “A corneta faladora” - António Torrado).

2.6 Livro didáctico colecção Giroflé Escola Particular Portugal (EPaP).

2.6.a. Estrutura /organização.

Esta colecção também apresenta o material dividido em dois livros, o **Livro** e o **Caderno de actividades**.

O **Livro** começa com uma Avaliação de Diagnóstico, para, segundo os autores, recordar conteúdos disciplinares de anos anteriores.

Este livro apresenta-se dividido em 10 unidades temáticas, (regresso à escola, estações do ano e datas festivas, entre outros.).

Ao apresentar a unidade são colocados os conteúdos de ortografia e gramática que serão trabalhados. É apresentado também um texto e uma actividade relacionada a ele (criar um poema, registar algo, dramatização, pesquisa, leitura expressiva, jogos, produção de texto).

As unidades estão organizadas com actividades: Antes de Ler, Dicionário, Texto, Compreensão do texto, Ortografia, Gramática, Oficina de Escrita e Fichas.

Antes de Ler... são apresentadas acima do texto a ser trabalhado, em forma de enigmas, jogos, palavras-cruzadas, lengalengas, charadas, algumas vezes é usado para formar o título do texto, outras para descobrir as personagens, sendo que, de uma forma geral, tratam de temas que podem ser abordados com o texto, porém em alguns casos também são usados para o trabalho gramatical (exemplos: - enigma para descobrir o grau superlativo absoluto sintético de velha; -descobrir o que falta nas palavras magico, agua, multidaio = acento).

O Dicionário aparece em praticamente todos os textos da unidade, excepto os da apresentação das unidades e os de avaliação Trimestral. É apresentado um quadrado que se encontra normalmente acima (ao lado, ou em baixo) do

texto, contendo uma ou mais palavras do mesmo e é pedido que se faça uma consulta ao dicionário para descobrir o significado dessas palavras. Além disso, aparecem em alguns textos outras palavras do texto enumeradas e já com o significado.

O Texto em prosa (57) é o que mais aparece nesse livro analisado. Apresentam também outras tipologias, como verificamos na tabela abaixo (tabela 6 em anexo), mas são pouco expressivos.

A Compreensão do texto na maioria das vezes é apresentada através de perguntas referentes ao texto (quem são os personagens principais deste texto; diz quando e onde se passa esta histórias; faz o retrato físico do personagem, ou elabora perguntas para as respostas; diz a opinião do autor sobre determinado assunto; entre outras), mas poucas vezes apresenta perguntas que ultrapassam o sentido literal do texto.

Ortografia (nem sempre aparece); Gramática, normalmente são actividades que se utilizam do texto trabalhado para o estudo da ortografia e gramática (exemplos: escrever grupos móveis; copiar determinado parágrafo; perguntas relativas ao tipo de texto;etc). Algumas actividades, nessa parte de gramática, remetem ao uso das fichas.

Oficina de Escrita são propostas que fazem, na maioria das vezes, alguma referência ao texto apresentado, porém não deixam de trazer também exigências gramaticais (exemplos: “Conta-nos num texto uma aventura vivida por ti nesse verão. Atenção: o texto deve ter, pelo menos, três nomes comuns”. O texto trabalhado foi o “O adeus à praia” de Maria Rosa Colaço). As propostas remetem a diferentes tipologias textuais. (cartaz informativo, banda desenhada, carta, anúncio, reconto, texto informativo...)

Fichas possui uma parte denominada Aprender em que é exposto o conteúdo teórico a ser trabalhado de gramática e ortografia e a parte Aplica, que contém exercícios do assunto tratado na parte Aprender.

O **Caderno de actividades** está dividido em duas partes, as Fichas e a Avaliação Global.

A primeira parte está dividida em 10 Fichas, seguindo os temas do manual, sendo apresentado normalmente um texto sobre o tema da unidade, seguido da compreensão do texto, gramática, ortografia e expressão escrita. A metodologia é muito similar à do *Livro*, apresentando como principais diferenças entre eles a ausência das actividades de antes de ler e na pesquisa ao dicionário há um lembrete que deixa claro que é para copiar apenas o significado que faça sentido no texto lido. A mudança mais significativa é em relação à expressão escrita porque em cada ficha é ensinado a produzir a tipologia textual a ser trabalhada.

A segunda parte está dividida em seis momentos de Avaliação Global, sendo dois em cada período (Avaliação Global 1 e 2 referente ao primeiro período; Avaliação Global 3 e 4 referente ao segundo período...)

Cada Avaliação Global contém um Texto, seguido de uma Compreensão do Texto, exercícios de Gramática e Desenvolvimento da Escrita. O tipo de exercício proposto só difere do da primeira parte (Fichas) no que diz respeito às propostas de reescrita, que não há nessa parte explicação sobre como trabalhar com os diferentes tipos de textos.

Ano/Série	Tipo de texto
5º ano 4ª série	Fábula (1) Música/cantiga (1) Prosa (57) Poema (19) Texto Informativo/jornalístico (1) Texto Teatral (2) Lenda (1) Oração (1)

Nota-se o predomínio dos textos escritos em Prosa (57), seguido dos poemas (19) sendo praticamente as únicas tipologias apresentadas.

Pela quantidade de textos em prosa é natural que praticamente todos os textos apresentados estejam fragmentados ou adaptados.

As referências também não estão apresentadas de forma completa. De facto, muitos dos textos só possuem o nome do autor e na maioria das vezes não há indicação que o texto não está completo.

Esses livros possuem propostas de produção de textos interessantes, procurando relacionar as actividades ao texto que foi trabalhado, mas algumas vezes as propostas nada têm a ver com o que está sendo falado, parecendo mesmo uma desculpa para forçar a escrita (exemplo: no texto a “A bola de sabão” de Sílvia Montarroyos (adaptado), apresenta-se como proposta de escrita um debate e uma acta).

A parte da expressão escrita, em que apresenta algumas características das tipologias textuais, nem sempre apresenta ideias correctas sobre as mesmas. Por exemplo, ao explicar como fazer um poema, mostra-se um quadro dizendo “Aprende e explica que a poesia está muito ligada à ternura, à sensibilidade, à beleza e até à musicalidade das palavras e dos sons” e em seguida propõe que o aluno faça uma lista de palavras com as terminações às/az; ês/ez; is/iz; ós/oz para depois compor versos terminados nos mesmos sons recorrendo à lista feita anteriormente, como se construir um poema fosse apenas fazer rimas.

É reconhecida a qualidade dos textos que integram esses livros, encontrando narrativas e poesias de António Mota, Maria Rosa Colaço, José Jorge Letria, Sophia de Mello Breyner Andersen, Maria Isabel Mendonça Soares, Isabel Alçada, Ana Maria Magalhães, Carlos Correia, Alice Vieira, António Torrado, Maria Alberta Menéres, Sidónio Muralha, Cecília Meireles, Maria Isabel Mendonça Soares, Luísa Ducla Soares, Matilde Rosa Araújo, entre outros.

2.6.b.Análise/exemplo.

Antes de leres...
Recorda os sinais de pontuação resolvendo as palavras-cruzadas.

O Sol e o Vento

O Sol e o Vento palestravam¹ lá em cima por onde andam as nuvens, numa tarde de preguiça, já não muito cedo, quando avistaram um homem, caminhando apressadamente por uma estrada, cá em baixo na terra.

Começaram então uma discussão sobre qual deles seria o mais forte e resolveram fazer uma prova. O que conseguisse primeiro fazer despir o casaco aquele homem seria o vencedor...

O Vento pôs-se a soprar tão fortemente que o homem, cá em baixo, começou a andar com dificuldade. Apertava bem a roupa contra si, mas o Vento continuava a soprar de tal maneira, que quase o levava pelos ares. À sua volta tudo **rodopiava impellido** pelo Vento, e nuvens, árvores, montes de terra e feixes² de lenha voavam num **torvelinho!** Estava tudo em tal confusão que o homem, desesperado, se atirou por terra, enrolando-se bem no casaco e deixou-se ficar no valado³ que ladeava a estrada à espera que passasse o mau tempo. Como teria surgido uma ventania tão repentina?

Lá em cima, o Sol ria-se do mau génio do Vento, que, com a sua maldade, não conseguia vencer o homem.

E, com mansidão, o Sol desviou-se de uma nuvem e começou a brilhar no céu, muito lindo e muito quente...

O homem, então, saiu do valado e retornou à sua **marcha pela estrada**. O Sol continuava a rir em raios de luz forte e arrojada, e há a estrada o homem cedeu e tirou o grande casaco que o cobria.

Foi assim que o Vento ficou a saber que mais podem os bons modos do que a força!

Dicionário
Consulta o dicionário e descobre o significado de:

- **rodopiar**
- **impellido**
- **torvelinho**

Aislécia Fontes Máchado,
Fábulas de Animais e Outras
(adaptado)

¹Palestravam — Conversavam.
²Feixes — Mochos.
³Valado — Vata.

Actividades

Compreensão do Texto

1. Quem são as personagens principais deste texto?
2. Que aposta fizeram o Sol e o Vento?
3. A quem quis o Vento pregar uma partida?
4. O que aconteceu quando o Vento começou a soprar?
5. Por que razão se ria o Sol do mau génio do Vento?
6. Como conseguiu o Sol que o homem tirasse o casaco?
7. O que aprendeste com esta história?

Ortografia ce, çj

1. **Sublinha** no texto as palavras com **ce** e **çj**.
1.1 Forma com elas duas frases. *

Gramática **APRENDE E APLICA** Ficha 3 — págs. 26 e 27

1. **Liga** cada frase ao sinal de pontuação correspondente.

<i>Sou muito curioso</i>	•	• ...
<i>Nunca acabo o que começo</i>	•	• !
<i>Vamos terminar por aqui</i>	•	• .
<i>Tudo me espanta</i>	•	• :
<i>Surjo nas pausas pequenas</i>	•	• ?

1.1 Aplica-os, e outros que forem necessários, neste pequeno texto.

O homem que viajava na estrada começou a apertar o casaco e disse
 Mas o que está a acontecer De onde vem este vento tão forte
 Logo de imediato uma rajada ainda mais forte quase o derrubou

Oficina de Escrita

1. Transforma o texto que leste numa **Banda Desenhada**. *Atenção: Tenta usar todos os sinais de pontuação, principalmente os que são próprios dos diálogos.*

Tema transversal: Os elementos do clima 23

Figura 32: Livro Giroflé 4 páginas 22-23.

O Texto “O Sol e o Vento” apresenta algumas palavras que trazem o seu significado abaixo do texto e também um quadro em que se pede ao aluno para consultar o significado de algumas palavras do texto no dicionário. Essas são as duas formas que esses livros trazem para trabalhar o estudo vocabular.

As actividades de compreensão do texto contêm perguntas simples e que são fáceis de responder com uma simples “busca” ao texto. Ressaltamos a última pergunta, que questiona qual o aprendizado do aluno sobre o texto, como se todos os textos tivessem que trazer algo a ser aprendido.

A proposta de escrita sugere a modificação do texto em prosa para uma História em Quadrinhos, lembrando aos alunos que devem utilizar correctamente os sinais de pontuação próprios do diálogo, que é a linguagem usada nessa tipologia.

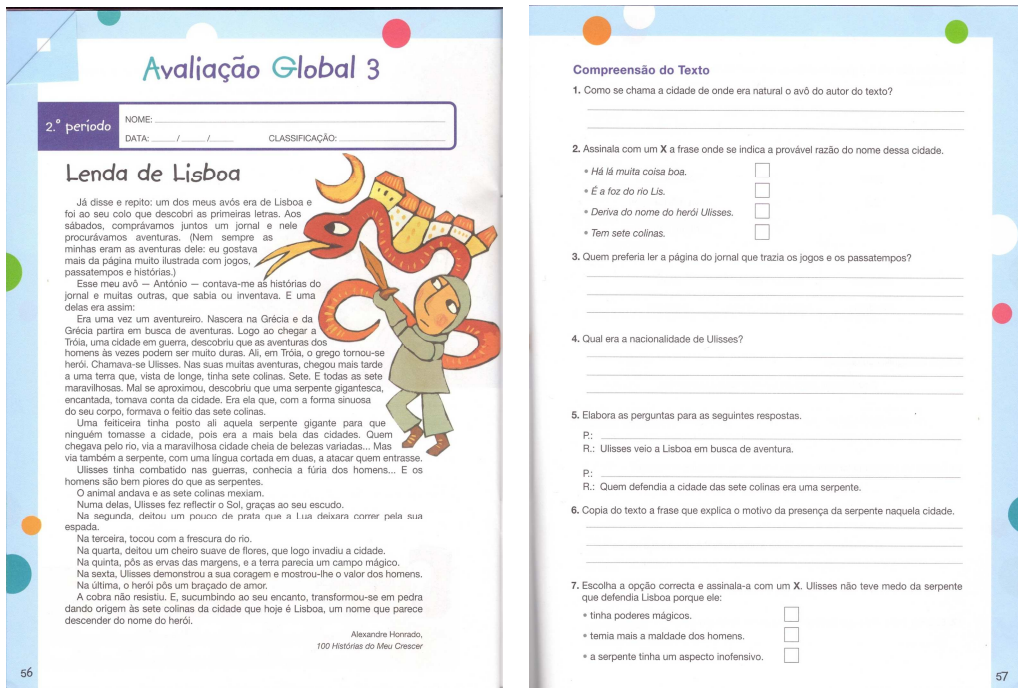


Figura 33: Livro de Actividades Giroflé 4 páginas 56-57.

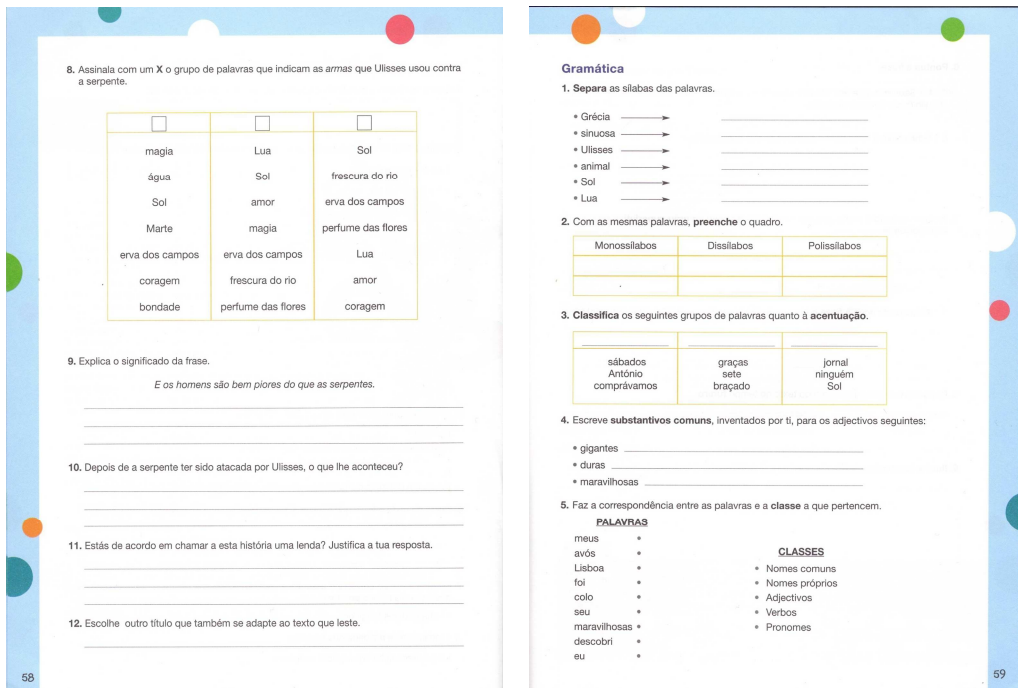


Figura 34: Livro de Actividades Giroflé 4 páginas 58-59

As avaliações Globais apresentam um maior número de actividades tanto de interpretação como de Gramática, porém o objectivo das actividades continua o mesmo, as actividades de compreensão não são muito expressivas e o texto é muito utilizado nas actividades de gramática. A proposta de Desenvolvimento sugere o reconto da Lenda de Lisboa ou de uma lenda de outra localidade e de certa forma incentiva os alunos a descobrirem as lendas de Portugal.

2.7.Livro didáctico colecção Caminhos Escola Pública Portugal (EPuP).

2.7.a.Estrutura /organização.

Os livros dessa colecção também possuem dois livros o **Livro** e o **Livro de Fichas**.

O **Livro** é dividido em dez unidades, com temas ligados às épocas do ano (de Setembro a Junho) e aborda, segundo os autores, os aspectos físicos, festas, costumes, como também se articulam com o que se aprende em cada mês nas outras áreas curriculares, nomeadamente no Estudo do Meio.

Dentro das unidades encontramos sua estrutura organizada em: Antes de Ler, O texto; Compreensão do texto; Funcionamento da Língua; As palavras e Expressão. Todas as unidades terminam com uma Avaliação.

O Antes de Ler aparece acima de praticamente todos os textos e os autores do manual definem que essa parte serve “para desenvolver a expressão oral (ouvindo os outros e falando, dando a sua opinião), relacionando os temas e as imagens dos textos com o que já se sabe”. Essas actividades sugerem normalmente que se leia o título do texto, observe as ilustrações e que discuta sobre o que sugere o texto, dando sua opinião, e também aprendendo a ouvir a opinião dos outros. Quando apresenta alguns textos acaba por utilizá-los para trabalhar um determinado conteúdo (textos referentes às estações do ano acabam por sugerir painéis e actividades que explorem o tema). Algumas perguntas também procuram explorar o tipo de texto apresentado. (“Observe a

figura”. “Lê o título do texto”. “De que tipo de texto se tratará?” “Que informações serão dadas?”).

Os textos presentes nesse manual são em sua maioria apresentados em prosa e em poesia e apresentam também outras dez tipologias textuais, mas apresentadas de forma menos expressiva, como vemos na tabela abaixo (tabela 7 em anexo).

Na parte de Compreensão do texto encontram-se questões relativas ao texto que buscam apenas responder a questões superficiais ou que se copiem partes dos textos, que se ordenem as frases pela ordem que aparecem neles, que faça um resumo do mesmo, que faça uma leitura dramatizada do texto, entre outras actividades.

Em Funcionamento da Língua normalmente encontramos uma rubrica de uma placa vermelha escrito REPARA trazendo alguma informação (informações sobre ortografia e gramática), assim como um quadro escrito LEMBRA, com o mesmo tipo de informações. Algumas vezes apresentam exercícios de aplicação sobre o que foi explicado, sendo que na maioria das vezes nada têm a ver com o texto trabalhado. Segundo os autores, essa parte serve “para conhecer e aplicar as regras da língua portuguesa”.

A parte denominada As palavras aparece num quadro no canto da folha e muito se assemelha com o as actividades de Funcionamento da Língua, sendo apenas mais trabalhados os conteúdos ortográficos e também o uso do dicionário.

Em Expressão, encontram-se algumas propostas de escrita, muitas vezes explora as diferentes tipologias (reescrever, com os teus colegas, a lenda da origem de Timor em banda desenhada, numa cartolina, ou escreve uma carta bonita ao teu pai (ou a quem faz a vez dele) e oferece-a no dia 19 de Março), outras convidam os alunos a uma reescrita que remetem ao texto lido (escreve um texto sobre a profissão que gostarias de ter no futuro; escreve um texto sobre o modo como se festeja a entrada do Ano Novo na tua família ou na localidade onde vives).

A Avaliação presente em todas as unidades apresenta um texto e depois perguntas referentes ao mesmo, assim como exercícios que envolvem regras gramaticais e ortográficas.

O **Livros de Fichas** apresenta trabalhos de interpretação sobre textos do **Livro**, assim como traz novos textos e trabalhos sobre o mesmo. As actividades estão voltadas ao texto e trabalha-se muito com questões envolvendo a gramática e a ortografia.

Este livros contém actividades denominadas Outras actividades, que propõem muitos trabalhos de expressão artística, recuperando o tema do texto (exemplos: “Faz caravelas com uma casca de noz”, texto “Os Portugueses e o mar” de Afonso Lopes Vieira; “Faz fantoches!” “Desenha as personagens da história em cartolina”; “Recorta-as e cola-as em colher de pau, como na figura”; “Diverte-te a dramatizar histórias com teus colegas”, texto “A nuvem e o caracol” António Torrado).

Algumas vezes aparece uma actividade chamada Jogo que sugere brincadeiras com o texto lido (um aluno dramatiza (sem falar) uma das perguntas da poesia. Os outros alunos adivinham qual vocábulo se trata; “O Tiago é muito alto” de Mymi Doinet Nanou).

Ano/Série	Tipo de texto
5º ano 4ª série	Diálogo (1) Música/cantiga (2) Histórias em quadrinho (2) Prosa (40) Poema (38) Texto Informativo/jornalístico (13) Texto Teatral (1) Receita (3) Adivinha/Piada (3) Lengalenga (3) Trava-Língua (2)

Essa colecção apresenta uma grande quantidade de textos com supressões e adaptações, principalmente as prosas.

Possui textos de autores como Maria Rosa Colaço, Luísa Ducla Soares, António Botto, Mário Castrim, Luísa Ducla Soares, Ana Maria Machado, Cecília

Meireles, Monteiro Lobato, Sérgio Godinho, Ilse Losa, Sylvia Orthof, Adolfo Simões Muller, Afonso Lopes Vieira, Henriqueta Lisboa, Sophia de Mello Breyner Andersen, Sidónio Muralha, José Jorge Letria, Jostein Gaarder, Fernando Pessoa, Alice Gomes Eugénio de Andrade, Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada, Maria Alberta Menéres, Matilde Rosa Araújo, entre outros.

Nota-se que na maioria das vezes os textos estão referenciados de forma correcta.

Uma novidade interessante dessa colecção é a presença de textos de alunos da mesma idade dos leitores, podendo ser um incentivo para a produção de textos pelos mesmos.

Mais uma vez notamos que as propostas de interpretação de texto nada levam a interpretar e sim apenas à procura de informações superficiais do texto.

Nota-se a preocupação com o estudo da Língua Portuguesa, pela grande quantidade de actividades e teoria sobre gramática e ortografia.

2.7.b. Análise/exemplo.

The image displays three pages from a children's book. The left page is titled 'DEZEMBRO' and contains a poem 'Quando o Inverno chegou' by Sidónio Muralha. The middle page is titled 'COMPREENSÃO DO TEXTO' and includes comprehension questions about the poem. The right page is titled 'NÓS... E OS OUTROS!' and contains a poem 'Inverno' by Sara Alves, along with a list of words and a writing activity.

DEZEMBRO

ANTES DE LER
 Observa a figura. Descreve-a. Compara-a com a paisagem do local onde vives, nesta época do ano. Que semelhanças encontras? E que diferenças? Que estação do ano começa agora?

1. Lê o texto.

Quando o Inverno chegou

Quando o Inverno chegou, resolveu soprar as folhas que o Outono deixara no chão. Era um grande soprador. O Inverno culpou o Outono de todo aquele desmazelo:
 – É impossível ter a terra arrumada com um Outono tão pouco cuidado – disse enquanto soprava. – Se eu fosse assim, a pobre Primavera teria de trabalhar até ao Verão para limpar a terra de tanta folha caída.
 Depois, deixou de soprar e resolveu fazer frio, um frio muito forte, para mostrar que era Inverno. As portas ficaram trancadas, nos lares acenderam lareiras, as pessoas vestiram roupas pesadas.
 Os bichos não saíram das tocas, e o Inverno, que era muito distraído, comentou:
 – As ruas e as estradas estão quase desertas, até parece Inverno.
 Depois soltou uma gargalhada que parecia um trovão.

Sidónio Muralha, O companheiro, Futura

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. No penúltimo parágrafo do texto, lê a fala do Inverno com diferentes expressões:
 – como quem ri;
 – como quem chora;
 – como quem está zangado;
 – como quem está surpreendido.

2. O Inverno disse coisas pouco agradáveis sobre o Outono. Transcreve-as.

3. Transforma as frases declarativas em frases interrogativas directas, como no exemplo.
 O Inverno chegou.
 O Inverno chegou?
 O Inverno culpou o Outono.
 As portas ficaram trancadas.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Lê a poesia "Inverno".

2. Sublinha os nomes da primeira quadra. Escreve-os por ordem alfabética.

3. Faz tu também uma poesia sobre o Inverno. Escreve-a no teu caderno.

NÓS... E OS OUTROS!

AS PALAVRAS

Inverno

No Inverno vem o frio
 E a neve também
 Brincamos na rua
 Tudo faz bem.

Jogamos à pelotada*
 Uns magoam-se e outros não.
 Ficamos com a neve na cara
 E alguns tombam no chão.

Temos muito frio
 Acendemos a lareira
 Lá no cantinho
 Aquecemo-nos à fogueira.

A neve brinca no ar
 Olhamos pela janela
 Vamos para a rua
 Brincar com ela.

Sara Alves, 4.º ano, EB1 – n.º 10, Bragança

*pelotada – batalha com bolas de neve.

1. Completa como no exemplo.
 cuidado – *cuidadoso / cuidadosa*
 cheiro – _____ / _____
 apetite – _____ / _____

2. Sublinha, na poesia, os verbos.

OPINIÃO
 Faz com os teus colegas um painel de Inverno, com textos, desenhos, recortes, colagens e fotografias.

Figura 35: Livro Caminhos 4 páginas 58-59.

O primeiro texto (“Quando o Inverno chegou”) está adaptado, embora não se faça referência a isso, e esta mudança compromete o significado do texto. A sugestão para que a criança leia o texto de diferentes formas (rindo, chorando...) não faz com que o aluno compreenda o mesmo. Depois o texto é aproveitado para o estudo da língua. No segundo texto, uma poesia (Inverno), é ainda mais evidente a falta de trabalho de interpretação. Como traz dois textos sobre o mesmo assunto e de diferentes tipologias, os autores poderiam explorá-los, mas é nítida a preocupação do uso dos mesmos para o estudo de conteúdos gramaticais e ortográficos.

No **Livro de Fichas**, nas actividades relacionadas ao primeiro texto, apresenta mais um texto, que agora nada tem a ver com o assunto trabalhado e aparece para estudar os sinais de pontuação, tipos de frase e tipos de palavras.

OUTUBRO

ANTES DE LER
 Observa as figuras. Lê o título do texto.
 Já conheces esta história? Se a conheces, conta-a aos teus colegas.
 Depois, lendo o texto, verifica se a história que contaste é igual.

1. Lê o texto.

A galinha ruiva

Era uma vez uma galinha ruiva que morava com seus pintainhos numa quinta.
 No fim do Verão, ela viu que o milho estava maduro, pronto para colher e vir a transformar-se num bom alimento. A galinha ruiva teve uma ideia:
 – E se eu fizesse um delicioso bolo de milho?! Todos iam gostar!
 Era muito trabalho: precisava de muito milho para o bolo. Quem a poderia ajudar a colher a espiga de milho no pé? Quem a poderia ajudar a debulhar o milho? Quem a poderia ajudar a moer os grãos para fazer a farinha para o bolo?
 Foi ter com os outros animais seus amigos que viviam na quinta: o cão, o gato, a vaca e o porco.
 – Quem me pode ajudar a colher o milho para fazer um bolo de milho delicioso?
 – Eu não! – disse o gato, irritado. – Estou com sono!
 – Eu não! – disse o cão. – Gosto de comida já pronta.
 – Eu não! – disse o porco. – Acabei de almoçar.
 – Eu não! – disse a vaca. – Vou brincar lá para fora.
 Todos disseram que não.
 Então, a galinha ruiva foi preparar tudo sozinha: colheu as espigas, debulhou o milho, moeu a farinha, preparou o bolo e colocou-o no forno.
 Quando o bolo ficou pronto, o cheirinho despertou o apetite aos seus amigos. Todos ficaram com água na boca e foram a correr ter com ela.
 – Mas que cheirinho! – disseram todos ao mesmo tempo. – Eu quero!
 Então a galinha ruiva disse:
 – Quem foi que me ajudou a colher o milho e a preparar a farinha para fazer o bolo?
 Todos ficaram calados – ninguém tinha ajudado!
 – Então quem vai comer o delicioso bolo de milho sou eu e os meus pintainhos, apenas. Vocês podem continuar a descansar.
 E assim foi: a galinha e os seus pintainhos fizeram uma festa e nenhum dos preguiçosos foi convidado.

Lenda popular inglesa

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Dá outro título ao texto.

2. Completa o quadro de acordo com o texto.

Personagem principal	
Lugar onde se passa a história	
Acontecimento principal	
Época do ano	

3. Dramatiza o texto com os teus colegas.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

REPARA!
 Um texto é formado por uma ou mais frases.
 Uma frase é formada por uma palavra ou por um grupo de palavras organizado e com sentido. Começa por maiúscula e termina num sinal de pontuação.

1. Completa com grupos de palavras do texto, para formares frases.

A galinha ruiva _____ estava com sono.
 O cão _____
 O porco _____ foi brincar?

PENSAR PRIMEIRO...

AS PALAVRAS

No meio de vogais e letra s lê-se z.
 Para se ler s escrevemos ss.

1. Copia do texto palavras em que a letra s tem valor z.

2. Completa com s ou ss.

pa...o pen...o
 El...a pé...ego

3. Copia do texto palavras com os dígrafos seguintes:

lh _____
 nh _____
 ch _____

LEMBRA!
 Um verbo é uma palavra que exprime uma acção, um estado ou um fenómeno da Natureza. O infinitivo é a forma do verbo que o identifica.
 Ex.: mudar – 1.ª conjugação
 viver – 2.ª conjugação
 partir – 3.ª conjugação

4. Copia do texto três verbos.

ESCREVA
 Escreve uma conversa entre a galinha e os seus pintainhos sobre o que aconteceu, na quinta, com os outros animais.

Figura 36: Livro Caminhos 4 páginas 21- 22.

Encontramos algumas propostas de escrita interessantes. Depois de ler o texto “A galinha ruiva”, as actividades de interpretação sugerem que mudem o título da história, que observem as figuras (com sequência da histórias) e

descrevam os acontecimentos. Como proposta o aluno deve escrever uma conversa entre a galinha e os seus pintainhos, sobre o que aconteceu na quinta com os outros animais. A sugestão permite ao aluno que não fique preso apenas à “moral” da história e possa escolher aquilo que acredita ser melhor para os personagens (e para si). No **Livro de Fichas** é sugerida uma outra actividade que acaba por fazer um reconto da historia trabalhada, complementando as actividades relacionadas ao texto.

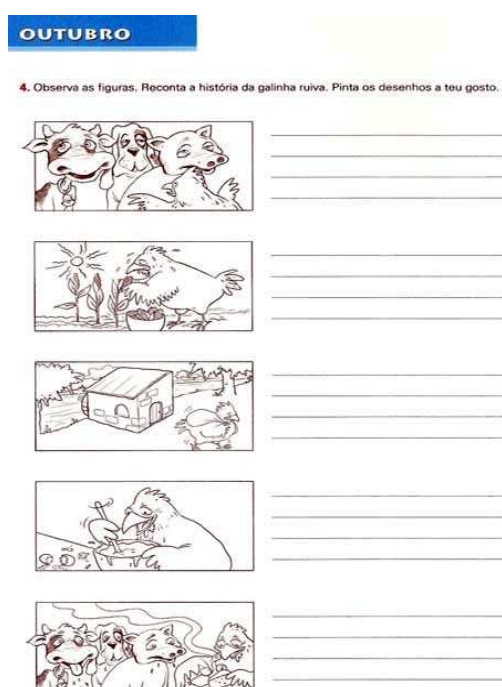


Figura 37: Livro de Fichas Caminhos 4 páginas 18.

3. Conversas

Como apresentamos acima, as colecções e apostila analisadas apresentam algumas diferenças quanto à estrutura, porém objectivos semelhantes quanto ao trabalho com a ortografia e a gramática, assim como a forma de se trabalhar com a interpretação dos textos.

As adaptações e fragmentações são as opções mais utilizadas para apresentar os textos, principalmente em prosa, porém os textos continuam com

sua estrutura comprometida (nem sempre há começo, meio e fim) e as ideias e mensagem do texto perdem-se no meio de tanta fragmentação e recortes.

Muitas vezes não há muita variedade textual e quando aparece nem sempre é trabalhada sua especificidade. Ou seja, ao aluno será difícil de diferenciar uma narrativa de uma banda desenhada, a não ser pelo layout do livro, pois no manual didático nada contribui para que a criança compreenda as estruturas destes dois textos, como também, de outros.

PROPOSTA DE ACTIVIDADES

1. Conversas e sugestões para o uso do texto literário.

Entendendo por oracia como “a capacidade de cada indivíduo compreender, usar e reflectir sobre os «textos orais», de modo a atingir os seus objectivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades e a participar activamente na sociedade” (PEREIRA e VIANA, 2003:121), esta apresenta-se como mais um dos degraus da longa caminhada de construção do desenvolvimento da literacia.

Através da Literatura Infantil, a criança vai ter a oportunidade de contactar com determinadas temáticas, vivenciar determinadas situações (ainda que não efectivamente), opinando acerca de determinados temas, alargando, desta forma, o seu leque de aprendizagens. Porém, para que isto seja possível, parece-nos necessário que se explore a natureza pluri-significativa do texto literário, levando o aluno a questioná-lo e a relacionar-se efectiva e afectivamente com ele, desenvolvendo-se não apenas como leitor mas também enquanto pessoa.

Para que um trabalho una a oralidade e a Literatura Infantil de forma significativa, acreditamos ser necessário apostar numa formação profissional que habilite os docentes para a problematização das situações pedagógicas, buscando as formas mais eficazes de criar junto dos seus alunos ambientes estimuladores e enriquecedores susceptíveis de os motivarem para a aprendizagem da língua na sua omnifuncionalidade semiótica (AZEVEDO, 2002).

Na busca de um trabalho motivador e eficaz na formação de um leitor competente, apresentamos a seguir uma proposta de actividades que tem por base um Programa de Leitura Fundamentado na Literatura e a perspectiva da corrente teórica do “whole language approach” (SLOAN, 1991). Segundo esta corrente teórica, a aprendizagem do falar, da leitura e da escrita devem ser integradas e centradas na criança, procurando desenvolver-se em situações reais e dependendo o ensino-aprendizagem da experiência efectiva de cada grupo de crianças. Assim, as crianças deverão procurar construir sentidos a partir de textos autênticos. Os professores, por seu turno, terão o papel de guias, facilitadores,

motivadores e mentores neste processo, sendo-lhes quase que exigido que sejam abertos, organizados, flexíveis, envolvidos, interessados e entusiasmados. (SLOAN, 1991:20-28).

O Programa de Leitura Fundamentado na Literatura (YOPP & YOPP, 2001) divide-se em três momentos essenciais: as actividades antes da leitura, as actividades durante a leitura e as actividades depois da leitura, tendo cada um deles, objectivos específicos. As actividades antes da leitura visam a promoção de respostas pessoais, afectivas, a activação e a construção de conhecimentos do mundo, o estabelecimento de objectivos para as actividades de leitura que lhe seguirão, o despertar da curiosidade e a motivação dos alunos para a leitura. Assim, o lúdico deverá abrir as portas da interpretação cooperativa e imaginativa e da leitura voluntária, pois “a leitura como um jogo deve preceder a análise reflectida e parece ser até um pré-requisito para que esta tenha significado, uma vez que, sem prazer ninguém é leitor voluntário.” (DIONÍSIO, 1990: 116)

Se o aluno tem a possibilidade de se envolver produtivamente na construção do sentido do texto, vai sentir prazer na sua tarefa, tornando-se esta mais significativa para ele. Por sua vez, as actividades durante a leitura têm como finalidades facilitar a compreensão do texto, sem que isto signifique simplificar o texto mas, antes, munir os alunos de “instrumentos” que lhes permitam compreendê-lo, questioná-lo, focalizar a sua atenção para que não se disperse na presença de informações variadas, encorajar reacções/participação/partilha para o surgimento de novas ideias e permitir respostas pessoais que surjam do cruzamento da informação textual com a informação do mundo empírico-histórico factual. Com as actividades realizadas após a leitura, pretende-se suscitar reflexões, facilitar a análise e a síntese, promover respostas pessoais e conexões com ideias, temas e ideologias encontradas no livro e facilitar a organização da informação.

2. Pequena Análise da Obra “Chapeuzinho amarelo”.

Chapeuzinho amarelo é a primeira obra de Literatura Infantil escrita por Chico Buarque de Holanda em 1979, sendo considerado um livro altamente recomendável para crianças pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Trata-se de uma versão do conto Capuchinho Vermelho, mas em que há uma inversão total da história original.

Partindo da análise da cor “amarela”, que associamos ao medo, nota-se que as personagens “Capuchinho Vermelho” e “Chapeuzinho amarelo” terão trajectórias bem distintas. Enquanto Chapeuzinho amarelo tem medo de tudo, a Capuchinho Vermelho não tem medo de nada.

As duas personagens têm visões completamente diferentes do Lobo. Enquanto a Chapeuzinho amarelo morre de medo dele, um lobo que ela nunca viu, para Capuchinho Vermelho ele passa despercebido, ela nem se questiona o porquê dele querer saber onde morava a sua avó, por exemplo.

Porém, o autor faz uma desconstrução da visão do Lobo da versão dos Irmãos Grimm, que acontece quando a Chapeuzinho amarelo encontra com o Lobo.

Escrito em letras maiúsculas, o nome “LOBO”, aparecendo repetidamente, vai permitir uma “brincadeira” semântica transformando o LO-BO em BO-LO.

Chapeuzinho amarelo agora já não tem medo de nada e com todos os seus medos ela faz esse jogo semântico transformando-os em Gãodra, Jacoru, Barão-Tu, Pão Bichôpa e todos os trosmons.

Actividades do Programa de Leitura Baseado na Literatura

Título: Chapeuzinho amarelo

Antes da Leitura:

Chapéu mágico

- Descrição da actividade: O professor leva para a sala um chapéu contendo objectos presentes na história que irá ser contada (um lobo, um bolo, um diabo, uma minhoca e uma bruxa). A seguir, é pedido aos alunos que identifiquem os objectos e que criem, oralmente, uma história ligando todos os objectos.
- Objectivos da actividade: Pretende-se despertar nos alunos curiosidade acerca da história a ser contada, trabalhando a sua criatividade, a oralidade e a questão inferencial.

Exploração dos Paratextos

- Descrição da actividade: O professor vai, através da capa do livro, explorar alguns elementos paratextuais, fazendo perguntas que estejam relacionadas com a história, tais como: Quem é a menina que aparece na capa ?; Qual o seu estado de espírito ?; Qual será o nome dela ? Porquê ?; Porque é que o chapéu é amarelo e não de outra de outra cor ?; O que acham do título ? De que é que falará a história partindo deste título ?; Quem é o Chico Buarque ? Quem é o Ziraldo ?
- Objectivos da actividade: Perceber os conhecimentos prévios que os alunos têm acerca da história e do objecto livro, assim como as suas primeiras impressões relativamente ao livro que lhes está a

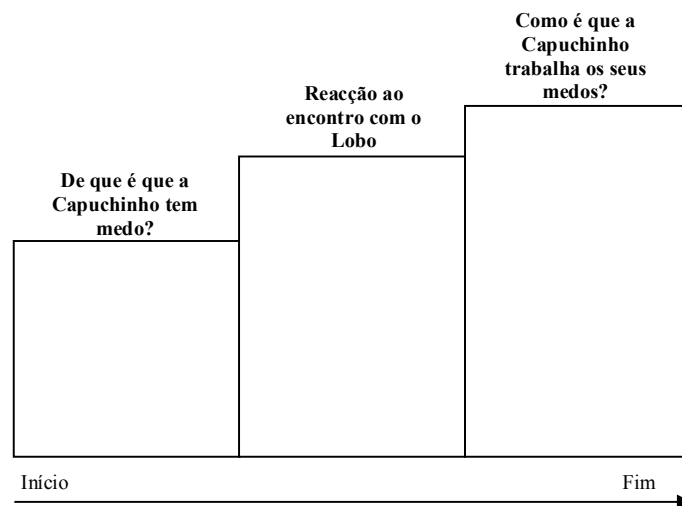
ser apresentado. Neste momento, os alunos farão inferências partindo destes elementos paratextuais.

Durante a Leitura:

Leitura da história (a leitura será feita com o livro e projectando as ilustrações do livro.)

Mapa Organizador

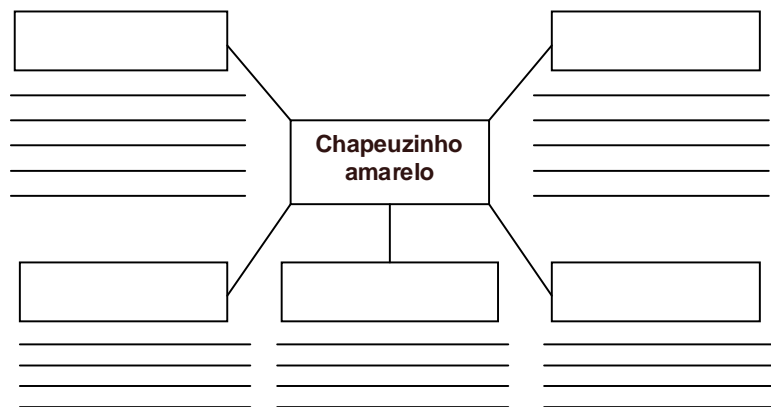
- Descrição da actividade: Através de um mapa organizador que será distribuído pelo professor, os alunos, individualmente, deverão sistematizar a sequência lógica da história, recorrendo às suas lembranças.



- Objectivos da actividade: Pretende-se que, através desta actividade, o aluno consiga organizar as informações contidas no texto de forma a sumariar a acção do mesmo.

Diagrama de Características das Personagens com “Prova Real”

- Descrição da actividade: Os alunos deverão preencher a tabela centrando-se numa personagem, a Chapeuzinho amarelo. Nos rectângulos os alunos colocarão as características da personagem que eles consideram relevantes e, por baixo, farão uma citação do texto que justifique a característica enunciada.



- Objectivos da actividade: Com esta actividade pretendemos que os alunos sejam capazes de fazer inferências partindo de informação textual, caracterizando física e psicologicamente a personagem, nos vários momentos da história.

Baralho dos Medos

- Descrição da actividade: A turma será dividida em dois grandes grupos, sendo apresentado aos alunos um baralho de cartas contendo perguntas relacionadas à história. Um membro de cada grupo, rotativamente, retirará uma carta do baralho e comunicará

a pergunta ao grupo. Seguidamente, a resposta será discutida e aceite ou não pelo outro grupo. Alguns exemplos de questões poderão ser: Ex.1: Pense em um medo que tem, mas, tal como o Chapéuzinho, baralhe as letras/sílabas desse medo para fazer com que os seus colegas o adivinhem; Ex.2: Qual o medo da Capuchinho que você também tem ?; Ex.3: A Capuchinho teve medo do bolo ?

- Objectivos da actividade: De uma forma lúdica será possível perceber a compreensão que o aluno fez da história e permitir respostas pessoais, visando a identificação do aluno com as diversas personalidades da história.

Depois da Leitura:

Reconto da História

- Descrição da actividade: O professor deverá juntar os alunos em pequenos grupos e pedir que recontem a história através de uma pequena dramatização, utilizando as suas próprias palavras.
- Objectivos da actividade: Partindo de uma dramatização simples da história será possível perceber quais as percepções dos alunos relativamente à história lida, trabalhando a linguagem do ponto de vista da oralidade e da expressão.

Cromolivre

- Descrição da actividade: À semelhança de um álbum de figurinhas, o cromolivre apresentará os “medos” personificados da história (o lobo, a bruxa, a minhoca, a sombra, a barata e o diabo,

- etc) como figurinhas. Para tal, os alunos terão que colar uma imagem de cada um dos “medos” personificados num livro e, por baixo de cada uma das imagens, escrever um texto apresentando a visão dos “medos” relativamente à superação destes por parte da Capuchinho.



- Objectivos da actividade: A elaboração deste cromolivre, activando a criatividade dos alunos, vai promover respostas pessoais e conexões com ideias, temas e ideologias encontradas no livro.

Produção de Escrita Significativa

- Descrição da actividade: Aos alunos será proposta a escrita de um livro conjunto, para qual cada aluno terá que escrever um texto sobre um medo que tenha, apresentando uma forma divertida de o superar, à semelhança da Chapeuzinho. Seria interessante que, no final, os alunos sugerissem um título para o livro. Algumas sugestões podem ser: “ABC da Falta de Medo” ou “Livro dos Sem Medo”.

- Objectivos da actividade: Neste momento, os alunos irão trabalhar a competência escrita, organizando toda a informação desenvolvida ao longo do estudo da obra, dando-lhe um cunho pessoal.

3. Conversas.

Esta é apenas uma das muitas formas de se utilizar o texto literário em sala de aula. É uma proposta que exige muito mais dos professores e dos alunos do que aquela que temos vindo a discutir. Porém, acreditamos que não são as leis de incentivo à leitura ou as avaliações que exigem mudanças dos manuais escolares que vão fazer com que se trabalhe a leitura e a Literatura Infantil de forma a que realmente se formem leitores. De facto, se o professor não se mostrar disposto às mudanças, se não se capacitar e se tornar também um leitor, é expectável que continuemos a ter a leitura como uma obrigação, não a alcançando por prazer, hipotecando-se a construção e o desenvolvimento de leitores competentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1- Considerações finais da pesquisa

Com o objectivo de analisar a forma como as escolas brasileiras e portuguesas estão trabalhando para a formação de um leitor competente, abordámos na nossa pesquisa o uso dado ao texto literário, através das concepções dos Programas Governamentais dos dois países, assim como dos professores sujeitos da pesquisa e realizámos ainda uma análise do tratamento dado à Literatura Infantil pelos manuais escolares adoptados.

Ao pesquisarmos sobre as teorias da leitura, literatura e formação de leitores competentes e compará-las às práticas realizadas pelos docentes sujeitos da pesquisa, pudemos verificar alguns equívocos, principalmente quanto ao trabalho e concepções sobre o que vem a ser a leitura.

Muitos dos professores ainda não ultrapassaram a concepção de leitura enquanto simples descodificação. A escola acaba, também, por reproduzir uma comunidade de leitores por obrigação, em que são predominantes a leitura pressuposta e a leitura instrumental. São também comuns as práticas avaliativas de leitura. Todo esse conjunto de concepções e práticas acaba por não estimular o aluno, mas apenas o força a ler.

Estas práticas de leitura estão fortemente determinadas pelo uso do manual escolar, que além de estipular o conjunto de textos a serem lidos, modelam sua forma de leitura e interpretação.

Como vimos no capítulo “Propostas Curriculares”, o trabalho da linguagem oral ganha destaque nos parâmetros curriculares brasileiros e portugueses, sendo entendido como uma forma dos alunos aprenderem a utilizar essa linguagem competentemente nos diferentes contextos (MEC, 1997). Porém, um olhar atento sobre estes parâmetros parece-nos mostrar uma maior preocupação com o “saber” do que com o “saber fazer”, não parecendo existir uma preocupação efectiva com questões de reflexão acerca dos usos desta mesma linguagem.

No contexto da sala de aula, embora se reconheça, muitas vezes, a importância do desenvolvimento da oralidade, as práticas parecem não ser eficientes e eficazes para o desenvolvimento contextualizado desta capacidade linguística.

A oralidade não foi citada em nenhuma das respostas dos docentes sobre o que consideravam ser importante trabalhar em Língua Portuguesa e em suas práticas ficou claro o seu conceito, vinculado a uma pronúncia correcta, utilizada normalmente para a “leitura” do texto e algumas vezes para a dramatização do mesmo, sendo poucas as vezes em que o aluno foi convidado a se expressar através da oralidade. Esta não foi ressaltada nem mesmo nas primeiras séries, aquelas que se encontram em fase de alfabetização e, portanto, mais abertas para os textos orais.

Para abordar alguns pontos sobre as concepções dos docentes sobre o Ensino da Língua Portuguesa, assim como o uso do texto literário, faremos algumas relações entre os capítulos “Concepções docentes sobre o ensino da Língua-Entrevistas” e “Práticas docentes”.

Como pudemos verificar nas entrevistas, embora as professoras afirmem trazer outros textos para a sala de aula, as pesquisas, normalmente, são realizadas em outros manuais escolares e o trabalho realizado com o texto praticamente não se modifica.

“(...) a grande maioria dos nossos professores necessita da muleta “livro didáctico” para poder oferecer algum tipo de conhecimentos aos seus alunos. (...) O mal necessário resulta de um conjunto de determinantes negativos na esfera do trabalho docente, de entre os quais a mania do livro didáctico. É hora de caminhar sobre as próprias pernas, com autonomia e decisão”. (SILVA, 1996,:14)

A metodologia das aulas segue praticamente a mesma sequência, sendo ela: leitura silenciosa, leitura (diferentes formas), trabalho com interpretação do texto, exercícios de gramática e ortografia e proposta de escrita.

Concordamos com ALVES (2007), quando afirma que um professor que se centre no processo de descoberta dos significados dos textos, coloca o aluno no centro do trabalho interpretativo, envolvendo-o afectivamente na descoberta de sentidos. Este professor terá seguramente como meta a criação de leitores competentes, que olhem para a leitura como uma actividade simultaneamente útil e proporcionadora de prazer. Porém, o que encontrámos nas observações das aulas foi o uso da interpretação pelos professores e pelos livros como:

[...] um conjunto de habilidades rotineiras e redundantes, ou seja, “extrair a idéia central do texto”, “detectar o pensamento do escritor”, “descrever o enredo de uma história”, “caracterizar as personagens de uma história”, “fazer fichamento” etc. Como o livro didático é uma ferramenta básica dos professores brasileiros e como eles carecem de fundamentação para a análise crítica dos tipos de leitura ali inseridos, as concepções superficializantes de leitura assim permanecem fixadas ao longo do tempo. O aluno, por sua vez, também fixa uma noção restrita de leitura, já que os exercícios dos livros são diretamente dirigidos a ele. (SILVA, 1991:78).

Ainda sobre a questão da interpretação, MARCUSHI (1996) considera haverem falhas em pelo menos três aspectos: 1) supõem uma noção instrumental de linguagem e imaginam que a língua funciona apenas literalmente como transmissora de informação; 2) supõem que textos são produtos acabados que contêm em si objectivamente inscritas todas as informações possíveis e 3) supõem que compreender, repetir e memorizar são as mesmas coisas, ou seja, compreender é identificar informações textuais e objectivas.

Nas entrevistas, alguns professores dizem não concordar com a forma como o manual escolar questiona o texto literário e dizem completar com perguntas feitas por si ou mesmo pelos alunos, mas o que encontrámos nas práticas foram perguntas superficiais, mais preocupadas em resumir o texto do que ultrapassar os seus “limites”. A interpretação é voltada para o que o texto diz e não para o que o aluno leitor compreende do mesmo, ficando a ideia de que o texto é fechado em si, não permitindo intervenções.

A actividade seguinte, como vimos, recorre a palavras e frases do texto lido para trabalhar a gramática e a ortografia, trabalho este que é considerado fundamental para o ensino da Língua Portuguesa por muitos dos docentes e também pelo manual escolar. Neste momento, o texto perde por completo a sua função de texto e é utilizado mais como pretexto, resumindo-se a sua função a ensinar as classificações das palavras, a ortografia correcta, entre outros conteúdos.

Depois deste trabalho exaustivo com o texto literário, o aluno é “convidado” a voltar ao texto lido e escrever algo. Estas propostas, como vimos no capítulo “O Manual escolar e a Literatura Infantil”, muitas vezes não têm nada a ver com o texto

lido, utilizando-se do tema do mesmo apenas para que o aluno exercite o acto da escrita, o que é visto apenas como mais uma tarefa escolar.

MARCUSCHI e CAVALCANTE (2005) chamam a este tipo de redacção escolar de endógenas, por se originarem e se esgotarem nelas mesmas. Sendo que: “(...) o professor solicita a produção de um texto, que é feito pelo aluno, sendo que este a considera uma tarefa meramente escolar. (...) Esse texto é abordado numa perspectiva meramente pedagógica, passando a ser caracterizado como redacção”. (MARCUSCHI e CAVALCANTE 2005:238)

Esta é praticamente a sequência e uso do texto literário, encontrados nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas de Ensino Básico (públicas e privadas) objecto da nossa pesquisa.

Os professores dizem trabalhar com a Literatura Infantil nos mais diversos contextos, possuem um discurso em que é dada muita importância à mesma, sendo essa uma forma de convidar as crianças a tornarem-se leitoras. Porém, como vimos e discutimos nos capítulos anteriores, as suas práticas mais inibem do que lançam os alunos para o universo da leitura.

Acompanhamos algumas propostas das escolas ou mesmo de alguns professores que procuram um trabalho diferenciado deste que parece estar enraizado nas escolas dos dois países. Como diz SARDINHA (2007), parecem possuir essa paixão que os motiva a fazer um trabalho que caminha para uma real formação do leitor, utilizando-se do texto literário, mesmo em contexto escolar, não de uma forma pedagógica, mas sim enriquecedora, enquanto alunos e pessoas, capazes de “ver” o mundo de uma forma crítica.

“Ensinar a ler, motivar para a leitura terá de ser algo em que se acredite. Nenhuma estratégia terá o resultado desejado se não houver crença no seu valor. Ora, a leitura é como o amor. Assim sendo, teremos mesmo de estar apaixonados” (SARDINHA, in AZEVEDO 2007:6)

2. Limitações do Estudo / Recomendações

Por se tratar de um estudo de casos, nossas conclusões são, de certa forma, limitadas aos sujeitos da nossa pesquisa e os resultados encontrados dizem respeito ao contexto explorado, embora muita das considerações e práticas encontradas são confirmadas quotidianamente em contextos escolares destes dois países.

Julgamos ter atingido os objectivos propostos e acreditámos que através desta pesquisa conseguimos chamar a atenção para a importância das concepções que os professores, livros didácticos e parâmetros curriculares possuem relativamente ao uso do texto literário em contexto escolar.

Autores como SOUZA (2000) e MACHADO (2001) apelam para o papel do professor enquanto mediador e agente transformador da realidade do ensino e uso do texto literário.

Acreditamos que só será possível mudar a realidade encontrada nesta pesquisa se os Programas de Fomento à Literatura forem encarados pelos professores de forma diferente. Embora estes programas sejam, na maioria das vezes, impostos, só alcançarão resultados, a nosso ver, se os professores vivenciarem uma relação de prazer com os textos, ou seja, que eles sejam professores-leitores para poderem formar alunos-leitores.

Parece-nos importante que as pesquisas explorem mais o contexto escolar e seus sujeitos, pois são neles que estão presentes as respostas para o fracasso que vemos no que concerne ao baixo índice de alunos-leitores destes dois países.

ANEXOS

Tabela 1: COC 2º ano 1ª série

Grupo	Capítulo	Conteúdo	Texto	Tipo de Texto
1	1-2	História da escrita; letras; alfabeto; vogais; consoantes; fonemas; encontro vocálico; som nasal; sílabas; palavra; divisão silábica; pontos (interrogação exclamação e ponto final); tipos de frases (declarativa; interrogativa e exclamativa).	*Magali (p.18) *O alfabeto - música bê- á- bá Toquinho e Elifas Andreato- Canção dos direitos da Criança (p.19) *A menina da vassoura - Stela Maris Pennacchi (p.23 - 26) *Vamos cantar – Cantiga popular (p.30) *Um circo de pernas para o ar – Ferrúcio Verdolin Filho. Belo Horizonte, RHJ livros (p.33) *Macaca maluca (quadrinho) (p.48).	Cantiga/música (2) Banda desenhada (2) Prosa (1) Poema (1)
2-3	3-8	Ordem alfabética; uso do dicionário; adjetivos; representação de diálogos (dois pontos e travessão); descrição de lugar;	*Esperando Visita – Roseana Murray- Casas - Editora Formato (p.141) *A galinha dos Ovos de Ouro – Adaptação: Esopo, Fábulas Completas, Vivian Lewis (p.152) *O Tatu que queria ser rei – Mônica Ribeiro/ Leny Pimenta (p.161-162) *O Leão (p.172) *O jogo do P e B – Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.176) *O Leão – Vinicius de Moraes (p.177) *O xale da fada – Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.181) *A fada dondoca – A poesia é uma pulga, Sylvia Orthof. Atual Editora, S. Paulo, 1998 (p.186) *Vem Zaira - Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.188) *Troca- troca maluco - Leny Pimenta e Mônica Ribeiro (p.191) *Coisas – Maria Dinarah. Cantiga de estrela. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1994 (p.192) *O vento – Almanaque n 2 Mary França e Eliardo França. Editora Atica. (p.287) *Tanta tinta – Cecília Meireles Ou isto ou aquilo Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981 (p.294) *Barco a vela – O Bailado – Hardy Guedes Alcofarado Filho - Primeiros Movimentos – Editora Scipione (p.295) *Ariane – A Sereia Esperta - Leny Pimenta e Mônica Ribeiro (p.305) *Saquinho plástico – Hélio Ziskind – CD- Meu pé, Meu querido pé (p.316) *Trecho do livro O menino Meio Arrepiado – Ricardo Azevedo – Ed. Ática. (p.321) *A porta- Música de Vinicius de Moraes. (p.328)	Cantiga/música (2) Prosa (4) Poema (9) Texto instrucional (1) Fábula (1) Texto: informativo/jornalístico (1)
4	9-11	sinónimos; L ou U; plural de palavras terminadas por L; fábula; letra R, antónimo; carta; letra S; reticências;	*O Girassol- Arca de Noé. Vinicius de Moraes. Editora José Olympio. (p.9) *Cadê o Sol? (p.19 - 20) *O girassol – Elias José, Um pouco de tudo, de bichos, de gente, de flores. Edições Paulinas. (p.22) *O ratinho da Cidade e o do campo – Fabulas de Esopo – Companhia das Letrinhas. (p.29) *Tião Carga pesada – Telma Guimarães Castro Andrade – Editora Scipione (p.45-47) *A importância do Caracol – Trecho extraído do livro A vida do caracol, Rosicler Martins Rodrigues, editora Moderna. (p.56)	Prosa (1) Poema (2) Banda desenhada (1) Fábula (1) Texto informativo/jornalístico (1)

5-6	12-16	Letra H; Biografia; ação; Lh; ortografia Ch; masculino e feminino; aumentativo e diminutivo; plural com M no final	<p>*O menino Tuhu – Arnaldo Magalhães de Giacomo: Villa-Lobos- Alma Sonora do Brasil. São Paulo. Ed. Melhoramentos (p.173-174)</p> <p>*Fragmento – Quem lê com pressa, tropeça. Elias José- Belo Horizonte, Editora Lê. (p.179)</p> <p>*Chico Bento (p.186)</p> <p>*Francisco o Jardineiro – Liliãna Lacocca e Michele Lacocca. Editora Moderna (p.187)</p> <p>*Hortênsia e suas histórias! Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.190)</p> <p>*O velho, o menino e o Burro – Fábula de Esopo –Jean de La Fontaine, adaptação de Lúcia Tulchinski. Editora Scipione (p.193-195)</p> <p>*A velha cambalhota – Fragmento de Sylvia Orthof - Belo Horizonte, Ed. Lê (p.207)</p> <p>*Na chácara da chuvarada - Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.211)</p> <p>*Onde fica a chuva antes de cair? – Walt Disney. Onde acaba o arco-iris? São Paulo, Abril Jovem (p.214)</p> <p>*Sabedoria popular também funciona – Revista Superinteressante – p.45 (p.222)</p> <p>*Tempestade – José de Nicola. Entre ecos e outros trechos. São Paulo. Ed. Moderna (p.224)</p> <p>*A chuva – Hardy Guedes Alcofarado Filho. São Paulo Ed. Scipione (p.225)</p> <p>*O gato e a gota – Elias José- Bicho que te quero livre. São Paulo, Ed. Moderna (p.226)</p> <p>*O pintinho Amarelinho -Leny Pimenta e Mônica Ribeiro (p.339-340)</p> <p>*O meu galinho – Canção Folclórica (p.352)</p> <p>*Fragmento: Fofinho, Tereza Noronha. Ed. Ática (p.357-358)</p> <p>*Qual a última vez que você brincou? Folha de S.Paulo- Folha Equilíbrio (p.361-362)</p> <p>*Anjinho em Cavaleiro das Nuvens – Fonte Maurício de Souza (p.364-367)</p> <p>*Pescaria – José Paulo Paes. Poemas para brincar. Editora Ática, São Paulo (p.378)</p> <p>*Brincadeiras - Ricardo Azevedo (p.385)</p>	<p>Prosa (6)</p> <p>Poema (6)</p> <p>adivinha (1)</p> <p>Banda desenhada (2)</p> <p>Fábula (1)</p> <p>Texto informativo/ jornalístico (3)</p> <p>Canção Folclórica (1)</p>
7-9	17-23	Encontro consonantal; artigo e substantivo; sílaba tônica; classificação das palavras (monossílaba, dissílaba; trissílaba ou polissílaba; colectivo; acento agudo e acento circunflexo, L intercalado; consoantes sem vogal mas que emitem sons (bactérias; advogado); uso da vírgula, bilhete.	<p>*O Brasão dourado da casa assombrada - Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.9-10)</p> <p>*Brasão (p.14)</p> <p>*Procura-se - Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.27)</p> <p>*Atenção, detetive - José Paulo Paes. Poemas para brincar. Editora Ática, São Paulo (p.30)</p> <p>*Com prazer e alegria – Ana Maria Machado. Com prazer e alegria. Rio de Janeiro. Salamandra (p.33)</p> <p>*Mingau – Maurício de Souza (p.34)</p> <p>*Segredos – Rosy Greca e Enéas Lour. CD O menino maluquinho. (p.46)</p> <p>*De Sabugo a Visconde – Lenine/Dudu Falcão. CD Sítio do Picapau Amarelo. (p.49-50)</p> <p>*Crianças, crocodilos, crateras e outros tesouros escondidos - Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.55-56)</p> <p>*Carapaças – Aventura Visual- Litorais. Texto de Steve Parker. Editora Globo, São Paulo (p.64)</p> <p>*Caranguejo no cesto - Steve Parker. Aventura Visual- Litorais. Editora Globo, São Paulo (p.69)</p> <p>*O Dragão Comilão – Adaptação e Montagem – Jesus Antônio Durigan (p.181)</p> <p>*De onde vem o basilisco – Folha de S. Paulo. Folhinha – 16/11/2002 (p.196)</p> <p>*A bicicleta – Toquinho e Mutinho. CD Casa de Brinquedos, Polygram (p.199)</p> <p>*A dança das flores - Mônica Ribeiro e Leny Pimenta (p.203)</p> <p>*A história da bicicleta (p.208)</p>	<p>Prosa (7)</p> <p>Poema (6)</p> <p>Banda desenhada (1)</p> <p>Fábula (1)</p> <p>Texto informativo/ jornalístico (5)</p>

			<p>*Mania de Explicação – Trecho: Mania de explicação, Adriana Falcão, Editora Salamandra – São Paulo (p.281)</p> <p>*Cultura – Arnaldo Antunes, CD Canções curiosas (p.294)</p> <p>*A assembléia dos ratos – Fábula de Esopo –Jean de La Fontaine, adaptação de Lúcia Tulchinski. Editora Scipione- São Paulo (p.301)</p> <p>*Felino sabidão – Fernando Salém/ Luiz Macedo – CD Castelo Rá-Tim-Bum Copyright (p.311)</p>	
10-12	24-28	<p>Ortografia ce, ci, ç ; convite; ortografia qua, quo, que, qui; trema; ortografia gua, guo, gue, gui; verbos (Passado. Presente e Futuro); sons do x</p>	<p>*É bom ser criança – Toquinho e Elifas Andreato – CD Canção de todas as crianças – Polygram (p.9)</p> <p>*Infância - José Paulo Paes. Veja como eu sei escrever. Editora Ática (p.18)</p> <p>*Casa de Brinquedos – Fernando Faro- CD Casa de brinquedos – Poly Gram (p.27).</p> <p>*História dos brinquedos (p.35).</p> <p>*Haverá água quando a gente ficar velho? – Vida da Gente, Fernando Bonassi, Editora Formato, Belo Horizonte (p.101)</p> <p>*A água e a água – Cecília Meireles (p.107)</p> <p>*Técnicos buscam saída para espuma no Tietê – O Estado de S. Paulo, 03/07/2003 (p.115)</p> <p>*Promotor quer ação do governo em Pirapora - – O Estado de S. Paulo, 04/07/2003 (p.116)</p> <p>*Poluição - Folha de S. Paulo, 28/06/03 (p.124)</p> <p>*O baixinho – Ivonilde Faria Morrone, O Baixinho, Editora Dimensão, Belo Horizonte (p.179)</p> <p>*O homem que amava caixas – Stephen Michael King, Brinque – Book, São Paulo (p.191)</p> <p>*Férias – Ruth Rocha (p.195)</p> <p>*Já para a rua! - Veja Kid +, ano 1, n 5, edição 5. Editora Abril (p.196-197).</p>	<p>Prosa (5)</p> <p>Poema (3)</p> <p>Texto informativo/ jornalístico (5)</p>

Tabela 2: COC 3º ano 2ª série

Grupo	Capítulo	Conteúdo	Texto	Tipo de Texto
1-3	1-7	Alfabeto; ordem alfabética; dicionário; encontros consonantais e dígrafos; P e B; T e D; F e V; Antônimos; separação silábica; classificação silábica (monossílaba, dissílaba; trissílaba ou polissílaba); SS e S; singular e plural; graus do substantivo; Pontuação (ponto, vírgula, dois pontos, travessão); diálogo	<p>*Festa de lápis e borrachas – Julieta de Godoy Ladeira – O jogo de não jogar (p.9)</p> <p>*Eu, um papel e uma caneta – Estadinho – O dia em que a Terra se apaixonou. Januária Cristina Alves (p.22-23)</p> <p>* A árvore da montanha – (p.33)</p> <p>*Fragmento de Ângela Leite de Souza. A árvore da montanha. São Paulo. Scipione (p.36)</p> <p>*Vida de papel – Rosa Skronski. Fragmento de Vida de papel. Curitiba, Arco-Íris, 1992 (p.37-38)</p> <p>*Dona Vassoura – Guiomar Paiva Brandão – Eu gosto de comunicação (p.44-45)</p> <p>*Passeio Ecológico – (p.54-55)</p> <p>*Leitura de obra de arte – José Ferraz de Almeida Jr. 1850-1899 – Leitura, 1892, óleo sobre tela (p.60)</p> <p>*Destrução da Natureza – Fonte revista Galileu (p.63)</p> <p>*A origem do Sol e da Lua – Lenda esquimó (p.165)</p> <p>*O galo despertador – (p.173)</p> <p>*Uma estranha figura da noite – Fonte: Trechos da Revista Nosso Amiguinho – Sueli N. Ferreira (p.177-178)</p> <p>*Animais no Espaço – Adaptação do texto Animais no Espaço – Folhinha – Folha de S.Paulo -26/01/1996 (p.185)</p> <p>*Cachorrinha – Vinicius de Moraes, A arca de Noé. Rio de Janeiro, José Olympio (p.194)</p> <p>*O avião – Toquinho. Canção de Todas as Crianças. Polygram, 1987 (p.200-2001)</p> <p>*O inventor de aviões – Henrique I. De Barros e Flávia M.L. de Barros. Ciência Hoje das Crianças, n 6. Rio de Janeiro, SBPC, 1993 (p.202-204)</p> <p>*A onça doente – Monteiro Lobato (p.207)</p> <p>*A onça esperta – Adaptação – Jesus Antônio Durigan (p.210)</p> <p>*O ciclo da água na Terra – Estadinho, O Estado de S. Paulo (p.313)</p> <p>*Mamíferos aquáticos brasileiros – Ibsen de Gusmão Câmara. Ciência hoje das crianças, n 13, SBPC (p.317)</p> <p>*Como limpar a caixa D'água – Fonte: Daerp (0800-141792). Site: www.sernet.com.br/servpub/daerp.asp_25K (p.322-323)</p> <p>*Aquarela do Brasil – Ary Barroso – Fonte: Site www.geocities.com/thetropics/cabana/1244/aquarela.html_16K (p.324-325)</p> <p>*Uma festa Literária – (p.331)</p> <p>*A festa encencada – Fragmento de: A festa encencada – Sônia Junqueira (p.333)</p>	<p>Cantiga/música (3)</p> <p>Lenda (1)</p> <p>Prosa (8)</p> <p>Poema (3)</p> <p>Texto informativo/jornalístico (9)</p>
4-6	8-13	Substantivos; colectivos; diálogos (emprego dos balões); R e RR; Substantivo	<p>*A rainha - Fragmento de: Reinações de Narizinho. Monteiro Lobato – SP. Brasiliense (p.9-10)</p> <p>*Abelha operária - fragmento de: Abelha operária – SP. Moderna (p.12)</p>	<p>Prosa (8)</p> <p>Poema (3)</p> <p>Banda desenhada (1)</p>

		composto e simples; verso, estrofe e rima; substantivos masculinos e femininos; substantivos comuns e próprios; lenda; carta; sinais de pontuação (ponto de interrogação e ponto de exclamação); Tipos de frases (afirmativas; negativas; interrogativas e exclamativas);	<p>*A vida em sociedade – Adaptação e montagem: Jesus Antônio Durigan (p.14)</p> <p>*História do pescador Reinaldo (p.24)</p> <p>*Abelha Melissa – Sônia Junqueira. A abelha adormecida. Belo Horizonte, Formato editorial, 1989 (p.32)</p> <p>*A vespa- comum - Fragmento do texto “ A vespa- comum”, in: A vida secreta dos animais. Bertrand Editora</p> <p>*Vespas (p.40-41)</p> <p>*Abelhas e vespas – (p.45)</p> <p>*A cigarra e a formiga – Leny Pimenta</p> <p>Fábula de Esopo – adaptação em forma de versos (p.50-51)</p> <p>*Texto sobre insetos – (p.55-56)</p> <p>*Paraíso – Poemas para Brincar, José Paulo Paes, Editora Ática. (p.59)</p> <p>*O dia em que o Mico-Leão chorou – Fragmentos de: O dia em que o Mico-Leão chorou – Bloch (p.141-142)</p> <p>*Chatice – José Paulo Paes. Olha o bicho! São Paulo, Ática, 1989 (p.147)</p> <p>*Secretarias Municipais Páginas Amarelas – Fonte: Guia da cidade de Ribeirão Preto - Páginas Amarelas, página 248 (148)</p> <p>* Acetilcisteína (bula) (p.151)</p> <p>* Creches Públicas Páginas Amarelas – Fonte: Guia da cidade de Ribeirão Preto - Páginas Amarelas, página 256 (155)</p> <p>*Secretarias Estaduais Páginas Amarelas – Fonte: Guia da cidade de Ribeirão Preto - Páginas Amarelas, página 548 (158)</p> <p>*História Postal – Fonte: ECT/Revista Correio Filatélico (p.161-164)</p> <p>*A História do selo - Fonte: ECT/Revista Correio Filatélico (p.169-170)</p> <p>*A filatelia é um hobby caro? (p.173)</p> <p>*A lenda da Gralha-Azul – Adaptação e montagem Jesus Antônio Durigan (p.254)</p> <p>*Papel de carta – Fanny Abramovich. Brincando de antigamente. Belo Horizonte, Formato, 1996. (p.257-258)</p> <p>*O corvo e a raposa – Hans Gartner e Lisbeth Zwerger 12 fábulas de Esopo. Editora Ática, São Paulo (p.263)</p> <p>*Homenagem à Pátria – Fonte: Nova Escola – Setembro , 2000 (p.265)</p> <p>*Era uma vez... - Fragmentos de João e Maria – recontado por Flávia Muniz – Editora Moderna</p> <p>*Senninha – Revista do Senninha, n 0, 1994 (p.277-278)</p> <p>*Curiosidade - Revista Amiguinho, Maio de 1994 (p.280)</p>	<p>Fábula (1)</p> <p>Texto informativo/ jornalístico (9)</p> <p>Páginas Amarelas (3)</p> <p>Texto instrucional (1)</p>
7-9	14-19	G e J; acentuação (acento agudo, acento circunflexo e til); transformar poema em prosa; verbo; por que, por quê, porque e porquê; LH e L; frases interrogativas e exclamativas; Z no final da palavra; acentuação tônica;	<p>*João feijão – Fragmento de: João feijão, (Sylvia Orthof) SP, Ed. Ática (p.9)</p> <p>*Sylvia Orthof – O bom humor na literatura infantil brasileira – Alica áurea Penteadó Martha www.cuatrogatos.org/9orthof.html (p.11)</p> <p>*O Mago de ID – Fonte: Jornal do Brasil (p.13)</p> <p>*Leilão de Jardim – Cecília Meireles – Ou isto ou aquilo (p.21)</p> <p>*A seca e o Inverno – Cordel de Patativa do Assaré Revista Nova Escola, Abril/2001 (25-26)</p> <p>*Literatura de Cordel – (p.29)</p> <p>*O espantalho – Alexandre Azevedo (p.101)</p>	<p>Prosa (5)</p> <p>Poema (4)</p> <p>Banda desenhada (1)</p> <p>Literatura de Cordel (1)</p> <p>Texto informativo/ jornalístico (6)</p> <p>Receita (1)</p>

			<p>*A festa de Nossa Senhora dos Navegantes (p.115)</p> <p>*O balaio do Caio – Adaptação e montagem: Jesus Antônio Durigan - Freguesia do Ó – Bairro da cidade de São Paulo (p.119)</p> <p>*Sudeste – Revista Nova escola – Junho/Julho, 2000 (p.122)</p> <p>*O veleiro e o vento – Bárbara Vasconcellos de Carvalho (p.179)</p> <p>*O pequeno Príncipe e a Flor – Antoine Saint – Exupéry (p.183)</p> <p>*Ervas na Culinária – Revista Cláudia, Outubro 2000 (p.186)</p> <p>*Pizza – (p.187)</p> <p>*Ervas contra a dor – Fonte: revista Viva (p.188)</p> <p>*Meu cajueiro – Humberto de Campos (p.193)</p> <p>*Cajueiro Pequenino – Juvenal Galeno (p.197)</p> <p>*Que transformação! – Bragança, Angiolina e Carpaneda, Isabella. Com que letra? Ed. FTD (p.202)</p>	
10-12	20-25	<p>Tempo verbal (ontem, hoje e amanhã); ortografia Til; ão, Am; adjectivos; Banda desenhadas; dialogo; carta; ortografia SC;XC,SÇ; ortografia H;</p>	<p>*O leãozinho – Caetano Veloso (p.9)</p> <p>*Torta de Coco – (p.19)</p> <p>*Amigos - Adaptação e montagem: Jesus Antonio Durigan (p.25)</p> <p>*O rato e o leão – Fábula de Esopo. Adaptação de Luiz G.Cavalcante (p.32)</p> <p>*Camões, o gato poeta - Adaptação e montagem: Jesus Antonio Durigan (p.93)</p> <p>*O comportamento dos gatos – Fonte: O comportamento dos gatos. Ciências para crianças, n 10. Rio de Janeiro, Funbec, 1989 8p.101)</p> <p>*Os sons do X – Lizette Genry Rando (p.109)</p> <p>*O mágico da Matemática - Adaptação e montagem: Jesus Antonio Durigan (p.168)</p> <p>*Quero crescer – Texto extraído do livro Com que letra 2 ? Angiolina Bragança, Isabela Carpañeda. Editora FTD (p.176)</p> <p>*A formiguinha e a Neve – adaptação – clássicos infantis recontado por João de Barros, Editora Moderna (p.179-181)</p> <p>*Ora, Hora! – Carlos Queiroz Telles (p.183)</p> <p>*Natal - (p.187)</p> <p>*Quem é o Papai Noel? – (p.189)</p> <p>*Alguns símbolos do Natal – (p.194-195)</p>	<p>Prosa (5)</p> <p>Poema (2)</p> <p>Fábula (1)</p> <p>Texto informativo/ jornalístico (4)</p> <p>Receita (1)</p> <p>Cantiga/música (1)</p>

Tabela 3: COC 4º ano 3ª série

Grupo	Capítulo	Conteúdo	Texto	Tipo de Texto
1-3	1-4	Trava-língua; alfabeto (son do R, J,Z) ordem alfabética; tipos de linguagem (coloquial e formal); descrição (características físicas e psicológicas); sinónimos e antónimos; narração; classificação silábica (monossílaba, dissílaba; trissílaba ou polissílaba); Numeral (cardinal e ordinal); encontros vocálicos; bilhete; palavras ou expressões que indicam tempo; encontros consonantais; dígrafos; onomatopéias.	*Onde você nasceu? – Do CD Canções Curiosas, de Paulo Tatit. São Paulo: Palavra Cantada, 1999 (p.9-10) *Lá vem um trem – Ciça, Travatovas, Ed. Nova Fronteira (p.17) *Quem lê com pressa, tropeça – JOSÉ, Elias. Quem lê com pressa, tropeça. Editora Lê (p.18) *Passeio Ortográfico – Fragmento de: Emília no País da Gramática. Monteiro Lobato, São Paulo, Brasiliense, 1983 (p.23) *Os meus dois avôs – Fragmento do texto de Leonardo Chianca (p.25-26) *Chapelão di paia – 1999 Mauricio de Souza produções (p.28) *As artes do Vovô – Ferreira, Regina Sormani. Rebenta pipoca. Livraria Pioneira Ed. São Paulo, 1986 (p.32) *Escrever e criar...é só começar! – Rocha,Ruth. Escrever e criar...é só começar! São Paulo, FTD, 1993 (p.33) *Família – in Cabeça Dinossauro, Titãs, Rio de Janeiro, WEA Discos, 1986 (p.38) *Antigamente – Jussara Braga (p.40) *Engenheiro de tampa de panela – Pedro Bloch (p.44) *Que família! – Leny Pimenta (p.48-49) *Uma família diferente! – Superinteressante, Julho de 1997 (p.53) *O passeio espacial – Adaptação do texto de Margarida Ottoni (p.197) *O rei que queria alcançar a Lua – História do folclore do Caribe – retirado do livro Lá vem a história, escrito por Heloisa Prieto (p.206-207) *Apolo 11 – (p.216) *Astronautas – Fonte: www.geocities.com/collegePark/Field/8825/extraterrestre (p.218) *Cidadezinha do interior – Fragmento de Chico Palito – Cristina Porto – Ed. FTD (p.301) *Saudade da praça... – Leny Pimenta (p.307-308) *Branca – Cristina Porto, in O Estadinho (p.311) * Mônica em Treinados para proteger – (p.319- 323) *Cidadezinha qualquer - Carlos Drummond de Andrade (p.326)	Cantiga/música (2) Prosa (13) Poema (3) Texto informativo/jornalístico (3) Banda desenhada (1)
4-6	5-8	Substantivos (próprios e comuns); palavras ou expressões que indicam lugar; carta; Histórias em quadrinhos;biografia s; lendas e fabulas; artigo; adjectivos; linguagem poética; substantivos biformes; substantivos	* Severino faz chover - Severino faz chover e outras histórias, Ana Maria Machado, São Paulo, Circulo do Livro S.A. Abril Cultura, 1977, pp.7-11 (p.9) *Asa Branca – Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira (p.13) *Bolhas – Cecília Meireles. Ou isto ou aquilo. 3 ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979 (p.18) *Chiquinha – (p.21) *A origem da água – Ciências, José Luís Soares (p.23) *Desabrigados no Sul sofrem com mais	Crónica (1) Prosa (6) Poema (9) Banda desenhada (2) Lenda/Fábula (7) Texto informativo/jornalístico (4)

		(terminados em or, ês, ão, e, femininos terminados em esa, essa e isa, que formam feminino de maneira especial e formados or palavras de radical diferente); palavras ou expressão que indicam modo; Substantivos (classificação); pontuação (virgula, ponto final, dois – pontos, interrogação, exclamação e travessão)	<p>chuva forte – Elder Ogliari Fonte: jornal O Estado de S.Paulo – caderno Cidades – 18/09/02 (p.24)</p> <p>*Rio São Francisco – (p.30)</p> <p>*A lenda da Vitória-régia (p.35)</p> <p>*A lenda do Guaraná – (p.36)</p> <p>*A lenda da Lua cheia – Terezinha Eboli Eidiouro (p.40-41)</p> <p>*A lenda da mandioca – (p.46)</p> <p>*A mosca – Leon Eliachar. O homem ao quadrado, RJ, Ed. Francisco Alves, 1977 (p.47)</p> <p>*Papa-Capim em um indiozinho casca-grossa – (p.49-52)</p> <p>*O lobo e o cão – In: Fábulas de Esopo. S.Paulo, Círculo do Livro (p.54-55)</p> <p>*A gansa que punha ovos de ouro – (p.58)</p> <p>*O cão e o osso – (p.61)</p> <p>*Deusa Natureza – Guido Carlos Paiva (p.189)</p> <p>*Canção de garoa – Mário Quintana (p.196)</p> <p>*Poema do nadador – Fonte: Poemas- Jorge de Lima- Global Editora (p.197)</p> <p>*Ele e Ela – Hermínio Sargentim (p.201-202)</p> <p>* “Uma palavrinha” – Fragmento de: Mais respeito, eu sou criança – Pedro Bandeira (p.206)</p> <p>*Água I – Claudete Sulzbacher (p.209)</p> <p>*Ou isto ou aquilo – MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981 (p.213)</p> <p>*A Arca de Noé – Nazir Cardoso. Em: Revista Pedagógica Brasileira (p.217-218)</p> <p>*Haverá água quando a gente ficar velho? – Fernando Bonassi (especial para a Folhinha -1998 (p.219)</p> <p>*Milk shake é de chocolate – Murilo Bordakian Moysés (p221-.222)</p> <p>*Azul e lindo Planeta Terra, nossa casa. – Fragmento de: Rocha, Ruth e Roth, Otavio - Azul e lindo Planeta Terra, nossa casa (p.297-298)</p> <p>*Chico Bento em uma boa pescaria – Revista Chico Bento, n 337. Editora Globo. (p.314-316)</p> <p>*Agora são dois buracos – Fonte: revista Veja, 9/10/2002 (p.321)</p> <p>*A Herança da criança - A Herança da criança. Paulo César Dantas de oliveira. Jornal do Professor, Rio de Janeiro, Outubro, 1980. (p.324)</p> <p>*Não deixe a natureza ir embora (p.328)</p>	Literatura de Cordel (1) Receita (1)
7-9	9-12	Substantivos (primitivos e derivados); acentuação gráfica (acento agudo,acento circunflexo e acento grave, til.	<p>* A História da Flor-de-Lins – Fragmento: Os colegas, Lygia Bojunga Nunes. Editora José Olympio – RJ, 1979 (p.9)</p> <p>*Lugar proibido – Maria das Graças de Paiva Siracusa (p.15)</p> <p>*Anúncios – Fonte. Folha de S.Paulo. Folha Ribeirão – 19/01/03 (p.19)</p> <p>*Zebrinha – Wania Amarante . Cobras e lagartos. B.H. Ed. Miguilim, 1983 (p.22)</p> <p>*Xaderz – Sidônio Muralha. A televisão da bicharada (p.23)</p>	Anúncios/Texto publicitário (7) Cantiga/música (1) Prosa (9)
10-12	13- 15	Verbo (terceira conjugação); resumo; concordância	<p>*Avelha contrabandista – Stanislaw Ponte Preta In Para Gostar de ler, vol.8. São Paulo, Ed. Ática, 1987 (p.9-10)</p> <p>*Armadilha para imitações – Fonte: Revista</p>	Prosa (6) Banda desenhada (2)

		verbal;	<p>Veja, Ano36, n 4 (p.16)</p> <p>*Pedro Urdemales – Fonte: Contos populares para crianças da América Latina, da Editora Ática (p.21)</p> <p>*A sopa de Pedras – História Popular, Adaptação de Luiz G. Cavalcante (p.25-26)</p> <p>*No fundo do Lago – Sérgio Augusto Teixeira. As aventuras de Pedro Malasarte. São Paulo, Tecnoprint, s/d (p.29)</p> <p>*A estranha passageira – Stanislaw Ponte Preta. Primo Almirante e elas. Ed Rio de Janeiro, Sabiá (p.85-86)</p> <p>*Crônica de um Celepariano nos Ares – Pedro Luís Kantek G. Navarro http://www.pr.gov/celepar/batebyte/edicoes/1996/b53/cronicas.htm Copyright 1990/Companhia de informática do Paraná – Celepar (p.93-94)</p> <p>*Mônica –Fonte: Estadinho, O Estado de S.Paulo, 3/5/2003 (p.149)</p> <p>*Código Secreto – Sempe gosciny. O pequeno Nicolaou e seus colegas. Trd: LuisnLorenzo Rivera. São Paulo, Martins Fontes, 1987 (p.152)</p> <p>*Do contra – Revista cascão n 286. Editora Globo (p.155).</p>	<p>Texto informativo/jornalístico (1)</p> <p>Crônica (1)</p>
--	--	---------	---	--

Tabela 4 - COC 5º ano 4ª série.

Grupo	Capítulo	Conteúdo	Texto	Tipo de Texto
1-3	1-4	Comunicação (linguagem oral e escrita; telegrafo; telegrama); classificação silábica (monossílaba, dissílaba; trissílaba ou polissílaba); Fonema; Encontros Vocálicos; Encontros Consonantais; Substantivos (Comuns e Próprios, Simples e Composto, Primitivo e Derivado, Colectivos, Concreto e Abstrato); Adjectivo; Pontuação (virgula, ponto final, dois – pontos, interrogação, exclamação, ponto-e-virgula, reticencias; travessão); Homônias e Parónimas; Pronomes Pessoais do Caso Reto e do Caso Oblíquo;	* O menino do dedo verde – Fragmento do livro O menino do dedo verde, Maurice Druon, R.J.; José Olympio (p.173) * Polegada – Fonte: Matemática sem Problemas, vol.4 (p.177) * Renaut Kangoo – Revista Veja, nº45 Capa Elas venceram –pág. 12 e 13 (p.182) * Cebolinha (p,183) * Tempo de Criança Leny Pimenta (p.184) * Texto de José, Elias. Segredinhos de amor. São Paulo, Moderna, 1991 (p.194) * Afugancho – Stella Carr. Afuganchos. São Paulo, Melhoramentos, 1980 (p.289) * O Fantasmilha – Ziraldo (p.300) * A Turma em Pão na casa do João (p.303-305) * Comparando Textos Edson Gabriel Garcia (p.308-309)	Prosa (1) Texto jornalístico/informativo (2) História em Quadrinhos (1) Poema (1) Musica (1)
4-6	5-8	Análise do Substantivo (Gênero, Número; Grau); Artigo; Jornal; ; Revista; Logótipo; Ilustração; Anúncios publicitários; Verbo (Pretérito Imperfeito, Pretérito Mais- que- Perfeitos e Futuro) Adjectivos (pátrios).	*O Poder dos Alimentos – Fonte: Revista Isto É – 7 de abril de 1999, nº 1540. (p. 9-10). *Menino de Língua de Fora – Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática, 1995. (p. 31-32). *Amargo mas saudável – Fonte: Revista Veja – Ano 33, nº50, 13/12/2000. (p. 42). *Nossa família não tem colesterol – Fonte: Revista Claudia, nº 4, Ano 41, abril, 2002. (p. 45). *BASF. A Química da vida – Fonte: Revista Veja, ano 33, nº 50, 13/12/2000. (p. 47). *A Viagem – Leny Pimenta. Texto crítico para essa atividade (p. 7-9). *Encontros e Despedidas – Milton Nascimento e Fernando Brant. Disco “Encontros e Despedidas”. Rio de Janeiro, Barclay, 1985. (p. 20). *Na minha Terra – Ivan Lins e Victor Martins. (p. 37). *Aquarela Brasileira – Silas de Oliveira. Aquarela Brasileira – São Paulo: Irmãos Vitale, 2004. (p. 135). *Notícias do Brasil – Milton Nascimento e Fernando Brant. (p. 141). *As proezas de João Grilo – João Ferreira de Lima – As proezas de João Grilo (fragmento). São Paulo: Editora Luzero (p. 148-149).	Texto jornalístico/informativo (3) Narrativo (2) Texto Publicitário (1) Poema (1) Musica (4)

7-9	9-11	Locução Adjetiva; Grau do Adjectivo (superlativo Absoluto, Comparativo); Pronomes (Possessivos, Demonstrativos, Indefinidos); Frase; Oração e Período;	*Memórias de Emília – fragmento extraído da Obra Infantil Completa, de Monteiro Lobato, vol 2: Editora Brasiliense. (p. 9). *Antiguidades – Cora Coralina. (p. 12-14). *Biografia de Cora Coralina – Carlos F. D' Andréa. (p. 19-20). *Cantiga do Realejo – Vera Dias. O avô de Margareth. Belo Horizonte; Lê, 1990. (p. 31-32). *Com as pontas dos dedos e os olhos do coração – Leila Rentroia Lannone. (p. 46). *O Aspirador – Fernando Sabino. Para gostar de Ler, vol 1 – crônicas, São Paulo: Ática, 1987. (p. 133-134). *Elevador – Luiza Wainer (p. 140-141). *A Maquina Maluca – Ruth Rocha, Editora FTD. (P. 144). *Pela Internet – Gilberto Gil. (p. 157). *Donald caiu na rede – Walt Disney. Pato Donald – Abril Jovem, 2040. (p. 160).	Narrativo (2) Biografia (2) Poesia (1) Crônica (3) Musica (1) História em Quadrinho (1)
10-12	12-15	Advérbios; Sujeito; Predicado; Preposição;	* Alexandre – Lygia Bojunga Nunes. A casa da madrinha. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979 (p.9-10) * Meninos de Rua – Fernando Sabino. A vitória da infância. 6ª ed. São Paulo, Ática, 2001, p.31-4 (p.20-21) * Perseverança – Retirada do Livro das Virtudes para Crianças – Willian J. Bennett (tradução de Cláudia Roquette-Pinto) (p.24) * Os direitos das crianças – Tradução de Antônia Maria Zanetti – Os direitos da Criança – Editora Ática – Autores diversos (p.28-29) * O reformador do Mundo - Monteiro, Lobato, "Reforma da natureza". São Paulo, Ed.Brasiliense, 1956 (p.77-78) * Sigismundo do Mundo Amarelo – Eliane Ganem. Sigismundo do Mundo Amarelo, 3ª ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1975 (p.86-87) * Assistência Social – Fonte: Revista Veja – Edição Especial, ano 35 – nº 19, maio de 2002 (p. 143) * Na época do descobrimento – Fonte: Folinha, Folha de S.Paulo, nº 2.076, 12/7/2003 * Um Cabloco Esperto – Adaptação do texto transcrito em Contos tradicionais do Brasil, de Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1967, p.329 (p.149-151).	Prosa (4) Texto jornalístico/ informativo (2) Poema/ verso (1) Texto jurídico (1) Texto Teatral (1)

Tabela 5: Ler 1

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
Unidade 1	* Alfabeto;	* Lista de chamada (p.10) * Gente tem sobrenome – Toquinho, gente tem sobrenome. Do disco O direito da criança. In Magna Diniz Matos. Na trilha do texto. Belo Horizonte, Dimensão, 1997 (p.14)	Lista (1) Poema (1)
Unidade 2	* Vogal e consoante;	* A escola do Marcelo – Ruth Rocha. Excertos de A escola do Marcelo A escola do Marcelo@ Ruth Rocha Serviços Editoriais Ltda. Representada por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda. São Paulo, Salamandra, 2001 (p.26-27) * A caminho da escola – Fábila Terni. A caminho da escola. São Paulo, Studio Nobel, 1997 (p.34) * O rato do campo e o rato da cidade (p.35) * Escola – José Paulo Pães. Vejam como eu sei escrever. São Paulo, Ática, 2001 (p.40)	Prosa (1) Poema (2) Imagem/texto de imagem (1)
Unidade 3	* Sílabas; Palavra e Frase	* Embalagens (Sopão Knorr e Nestlé Baby) (p.42) * A sopa – Sandra Perez. CD Canções de brincar, Selo Palavra cantada. São Paulo, Palavra Cantada, 1996 (p.44) * Receitade mãe feliz (p.49) * Sopa de letrinhas, para ficar sabido (p.50-51) * Cardápio (p.53) * Trava -Língua (p.54) * Quino. Toda Mafalda. São Paulo, Martins Fonte, 1993 (p.56) * Parlenda (p.60)	Rótulo (1) Receita (2) Cardápio (1) Trava -língua (1) Banda desenhada (1) Parlenda (1)
Unidade 4	* Noção de gênero	* Pinturas – (Dança no campo, 1883. Augusto Renoir. Óleo sobre tela, 180 x 90 cm e Dança da roça, 1991. Maurício de Sousa. Acrílica sobre tela, 120 x 80 cm. Em História em quadrões. São Paulo, Globo, 2001) (p.62) * Pinturas – (Dança na cidade, 1883. Augusto Renoir. Óleo sobre tela, 180 x 90 cm e Dança no salão, 1991. Maurício de Sousa. Acrílica sobre tela, 120 x 80 cm. Em História em quadrões. São Paulo, Globo, 2001) (p.62) * O baile – Mary França e Eliardo França. O baile. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. * Convite (p.66) * Texto de imagem – Roger Mello. O gato Viriato. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996 (p.68) * A festa no céu (p.70) * Pintura – José Antonio da Silva. Baile no sereno, 1971 (p.72) * Cantiga (p.73) * Figura – José Antonio da Silva. Rua movimentada, 1951 (p.75) * Poemas de Bartolomeu Campos de Queirós. Bichos são todos...Bichos. São Paulo, Editora do Brasil, 2001 (p.78) * Versos retirados do poema “Vaca avacalhadas”. Almir Correia. Poemas sapecas, rimas traquinas. Belo Horizonte, Formato, 2001 (p.78) * Adivinha (p.79).	Prosa (2) Poema (4) Imagem/texto de imagem (2) Cantiga/ música(1) Convite (1) Pintura/Quadro (5) Adivinha (1)
Unidade 5	* Palavra; Frase ; texto; Ortografia dos dígrafos (LH, CH, NH)	* Filho de coragem – Baseado em artigo da Revista Zã, nº 15. São Paulo, Pinus, Outubro de 1997 (p.82) * Cadela salva meninos de pit bull – Texto baseado em notícias de jornal (p.84) * Golfinho salva-vidas – Texto baseado em notícias da Revista Zã, nº 42. São Paulo, Oinus, 2000 (p.85) * cadela vira mãe de gatinhos (p.86) * Propaganda (p.89)	Texto informativo/ texto jornalístico (4) Texto Publicitário (1)

Unidade 6	* Letra maiúscula e minúscula; Ortografia do R e RR	* Kabá Dorebu – Daniel Munduruku e Mate. Kabá Doreb, páginas 3,4,5,6,7,11 e 12 São Paulo, Brinque-Book, 2002 (p.102-103) * Casa - José Paulo Pães. Vejam como eu sei escrever. São Paulo, Ática, 2001 (p.107) * Desenho – João Lucas Owa´u. Em Daró Idzô´Ubu Watsu´u. A História da Aldeia Abelhinha, Lucas Ruri´õ e Helena Stilene de Biase. São Paulo, Master Book, 2000 (p.110) * Casa de avó – Roseana Murray. Casas. Belo Horizonte, Formato Editorial, 1994 (p.111) * Na minha aldeia tem – Geografia indígena. Parque indígena do Xingu. São Paulo, Instituto Socioambiental/MEC, 1996 (p.114) * A vida na aldeia – Aturi Kayabi, geografia indígena. Parque indígena do Xingu. São Paulo, Instituto Socioambiental/MEC, 1996 (p.118) * Texto de Eva Furnari. Travadinhas. 9ª impressão, página 6. São Paulo, Moderna, 2001 (p.123)	Prosa (3) Poema (2) Imagem/ texto de imagem (1) Texto informativo/ texto jornalístico (1)
Unidade 7	* Substantivo (nomes próprios e comuns) ; Ortografia do QU; CE; CI	* O menino maluquinho – Ziraldo. As melhores tiradas do menino Maluquinho. São Paulo, Melhoramentos, 2000 (p.125) * Dormir fora de casa – Ronaldo Simões Coelho. Dormir fora de casa. São Paulo, FTD, 1988 (p.126-127) * Pinturas – A flamejante June, Frederic Leighton, Museu de Arte de Ponce, Porto Rico; - Gato dormindo sob peônias (detalhe), painel japonês, Museu Britânico Londres – Cupido adormecido (detalhe), Guido Reni. Coleção particular – Meu segundo sermão, John Everett Millais, Galeria de Arte Guidhall, Londres(p.132-133) * Fica comigo – Georgina da Costa Martins. Fica comigo. São Paulo, DCL, 2001 (p.134-135) * Cantigas – Cantigas populares de tradição oral (p.137)	Prosa (2) Cantiga/ música(1) Banda desenhada (1) Pintura / quadro (4)
Unidade 8	* Substantivo (singular e plural); Ortografia do G; J; GU	* Brincadeiras de animais - Texto adaptado de O mundo da criança, vol 4. Rio de Janeiro, Delta S.A., 1972 (p.152-153) * Manada de gigantes – Revista Recreio, nº 37. São Paulo, Abril, 23/11/2000 (p.160-161) * Peixe-boi – Lalau e Laurabeatriz, Brasileirinhos. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2001 (p.164) * As aranhas (p.169)	Prosa (1) Poema (1) Texto informativo/ texto jornalístico (2)
Unidade 9	* Adjectivo; Ortografia do M; N (sons nasais)	* Sumario - Margaret Mayo. Como contar crocodilos. São Paulo, Cia. Das Letrinhas, 1996 (p.176-177) * A raposa e a cegonha – Fábulas de Esopo. Coleção Reencontro infantil, adaptação de Lúcia Tulchinski. São Paulo, Scipione, 1998 (p.178-179)	Sumário (1) Prosa (3)
Unidade 10	* Substantivo (grau aumentativo e diminutivo); Ortografia do L	* Cartaz – filme de Brad Siberling. Casper. 1995. EUA (p.200) * Pequeninha – Tradução de Inês A. Lohbauer. Contos de fadas ingleses. São Paulo, Landy Livraria Editora, 2002 (p.202-203) * Encurtando o caminho – Ângela Lago. Sete histórias para sacudir o esqueleto. São Paulo, Cia. Das Letrinhas, 2002 (p.213) * O grito – Laerte. Em Revista Zé. Maio, 1998 (p.214-215) * A noite no castelo – Hélio Ziskind. Vamos passear. Grupo Rumo. Palavra Cantada Produções Editoriais (p.216) * Bilhetinho – Ricardo Azevedo. Livro de papel. São Paulo, Editora do Brasil, 2001 (p.219) * Cardápio (p.222)	Cartaz (1) Prosa (3) Poema (1) Banda desenhada (1) Cartaz (1)

Tabela 6: Ler 2

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
Unidade 1	* Substantivo comum; Ortografia M,N (sons nasais)	* O dia da ventania – Pedro Bandeira. O dia da ventania. São Paulo, SEED Editorial, 2001 (p.10-11) * Sapo com medo d'água – Ricardo Azevedo. Meu livro de folclore. São Paulo, Ática, 1997 (p.18-19) * Lóris – Texto adaptado de O Estado de S.Paulo – Estadinho, 23/9/1995 (p.28) * Texto de Fernando Bonassi. Vida da gente. Belo Horizonte, Formato Editorial, 1999 (p.32)	Prosa (3) Texto informativo/ texto jornalístico (1)
Unidade 2	*substantivos próprios; Ortografia do R e RR; como se escreve? (junto e separado)	* Carta – Júlia Leite (p.34) * Carta – Maria Lúcia (p.35) * Carta – Mônica Stahel. Tem uma história nas cartas de Marisa (Pág. 5) Belo Horizonte, Formato Editorial, 1996 (p.36-37) * Bilhetes (p.41) * Carta (p.42) * Carta – Fernando Bonassi. Uma carta pró Papai Noel. Folha de S.Paulo – Folhinha/Agência Folha, 3/6/2001 (p.45-46) * Telegrama (p.48) * Carta (p.49) * Cartas (p.50) * Cartão Postal (p.56) * Carta – Ronald Claver. Dona Palavra, São Paulo, FTD, 2002 (p.57) * Carta (p.63)	Prosa (2) Carta/Telegrama/Cartão Postal (10)
Unidade 3	* Adjectivo; Ortografia S (nos adjectivos); Classificação das sílabas (monossílaba, dissílaba; trissílaba ou polissílaba);	* Textos de Recontando a partir de Luís da Câmara Cascudo (compilação) In Contos Tradicionais do Brasil. São Paulo, Global, 2001 (p.64-65) * O curupira Marcelo Xavier. Mitos: O folclore do mestre André. Belo Horizonte, Formato Editorial, 1997 (p.66-67) * A cuca- Sávia Dummont. Os meninos que viraram estrelas, e outras histórias do Brasil. São Paulo, Companhia das letrinhas, 2002 (p.72) * Congada – Cavalhada - Texto adaptado da Revista Recreio, nº 127. São Paulo, Abril, 15/8/2002 (p.74) * Quadrinhas (p.75)	Prosa (7) Poema/verso/ quadrinhas (5) Texto informativo/ texto jornalístico (2)
Unidade 4	* Construção de frases; Parágrafos; Trabalhando com as sílabas das palavras (monossílaba, dissílaba; trissílaba ou polissílaba);	* O dia em que uma gata salvou minha vida – Heloísa Prieto. A guerra dos gatos contra a bruxa da rua – Uma história de crianças e gatos. (Págs. 9 e 10). São Paulo, Ática, 2001 (p.89-90) * REX – Jean Jacques Sempé. O pequeno Nicolau. São Paulo, Martins Fontes, 1997 (p.99-100) * Anúncios (p.102) * O Chapéu – Eva Furnari. O amigo da bruxinha. São Paulo, Moderna, 1993 (p.107) * Texto de Cristina Porto. Marco e Apolo. São Paulo, FTD, 1999 (p.110)	Prosa (3) Imagem/texto de imagem (1) Texto publicitário (2)
Unidade 5	* Género e Número (masculino, feminino; singular, plural); Substantivos e adjectivos; separação das sílabas; Ortografia do GU, G e J	* Adivinha – Sylvio Luiz Panza. Ecologia em quadrinhas. São Paulo, FTD, 1997 (p.114-115) * Os cegos e o elefante – Adaptação de conto popular (p.116-118) * Adivinha – Renata Palottini. O livro das adivinhações - São Paulo, Moderna, 2000 (p.122) * Pluft – Maria Clara Machado. Pluft, o fantasmilha e o Dragão Verde. São Paulo, Companhia da Letrinhas, 2001 (p.125-126) * Piada (p.128) * Cartaz – Foto: Renato KAtoka (p.129) * Texto de Ana Maria Machado. Menina bonita do laço de fita. São Paulo, Ática, 2002 (p.138) * Anúncio (p.140)	Prosa (3) Adivinha/ Piada (3) Texto informativo/ texto jornalístico (1) Texto teatral (1) Anúncio (1) Cartaz (1)

		<p>* O folgado do lago – Revista Veja, Abril, 7 de Junho de 1995 (p.141)</p> <p>* Emprego – José Paulo Pães. Olha o bicho! São Paulo, Ática, 1989 (p.142)</p>	
Unidade 6	* Ortografia do C e QU; trabalhando com as sílabas das palavras	<p>* História em quadrinho (p.146-147)</p> <p>* Os preguiçosos – Luís Fernando Veríssimo. O santinho. By Luís Fernando Veríssimo. Rio de Janeiro, Objetiva, 1991 (148)</p> <p>* Ozzy- Ercília – Angeli – Ozzi – Ercília (p.152)</p> <p>* Laerte – Em Folha de S.Paulo – Folhinha, 20/06/2002 (p.152)</p> <p>* Mônica – Maurício de Sousa. Almanaque da mônica, nº 154. São Paulo, Globo, Agosto de 1999 (p.153)</p> <p>* Ziraldo – O menino Maluquinho – As melhores tiradas do Menino Maluquinho . São Paulo, Melhoramentos, 2000 (p.153)</p> <p>* Piada (p.157)</p> <p>* Baseado no texto Continho, de Paulo Mendes Campos. Para gostar de ler, vol 1. São Paulo, Ática, 1991 (p.161)</p> <p>* Piada (p.162)</p> <p>* Turma da Mônica em barulhinho de Chuva – Maurício de Sousa, Em Mônica, nº190 (p.164-165)</p> <p>Brincadeiras – Ricardo Azevedo. Dezenove poemas desengonçados. São Paulo, Ática, 2000 (p.166)</p>	<p>Prosa (1)</p> <p>Poema (1)</p> <p>Banda desenhada (7)</p> <p>Adivinha/ Piada (2)</p>
Unidade 7	* Flexão de grau (aumentativo, diminutivo); Ortografia do C/Ç e S/SS; Uso do dicionário	<p>* A bola azul – Marcelo Pacheco. PAIEÉ! São Paulo, Quinteto Editorial, 1990 (p.170-171)</p> <p>* Uma menina do seu tamanho – Ana Maria Machado. Bem do seu tamanho. Rio de Janeiro, Salamandra. 1991 (p.172-173)</p> <p>* A gente pode... A gente não pode... – Anna Cláudia Ramos e Ana Raquel. A gente pode... A gente não pode... São Paulo, DCL, 2002 (p.179)</p> <p>* Identidade – Pedro Bandeira. Cavalgando o arco-íris (Pág. 8) São Paulo, Moderna, 2002 (p.181)</p> <p>* Beija-Flor – Roseana Murray. Poesia fora da estante. Rio Grande do Sul, Projeto, 1996 (p.186)</p> <p>* Santiago. Rua da Praia (Porto Alegre) In. Povaréu. Rio Grande do Sul, L&PM, 1994 (p.189)</p> <p>* Texto de Ciça. Bichos, bichos! São Paulo, FTD, 1994 (p.191)</p>	<p>Prosa (2)</p> <p>Poema (3)</p> <p>Banda desenhada (1)</p> <p>Imagem/ Texto de imagem (1)</p>
Unidade 8	* Sinal de pontuação (vírgula, na enumeração); Parágrafo; Ortografia do CH e X; Uso do dicionário	<p>* Brincadeiras – Texto feito especialmente para este livro por Marta Pinto Ferraz (p.196-197)</p> <p>* Brincadeiras – Francisco da Silva Pereira, 2ª série (p.202-203)</p> <p>* Há sempre um jeitinho para brincar – Baseado em matéria da Folha de S.Paulo – Folhinha, 7/10/2000 (p.204-205)</p> <p>* Maurício de Sousa. Almanaque da Mônica, nº 84 (p.211-212)</p>	<p>Prosa (2)</p> <p>Texto informativo/ texto jornalístico (1)</p> <p>Banda desenhada (1)</p>
Unidade 9	* Verbo; Ortografia do som “Sê”: SS, C, Ç; Uso do dicionário	<p>* O que aconteceu no caldeirão da bruxa? – Sônia Junqueira. O que aconteceu no caldeirão da bruxa? Págs 4-12; 14-15. Belo Horizonte, Formato Editorial, 1989 (p.220-222)</p> <p>* Que rata! – Sylvia Orthof. A poesia é uma pulga. São Paulo, Atual, 1992 (p.230-231)</p> <p>* Pega ladrão – Eva Furnari. A Bruxinha atrapalhada. São Paulo, Global (p.232)</p> <p>* Texto de Fernando Bonassi. Declaração universal do moleque invocado. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2001.</p> <p>* Quem faz o quê – Lalau e Laurabeatriz. Quem é quem. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2002 (p.238)</p>	<p>Prosa (2)</p> <p>Poema (2)</p> <p>Imagem/ Texto de imagem (1)</p>
Unidade 10	* Sinónimos e antónimos; Uso do dicionário	<p>* As fadas - Ruth Rocha. Contos de Perrault. São Paulo, FTD, 1993 (p.248-250)</p> <p>* O Mingau – Jacob e Wilhelm Grimm. Contos de Grimm. Belo Horizonte, Itatiaia, 2000 (p.254)</p> <p>* A princesa e o grão de ervilha - Hans Christian</p>	<p>Prosa (4)</p>

		Andersen. Contos de Andersen, 7ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2000 (p.259- 261) * Texto de Ana Maria Machado. História de jabuti sabido com macaco metido. São Paulo, Quinteto Editorial, 1986.	
--	--	---	--

Tabela 7: Ler 3

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
Unidade 1	*Substantivos (coletivos); Uso do dicionário (Ordem alfabética - revisão)	* Chapeuzinho Vermelho – Mário Prata. Conto, São Paulo, Globo, 1970 (p.10-11) * Seu Lobo – Sérgio Capparelli. Minha sombra. Porto alegre, L&PM, 2001 (p.16) * Maurício de Sousa . “Chapeuzinho Vermelho” Revista Mônica, nº 195. São Paulo, Globo (p.17) * A avó que não era avó – Conto popular europeu de tradição oral recontado por Márcia Leite (p.18-20)	Prosa (2) Poema (1) Banda desenhada (1)
Unidade 2	* Divisão silábica (monossílaba, dissílaba; trissílaba ou polissílaba); Sílaba Tônica; Acentuação (monossílabas);	* O gato curioso – Ferreira Gullar. Um gato chamado Gatinho. São Paulo, Salamandra, 2000 (p.34-35) * Os sete gatinhos – Cristina Bassi (p.42) * Amanhã – Sérgio Capparelli. Minha sombra. Porto alegre, L&PM, 2001 (p.43-44) * Dá o pé, xá – Lia Zatz. Dá o pé, xá (texto). São Paulo, Pastel Editorial , 1991 (p.50) * Musiquinha chata – Sérgio Capparelli. Tigres no quintal, pág. 34.Porto Alegre, Kuarup, 1995 (p.53)	Prosa (1) Poema/verso (3) Imagem/exto de imagem (1)
Unidade 3	* Verbos; Ortografia sons do X (Z; CS;CH; S;SS);	* O velho, o menino e o burro – Conto popular brasileiro recontado por Cristina Bassi (p.56-57) * O homem que pôs um ovo – recontado a partir da versão compilada por Luís da Câmara Cascudo. In Contos tradicionais do Brasil. São Paulo, Global, 2001 (p.61-63) * O gatuno da igreja – Recontada a partir de Rolando Boldrín. In Contando causos. São Paulo, Nova Alexandria, 2001 (p.67) * O cabloco, o padre e o estudante – Luís da Câmara Cascudo. In Contos tradicionais do Brasil. Págs. 218 e 219, 12ª edição São Paulo, Global, 2003 (p.68-69) * O velho, o menino e o burro – Pedro Bandeira e Márcia Kupstas, Coração de criança: o livro dos bons sentimentos, págs. 96-99. São Paulo, Ediouro, 2002 (p.71-72) * O gato – Vinicius de Moraes. A arca de Noé. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1991 (p.75) * Texto recontado a partir de Antônio Henrique Weitzel. In Folclore literário e linguístico. Juiz de Fora, Editora da UFJF. 1995 (p.76-77) * Crianças invadem parque para salvar árvore (p.79) * Canseira que dá canseira – Elias José. Um jeito bom de brincar, pág 34 . São Paulo, FTD, 2002 (p.81) * O x da questão... – Orígenes Lessa. As letras falantes. Rio de Janeiro, Edições de Ouro (p.82-83) * Os peixes têm algum órgão sensorial especial para perceber o que acontece ao seu redor? – Revista Superinteressante. São Paulo, Abril, fevereiro de 1993 (p.85)	Prosa (6) Poema (3) Texto informativo/ texto jornalístico (1)
Unidade 4	*Substantivos (compostos); Ortografia S e Z (entre vogais; no diminutivo)	* O guarda-chuva – Márcia Kupstas. Aventuras de garoto, págs. 2-5. São Paulo, Atual, 2002 (p.88-89) * Menino brinca de boneca? – Marco Ribeiro. Menino brinca de boneca? Salamandra (p.96-97) * Texto de Almir Correa. Poemas malandrinhos. São Paulo, Atual, 1994 (p.104)	Prosa (2) Poema (1)
Unidade 5	* Adjectivo; Ortografia (palavras terminadas em OSO,OSA;ESA)	* Os meus dois avôs – Leonado Chianca escreveu esta história especialmente para este livro (p.114-116) * Domingão Jóia – Flávio de Souza. Domingão jóia . São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997 (p.123-125). * Classificado (p.132)	Prosa (2) Classificado (1)

Unidade 6	* Grau comparativo; Uso de Mas e Mais;	* Meu nome é cachorro – Ricardo Azevedo. Meu nome é cachorro. Coleção Pontos de vista. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999 (p. 136- 139) * Meu cachorro Pepe – Heloisa Prieto. O cachorro que sabia dar risada e outras historias de crianças e cachorros. São Paulo, Ática, 2002 (p.146-147) * Entrevista – Ricardo Azevedo escreveu este texto especificamente para este livro (p.150)	Prosa (2) Entrevista (1)
Unidade 7	* Tempos Verbais (Presente, Pretérito e Futuro); Uso de Bem/Mau – Bom/ruim	* Carta (p.161) * Lobinho na Escola de Enganação – Ian Whybrow. Lobinho na Escola de Enganação. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2001 (p.162-163) * A carta da vovó – Mirna Pinsky. Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante. São Paulo, FTD, 1999 (p.169-170) * Cartão-Postal (p.171)* Carta 1 (p.172)* Carta 2 (p.173)* Carta 3 (p.174)* Carta (p.178)* Carta (p.181)	Prosa (2) Carta/Telegrama/Cartão Postal (6)
Unidade 8	* Uso de Por que/ Porque e Por quê; Sinais de pontuação (no diálogo); Uso de SS e Ç	* Banda desenhada (p.184-185) * Hora de dormir - Fernando Sabino. In A companhia de viagem. 1ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1965 (p.186-189) * Que confusão – Alexandre Azevedo. Que azar, Godofredo!, págs 19-21. São Paulo, Atual, 1989 (202-204) * OZZY – Angeli. Folha de S.Paulo, 16/4/1994 (p.205)	Prosa (2) Banda desenhada (2)
Unidade 9	*Concordância nominal; Verbos (terminados em IZAR e ISAR)	* Texto baseado em noticia da revista Zá, Setembro de 1996 (p.209) * Texto baseado em noticia da revista Veja, 3 de Julho de 2002 (p.209) * Texto baseado em noticia da revista Veja, 9 de Outubro de 2002 (p.209) * Girafas viajarão por oito horas de São Paulo a Americana – Texto baseado em matéria da Folha de S.Paulo, 21/9/2002 (p.210-211) * Texto baseado em artigo publicado na revista Zá, novembro de 1997 (p.215) * Cachorro salva criança com a língua (p.216) * Campanha a favor da natureza - Texto baseado em noticia da revista Zá, novembro de 1997 (p.218-219) * Metade de Eldorado está sob as águas Folha de S,Paulo, 24/1/1997 (p.220) * Classificados (p.222) * Primeiro foguete brasileiro explode – Texto baseado em noticia da revista Zá, Novembro de 1997 (p.230)	Texto informativo/ texto jornalístico (13) Classificados (4)
Unidade 10	* Número do Substantivo (plural irregular); Plural (palavras terminadas em AO);	* Provérbios (p.232-233) * O leão e o rato – Texto elaborado por Daisy Asmuz especialmente para esta coleção (p.234-235) * O leão e o ratinho – Fábulas de Esopo. Trad. De Ricardo Gouveia. São Paulo, Martins Fontes, 1997. (p.235) * O gato, o galo e o ratinho – Recontada por Márcia Leite (p.241) * O homem e a serpente - Texto elaborado por Daisy Asmuz especialmente para esta coleção (p.243-244) * Piada (p.249) * Os dois amigos e o urso - Texto elaborado por Daisy Asmuz especialmente para esta coleção (p.255)	Prosa (4) Poema (1) Provérbio (7) Adivinha/ Piada (1)

Tabela 8: Ler 4

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
Unidade 1	* Uso do substantivo; Grafia de alguns substantivos;	* Hércules contra o Leão de Neméia - Leonardo Chianca (adaptação). Os doze trabalhos de Hércules. São Paulo, Scipione, 2002. (p.10-11) * As estações do ano – recontado por Cristina Bassi (p.21-22) * Texto de Leonardo Chianca (adaptação). Os doze trabalhos de Hércules. São Paulo, Scipione, 2002. (p.25)	Prosa (3)
Unidade 2	*Substantivos (simples e compostos, primitivo e derivado); Grafia de palavras derivadas;	* Carnaval – Marcelo Xavier. Festa – O folclore do Mestre André. Belo Horizonte, Formato Editorial, 2000 (p.36-37) * Entre no arraial! Um mês inteirinho para você se divertir com a sua turma – Revista Recreio, ano 1, nº 12. São Paulo, Abril, 1/6/2000 (p.42-44) * Texto de Sávila Dumonte. O Brasil em festa. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2000 (p.49) * Vaivém – Recontado a partir de Lindolfo Gomes. In Encantos literários. São Paulo, Ática (p.50-51) * Páginas de dicionário – Francisco da Silveira Bueno. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo, FTD, 2000 (p.55-56)	Prosa (3) Texto informativo/ texto jornalístico (1) Dicionário (2)
Unidade 3	*Classificação das palavras quanto à sílaba tônica (oxítone, paroxítone, proparoxítone); Acentuação (palavras oxítonas);	* Vermelhos – Lalau. Uma cor, duas cores, todas elas. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997 (p.62-63) * Todas - - Lalau. Uma cor, duas cores, todas elas. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997 (p.68-69) *Quadro – Tarsila do Amaral – A Negra. 1923. MAC/USP,SP (p.72) * Quadro – Paul Klee – Mascara com pequena bandeira, 1925. Staatsgalerie, Munique (p.72) * Quadro – Pablo Picasso – Claude escrevendo. 1951 (p.73) * Quadro – Marc Chagall – sem título. 1940. MAC/USP,SP (p.73) * Texto de Manuel Bandeira. Trem de ferro. In Literatura comentada. São Paulo, Nova Cultura, 1988 (p.79) * Sumário – Roseana Murray. Fruta no ponto. São Paulo, FTD, 1994 (p.80) * Textos de Caetano Veloso. In Caetano Veloso – Literatura comentada. São Paulo, Abril, 1981 (p.83)	Prosa (3) Poema (4) Texto informativo/ texto jornalístico (1) Pintura/ quadro (4) Sumário (1)
Unidade 4	* Pontuação (diálogo e verbos de fala); Acentuação (palavras proparoxítonas);	* Piadas – (p.88-89) * No restaurante – Jô Soares. Revista Veja . São Paulo, Abril, 26/2/1992 (p.90-91) * Diálogo de todo dia – Carlos Drummond de Andrade. Graña Drummond. www.carlosdrummond.com.br Contos plausíveis. Rio de Janeiro, Record. * Síndico (p.110)	Prosa (1) História em Quadrinho (1) Adivinha/ Piada (5)
Unidade 5	* Adjectivos e locução adjectiva; Ortografia (sufixos EZA e ESA);	* Sumário (117) * As cavernas e seus segredos – Texto baseado em matéria da revista Zé, ano II, nº 17. São Paulo, Pinus, dezembro de 1997/ Janeiro de 1998 (p.121)	Prosa (1) Sumário (1)
Unidade 6	* Uso dos Pronomes retos; Grafia de algumas expressões: junto ou separado?	* O dia em que meu primo quebrou a cabeça de meu pai - Ruth Rocha. O dia em que meu primo quebrou a cabeça do meu pai (Ruth Rocha Serviços Editoriais Ltda. Representada por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda. São Paulo, Salamandra, 1998 (p.140-142) * Mágicos ficam sem cabeça em festival – Diário Popular (p.148) * Inutilidades – José Paulo Pães. É isso ali: poemas adulto-infanto-juvenis. São Paulo,	Prosa (1) Poema (1) Texto informativo/ texto jornalístico (1)

		Salamandra/Moderna, 1984 (p.151)	
Unidade 7	* Acentuação (palavras paroxítonas); Revisão de tempos verbais (Presente, Pretérito e Futuro); Acentuação das palavras paroxítonas (terminadas em L, R, Um (UNS), ãO(S), Â(S).	* Classificados – Revista Veja, São Paulo, Abril, 1990 (p.162) * Classificados poéticos – Roseana Murray. Classificados poéticos, pág 34. Belo Horizonte, Miguilim, 1990 (p.164) * Classificados poéticos – Roseana Murray. Classificados poéticos, pág 32. Belo Horizonte, Miguilim, 1990 (p.164) * Texto de Márcia Leite, a partir de Classificados poéticos de Roseana Murray (p.169) * Roseana Murray. Classificados poéticos, pág 41. Belo Horizonte, Miguilim, 1990 (p.170) * Roseana Murray. Classificados poéticos, pág 42. Belo Horizonte, Miguilim, 1990 (p.170) * Oia, ai Dona Maria!!! – www.jangadabrasil.com.br (p.172) * Texto de Antônio Henrique Weitzel. Folclore literário e linguístico. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 1995 (p.173) * Receita da vovó – Elza Beatriz. Caderno de segredos. São Paulo, FTD, 1998. (p.174) * Banda desenhada – Angeli 97 (p.178) * Por que as lesmas deixam um rastro brilhante? – Revista Superinteressante. São Paulo, Abril, Agosto de 1997 (p.181)	Poema (8) Texto informativo/ texto jornalístico (1) História em Quadrinho (1) Texto publicitário (1)
Unidade 8	* Tempos Verbais (Pretérito Perfeito e Imperfeito do indicativo); Grafia de alguns verbos no Pretérito Perfeito;	* Como ser ruim no futebol – Marcelo Coelho. A professora de desenho e outras historias. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1995 (p.188-191) * Nas ruas do Brás – Drauzio Varella. Nas ruas do Brás. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2000 (p.195-196) * Infância – Carlos Drummond de Andrade. Graña Drummond. www.carlosdrummond.com.br Algumas poesias. Rio de Janeiro, Record (p.202) * Texto de Ana Maria Machado. Alguns medos e seus segredos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984 (p.208)	Prosa (3) Poema (1)
Unidade 9	* Tempos Verbais (Futuro do Presente e Futuro do Pretérito); Grafia de alguns verbos no Pretérito Perfeito e Futuro do Presente;	* O diário de Serafina – Cristina Porto. Se...Será, Serafina? págs 22-25. SÃO Paulo, Ática, 2001 (p.216-218) * Texto de Flávio de Souza. Desenhos de guerra e de amor, pág.39. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2001 (p.222) * Diários (p.228-229)	Prosa (2) Diário (2)
Unidade 10	* Uso dos numerais; Grafias do som “Sê”	* História em quadrinhos (p.236-237) * Negócio de menino com menina – Ivan Ângelo. Pode me beijar se quiser. São Paulo, Ática, 1997 (p.238-241) * A menina e as balas - Georgina da Costa Martins. No olho da rua – historinhas quase tristes. São Paulo, Ática, 2002 (p.247-248) * O melhor amigo – Fernando Sabino. A mulher do vizinho. Rio de Janeiro, Record, 1988 (p.250) * OZZY apresenta Ercília a prima que veio de longe (p. 252-253) * Começando os Jogos Mundiais da Natureza - Agencia	Prosa (4) História em Quadrinhos (2) Texto informativo/ texto jornalístico (1)

Tabela 9: Eu e o Bambi 1

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
6 (É Primavera)	Regras de leitura e escrita (rr, ar, er ir, or ur, ão, ss, s)	<ul style="list-style-type: none"> * A corrida na serra (p.6) * O burrito puxa a nora (p.8) * Jogar à corda (p.10) * Jogar o pião (p.12) * O passeio ao parque (p.14) * A rosa amarela (p.16) * Texto da avaliação formativa Notícias (p.18) 	Prosa (7)
7 (Páscoa, tempo de alegria)	Regras de leitura e escrita (ce, ci, ça, ço, çu, al, el, il, ol, ul, ch. As , es, is, os, us, pr, fr, gr, dr, nh)	<ul style="list-style-type: none"> * A cerejeira do pomar (p.22) * O baloiço da Joana (p.24) * O caracol e o sol (p.26) * Dia de chuva (p.28) * A festa de aniversário (p.30) * A festa da Primavera (p.32) * A casa dos passarinhos (p.34) * Texto da avaliação formativa - O passarinho e o menino (p.38) 	Prosa (8)
8 (A Natureza em festa)	Regras de leitura e escrita (az. ez, iz,oz,uz,lh, an, en, in, on, un, am, em, im, om, um, ge, gi, gue, gui, valor do x)	<ul style="list-style-type: none"> * O ninho da perdiz (p.42) * A casa da abelha (p.44) * A abelhinha z... z... z... (p.45) * A borboleta e a flor (p.46) * O moinho e a fonte (p.48) * Os meninos olham o comboio (p.50) * O comboio (p.51) * Uma viagem no carrossel (p.52) * Estoiram foguetes no ar (p.54) * Já sei ler (p.56) * Pato marreco – Sidónio Muralha, Bichos, bichinhos e bicharocos, Livros Horizonte (p.58) * Guloseimas partilhadas – António Manuel Couto Viana, versos de palmo e meio, ASA (p.60) * Bengalinha – Edições Majora (p.62) * Pica-pau – Leonel Neves, Bichos de trazer por casa, Livros Horizonte (p.64) * O Sol brincalhão – Raquel Delgado, A bola amarela (p.66) * Rato – Rosa Sobato de Faria, ABC dos bichos em rima infantil, ASA (p.68) * História das cinco vogais – Luísa Ducla Soares, Histórias das cinco vogais, Afrontamento (p.70) * Joanelinha - Sidónio Muralha, Bichos, bichinhos e bicharocos, Livros Horizonte (p.72) * Texto da avaliação formativa (p.74) 	Prosa (13) Poema (6)
9 (É Verão)		<ul style="list-style-type: none"> O Espanta – Pardais – Maria Rosa Colaço, O Espanta – Pardais, Edições Vega (p.82) * Como és tu? – António Manuel Couto Viana, versos de palmo e meio, ASA (p.84) * O pato e a bola de sabão – Edições Majora (p.86) * Pinguim – Alice Gomes, Barco no rio, Plátamo (p.88) * Tareco e Bibi – Lília da Fonseca, O livro da Teresinha, Seara Nova (p.90) * Na praia – Edições Majora (p.92) * Texto da avaliação Sumativa (p.94) 	Prosa (6) Poema (4)

Tabela 10: Eu e o Bambi 2

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
1 (Retorno à escola...)		<ul style="list-style-type: none"> * Retorno à escola... – Nuno e Carolina e o Relógio das 4 Estações, trad. de António Manuel Couto Viana, Difusão Verbo (p.8) * A surpresa – Alexandre Honrado, Joana e o Semáforo, Desabrochar (p.10) * A festa – Alexandre Honrado, Joana e o Semáforo, Desabrochar (p.12) * O muro do gato – Verbo infantil (p.14) * Foi sem querer – Didáctica Dinâmica (p.15) * O pato-ganso – Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo (p.16) * Isabel – Sophia de Mello Breyner Andersen, A Floresta, Figueirinhas (p.17) * A despedida dos patos – Paulo Oliveira, Marta no Outono, Majora (p.18) * A galinha vermelha – Popular (p.20) * Na toca – Maria Alberta Meneres, No coração do Trevo, Verbo (p.21) * Outras leituras (Cantinelas – popular; Poesias – Bem-te-vi e outras poesias e- Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo Infantil; Lengalengas – Popular – Alice Vieira (popular) (p.22-23)) 	Prosa (8) Poema (2) Diálogo (1) Lengalenga (2) Cantiga/musica (1)
2 É Outono...		<ul style="list-style-type: none"> * A árvore do jardim - Margarida Ofélia, A árvore do jardim, Ática (p.26) * Folhas de Outono – Verbo Infantil (p.27) * Joana-Ana - Matilde Rosa Araújo, Joana-Ana, livros Horizonte (p.28) * O arco-íris – Soledade Martinho Costa, Histórias que o Outono me Contou, Europa-América (p.29) * O sono da menina – José Vaz, O Nó da Corda Amarela, Porto Editora (p.30) * Aula ao ar livre – Paula Oliveira, Marta no Outono, Majora (p.31) * Castanhas assadas - Paula Oliveira, Marta no Outono, Majora (p.32) * Que medo! – António Mota, Abada de Histórias, Desabrochar (p.34) * Brincadeiras – Maria Alberta Menéres, Ed. ASA (p.36) * A menina e o vento – Magias Quotidianas, Verbo Infantil (p.37) * A corujinha teimosa – Violeta Figueiredo, A casa da Floresta, Desabrochar (p.38) * Outras leituras (Boas maneiras – Didáctica Dinâmica; Provérbios – Fernando Cardoso, Flores para Crianças, Verbo ; Anedotas - Fernando Cardoso, Flores para Crianças, Verbo ; Poesia (p.41-41)) 	Prosa (9) Poema (5) Provérbios (3) Anedotas (1)
3 Natal, tempo de amor...		<ul style="list-style-type: none"> * Texto de Soledade Martinho Costa, Histórias que o inverno Contou, Europa-América (p.44) * Texto de Nuno e Carolina e o Relógio das 4 Estações, trad. de António Manuel Couto Viana, Difusão Verbo (p.45) * Fá – Rosa Lobato de Faria, Histórias de Muitas Cores, Ed.ASA (p.46) * Os anjinhos – Ana Cristina Correia, “Os anjinhos”, in O Livro das 4 Estações, Impala (p.48) * O trenó do Pai Natal – A Cidade do Pai Natal, Ed.ASA (p.49) * Conversas – Maria Alberta Meneres, o livro do Natal, Desabrochar (p.51) 	Prosa (6) Poema (7)

		<ul style="list-style-type: none"> * Bolinhos de Luz - Fernanda Lopes de Almeida, A Fada que Tinha Ideias (p.53) * Pinheirinhos de Natal - Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo (p.54) * Noite Feliz - A Cidade do Pai Natal, Ed.ASA (p.55) * Outras Leituras (Ó pastores que andais na serra – José Viale Moutinho, 365 Histórias, Ed.ASA; O Dia de Natal - José Viale Moutinho, 365 Histórias, Ed.ASA; Cantilena – Alice Vieira , Eu Bem Vi Nascer o Sol, Caminhos (p.56-57) 	
4 É inverno...		<ul style="list-style-type: none"> * A árvore no inverno – Margarida Ofélia, A Árvore do Jardim, Ática (p.60) * Trovoada - Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo (p.61) * A capa azul - Matilde Rosa Araújo, Joana-Ana, livros Horizonte (p.62) * É inverno – Ana Cristina Correia, O Livro das 4 Estações, Impala (p.63) * A geada – Soledade Martinho Costa, , Histórias que o Inverno me Contou, Europa-América (p.65) * Dez mochinhas - Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo (p.66) * O vento – Ana Cristina Correia, O Livro das 4 Estações, Impala (p.67) * A tenda dos brinquedos – António Mota, Segredos, Desabrochar (p.68-69) * Mestre Corvo - Soledade Martinho Costa, Histórias que o Outono me Contou, Europa-América (p.70-71) * Outras Leituras (Cantinelas – Alice Vieira, Eu Bem vi Nascer o Sol, Caminho; Trás-os-Montes (popular) José Viale Moutinho, 365 Histórias, Ed,ASA; Vila Real (popular); Aveiro (popular); Trava-Línguas - Trás-os-Montes (popular) José Viale Moutinho, 365 Histórias (p.72-73) 	<p>Prosa (6)</p> <p>Poema (3)</p> <p>Cantiga/musica (4)</p> <p>Trava-Lingua (1)</p>
5 Carnaval, tempo de fantasia...		<ul style="list-style-type: none"> * Texto de Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo (p.76-77) * A Girafa do pescoço alto – Maria reis, 7 Histórias com Animais da Selva, Impala (p.78-79) * O Elefante – José Vaz, O Nó da Corda Amarela, Porto Editora (p.80-81) * O palhaço – Matilde Rosa Araújo, O Palhaço Verde, Livros Horizonte (p.82) * Pobre Joãozinho Coelho! - Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo (p.83) * Que avestruz gulosa! – O Coração e o Livro, Desabrochar (p.84) * Outras Leituras (Notícias – Carnaval de Ovar ; Mochilas: O tempo; Recados... Avisos... –Calendário... Agenda... (p.86-87) 	<p>Prosa (5)</p> <p>Poema (1)</p>
6 É Primavera...		<ul style="list-style-type: none"> * Texto de Margarida Ofélia, A Árvore do Jardim, Ática (p.90) * Texto de Ana Cristina Correia, O Livro das 4 Estações, Impala (p.91) * Chegou a Primavera - Sophia de Mello Breyner Andersen, A Fada Oriana, Figueirinhas (p.92) * A semente - Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo (p.93) * A cabrinha – Armindo Reis, Zuca Maluca, Porto Editora (p.94) * O Sapo Jururu – Isabel Lamas, 7 Histórias com animais do Jardim, Impala (p.96) * A Princesa das Tranças Longas – Maria Rosa Coloco, O Coração e o Livro, Desabrochar (p.98) * Joanhinha – Álvaro Magalhães, Histórias Pequenas de Bichos Pequenos, Ed. ASA (p.100) * Outras Leituras (É só inventar; Verdade ou mentira? - Maria Isabel Mendonça Soares, 365 Histórias de Encantar, Verbo; A força das palavras; A minha casinha – Luísa Ducla Soares, Poemas da Mentira e da Verdade, Livros Horizonte (p.102-103) 	<p>Prosa (6)</p> <p>Poema (5)</p>

7 Páscoa, tempo de alegria...		<ul style="list-style-type: none"> * Texto de Nuno e Carolina e o Relógio das 4 Estações, trad. de António Manuel Couto Viana, Difusão Verbo (p.106) * Texto de Paula Oliveira, Marta na Primavera, Majora (p.107) * O desgosto da borboleta – Isabel Lamas, 7 Histórias com animais do Jardim, Impala (p.108) * O mealheiro – António Torrado, Da Rua do Contador à Rua do Ouvidor, Desabrochar (p.111) * Bom dia – Sidónio Muralha, Um Pássaro Voa, Livros Horizonte (p.112) * O aniversário da abelha - Isabel Lamas, 7 Histórias com animais do Jardim, Impala (p.113) * Raiozinho de sol – Isa Ramos de Azevedo Souza, Pequenos contos para gente Pequena (p.114) * Outras Leituras (Quem me dera – texto de Dean Walley, trad.de Maria Lino, Presença (p.116-117)) 	<p>Prosa (6)</p> <p>Poema (2)</p>
8 A Natureza em festa...		<ul style="list-style-type: none"> * Texto A Abelha-Mestra, verbo (p.120) * Texto de Ana Cristina Correia, O Livro das 4 Estações, Impala (p.121) * O Espanta-Pardais – Maria Rosa Colaço, O Espanta-Pardais , Plátano (p.122) * Recompensa – Sidónio Muralha, Voa Pássaro Voa, Livros Horizonte (p.123) * Centopeia - Álvaro Magalhães, Histórias Pequenas de Bichos Pequenos, Ed. ASA (p.124) * Pedro – Maria Rosa Colaço, O Coração e o Livro, Desabrochar (p.126) * A dança do B – Maria Alberta Menéres, O Peixe no ar, Plátano (p.128) * A nuvem e o caracol – António Torrado, A Nuvem e o Caracol, Ed. ASA (p.129) * Outras Leituras (Lista ; receitas; Ementas; Cartazes; Etiquetas; Rótulos (p.130-131)) 	<p>Prosa (5)</p> <p>Poema (3)</p>
9 É verão...		<ul style="list-style-type: none"> * Texto de Nuno e Carolina e o Relógio das 4 Estações, trad. de António Manuel Couto Viana, Difusão Verbo; (p.134) * Texto de Nuno e Carolina e o Relógio das 4 Estações, trad. de António Manuel Couto Viana, Difusão Verbo; (p.135) * O cortiço – A Abelha-Mestra, Verbo (p.136) * Boas maneiras - Sidónio Muralha, Voa Pássaro Voa, Livros Horizonte (p.137) * O peixe - Sophia de Mello Breyner Andersen, A Fada Oriana, Figueirinhas (p.138) * Pedro, o avô e o mar – Natércia Rocha, Contos de Agosto, Desabrochar (p.140) * As férias da Bia – Maria Rosa Colaço, O Coração e o Livro, Desabrochar (p.142) 	<p>Prosa (4)</p> <p>Poema (3)</p>

Tabela 11: Pitágoras e a Leitura 2.

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
Bloco 0 Exercícios de leitura	Ortografia ce, ci, ç, is, iz, nh, lh,ss,	<ul style="list-style-type: none"> * A serra – Cancioneiro Infantil, Porto Editora (p.8) * Pico-pico-saranico – Popular (p.9) * De novo na escola (p.10-11) * No recreio – Janeiro Acabado, Leituras dos pequeninos (p.12-13) * O nariz – Maria Alberta Meneres, conversas com versos (p.14) * A gata preta (p.15) * A galinha vermelha (p.16) * Na capoeira (p.17) * Intervalo (Canção; Anedota; Curiosidade; sabias que...; Adivinha; Provérbio) (p.18-19) * O caroço da cereja (p.20) * No jardim – José Barata Moura, O Capitão Tão Balão (p.21) 	<ul style="list-style-type: none"> Cantigas/ musica (3) Poema (3) História em Quadrinhos (1) Prosa (4) Anedota/ adivinha (2) Provérbio (1)
Bloco 1 À Descoberta de si mesmo	Sinais e pontuação, ortografia nh, lh, ch, fl, tr, rr, ç,ul, ol, x, formar frases, ordem alfabética	<ul style="list-style-type: none"> * Nascer e crescer (p.22) * Ter boa saúde (p.23) * A Marta – Isabel Barbosa, O Zé e a Marta (p.24) * Outono – Maria Isabel César Anjo, O Outono é Tempo de Envelhecer (p.25) * Folhas de Outono – Margarida Ofélia, Pardal José (p.26) * Nasceu um menino – Maria Cecília Correia, Historias do Ribeiro (p.27) * Mamã, estou doente – Verbo, O Coelho no Hospital (p.28) * Sou pequena – Alice Gomes, Aprender sorrindo (p.29) * Cuidado com as feridas (p.30-31) * Viver no campo – Carlos Selvagem, Bonecos Falantes (p.32) * Senhor Caracol – Soledade Martinho Costa, Um-Dó-Li-Tá (p.33) * É triste estar doente - Alice Gomes, Aprender sorrindo (p.34) * O guarda-sol – Ricardo Alberty, A galinha verde (p.35) * Intervalo (Lengalenga – Plátano Editora, Sape gato, lambareiro; Pergunta de algibeira; Provérbio; Anedota; Conselho útil) (p.36-37) * O fato do João – Daniel Marques Ferreira, O João e o Leão (p.38) * Os anos do Rui – Alice Gomes, Aprender sorrindo (adaptado) (p.39) * A Ana e o Luís – Direcção-Geral de Viação, divisão de Segurança Rodoviária (p.40-41) * Consulta – Maria Alberta Meneres, Conversas com Versos (p.42) * Visita ao doente – Margarida Ofélia, Pardal José (p.43) * Cuidado com as boleias – Ilse Losa, O Quadro Vermelho (p.44) * Segurança na praia – António de Oliveira Pires, O Miguel dos Balões (p.45) 	<ul style="list-style-type: none"> Poema (8) História em Quadrinhos (1) Prosa (10) Anedota/ adivinha (1) Provérbio (1) Lengalenga (1) Texto informativo/jornalístico (1)
Bloco 2 À Descoberta dos outros e das	Ortografia im, in, am, an, lh, nh, ão, b, v, z, s, om, on, antónimos	<ul style="list-style-type: none"> * Jardim de todos – (p.46) * O sapateiro (p.47) * Trabalhos – Maria Alberta Menéres, Folha a Folha (p.48) 	<ul style="list-style-type: none"> Poema (7) Prosa (15)

instituições		<p>* Bravo, Beatriz – Ilse Losa, Beatriz e o Plátano (adaptado) (p.49) * Ajuda-me, mamã (p.50) * Joana e o amigo – Matilde Rosa Araújo, Joana Ana (p.51) * Inverno – Estela Leonardo (p.52) * A neve bate – Maria de Faria Viegas (p.53) * Dia de Natal – Luísa Ducla Soares (p.54-55) * Natal (p.56) * A menina branca e o menino preto – Luísa Ducla Soares, A menina branca e o menino preto (p.57) * Intervalo (Anúncio; Sabedoria Popular; Cartaz; Anedota) (p.58-59) * O palhaço pobre - Matilde Rosa Araújo, O gato dourado (p.60) * O varredor de ruas - Luísa Ducla Soare, O meio galo (p.61) * O avô – Fernando Miguel Bernardes, o Grilo e o seu Violão (p.62-63) * O maquinista e o fogueiro – Carlos Correia, A Locomotiva Tchat (p.64) * A raposa peixeira – Fernando Cardoso, Colecção Eu sou (p.65) * Trabalhos no campo – Edições Majora, Férias na Quinta (p.66) * Na feira – Maria Cecília Correia, Histórias de pretos e brancos (p.67) * O cão D. Pantaleão e outro cão – José Barata Moura, o coelho barafunda (p.68) * No hospital (p.69) * O edifício dos Correios – Ilse Losa, Beatriz e Plátano (p.70) * O Polícia ajudou (p.71)</p>	<p>Anedota/ adivinha (1) Anúncio/texto publicitário (1)</p>
<p>Bloco 3 À Descoberta do ambiente natural</p>	<p>Ortografia g, j, pr, tr, fl, fr, br, ss, ç, ce, se, uso do dicionário, família das palavras, antónimos</p>	<p>* A flor (p.72) * Um passeio ao campo (p.73) * Carnaval – M.Carolina Pereira Rosa, Beija-Flor (p.74) * Festa de Carnaval (p.75) * História de uma sementinha (p.76-77) * Na mata (p.78) * A chuva – Virgínia Motta, o Senhor Vento e a Menina Chuva (adaptado) (p.79) * A Plantinha – Adriana da Cruz Guimarães, O Sol quando nasce... (p.80) * Era uma vez (p.81) * Abrigo na floresta – Conceição Neves, Mundo Novo (adaptado) (p.82) * Brincar ao sol - – M.Carolina Pereira Rosa, Beija-Flor (p.83) * Intervalo (Labirinto; Canção; Provérbio; Sabias que...) (p.84-85) * A Natureza é bela – Maria Natália Miranda (adaptado) (p.86) * As andorinhas voltam – Alice Gomes, Bichinho-Poeta (adaptado) (p.87) * O cuco - M.Carolina Pereira Rosa, Beija-Flor (p.88) * Bom dia, flores – Margarida Ofélia, Pardal José (p.89) * Primavera – Maria Lúcia Namorado, história de Um Bago de Milho (p.90) * A flor, a borboleta e a menina – António Torrado, o Manequim e o Rouxinol (p.92) * A minha gata – Verbo Infantil, 365 histórias de encantar (p.93)</p>	<p>Cantigas/ musica (1) Poema (4) História em Quadrinhos (1) Prosa (17) Provérbio (1) Texto informativo/jornalístico (1)</p>

		<p>* Mestre Castor - Soledade Martinho Costa, Um-Dó-Li-Tá (p.94)</p> <p>* O mar está sujo – Sidónio Muralha, Valéria e a Vida (p.95)</p> <p>*Luís quer saber (p.96)</p> <p>* A visita Pascal – António Mota (adaptado) (p.97)</p>	
<p>Bloco 4 À Descoberta das inter-relações entre espaços</p>	<p>Ortografia dr, cr, r, rr, m, n, ci, si, uso do dicionário</p>	<p>* Saber mais (p.98-99)</p> <p>* A ida para a escola – Ricardo Alberty, A galinha verde (p.100)</p> <p>* Caminho da escola (p.101)</p> <p>* Vamos à Lua – José Sacramento. Histórias da Viagem à Lua e Arredores (p.102)</p> <p>* Mau caminho – Esther de Lemos, A Borboleta sem Asas (p.103)</p> <p>* O Fido – Lília da Fonseca, Um Passeio no Jardim Zoológico (p.104)</p> <p>* O comboio manco – Plátano Editora. O comboio que perdeu uma roda (p.105)</p> <p>* A viagem da tartaruga (p.106-107)</p> <p>* A bicicleta - M.Carolina Pereira Rosa, Beija-Flor (p.108)</p> <p>* Clarinha e os barcos – Maria Clara Machado (109)</p> <p>* O automóvel dos macacos – Maria Isabel Mendonça Soares (p.110)</p> <p>* Os dois palhaços – António Torrado e M. Alberta Menéres (p.111)</p> <p>* Intervalo (Sopa de letras; Adivinhas; Anedota; Lengalenga) (p.112-113)</p> <p>* Passeio ao Jardim Zoológico – Lídia da Fonseca, um Passeio ao Jardim Zoológico (p.114)</p> <p>* Os anões da floresta – Ana Pessoa de Carvalho, O Aviãozinho Velhote e o seu Amigo Piloto (p.115)</p> <p>* O pombo Tintim – Lília da Fonseca, O Livro da Stelinha (p.116)</p> <p>* O autocarro – Isabel Braga, A Princesa das Águas (p.117)</p> <p>* Meios de comunicação (p.118)</p> <p>* O sinaleiro – Sérgio Godinho, A Caixa (p.119)</p> <p>* Ao telefone – Esther de Lemos, Primeira Aventura (p.120)</p> <p>* Carta para a Ana (p.121)</p> <p>* Televisão avariada – Alexandre Honrado, Uma Chuvada na Careca (p.122)</p> <p>* Anúncio no jornal – Fernando Cardoso, Porco cozinheiro (p.123)</p>	<p>Cantigas/ musica (1)</p> <p>Poema (3)</p> <p>História em Quadrinhos (1)</p> <p>Prosa (16)</p> <p>Lengalenga (1)</p>
<p>Bloco 5 À Descoberta dos materiais e objectos</p>	<p>Pontuação, ortografia uz, us, que, qui</p>	<p>* Pequeno Artista (p.124)</p> <p>* Pintora (p.125)</p> <p>* O balão do Julião – M. C. (adaptado) (p.126)</p> <p>* As experiências de Carolina – Ricardo Alberty (adaptado) (p.127)</p> <p>* Isabel brinca às casinhas - Sophia de Mello Breyner, A Floresta (p.128)</p> <p>* O senhor Catatua (p.129)</p> <p>* A dona da casa - Ricardo Alberty, A Galinha Verde (p.130)</p> <p>* A escavadora – Maria Keil. O Pau-de-Fileira (p.131)</p> <p>* De que se faz o vestuário? (p.132-133)</p> <p>* Intervalo (Notícias; Brincadeira; Curiosidades; Canção) (p.134-135)</p>	<p>Cantigas/ musica (2)</p> <p>Poema (5)</p> <p>História em Quadrinhos (1)</p> <p>Prosa (8)</p> <p>Texto informativo/jornalístico (2)</p>

		<ul style="list-style-type: none"> * Santos Populares – popular (p.136-137) * Fazer um barco – A. M. Cunha Lopes, As Viagens do Coelho Sapateiro (p.138) * O Adrianinho – António Mota, O Rapaz de Louredo (p.139) * Eu chamo-me Verão – Maria Alberta Menéres , Folha a Folha (p.140) * Maria na praia – Matilde Rosa Araújo, O Gato Dourado (p.141) * Vamos à praia (p.142-143) * Férias (144) 	
--	--	---	--

Tabela 12: Bambi 3

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
1 Regresso à escola...		<ul style="list-style-type: none"> * Dia de festa – Alexandre Honrado, A cor do Cheiro, Desabrochar (p.9 -10) * Livro – Luísa Ducla Soares, Antologia para Jovens, sel Natércia Rocha, Plátano (p.10) * Devagarinho... – António Mota, Segredos, Desabrochar (p.11) * O coração e o livro – Maria Rosa Colaço, O Coração e o Livro, Desabrochar (p.13) * Foi sem querer... - António Mota, O Rei menino, Livros Horizonte * A semente curiosa – Sidónio Muralha, sete Cavalos na Berlinda, Plátano (p.15) * Tomba-Lobos vai à escola – Maria Rosa Colaço, Maria Tonta como Eu, Rumo (p.17) * Um segredo – Álvaro Magalhães, O Homem Que Não Queria Sonhar e Outras Histórias, ASA (p.19) * Canções – Tradições (Alecirim; Josezito; Papagaio loiro; À oliveira da serra) – Cantar, Brincar e Aprender, sel . de Clara Abreu, Porto Editora (p.20-21) 	<ul style="list-style-type: none"> Cantigas/ musica (4) Poema (1) Prosa (7)
2 É Outono...		<ul style="list-style-type: none"> * Até a Primavera... – Violeta Figueiredo, A Casa da Floresta, Desabrochar (p.24-25) * João Sebastião - Matilde Rosa Araújo,Joana-Ana, Livros Horizonte (p.26) * A menina e o caracol – Luísa Ducla Soares, Rua Sésamo, n 84 (p.27) * O que será? - António Mota, Segredos, Desabrochar (p.28) * Se... - Luísa Ducla Soare, Poemas da Mentira e da Verdade, Livros Horizonte (p.29) * O mistério da lagarta – José Francisco Rica, O Mistério da Lagarta, Porto Editora (p.30) * Ao telefone – Esther de Lemos, Primeira Aventura das Magias Quotidianas, Verbo (p.31) * A lousa e o giz – Pedro Alvim, Os Filhos dos Outros, Europa - América (p.32) * Os tamanquinhos – Cecília Meireles, Obras Completas (p.33) * Os biscoitos da avó – José Jorge Letria, História do Sono e do Sono, Desabrochar (p.35) * Jogos – Tradições (O gato e o rato – Alice Gomes ; Cobra –cega - Afonso Lopes Vieira) (p.36-37) 	<ul style="list-style-type: none"> Poema (4) Prosa (8)
3.Natal, Tempo de amor...		<ul style="list-style-type: none"> * Natal tempo de amor - Sophia de Mello Breyner Andersen, A noite de Natal, Figueirinhas (p.41) * Estrelinha – Ilka Rocha Pacheco (p.42) * Brinquedo – Miguel Torga, Diário I, ed. do Autor (p.43) * O pinheiro – Erasmo Braga, Leituras III (p.44) * Dia de Natal – Luísa Ducla Soares, conto Estrelas em Ti, coord. José António Gomes, Campo das Letras (p.45) * Natal na aldeia – António Mota, Abada de histórias, Desabrochar (p. 46-47) * Canções- Tradições (Burriquinho; Toca o sino; Natal) (p.48-49) 	<ul style="list-style-type: none"> Cantiga/ musica (3) Poema (2) Prosa (4)
4 É Inverno		<ul style="list-style-type: none"> * É Inverno - Sophia de Mello Breyner Andersen, A Floresta, Figueirinhas (p.52) * Poema de Sidónio Muralha, Todas as Crianças da Terra, Livros Horizonte (p.53) * Ponto final – António Torrado, Da Rua do Contador para a Rua do Ouvidor, Desabrochar (p.54-55) * o Presente Ausente – Pateta, edições Morumbi (p.56-57) 	<ul style="list-style-type: none"> Poema (2) História em Quadrinhos (1) Prosa (5) Anedota /adivinha (4)

		<ul style="list-style-type: none"> * O comboio e o menino – Catulo da Paixão Cearense (p.58) * Uma História para imaginar e contar (p.59) * O boneco de neve - Verbo Infantil (p.60-61) * Tocar – Matilde Rosa Araújo, As Fadas Verdes, Civilização (p.62) * A galinha ruiva – A Galinha Ruiva (história Tradicional) adapt.de António Torrado; Plátano (p.63-65) * Tradições – Trava-Línguas (Que é, que é?; Qual é a coisa, qual é ela?; Que é, que é? – Verbo Infantil; Qual é a coisa, qual é ela?; Popular) (p.66-67) 	<p>Trava-Lingua (4)</p> <p>Texto Teatral (1)</p>
5 Carnaval, Tempo de Distração...		<ul style="list-style-type: none"> * Carnaval, tempo de Distração – Maria Isabel Mendonça Soares (p.70-71) * Mimosas floridas – Orízia Alinho (p.72) * Conversas... Élia Pereira de Almeida; Mais Amigos, Texto Editora (p.73) * O helicóptero amarelo – Sidónio Muralha, Terra e Mar Vistos do Ar, Livros Horizonte (p.74-75) * No circo – Maria Lamas, O Vale dos Encantos, Vega (p.76) * O computador – Luísa Ducla Soares, Rua Sésamo (p.77) * O palhaço Jasmim – Maria Natália Miranda (p.78-79) * A história que Joana escreveu – Ilse Losa, O Rei Rique e Outras Histórias, Porto Editora (p.80-81) * Canções – Tradições (Larau, Larau, Larito; O nosso galo; Zé Pereira) (p.82-83) 	<p>Cantigas/ musica (3)</p> <p>Poema (1)</p> <p>Prosa (6)</p>
6 É Primavera		<ul style="list-style-type: none"> * É Primavera – Esther Lemos, A Borboleta sem Asas, Verbo (p.86-87) * Descoberta de meninos – Maria Natália Miranda, Dário, Sol nos Olhos, Pés no Rio, Didáctica (p.88-89) * A casa de Jucelino – Maria Cecília Correia, Histórias do Ribeiro, Livro Horizonte (p.90) * Boneca de trapos – Matilde Rosa Araújo, O Sol e o Menino dos Pés Frios, Ática (p.91) * Na cidade – Maria Cândida Mendonça, A Cidade dos Automóveis, Plátano (p.92-93) * O que diz a água – Ricardo Alberty, Relógio de Sol, Didáctica (p.95) * Balancé – Patrícia Joyce, Romance da Gata Preta, Sociedade de Expressão Cultural (p.96-97) * O lápis e a borracha – Garcia Barreto, Para Cada Lápis, Sua Borracha, Desabrochar (p.98-99) * As duas rãzinhas - Patrícia Joyce, Romance da Gata Preta, Sociedade de Expressão Cultural (p.100-101) * Jogos – Tradições (Às escondidas – Maria Natália Miranda) (p.102-103) 	<p>Cantigas/ musica (1)</p> <p>Poema (2)</p> <p>Prosa (8)</p>
7 Páscoa, Tempo de Alegria...		<ul style="list-style-type: none"> * Páscoa, Tempo de Alegria... – António Mota, Abada de Histórias, Desabrochar (p.106-107) * O menino-pintor – Esther de Lemos, O Balão Cor de Laranja, Verbo (p.108-109) * Outra história da Carochinha – Maria Alberta Menéres, Histórias de Tempo Vai, Tempo Vem, Desabrochar (p.110-111) * Estrelinha – Sidónio Muralha, Bichos, Bichinhos e Bicharocos, Livro Horizonte (p.112) * Sofia e o Caracol – Maria Rosa Colaço, Sofia e o Caracol, Plátano (p.113) * A prima do Anacleto – Maria Alberta Menéres, António Torrado, Palavras e Botões, Altográfica (p.114-115) * O rinoceronte - Maria Alberta Menéres, Pêra Perinha, Livraria Arnado (p.116-117) * Lengalengas – Tradições – Provérbios (O casamento da franganita – Tradicional ; Eu fui a Viana – Recolha de Luísa Ducla Soares; Provérbios ; Aneodota) (p.118-119) 	<p>Poema (1)</p> <p>Prosa (5)</p> <p>Aneodota /Adivinha (1)</p> <p>Provérbio (1)</p> <p>Lengalenga (2)</p> <p>Texto teatral (1)</p>
8 A Natureza		<ul style="list-style-type: none"> * A Natureza em Festa... – Maria do Rosário Dias, As Cores e a Vida, Plátano (p.122-123) 	<p>Cantigas/ musica (4)</p>

em Festa...		<ul style="list-style-type: none"> * Passeio – Cristina Barros Queirós, Mais Amigos Texto Editora (p.124) * Deveres – Matilde Rosa Araújo, Mistérios, Livro Horizonte (p.125) * História da rosa – Maria Cecília Correia, Historia da Minha Rua, Ed. Autora (p.126-127) * Que bicho será? – Natércia Rocha, Contos de Agosto, Desabrochar (p.128-129) * A árvore – Leonel Neves, O Cão, o Gato e a Árvore, Ed.ASA (p.130-131) * Para a minha mãe – Campos de Oliveira (p.132) * O Espanta-Pardais – Maria Rosa Colaço, O Espanta-Pardais, Plátano (p.133) * O rio – Matilde Rosa Araújo, Joana-Ana, Livros Horizonte (p.134) * Natureza – Fernando Miguel Bernardes, Conto Estrelas em Ti, coord José António Gomes, Campo das Letras (p.135) * Os castelos de areia – José Jorge Letria, Histórias do Sono e do Sonho, Desabrochar (p.136-137) * Canções – Tradições (A machadinha ; Que linda falua; A caminho de Viseu; Eu fui ao Jardim Celeste) (p.138-139) 	<p>Poema (3)</p> <p>Prosa (8)</p>
9 É verão...		<ul style="list-style-type: none"> * É verão... – Natércia Rocha, Um Passeio de Barco, Desabrochar (p.142-143) * O segredo do rio – Miguel Sousa Tavares, O Segredo do Rio, Relógio d'Água (p.144-145) * O grilo verde – António Mota, O Grilo Verde; Âmbar (p.146-147) * Formiguinha rabiga – Alice Nicolau, História a Formiga Rabiga, Plátano (p.148-149) * Era o Sol! – Maria Lamas (p.150) * A menina Gotinha de Água – Papiniano Carlos, A Menina Gotinha de Água, Ed.ASA (p.151) * Estrela-do-mar – Mafalda de Azevedo, A Estrela-do-Mar Foi Viajar, Plátano (p.152-153) * Como nos sonhos – Maria Alberta Menéres, Sigam a Borboleta! Bertrand (p.154-155) * Noite de S.João – Maria Elisa Oliveira (p.156) * Meninos de todas as cores- Luísa Ducla Soares, O Meio Galo. Ed.ASA (p.157-159) * Viajar... Alves Redol (p.160) 	<p>Poema (3)</p> <p>Prosa (8)</p>

Tabela 13: Crescer 3

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipo de textos
O Cantinho das Informações, avisos e conselhos	Linguagem verbal ; linguagem não-verbal; diferentes tipos de texto; onomatopeias; verbos; frase e não frase; expansão/redução da frase; parágrafo/período; sinonímia/antonímia; família de palavras;	* Eu vou para a Escola – “O que quero ser” José Jorge Letria (p.8) * Livros – “ABC das coisas mágicas” Rosa Lobato Faria (p.9) * Um livro é... “ Poemas da mentira e da verdade” Luísa Ducla Soares (p.9) * O Pedro já começou o novo ano lectivo “ Uma palmada na testa” Maria Alberta Menéres (p.12) * Um livro muito grande “A ilha do Paraíso” Maria do Rosário Pereira (adaptado) (p.13) * Abecedário sem juízo – Luísa Ducla Soares (p.14) * Saber comer – Chantal Henry-Biaband (p.15) * A árvore do canto – Matilde Rosa Araújo (p.16) * Patos e patas - “A casa da Floresta” Violeta Figueiredo (p.17) * As estações do ano – Verbo (p.18) * A época das colheitas – Maria Isabel de Mendonça Soares (p.19) * O irmãozinho – “Historias de criar bicho” Maria da Luz (p.20) * Quentes e boas – “Contos do Jardim” (p.21) * Porque é que os ouriços do castanheiro são tão espinhosos? (p.21) * O macaco Barnabé – Pedro Protes da Fonseca (adaptado) (p.22) * Culinária – Bolo de Chocolate (p.23) * S. Martinho – Vera Peninche (p.24) * Provérbios – Vera Peninche (p.24) * Semei no meu quintal – António Mota (adaptado) (p.25) * O automóvel e a estrada – “As descobertas do Tó” Verbo Infantil (p.26) * Harry Potter – Rosa Lobato Faria (p.27) * Que Bom! – Maria Alberta Menéres (adaptado) (p.28-29) * Tempo de Outono – Maria Rosa Colaço (adaptado) (p.30) * A casa da floresta – “A casa da floresta” Violeta Figueiredo (p.35) * O pardal e o sapato - “Histórias de criar bicho” Maria da Luz (adaptado) (p.36-37)	Cantigas/ musica (1) Poema (8) Prosa (14) Provérbio (1) Texto informativo/ jornalístico(1) Receita (1)
O Cantinho das... adivinhas e anedotas	Nomes/substantivos; nomes próprios; nomes comuns; nomes coletivos; variação dos nomes; número dos nomes; grau dos nomes; área vocabular;	* A folha e o vento - Maria Alberta Menéres (adaptado) (p.40-41) * O computador do corpo humano/ O cérebro – N.Waruars- Kleverlaan (p.42-43) * A chegada do Inverno – Sidónio Muralha (p.44-45) * Figos, passas e pinhões – “Onde tudo aconteceu” António Mota (p.46) * A árvore de Natal – Edite Soeiro (p.47) * Natal na aldeia – “Abada de Histórias” António Mota (p.48-49) * Teatrinho de Natal – “Canto Popular” (adaptado) (p.50) * Doces de Natal ,Medidos (p.51) * Arroz-doce (p.51) * A noite diferente – “Abada de Histórias” António Mota (p.52-53) * Os doze meses do ano – “Histórias de criar bicho” Maria da Luz (adaptado) (p.54-55) * A caminho da escola – Pedro Protes da Fonseca (p.56) * O inverno – Eugénio de Andrade (p.57)	Cantigas/ musicas (1) Poema (3) História em Quadrinhos (1) Prosa (9) Anedota /Adivinha (12) Texto informativo/ jornalístico (1) Receita (2)

		<p>* A Cigarra e a Formiga – “Fábulas de Esopo” (adaptado) (p.58-59)</p> <p>* Uma noite de tempestade - Pedro Prostes da Fonseca (p.60)</p> <p>* A neve – Augusto Gil (p.63)</p> <p>* O gato de botas (p.64-65)</p>	
O Cantinho das... curiosidades	Decompor palavras em sílabas; sílabas tónica e sílabas átonas;	<p>* Ponto Final – “Da Rua do Contador para Rua da Ouvidor” António Torrado (p.68-69)</p> <p>* Ontem, hoje e amanhã – “A minha melhor história” Ilse Losa (p.70-71)</p> <p>* Exercitar a memória (p.71)</p> <p>* Como surgiram os lápis e as canetas – Manus Inventos (p.72)</p> <p>* A folha de papel ganha vida – Ilse Losa (p.73)</p> <p>* A corneta faladora – “A nuvem e o caracol” António Torrado (p.74)</p> <p>* O velho moinho - Maria Alberta Menéres (adaptado) (p.75)</p> <p>* Sofia e o caracol - “Sofia e o caracol” Maria Rosa Colaço (p.76)</p> <p>* A viagem do sapo – António Torrado (adaptado) (p.77)</p> <p>* O rato e a ratinha – “Problemas” Matilde Rosa Araújo (p.78)</p> <p>* Operação “LSV” - Logo se vê” Maria Isabel de Mendonça Soares (p.79)</p> <p>* A velha e o garrafão - “Abada de Histórias” António Mota (adaptado)</p> <p>* Saltimbanco – “Poemas para crianças” Eduardo Aroso (p.81)</p> <p>* Aventuras de uma gotinha de água – Alberto Vilaça (p.82-83)</p> <p>* Carnaval – Maria Isabel de Mendonça Soares (p.84)</p> <p>* Sorriso – Rosa Lobato Faria (p.85)</p> <p>* Aqui há palhaços – A nuvem e o Caracol” António Torrado (p.86-87)</p>	<p>Poema (4)</p> <p>Prosa (11)</p> <p>Texto informativo/ jornalístico (6)</p>
O cantinho das... lengalengas e trava-linguas	Identificar os adjectivos; frases simples/elementos fundamentais da frase;	<p>* Um pardalinho – “Histórias de criar bicho” Maria da Luz (p.92)</p> <p>* Por favor (p.93)</p> <p>* Obrigada – “ABC” Rosa Lobato de Faria (p.93)</p> <p>* Um chorão – Maria Alberta Menéres (p.94)</p> <p>* O amolador - “Abada de Histórias” António Torrado (p.95)</p> <p>* O ovo – Luísa Ducla Soares “Edições Afrontamento” (p.96)</p> <p>* A viagem – António Mota (p.99)</p> <p>* O peixe – “A Fada Oriana” Sophia de Mello Breyner Andresen (p.100)</p> <p>* As cabras do Pedro – António Torrado (p.101)</p> <p>* Bola só há uma – “História de ir à bola” José Jorge Letria (p.102-103)</p> <p>* Uma árvore, um amigo! – Maria Rocha (p.104)</p> <p>* Era uma vez... – “Histórias para ti” Ilda Castro Miranda (p.105)</p> <p>* A cerejeira em flor – “A Árvore” Sophia de Mello Breyner Andresen (p.106-107)</p> <p>* Um golo bem marcado – “Logo se vê” Maria Isabel Mendonça (adaptado) (p.108)</p> <p>* A bruxa Vassorinha – “História do sono e do sonho” José Jorge Letria (p.109)</p> <p>* Amêndoas de Páscoa – “Abada de Histórias” António Torrado (p.111)</p> <p>* Culinária, Pão-de-Ló (p.112)</p> <p>* Biscoito de azeite (p.112)</p> <p>* Lengalengas – Luísa Ducla Soares “Lengalengas” (p.113)</p> <p>* Pique, pique - Luísa Ducla Soares “Lengalengas” (p.113)</p>	<p>Poema (4)</p> <p>Prosa (7)</p> <p>Lengalenga (5)</p> <p>Trava-lingua (4)</p> <p>Receita (2)</p>

O cantinho das... quadras populares e canções	Pronomes; aplicação dos pronomes pessoais; sinais gráficos de acentuação;	<p>* O sonho de José – Noélia de Matos Fernandes (p.116)</p> <p>* A floresta e eu – “Verde, quero-te verde” Everest Editora, Lda (p.119)</p> <p>* O noivo de Joantina - “Histórias de criar bicho” Maria da Luz (p.121)</p> <p>* Pare, escute e olhe – “Conto contigo” António Torrado (p.122)</p> <p>* O burro – “Animais nossos amigos” Afonso Lopes Vieira (p.123)</p> <p>* A égua branca – “ História da égua branca” Eugénio de Andrade (p.124)</p> <p>* Boa-noite, passarinho – “Mistérios” Matilde Rosa Araújo (p.125)</p> <p>* Uma historia de amor - “Histórias de criar bicho” Maria da Luz (p.126-127)</p> <p>* As fadas – “As fadas” Antero de Quental (p.128)</p> <p>* O senhor Cotobio perdeu o pio – “Verde é Esperança” Maria Isabel Mendonça Soares (p.129)</p> <p>* À beira do lume – Maria Alberta Menéres (p.130-131)</p>	<p>Cantigas/ musica (6)</p> <p>Poema (3)</p> <p>Prosa (7)</p> <p>Texto informativo/ jornalístico (1)</p>
O cantinho da... União Europeia		<p>* O Pequeno Pintor – “NA Rota das palavras” José Jorge Letria (p.134)</p> <p>* A Mãe – Luísa Ducla Soares (p.135)</p> <p>* A família pontuação (teatro) – Ana Rodrigues (p.136-137)</p> <p>* Adivinhas (p.138)</p> <p>* O espantalho – “Universo da Criança” Fernanda Cardoso (p.139)</p> <p>* Deveres – “Mistérios” Matilde Rosa Araújo (p.140)</p> <p>* Silka – “Silka” Ilse Losa (p.141)</p> <p>* Um menino chamado Miguel – “Meninos de Todas as Cores” Maria Luísa Ducla Soares (p.142)</p> <p>* O grilo e a menina – Maria Alberta Meneres (p.143)</p> <p>* Manha de Verão – Maria do Rosário Pereira (adaptado) (p.144)</p> <p>* Santos Populares – Paulo Rodrigues (p.145)</p> <p>* Poema às massas – “Poemas da Mentira e da Verdade” Luísa Ducla Soares (p.146)</p> <p>* As férias batem à porta – “Onde tudo aconteceu” António Mota (p.147)</p>	<p>Poema (5)</p> <p>Prosa (9)</p> <p>Anedota /Adivinha (6)</p> <p>Texto Teatral (1)</p>
Material de Apoio		<p>* Regresso às aulas – Música – Água leva o regadinho - Jaime Barroso</p> <p>* Os meninos no meio da floresta - Música - Os meninos à volta da fogueira – Luísa Lamelas (p.151)</p> <p>* Castanheiro – Música – Ó Malhão, malhão! (p.152)</p> <p>* Canção do ouriço (p.152)</p> <p>* Ó lindo Outono – Música – Ó Malhão, malhão! (p.153)</p> <p>* Ó Menino Jesus – Maria Rocha (p.154)</p> <p>* Cristalina, a gota d’água – Víctor Dias (p.155)</p>	<p>Cantigas/ musica (5)</p> <p>Poema (2)</p>

Tabela 14: Caminhos 4

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipos de Textos
Setembro (re)encontro	Nomes; Texto oral e texto escrito; valores do x;	<ul style="list-style-type: none"> * Canção da grande alegria – Maria Rosa Colaço, Pássaro branco, Círculo de Leitores (p.6) * Encontro – Luísa Ducla Soares, A gata Tareca e outros poemas levados da breca, Teorema (p.7) * No país da vontade – António Botto, Contos (p.8) * A cadeira – Mário Castrim, Histórias com juízo, Plátano (texto com supressões) (p.10-11) * O Tiago é muito alto! – Mymi Doinet Nanou, O Tiago é muito alto, Porto Editora (texto com supressões) (p.12-13) * Meninos de todas as cores – Luísa Ducla Soares, O meio galo, Edições ASA (p.14-15) * Avaliação - Beбето, o carneiro – Ana Maria Machado, o tesouro das virtudes para crianças, editora Nova Fronteira (p.16) 	Poema (2) Prosa (5)
Outubro Pensar Primeiro...	Ortografia do s/ss; ch; nh; lh; verbo, grupo nominal e grupo verbal; sinais de pontuação, na, en, in, on, un, sinónimos e antónimos; vêz/vez; tipos de frase, digrafo qu;	<ul style="list-style-type: none"> * Cantiga – Cecília Meireles (Brasil), Poesia completa, Nova Aguilar (p.18) * As estações do ano – Monteiro Lobato (Brasil), Obras completas, Ed. Brasileira (p.19) * A galinha ruiva – Lenda popular inglesa (p.20) * O pequeno livro dos medos – Sérgio Godinho, O pequeno livro dos medos, Ed. Assírio & Alvim (p.22) * Ontem, hoje, amanhã – Ilse Losa, A minha melhor história, Edições ASA (texto com supressões) (p.24) * Saudades do mar – Sílvia Orthof, A poesia é uma pulga, São Paulo: Atual (adapt) (p.26) * A rosa e o mar – Eugénio de Andrade, Aquela nuvem e outras, Campo das Letras (p.26) * Bichinha gata – Popular (p.26) * Não sabíamos, não fizemos de propósito! – Brigitte Labbé, Michel Puech, O bem e o mal, Terramar (p.28) * Avaliação – A formiga e o pombo – Conto tradicional da Guiné-Bissau, Projecto Cidade Comum (p.30) 	Poema (4) Prosa (5)
Novembro Entre o Passado... e o Futuro	Grau dos adjectivos, ordenar palavras para formar frases; ortografia ão, aos, ões, ães; conjugação dos verbos; nomes colectivos; classificação das palavras; sinónimos/antónimos; sinais gráficos de acentuação;	<ul style="list-style-type: none"> * Quando eu era pequenino – Adolfo Simões Muller, O príncipe imaginário e outros, Contos tradicionais portugueses (p.32) * A lâmpada de Aladino – Na terra dos contos de fadas, Porto Editora (p.34) * Os portugueses e o mar – Afonso Lopes Vieira, Bartolomeu marinho, Liv. Ferreira (p.36) * As grandes descobertas – Arcanja G. Fernandes, Lourdes D. Pinheiro, A brincar aprendemos, Lidel Edições Técnicas (p.38) * A cegonha e a raposa – Fábula tradicional, Adaptação de Júlia Soares 	Poema (2) Prosa (4) Texto Teatral (1)

		<p>e Rosalina Almeida, O meu livro de leitura 4, raiz Editora (p.41)</p> <p>* Adivinhas tradicionais – Popular (p.42)</p> <p>* O caldo de pedra – Conto tradicional (p.44-45)</p> <p>* Avaliação – No refeitório do convento – Conto popular (p.46)</p>	
Dezembro Nós... e os outros!	<p>Ortografia rr; Pré térito Perfeito e Pretérito Imperfeito; ortografia do ce,ci: ç, vem e vêm; artigo; transformação de frases; oso/osa;</p>	<p>* Tempestade – Henriqueta Lisboa (Brasil), o menino poeta, Belo Horizonte: Imprensa Oficial (p.48)</p> <p>* Dois mil anos de história (p.50)</p> <p>* A princesa Europa – Jean Benoît Durand, A Europa passo a passo, Miosótis (p.50)</p> <p>* A noite de Natal – A noite de Natal do palhaço João - Surpresa, Porto Editora (p.52)</p> <p>* Canção do berço – Fernando de Castro Pires de Lima, Almanaque infantil (p.54)</p> <p>* A caminho de um presépio - Sophia de Mello Breyner Andresen, A noite de Natal, Figueirinhas (texto com supressões) (p.56-57)</p> <p>* Quando o Inverno chegou – Sidónio Muralha, O companheiro, Futura (p.58)</p> <p>* Avaliação – O Natal de Joana - Sophia de Mello Breyner Andresen, A noite de Natal, Figueirinhas (texto com supressões) .</p>	<p>Poema (2)</p> <p>Prosa (5)</p> <p>Texto Informativo/jornalístico (1)</p>
Janeiro Planeta Azul	<p>Determinates demonstrativos, ar er, ir, or; palavras derivadas; determinantes possessivos; ortografia zinho/sinho; adjectivos;</p>	<p>* Janeiro – Sara Salomé Gonçalves, EB1 Marco- Ag.Vert. Sta. Marinha, Vila Nova de Gaia (p.62)</p> <p>* Cantar os Reis – Cantiga da tradição oral (p.62)</p> <p>* O dia de Ano Novo foi sempre a 1 de Janeiro? – Charles Schulz, O grande livro de perguntas e respostas de Charlie Brown, N 4, Bertrand Editora (texto com supressões) (p.63)</p> <p>* O grande continente azul – José Jorge Letria, A grande continente azul, Livros Horizonte (p.64)</p> <p>* A menina Gotinha de Água – Papinianos Carlos, A menina Gotinha de Água, Campo das Letras (p.66)</p> <p>* a nuvem e o caracol – António Torrado, A nuvem e o caracol, Ed, ASA (texto com supressões) (p.68)</p> <p>* O extraterrestre – Jostein Gaarder. Olá! Está aí alguém?, Editorial Presença (texto com supressões) (p.70)</p> <p>* Poema pial – Fernando Pessoa, Obra completa, Aguilar (p.72)</p> <p>* Dois trinca-espigas – Luís Novo, Seis histórias para ler ou ouvir, Edições APPACDM Distrital de Braga (texto com supressões) (p.74)</p> <p>* Avaliação – Deve ser lindo, o Mar!. – Garcia Barreto (p. 76)</p>	<p>Cantigas/ musica (2)</p> <p>Poema (2)</p> <p>Prosa (5)</p> <p>Texto Informativo/jornalístico (1)</p>
Fevereiro Pelo rio acima	<p>Ortografia á ou há; Presente do Futuro; funções sintáticas; ortografia ge, gi, guê, gui; pronomes;</p>	<p>* As fadas – Antero de Quental, As fadas, Contexto e Imagem (p.78)</p> <p>* Barco no rio – Alice Gomes, Barco no rio, Plátano (p.80)</p> <p>* O Tejo, o Douro e o Guadiana – J.Leite de Vasconcelos, Contos populares e lendas, Atlântida (p.82)</p> <p>* Texto de: Inácio Nuno Pignatelli, O</p>	<p>Poema (2)</p> <p>Prosa (3)</p> <p>Historia em Quadrinhos (1)</p>

		<p>Sobe Montanhas, Porto Editora (texto com supressões) (p.84)</p> <p>* Os Estrumpfes vivian em paz – Peyo, Sopa de Estrumpfes, Editora Publica (p.86)</p> <p>* Avaliação – O caracol Caracolinho – António Torrado, O manequim e o rouxinol, Ed.ASA (p.88)</p>	
Março entre a Terra e o Mar	<p>Pronomes pessoais, prefixos des e re; ortografia cl, pl, fl; mobilidade dos grupos da frase; sufixos (d)ade, eza,cão, mento, eiro, oso; preposição: onomatopeias;</p>	<p>* Faz de conta – Eugénio de Andrade, Aquela nuvem e outras, Campo das Letras (p.90)</p> <p>* Aveiro – Câmara Municipal de Aveiro (texto com supressões) (p.92-93)</p> <p>* Lenda da origem da ilha de Timor – Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Timor, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (p.96)</p> <p>* O meu pai e eu – Alice Vieira, Rosa minha irmã Rosa, Ed. Caminhos (p.98)</p> <p>* Plantar uma floresta – Luísa Ducla Soares, A Gata Tareca e outros poemas levados da breca, Teorema (p.100)</p> <p>* Dia de sol – Papiniano Carlos, A menina Gitinha de Água, Campo das Letras (p.102)</p> <p>* Avaliação – A árvore dos lilases – Isabel da Nóbrega, O tempo dos lilases, Plátano Editora (p. 104)</p>	<p>Poema (3)</p> <p>Prosa (3)</p> <p>Texto Informativo/jornalístico (1)</p>
Abril Materiais e Objectos	<p>Frases simples e frases complexas; conjunções subordinativas; formar verbos a partir de nomes; formar o plural (m-ns);</p>	<p>* Dúvida – Maria Alberta Menéres, Conversas com versos (p.106)</p> <p>* A nossa Quinta – Alunos do 4 ano da EB1 das Pedras, in jornal Ponte, Agrupamento de escolas de Sta. Marinha, Vila Nova de Gaia (p. 107)</p> <p>* O papel – (p. 108)</p> <p>* Brincar com sons da língua – Alexandre Honrado, Palavras para lavras, Campo das Letras (p.110)</p> <p>* Espirais com frango – Mercê Segarra, Massas e pizzas, Porto editora (p.112)</p> <p>* O dia 25 de Abril – Luana Lima, EB1 S.Caetano n 3, Gondomar (p.114)</p> <p>* 25 de Abril – Bruna Ribeiro, EB1 n 10, Bragança (p.114)</p> <p>* O tremómetro (p.116)</p> <p>* Avaliação – O pau de fósforo – António Torrado, “Terra do nunca”, Jornal de Notícias, 14-11-04 (p.118)</p>	<p>Poema (4)</p> <p>Prosa (2)</p> <p>Texto Informativo/jornalístico (2)</p> <p>Receita (1)</p>
Maio Produzir riquezas	<p>Onomatopeia; verbo dizer; frases complexas; substituir adjectivos; acento tónico e acento gráfico; femininos ão/ona/ao/ã/am/em/im/om/um/an/en/in/on/un;</p> <p>Graus dos adjectivos;</p>	<p>* O sons da vida – Maria Alzira Machado, Natalinho, Nova Fronteira (p.120)</p> <p>* Diálogo – Matilde Rosa Araújo, O livro da Tila, Atlântida (p.122)</p> <p>* Há feira na vila – Maria Lamas, Vale dos encantos, Vega (texto com supressões) (p.124)</p> <p>* O Coelho e a Toupeira – Conto tradicional moçambicano, Njingiritane; Ed. do Instituto Nacional do Livro e do Disco (texto com supressões) (p.126)</p> <p>* O trabalho do avô Mateus – Alberto Melis, Histórias para todo o ano, Porto Editora (p.128)</p> <p>* A velhinha e a fada – Sophia de Mello Breyner Andresen, A Fada Oriana, Ed. Figueirinhas (p.130-131)</p> <p>* Avaliação – Os brincos de cerejas – Ricardo Alberty, Relógio de sol,</p>	<p>Poema (1)</p> <p>Prosa (5)</p> <p>Diálogo (1)</p>

		Didáctica Editora (p.132)	
Junho Viver melhor	Onomatopeias; conjunções de verbos; translineação; palavras primitivas; derivação; ordem alfabética;	<ul style="list-style-type: none"> * Caixinha de música – Matilde Rosa Araújo, O livro da Tila, Atlântida (p.134) * Aviso – Alexandre O'Neill, Entre a cortina e a vidraça, Estúdios Cor (p.135) * É preciso crescer! – Luísa Ducla Soares, É preciso crescer, Edições ASA (texto com supressões) (p.136) * O Imperador – Umberto Eco, os gnomos de Gnu – Uma aventura ecológica, Editorial Presença (texto com supressões) (p.138-139) * O Girassol – Vinicius de Moraes, Poesia completa e prosa (p.140) * Avaliação – O Príncipe que guardava ovelhas – Luísa Dacosta, O Príncipe que guardava ovelhas, Figueirinhas (texto com supressões) (p.142) 	Poema (3) Prosa (3)

Tabela 15: Caminhos 4 Fichas

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipos de Textos
Setembro (re)encontro		* iii – José Carlos de Vasconcelos, De águia a zebra, Plátano de Abril (p.10) * Perguntas dos pés à cabeça – Luísa Ducla Soares, A gata Tareca e outros poemas levados da breca, Teorema (p.12)	Poema (2)
Outubro Pensar Primeiro...		* Outono – Mário Castrim, Histórias com juízo, Ed. Caminho (p.14)	Poema (1)
Novembro Entre o Passado... e o Futuro!		*Descobrimentos portugueses (p.30) * A ficha do Chico – Laura Gões (adaptado), Aprender brincando, Quinteto Editorial (p.32)	Texto Informativo/ jornalístico (1) Lengalenga (1)
Dezembro Nós... e os outros!		* Um figurão – Maria Alberta Menéres O livro de Natal (p.38) * Velhoses ou bilharacos (Beira Litoral) (p.39) * Mexidos – Teleculinária, n 66 (p.39) * Lengalenga – Popular (p.42) * Implantação da República (5 de Outubro) (p.45) * Hino Nacional – Alfredo Keil, Henrique Lopes de Mendonça, versão oficial de A Portuguesa (p.46) * Restauração da Independência (1 de Dezembro) (p.47) * Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas (10 de Junho) (p.48) * 25 de Abril (p.49) * Grândola, vila morena – Letra e música de José Afonso (p.49) * Natal – poesia Popular (p.50) * Páscoa – Poesia popular (p.52) * Dia Mundial da Criança (1 de Junho) (p.53) * Dia dos Direitos Humanos (10 de Dezembro) (p.55)	Poema (4) Texto Informativo/ jornalístico (7) Lengalenga (1) Receita (2)
Janeiro Planeta Azul		* Ano Novo- Bill watteroon – Público, 2004-12-24 (p.58) * A galinha pinta – Popular (p.64)	História em Quadrinhos (1) Aneota/ adivinha (1)
Fevereiro Pelo rio acima		* A máscara – Maria Cândida Mendonça, O livro do faz-de-conta, Plátano (p.66) * Trava-línguas – Popular do Brasil (p.67) * Aneota (p.69)	Poema (1) Trava-Lingua (1) Aneota/ adivinha (1)
Março entre a Terra e o Mar		* O tempo (p.76) * H – Glória Maria Marreiros, Abecedário a rimar, Campo das Letras (p.77)	Poema (1) Trava-Lingua (1)
Abril Materiais e Objectos		* Primavera – Afonso Duarte, Obra poética (p.78) * A Letra Q – Mário Castrim, Estas são as letras, Caminho (p.84)	Poema (2)
Mairo Produzir riquezas		*Adivinha – Viale Moutinho, Adivinhas populares portuguesas (p.89)	Aneota/ adivinha (1)

<p>Junho Viver melhor</p>		<p>* Que susto! – Matilde Rosa Araújo, Segredos e brinquedos, Caminho (p.92) * Lengalenga (p.93) * Verão – Brenda Melissa Pintado Neves, EB1 Anadia (p.96)</p>	<p>Poema (2) Lengalenga (1)</p>
---------------------------	--	--	--

Tabela 16: Girofle

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipos de Textos
Avaliação de Diagnostico	Nomes; acentuação; verbos; adjectivos;	* O sonho – António Mota, Pedro Alecrim (p.6)	Prosa (1)
1. O regresso às aulas	Ortografia (s ou z; rr, ss; peão ou pião; ram ou rão; am, em, im, om, um; ce,ci) Gramática (revisão dos nomes; nomes; revisão dos verbos; verbos e onomatopeias; revisão dos adjectivos; pontuação; família de palavras; área vocabular; antónimos; revisões)	* Giroflé – Canção Giroflé, CD Giroflé, Santillana-Constância (p.11) * O adeus à praia – Maria Rosa Colaço, De que São Feitos os Sonhos (p.12) * Professor, diz-me porquê? – Alice Gomes, Brincar Também é Poesia (p.16) * O Caderno Sabichão – José Jorge Letria, Histórias do Sono e do Sonho (p.20) * O Sol e o Vento – Alsácia Fontes Machado, Fábulas de Animais e Outras (adaptado) (p.22) * Noite de temporal – Sophia de Mello Breyner Andersen, A menina do Mar (p.24)	Cantigas/ musica (1) Poema (1) Prosa (4)
2. O Outono	Ortografia (valores do x; houve ou ouve; palavras homófonas; ç; s; ss; c; s = z) Gramática (Linguagem verbal; nomes próprios; tipos de texto; texto-parágrafo-frase; frase e não frase)	* Debaixo da folha seca – Maria Isabel Mendonça Soares (p.29) * A gaita Mágica – Conto Tradicional (p.30) * A proclamação da República – Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães, Portugal, História e Lendas (adaptado) (p.32) * O Outono – Maria Isabel César Anjo, O Outono é o Tempo a Envelhecer (texto com supressão) (p.34) * A desfolhada – Júlio Dinis, As Pupilas do senhor Reitor (adaptado) (p.38) * As bocas do mundo - Sophia de Mello Breyner Andresen (p.40) * A andorinha Tribilá – Carlos Correia (p.44) * Texto retirado da: Enciclopédia Juvenil, Edições Brasil (p.44)	Poema (2) Prosa (6)
3. O São Martinho	Ortografia (es ou ex; vem ou vêm; tem ou têm; g ou j; valores do s) Gramática (grupo nominal e grupo verbal; grupos da frase; elementos da frase/ expansão e redução; tipos e formas de frases; pontuação; classificação de palavras quanto ao número de sílabas e quanto à sílaba tónica; acentos gráficos)	* São Martinho – Rogério Duarte, As Leituras do Pequeno Mestre (p.47) * O dia do terramoto – Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, O Dia do Terramoto (adaptado) (p.48) * Um ar de Inverno no ar – Alice Vieira, Lote 12-2, ° Frente (adaptado) (p.50) * A menina e Titó – António Torrado, a nuvem e o Caracol (adaptado) (p.54) * Os ouriços – Maria João Carvalho (p.58) * Branca de Neve e os sete anões – Clássicos para sonhar (adaptado) (p.62) * Marmelos Cozidos (p.64) * A lenda do vinho – Fernando Cardoso, Flores para Crianças (adaptado) (p.66)	Lenda (1) Poema (1) Prosa (5)
4. O Natal	Ortografia (o hífen; ch ou x; asse ou a-se; rimas em uz ou iz) Gramática (sinónimos e antónimos; adjectivos e	* Uma ceia para um Menino – Maria Alberta Menéres O Livro do Natal (p.69) * viva El-Rei D. João IV – Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Portugal,	Texto teatral (1) Poema (1) Prosa (3)

	verbos; adjectivos; verbos e nomes)	Histórias e Lendas (adaptado) (p.70) * Natal na aldeia – António Mota, Abada de Histórias (p.72) * Dia de Natal – Luísa Ducla Soares, Conto Estrelas em Ti (p.76) * Dramatização e Construção – Orey e Orey, <<O Natal>>, in Vinte Peças para Ler e Representar (p.78-79)	
Avaliação Trimestral	Frase e não-frase; classe das palavras; grupo nominal; grupo verbal; grupo móvel;	* Noite de Natal - Sophia de Mello Breyner Andersen, O Cavaleiro da Dinamarca (p.80)	Prosa (1)
5. Inverno	Ortografia (eça ou essa; sobretudo; oso ou osa; até ou ate) Gramática (graus dos adjectivos – normal, superlativo;	* A paz sem vencedores nem vencidos - Sophia de Mello Breyner Andersen, Dual (p.83) * Ano Novo – Ester de Lemos (p.84) * A viagem à serra – Gorjão Duarte, A Minha Amiga Serra (p.88) * O Inverno foi enganado – Sidónio Muralha, Sete Cavalos na Berlinda (adaptado) (p.90) * A menina caprichosa – Cecília Meireles (adaptado) (p.92) * O senhor distraído – António Torrado, Da Rua do Contador para a Rua do Ouvidor (p.94)	Oração (1) Poema (2) Prosa (3)
6. O Carnaval	Ortografia (assento ou acento; a importância do acento, ança ou ansa) Gramática (pronomes possessivos e determinantes; pronomes pessoais, pronomes demonstrativo; verbos conjugações)	* No reino das serpentinhas – Maria Isabel Medonça Soares (p.97) * O viajante clandestino – Mia Couto, Novas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (texto com supressões) (p.98) * Uma história mágica – Alexandre Honrado, cem Histórias do meu Crescer (p.102) * A corrida do Amor – Álvaro Magalhães, Hipopóptimos, Uma História de Amor (adaptado) (p.104) * Uma família de sapatos – Maria João Carvalho, Uma Família de Sapatos (adaptado) (p.106) * Pedro das Malasartes – Luísa Ducla Soares, Contos para Rir (p.108)	Poema (1) Prosa (5)
7.A Primavera	Ortografia (jogo silábico; O som u repetido na mesma palavra; vozes de animais; coa ou qua; palavras homónimas; esa ou eza; jogo de fonemas) Gramática (Verbos, Presente; Pretérito Perfeito; Futuro; Verbos regulares; Verbo ter; verbos irregulares; Verbos Pretérito imperfeito; pontuação, família de palavras)	* Leilão de Primavera – Cecília Meireles (p.113) * Toada da Primavera – Alves Redol (p.114) * Alvorço na Praça Grande – Jorge Lima, Andorinha Turrinha no Deserto das Flores (p.118) * Plantar uma floresta – Luísa Ducla Soares, A Gata Tareca e Outros Poemas Levados da Breca (p.122) * As árvores e os livros – Jorge Sousa Braga, Herbário (p.124) * A Lenda das Amendoeiras – Enciclopédia das Famílias (adaptado) (p.126) * O segredo da Abelha – Ricardo Alberty, O segredo da Abelha (p.128)	Poema (3) Prosa (3) Texto teatral (1)
Avaliação Trimestral	Verbo; adjectivo; pronomes possessivos;	* As compras no supermercado - Pedro Miranda (p.130)	Prosa (1)
8. A Páscoa	Ortografia (o acento gráfico; formação de diminutivos) Gramática (acentos gráficos Verbos estar; onomatopeias; números cardinais e ordinais; superlativos sintéticos Tipo e forma de frases; formação de plurais(irregulares); grupo de	* Páscoa na aldeia – António Manuel Couto Viana (p.133) * Livro fechado – António Torrado (mensagem nacional para o dia 23 de Abril de 1997) * Os ovos de Páscoa – Maria Isabel Soares (adaptado) (p.136) * Texto acrescentado pelo aluno do 4º	Poema (1) Prosa (6)

	frase; expansão de frases)	ano Miguel Nuno Rodrigues (p.136) * Oriana e a velhinha - Sophia de Mello Breyner Andersen, A Fada Oriana (p.138) * A galinha dos ovos de ouro – Clássicos para Sonhar (p.140) * A libertação dos pássaros – Maria Isabel Saraiva, Histórias de Animais (adaptado) (p.142)	
9. Os animais e as plantas	Ortografia (relações de parentesco; asse ou a-se; crer ou querer; gla; gle; gli; glo; glu) Gramática (Redução de frases; superlativos absolutos sintéticos; Verbo ser; Revisões: Verbo. Área vocabular e pontuação)	* Palavras de um avestruz – António Botto, Palavras de Cristal (ant.) (p. 145) * Antes de dormir – João Pedro Mésseder, Dois Recados para os mais Pequenos (p.146) * Era o mês de Maio – Aquilino Ribeiro, O Romance da Raposa (p.150) * Os esquilos – Revista Fungagá (p.152) * O Gladiolo - Sophia de Mello Breyner Andersen, O Rapaz de Bronze (p.154) * As rãs que queriam ter um rei – Esopo, Fábulas (adaptado) (p.156)	Poema (2) Prosa (2) Texto Informativo/jornalístico (1) Fábula (1)
10. O Verão, tempo de férias	Revisões	* Adeus escola, vou de férias – José Sousa Baptista (p.159) * A cor que se tem – Maria Cândida Mendonça. A Cor Que se Tem (p.160) * Fogo na Serra – Gorjão Duarte, A Minha Amiga Serra (p.162) * O rapaz dos moinhos – Matilde Rosa Araújo, O Sol e os Meninos dos Pés Frios (p.164)	Poema (2) Prosa (2)
Avaliação Trimestral	Pronome; Adjectivo; Verbo; Nome; Numeral;	* Amizade – Maria Alberta Menéres (p.166)	Prosa (1)

Tabela 17: Giroflé 4º ano Caderno de Actividade

Capítulo	Conteúdo	Textos	Tipos de Textos
1. regresso às aulas	Ortografia (s ou z; palavras homófonas) Gramática (Verbos, nomes; adjectivos; pontuação)	* O exame do Zé Pinto – António Mota, Abada de Histórias (texto com supressão) (p.8)	Prosa (1)
2. O Outono	Ortografia (isar ou izar; palavras parónimas) Gramática (Frases/ Parágrafos; graus dos nomes)	* Encontro inesperado – Alexandre Honrado, O vizinho Misterioso (p.8)	Prosa (1)
3. O São Martinho	Ortografia (Representação do som ç) Gramática (área vocabular; grupo de frases)	* Magusto – Maria Alzira Machado (p.12)	Poema (1)
4. O Natal	Ortografia (â ou há; palavras parónimas) Gramática (Verbos, adjectivos; sinónimos e antónimos)	* O madeiro de Natal – Maria Alberta Menéres, O Livro do Natal (p.16)	Prosa (1)
5. O Inverno	Ortografia (palavras homónimas) Gramática (Graus dos adjectivos)	* O pinto mudo e careca – António Mota, De Que São Feitos os Sonhos (p.20)	Prosa (1)
6. O Carnaval	Ortografia (pc ou pç; palavras homógrafas) Gramática (Verbos, pontuação; pronomes pessoais e possessivos)	* A lenda do Arlequim – Fernando Cardoso Novas Flores Para Crianças (p.24)	Prosa (1)
7. A Primavera	Ortografia (oar ou uar; palavras homófonas) Gramática (família de palavras; antónimos, pontuação)	* O segredo do rio – Miguel Sousa Tavares, O segredo do Rio (texto com supressão) (p.28)	Prosa (1)
8.A Páscoa	Ortografia (ulo ou olo; palavras parónimas) Gramática (acentuação; pronomes; graus dos adjectivos)	* A Páscoa na aldeia – Teixeira de Pascoas (p.32) * O Nariz – Maria Alberta Menéres (p.34)	Poema (2)
9. Os animais e as plantas	Ortografia (enfim ou em fim, portanto ou por tanto; senão ou se não) Gramática (adjectivos, antónimos, expansão de frases, verbos)	* A bala de sabão – Silvia Montarroyos (adaptados) (p.36)	Prosa (1)
10. O Verão	Ortografia (izar ou isar; palavras parónimas) Gramática (nomes; numerais)	* Conversas com o Zé Manel – Matilde Rosa Araújo, O Sol e o Menino dos Pés Frios (texto com supressão) (p.40)	Prosa (1)
Avaliação Global 1	Nomes, adjectivos, tipos e formas de frases, antónimos, família de palavras, ordem alfabética, pontuação, classificação de palavras quanto ao número de sílabas	* O burro do Bonifácio moleiro, António Mota, Abada de Histórias (adaptado) (p.44)	Prosa (1)
Avaliação Global 2	Ordem alfabética, nomes, tipos e formas de frases, classificação de palavras quanto à acentuação, tempos verbais	* Historinha de Natal – Luísa Ducla Soares, O Rapaz Que Vivia na Televisão (p.50)	Prosa (1)
Avaliação Global 3	Classificação de palavras quanto ao número de sílabas e quanto à acentuação, nomes, adjectivos, verbos e pronomes, pontuação, graus dos adjectivos, tempos verbais	* Lenda de Lisboa – Alexandre Honrado, 100 Histórias do Meu Crescer (p.56)	Prosa (1)
Avaliação Global 4	Sinónimos, famílias de palavras, nomes, adjectivos, verbos e pronomes, pontuação, graus dos adjectivos e graus dos nomes	O gigante egoísta – contos Clássicos (p.62)	Prosa (1)
Avaliação Global 5	Família de palavras, determinantes, adjectivos,	* Nem sábado nem domingo - Alexandre Honrado, 100	Prosa (1)

	nomes e verbos, tipos e forma de frases, tempos verbais, parágrafos	Histórias do Meu Crescer (p.68)	
Avaliação Global 6	Sinónimos, nomes, adjectivos, verbos, pronomes, sílaba tónica, classificação de palavras quanto à acentuação, translineação, acentuação, graus dos adjectivos	* A mão da princesa – Luísa Ducla Soares, O Rapaz Que Vivia na Televisão (p.74)	Prosa (1)

Chapeuzinho Amarelo (Chico Buarque)

Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada,
nem de amarelinha.

Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol
porque tinha medo de sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não se ensopar
Não tomava banho pra não descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada,
deitada, mas sem dormir,
com medo de pesadelo.

Era a Chapeuzinho Amarelo

E de todos os medos que tinha
o medo mais que medonho
era o medo do tal do Lobo.
Um Lobo que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do Lobo
nem existia.

Mesmo assim a Chapeuzinho
tinha cada vez mais medo
do medo do medo do medo

de um dia encontrar um Lobo
Um Lobo que não existia.

E Chapeuzinho Amarelo,
de tanto pensar no Lobo,
de tanto sonhar com o Lobo,
de tanto esperar o Lobo,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de Lobo,
olhão de Lobo,
jeitão de Lobo
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz
de comer duas avós,
um caçador, rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu de sobremesa.

Mas o engraçado é que,
Assim que encontrou o Lobo,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo,
o medo do medo do medo
de um dia encontrar um Lobo.
Foi passando aquele medo
do medo que tinha do Lobo.
Foi ficando só com um pouco
de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo
e ela ficou só com o lobo.

O lobo ficou chateado
de ver aquela menina
olhando pra cara dele,
só que sem o medo dele.
Ficou mesmo envergonhado,
triste, murcho e branco azedo,
porque um lobo, tirando o medo,
é um arremedo de lobo.
É feito um lobo sem pelo.
Lobo pelado.

O lobo ficou chateado.

E ele gritou: sou um Lobo!
Mas a Chapeuzinho, nada.

E ele gritou: sou um Lobo!
Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!
Chapeuzinho, já meio enjoada,
com vontade de brincar de outra coisa.
Ele então gritou bem forte
aquele seu nome de Lobo
umas vinte e cinco vezes,
que era pro medo ir voltando
e a menininha saber
com quem não estava falando:

LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-
LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-
LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO...

Aí Chapeuzinho encheu e disse:
"Pára assim! Agora! Já!
Do jeito que você tá!"
E o lobo parado assim
do jeito que o lobo estava
já não era mais um LO-BO
Era um BO-LO.
Um bolo de lobo fofo,
tremendo que nem pudim,
com medo da Chapeuzim.
Com medo de ser comido
Com vela e tudo, inteirim.

LO-BO-LO-BO

Chapeuzinho não comeu
aquele bolo de lobo,
porque sempre preferiu
de chocolate.
Aliás, ela agora come de tudo,
menos sola de sapato.
Não tem mais medo de chuva
nem foge de carrapato.
Cai, levanta, se machuca,
vai à praia, entra no mato,
trepas em árvore rouba a fruta,
depois joga amarelinha
com o primo da vizinha,
com a filha do jornaleiro,
com a sobrinha da madrinha
e o neto do sapateiro.

Mesmo quando está sozinha,
inventa uma brincadeira.
E transforma em companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.

Fim.

Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo: o Gãodra, a Jacoru, o Barão-Tu, o Pão Bichôpa e todos os trosmons.

Questionário

Nome:

Idade:

Ano em que leciona:

Qual a sua formação?

Freqüenta ações de formação relevantes? Se sim, aponte 3 exemplos.

Tempo de serviço (em anos)

Dos conteúdos de Língua Portuguesa quais considera mais importante?

Desses conteúdos quais considera que são mais fáceis para trabalhar?

Em quais encontra maior dificuldade? Por quê?

Quais os materiais utilizados nas suas aulas de Língua Portuguesa?

Adopta algum manual escolar? Qual?

Se usa vários, cite dois manuais que gosta mais e diga por que.

Como aconteceu o processo de escolha do manual?

O senhor (a) participou da escolha?

Trabalha Literatura Infantil?

Se sim, explicita os contextos em que a trabalha.

Acha que a forma como os manuais interrogam os textos literários permite ao aluno perceber aquilo que é a pluralidade de leituras que o texto literário fomenta?

Acredita que a criança pode aprender melhor com o auxílio da literatura Infantil?
Por que?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny (2004) *Literatura Infantil. Gostosuras e bobices*, São Paulo: Editora Scipione.
- AGUIAR, Vera Teixeira de (1996) O leitor competente à luz da teoria da literatura. *Tempo brasileiro*. Rio de Janeiro. 124, jan/mar.
- ALVES Paulo Jorge da Cunha (2007) .*Concepções e Práticas Pedagógicas sobre a Leitura – Uma análise de provas de avaliação*. Mestrado em Educação- Área de Especialização em Supervisão Pedagógica em Ensino de Portugues. Braga: Universidade do Minho
- AMOR, Emília. (1993). *Didáctica do português: Fundamentos e metodologia*. Lisboa: Texto Editora.
- AZEVEDO, Fernando (2002).*Texto Literário e Ensino da Língua: a Escrita Surrealista de Mário Cesariny*. Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos Humanísticos.
- AZEVEDO. Ricardo. (1999). Livros didáticos e livros de literature: chega de confusão! (*Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, v.5, n 25,Jan/fev. 1999.
- AZEVEDO, Ricardo (2005) “A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores in Versiane, Zélia et al (orgs) *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces O jogo do livro* pp.75-86.
- BARRETO, Luís de Lima.(1997) *Aprender a comentar um texto literário Modelos de análise crítica e comentário escrito*. Texto Editora.
- BATISTA, A. A. G.(2004) *O texto escolar: uma história*. Belo Horizonte: Autêntica.
- BRANDÃO, Helena H.N. e MICHELETTI, Guaraciaba (2002) “Teoria e prática da leitura” in CHIAPINNI *Aprender e Ensinar com textos didáticos e paradidáticos* volume 2 Cortez Editora 4 edição pp.17-30.
- BRASIL, Ministério da Educação.(1997) Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais 1ª a 4ª séries*. Língua Portuguesa. Brasília; MEC/SEF
- CADEMARTORIL, L. (1994) *O que é a literature infantil*. 6 ed. São Paulo .Brasiliense

- CASTRO, Rui Vieira de, e Sousa, Maria de Lourdes D. de (1998) *Entre linhas paralelas. Estudos sobre o português nas escolas*, Angelus Novus Editora.
- CASTRO, Rui Vieira de (1995) Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão escolar. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- CHIAPPINNI , Lígia Aprender e Ensinar com textos didáticos e paradidáticos (2002) volume 2 Coord. Geral Lígia Chiappini e Coordenadoras Helena Brandão e Guaraciaba Micheletti Cortez Editora 4 edição
- CHOPPIN, Alain (1992) Les manuels scolaires. Histoire et actualité, Paris, Hachette, apud ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio A.G Livros escolares no Brasil: a produção científica In VAL, Maria da Graça Costa e MARCUSHI, Beth Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania . Belo Horizonte: Ceale, Autêntica (Coleção Linguagem e Educação)
- CORACINI. M. J (1999) “O Livro Didático nos Discursos da Linguística Aplicada e da Sala de Aula” In: CORACINI. M. J (org) *Interpretações, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. Campinas. SP: Pontes.
- CORRÊA, Hércules Tolêdo (2005) “Adolescentes Leitores: Eles ainda existem “ in VERSIANI, Zélia et al (orgs) in *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces O jogo do livro* pp.52-53. Belo Horizonte : Autêntica/CEALE/FaE/UFMG.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1998) *Organização curricular e programas*. Men Martins. Editorial do Ministério da Educação.
- DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade (1990). “Agora não posso. Estou a ler.”, in Revista Portuguesa de Educação, vol.3, nº3, Braga: Instituto de Educação/ Universidade do Minho, pp. 115-127.
- (2000). *A construção escolar da comunidade de leitores. Leituras do manual de Português*. Coimbra: Almedina.
- DUHAMEL, Fabie, FORTIN; Marie Fabienne (1999) “Os estudos de tipo descritivo” in *O processo de investigação. Da concepção à realização*. Lisboa: Prata de Oliveira.pp:161-172.
- ECO, Umberto (1979) *Lector in fabula* Trad. Attélio Cancian. São Paulo: Editora Perspectiva.
- (1992) *Os limites da Interpretação*;Lisboa: Difel

- (1993) *Leitura do texto literário. Lector in fabula*. 2. ed. Lisboa: Presença,.
- (1994) *Seis passeios nos bosques da ficção*. Lisboa: Difel.
- EVARISTO, Marcela Cristina (2002) “Compreendendo textos: o questionário e o vocabulário” in CHIAPPINI, Lígia coord *Aprender e Ensinar com textos didáticos e paradidáticos* volume 2 Cortez Editora 4 edição pp.117-142.
- FORTIN; Marie Fabienne CÔTÉ; José; VISSANDJÉE, Bilkis (1999) “ As etapas do processo de investigação” in *O processo de investigação. Da concepção à realização*. Lisboa: Prata de Oliveira.pp.35-43
- FORTIN; Marie Fabienne, GRENIER ; Raymond; NADEAU, Marcel (1999) “Métodos de Colheita de dados” in *O processo de investigação. Da concepção à realização*. Lisboa: Prata de Oliveira.pp.239-265.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. “O poema, um texto marginalizado.” In: BRANDÃO, H. et alli. *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GERALDI, João Wanderley (Org.) (2003) *O texto na sala de aula*. 7 ed. São Paulo: Ática.
- GÓMEZ DEL MANZANO, Mercedes (1987) *El protagonista – niño en la literatura infantil y primaria. Guía practica para la enseñanza de la lirica a los niños*. Argentina: Editorial Cincel.
- ISER, W.(1996) *O ato da leitura – vol 1* São Paulo Ed 34.
- KAUFMAN, A. M.; RODRIGUEZ, M.(1995) *E. Escola, leitura e produção de textos* Porto Alegre: Artes Médicas.
- LAJOLO, Marisa (1982) *Usos e abusos da literature na escola: Bilac e a literature escolar na República Velha* Porto Alegre. Editora Globo.
- (1982) *Leitura em crise na escola*. São Paulo: Mercado Aberto.
- (1988). “O texto não é pretexto”. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *A leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 8. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, (Novas perspectivas, v. 1), pp. 51-62.
- LINS, O. (1997) *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros..* São Paulo: Summus.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D (1986). *A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U.

- MACHADO, Ana Maria (2001) *Texturas: sobre leituras e escritores* Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- MANZANO, Mercedes Gómez del (1987) *El protagonista – niño en la literatura infantil y primaria. Guía práctica para la enseñanza de la lírica a los niños*. Argentina: Editorial Cincel.
- MARCUSCHI, Beth e CAVALCANTE, Marianne (2005) “Atividade de escrita em livros didáticos de língua portuguesa: perspectivas convergentes e divergentes in VAL, Maria da Graça Costa e MARCUSHI, Beth *Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania* . Belo Horizonte: Ceale, Autêntica (Coleção Linguagem e Educação)
- MARCUSHI; Luiz António (1996) Exercícios de Compreensão ou cópiação nos manuais de ensino da língua Brasília. Em aberto, Ano16 n 69 jan/mar 1996.
- (2005).”Gêneros textuais: definição e funcionalidade”, In DIONISIO, Ângela Paiva. *Gêneros textuais & ensino* 3 ed.Rio de Janeiro:Lucena.
- MARTINS, Maria Helena (1989) *Crônica de uma utopia: leitura e literatura infantil em trânsito*. São Paulo Brasiliense.
- MASSINI, Cagliari Gladis (2001) *O texto na alfabetização: coesão e coerência*. Campinas. SP Mercado de Letras
- MEC/FNDE/SEB. Edital do Programa Nacional do Livro Didático para o ano de 2007 – PNLD/2007; Brasília, MEC/FNDE/SEB, 2005 MEC/FNDE/SEB.
- MELLO, M.B de (1998).*A multiplicidade das formas de ser racional: escrita e racionalidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/UFF.
- MENDONZA, Antonio Fillola (1999) “Función de la literatura infantil y juvenil en la formación de la competencia literaria”, in Pedro C. Cerrillo. e Jaime García Padrino, (Coord.) *Literatura Infantil y su Didáctica*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla – La Mancha, pp. 11-53.
- (2004) *La educación literaria. Bases para la formación de la competencia lecto-literaria*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- MORAES, Elisabete de Fátima (1999) “Como Ensinar a compreensão leitora no Primeiro Ciclo do Ensino Básico” in Rui Vieira de Castro *Actas /I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*, Braga 1998.

- OLIVEIRA, Alaúde Lisboa (1968) *O livro didático* Belo Horizonte. Bernardo Alves S.A
- OLIVEIRA. Cristiane Madanêlo de (2005) Livros e Infância <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm> 17/11/2005.
- PEREIRA, Íris Susana; VIANA, Fernanda Leopoldina (2003) “Aspectos da didáctica da vertente oral da língua materna no Jardim de Infância e no 1º ciclo do Ensino Básico – algumas reflexões”, in Fernando Fraga de Azevedo (Org.) *A Criança, a Língua e o Texto Literário: da Investigação às Práticas*. Actas do I Encontro Internacional. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança,
- PEREIRA, Maria Luísa Álves (2000) *Sequência Didáctica, Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*, Porto, Porto Editora.
- PINTO, Jorge Alexandre Loureiro (2005) *Manuais de Portugues em Cabo Verde: que Progressão Gramatical? Contributos para uma didáctica da Língua Segunda*. Praia, Abril de 2005.
- PISA. Conhecimento e atitudes para a vida: resultados do PISA 2000 – Programa Internacional de Avaliação de estudantes /OCDE. Organização para a cooperação e desenvolvimento económicos. (tradução B&C revisão de textos S.C. Ltda.) São Paulo: Moderna, 2003.
- POSLENIEC. Christian (2005) *Incentivar o prazer de ler actividades de leituras para jovens* Edições ASA.
- RAPHAEL, Taffy E; PARDO, Laura S & HIGHFIELD, Kathy (2002) *Book club. A literature-based curriculum*. Lawrence Small Planet Communications.
- ROCCO. Maria Thereza Fraga.(1999) “Leitor, leitura, escola: uma trama plural”.In PRADO. Jason; CONDINI, Paulo (Org.) *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus.
- ROJO, Roxane. “Revisitando a produção de textos na escola” (2005) In ROCHA, Gladys. (Org). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de textos-o sujeito-autor*. Belo Horizonte: Autêntica/UFMG.
- SARDINHA, Maria da Graça (2007) “Formas de ler: ontem e hoje” in Fernando Azevedo (Coord.), *Formar Leitores. Das teorias às práticas*. Lisboa: LIDEL, pp.1-7.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ. Joaquim.(2004) *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras.

- SEQUEIRA, Maria Fátima (1989) "Psicolinguística e Leitura" In Maria de Fátima Sequeira e Inês Sim-Sim. *Maturidade Linguística e Aprendizagem da Leitura*. Braga: Universidade do Minho.
- SILVA, Ana Cláudia e CARBONARI, Rosemeire (2002) "Cópia e leitura oral: estratégias para ensinar?" in CHIAPPINI *Aprender e Ensinar com textos didáticos e paradidáticos* volume 2 Cortez Editora 4 edição pp.95-116.
- SILVA et al "A leitura do texto didático e didatizado" (2002) in CHIAPPINI, Lígia (coord) *Aprender e Ensinar com textos didáticos e paradidáticos* volume 2 Cortez Editora 4 edição pp.31-94.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da (1991) *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática. (Educação em ação).
- (1996) *Livro Didático, do ritual de passagem à ultrapassagem*. Brasília, Em aberto, Ano16 n 69 jan/mar 1996.
- SIM-SIM, Inês; DUARTE, Inês; FERRAZ, Maria José (1997). *A Língua Materna na Educação Básica: competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- SLOAN, Glenna Davis (1991). *The Child as Critic: Teaching Literatura in Elementary and Middle Schools*. New York: Teachers College Press.
- SMITH, Frank (1982) "Understanding reading. New York: CBS College Publishing.
- SOARES; Magda Becker (1999) "A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil" in EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana, MACHADO, Maria Zélia (orgs). *A escolarização da Literatura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica (17-48).
- SOLE. Isabel (2000) *Estratégias de Lectura*. GRAÓ Editorial Barcelona.
- SOUZA, Renata Junqueira (1992) *Narrativas infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam*. Bauru: Universidade do Sagrado Coração.
- (2000) *Poesia infantil: concepções e modos de ensino* Tese de Doutorado em Teoria da Literatura, Unesp/Assis.
- (2005) "A importância da formação de leitores competentes para inserção na cultura letrada", in SOUSA, Ana Cláudia, MENIN, Ana Maria

- SOUZA;Renata Junqueira de *Nas teias do saber. Ensaios sobre leitura e letramento*. São Paulo: Meio Impresso Produções, pp. 11-20.
- TOMPKINS, G.; McGEE, L. (1993) *Teaching reading with literature: cases studies to action plans*. New York: Macmillan.
- YOPP, Ruth & YOPP, (2001) *Hallie. Literature-based reading activities*. Ma: Allyn & Bacon.
- YUNES, E.; PONDÉ, G (1988). *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD.
- ZILBERMAN, Regina(1998) *A literatura Infantil na escola* 10 Edição São Paulo Global.
- ZILBERMAN, Regina. (org.) (1985) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Livros Didáticos Analisados.

- Apostila COC grupo 1 - 2º ano/1ª série.
- Apostila COC grupo 2-3 - 2º ano/1ª série.
- Apostila COC grupo 4 - 2º ano/1ª série.
- Apostila COC grupo 5-6 - 2º ano/1ª série.
- Apostila COC grupo 7-9 - 2º ano/1ª série.
- Apostila COC grupo 10-12 - 2º ano/1ª série.
- Apostila COC grupo 1-3 - 3º ano/2ª série.
- Apostila COC grupo 4-6 - 3º ano/2ª série.
- Apostila COC grupo 7 –9 3º ano/2ª série.
- Apostila COC grupo 10-12 - 3º ano/2ª série.
- Apostila COC grupo 1-3 - 4º ano/3ª série.
- Apostila COC grupo 4-6 - 4º ano/3ª série.

Referências Bibliográficas

- Apostila COC grupo 7 -9 4º ano/3ª série.
- Apostila COC grupo 10-12 - 4º ano/3ª série.
- Apostila COC grupo 1-3 - 5º ano/4ª série.
- Apostila COC grupo 4-6 - 5º ano/4ª série.
- Apostila COC grupo 7 -9- 5º ano/4ª série.
- Apostila COC grupo 10-12 - 5º ano/4ª série.
- Bambi 3 - Língua Portuguesa 3º ano. Ana Pinto; Maria Aurélia Carneiro. Porto Editora. ISBN 972-0-11283-2.
- Bambi 3 - Língua Portuguesa 3º ano.- Fichas. Ana Pinto; Maria Aurélia Carneiro. Porto Editora. ISBN 972-0-14077-1.
- Caminhos – Língua Portuguesa – 4º ano. Conceição Dinis; Luis Ferreira. Porto Editora. ISBN 978-972-0-11124-1.
- Caminhos – Fichas de Avaliação Trimestral – 4º ano. Conceição Dinis; Luis Ferreira. Porto Editora. ISBN 978-972-0-14228-3.
- CRESCER 3 – Língua Portuguesa 3º ano. Ana Maria Rodrigues ;Maria Felícia Cruz. Editora Educação Nacional. ISBN 659-290-9.
- CRESCER 3 – Fichas de Língua Portuguesa 3º ano. Ana Maria Rodrigues ;Maria Felícia Cruz. Editora Educação Nacional. ISBN 972-659-291-7.
- Eu e o Bambi já sei ler... Língua Portuguesa 1º ano. Ana Pinto; Maria Aurélia Carneiro. Porto Editora. ISBN 972-0-11281-6
- Eu e o Bambi 2 - Língua Portuguesa 2º ano. Ana Pinto; Maria Aurélia Carneiro. Porto Editora. ISBN 972-0-11282-4.
- Fichas - Eu e o Bambi Língua Portuguesa 2º ano. Ana Pinto; Maria Aurélia Carneiro. Porto Editora. ISBN 972-0-1476-0.
- GIROFLÉ 4º ano – Língua Portuguesa. Armando Golçalves,; Maria Ascensão Santos; Maria José Marques. Editora SANTILLANNA- Constância. ISBN 978-972-761-582-7.
- Caderno de Actividades Giroflé 4º ano – Língua Portuguesa. Armando Golçalves,; Maria Ascensão Santos; Maria José Marques. Editora SANTILLANNA- Constância. ISBN 978-972-761-583-4.

LER, escrita e reflexão 2º ano/1ª série. Cristina Bassi; Márcia Leite. FTD Editora.

LER, escrita e reflexão 3º ano/2ª série. Cristina Bassi; Márcia Leite. FTD Editora.

LER, escrita e reflexão 4º ano/3ª série. Cristina Bassi; Márcia Leite. FTD Editora.

LER, escrita e reflexão 5º ano/4ª série. Cristina Bassi; Márcia Leite. FTD Editora.

Pitágoras e a Leitura 2. Dinis Salgado, Teixeira Costa. Edições Nova Gaia. ISBN 9789727123308.

Pitágoras e a Leitura 2. Fichas de Trabalho. Dinis Salgado, Teixeira Costa. Edições Nova Gaia. ISBN 9789727123315.

Outras Leituras

ALBUQUERQUE, Fátima (2006) “Em busca do sentido perdido – Para uma didáctica possível da oralidade”, in Fernando Fraga de Azevedo (Org.) *Língua Materna e Literatura Infantil para Professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (2002) *Teoria da Literatura*. (8ª edição) Coimbra: Livraria Almedina.

AZEVEDO, Fernando Fraga de (2003) “Estudos Literários para a Infância e Fomento da Competência Literária”, in Graça S. Carvalho et al (Org.) *Saberes e Práticas na Formação de Professores e Educadores*. Actas das Jornadas do DCILM 2002. Braga: Universidade do Minho

CAVALCANTI, Joana (2004) Caminhos da literatura infantil e juvenil. *Dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus.

CERRILLO, Pedro C. (2006) “Literatura infantil e mediação leitora”, in Fernando Azevedo (coord.) *Língua Materna e Literatura infantil. Elementos Nucleares para professores do Ensino Básico*. Lisboa: LIDEL, pp. 33-46.

CERRILO, Pedro; LARRAÑAGA, Elisa; YUBERO, Santiago (2002) *Libros, lectores y mediadores. La formación de los hábitos lectores como proceso de aprendizaje*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla – La Mancha.– Instituto de Estudos da Criança, pp. 125 – 132.

COLOMER, Teresa (1995) “La adquisición de la competencia literária”, in *Textos*, 4, Barcelona: Graó Educación.

- (1998) *La formación del lector literário. Narrativa infantil y juvenil actual*, Madrid: Fundación Germán Sanchez Ruipérez.
- DAGOBERTO, Buim Arena (2005) “Para ser leitor no século XXI”, in Ana Cláudia Sousa, Ana Maria menin, Renata Junqueira de Souza, *Nas teias do saber. Ensaio sobre leitura e letramento*. São Paulo: MeioImpresso Produções, pp. 21-30.
- (1999) *Introducción a la literatura infantil y juvenil*, Madrid: Síntesis.
- DIONÍSIO, Maria de Lourdes (1990). “Agora não posso. Estou a ler.”, in *Revista Portuguesa de Educação*, vol.3, nº3, Braga: Instituto de Educação/ Universidade do Minho, pp. 115-127.
- HOLANDA, Chico Buarque de (2000) *Chapeuzinho Amarelo*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- MEIRELES, Cecília (1984) *Problemas da literatura infantil*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MENDONZA FILLOLA, Antonio (2005) “La educación literaria desde la literatura infantil y juvenil”, in M^aCarmen Utanda Higuera, Pedro Cerrillo, Jaime Garcia Padrino, *Literatura infantil y educación literaria*. Castilla La-Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- ZILBERMAN, Regina (2003) *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global Editora.
- (2004) *Como e porque ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Descobrimo a Gramática –FTD 2º ano – Gilio Giacomozzi; Gildete Valério e Geonici Sbruzzi.